EXPEDIÇÃO ÀS REGIÕES CENTRAIS DA AMÉRICA DO SUL

TOMO I

Série 5.ª ★ BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
B R A S I L I A N A ★ Vol. 266

FRANCIS CASTELNAU

EXPEDIÇÃO ÀS REGIÕES CENTRAIS DA AMÉRICA DO SUL

Tradução de
OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO

TOMO I

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

CAPITULO I

PARTIDA DE FRANÇA. — GORÉE. — RIO DE JANEIRO.

Partimos de Paris a 22 de Abril de 1842, e, depois de havermos estacionado em Rennes, chegamos a Brest, na manhã de 25; os dias seguintes foram aproveitados em percorrer a cidade e seus arredores. Visitamos sucessivamente o presídio, o castelo, o hospital da marinha e o jardim botânico. Êste jardim, como também o Museu de História Natural, contém muito pouca coisa; é cuidado apenas por forçados. entre os quais havia um negro condenado a ferros, por ter querido libertar um escravo da Martinica e transportá-lo para uma colônia inglesa.

A vegetação mostrava-se ainda pouco desenvolvida; entretanto, os rochedos dominados pela fortaleza estavam cobertos de uma grande umbelífera de flores amarelas. O botânico da expedição encontrou também ali o *Cotyledon umbilicus*, cujas pequenas corolas verdoengas começavam a desabrochar.

Desde nossa chegada a Brest, onde estivemos, conforme as instruções do governo, à disposição do Sr. Almirante Grivel, Prefeito Marítimo, ocupamo-nos com o embarque do material da expedição no brigue de guerra *Dupetit-Thouars*, o qual nos deveria conduzir ao Brasil. Comandava esse navio o Capitão de Corveta da *Grandière* que.

sob qualquer ponto de vista, só tivemos motivo para elogiar, durante toda a travessia.

Fizemos vela a 30. Íamos empreender uma viagem cujos perigos conhecíamos, sendo-nos fácil prever que, pelo menos, alguns dos nossos estariam fadados a não mais rever o solo pátrio; assim, não foi sem profunda emoção que vimos as costas da França afastarem-se de nós, cada vez mais.

Na altura do cabo de São Vicente, a sessenta léguas da costa, algumas aves vieram refugiar-se a bordo, entre as quais um andorinhão de cauda bifurca, um maçarico e uma andorinha de garganta cor de ferrugem.

Assim que nos sentimos melhorados do enjôo, entregamo-nos ao estudo dos animais marinhos; assestado na frente do navio, um homem se ocupava continuamente em pescá-los, conseguindo para nós algumas espécies interessantes: hiáleas, medusas, etc. Uma destas últimas tinha a forma de um cogumelo; quando se lhe tocava, contraía-se fortemente; sua consistência era extremamente mole, a matéria gelatinosa que a cobria muito transparente, e a superfície salpicada de pequenos pontos brancos, rodeados de um círculo pardo; em sua periferia prendia-se uma dezena de filamentos cor-de-rosa. Nadava ora com a coroa para cima, ora de lado, ora completamente virada. Era considerável a quantidade de mucosidade por ela produzida. Todavia, os moluscos que atraíam particularmente nossa admiração eram as fisálias [1], que receberam dos marinheiros o merecido nome de *galeras*, por causa da maneira graciosa com que nadam, usando à guisa de vela a crista que as encima, enquanto os numerosos tentáculos vão procurar a um metro de profundidade os animálculos de que se ali-

---

(1) Não se trata pròpriamente de moluscos, mas de animais inferiores, do grupo dos Celentéreos; conhecem-se nas costas do Brasil pelo nome de caravelas. (N. do Trad.).

mentam. Todo seu corpo é azul celeste, com uma linha cor de púrpura ao longo da crista; a parte inferior é guarnecida de duas espécies de filamentos, uns longos e esverdeados, debruados de violeta, outros mais curtos, formados de gotículas, ou semelhantes a rosários e ornados de variegadas cores. Tocando-se nos grandes tentáculos, experimenta-se uma queimadura semelhante à produzida pela urtiga.

A 12 de Maio, pela primeira vez depois de nossa partida de França, avistamos terra; eram dois ou três rochedos apontando no horizonte e conhecidos pelo nome de *Ilhas Selvagens*. Ao raiar do dia seguinte estávamos em frente de Santa Cruz de Tenerife. A terra que se erguia ao nosso lado apresentava aspecto dos mais sombrios; via-se um imenso amontoado de picos e de cumes escabrosos, que me lembravam o aspecto da lua, tal como a representam as cartas deste satélite. O mar estava muito agitado, pelo que o comandante anunciou não poder enviar à terra mais do que uma embarcação, onde havia lugar apenas para mim e mais outro membro da expedição. Essa notícia produziu em meus amigos inexprimível tristeza, tão impacientes estavam por ver novas terras. Combinou-se que a sorte deveria decidir qual deles seria meu companheiro; tendo ela recaído no Sr. Deville, descemos ambos para o bote. Alcançamos a costa com dificuldade, pois o mar arrebentava com fúria nos degraus de pedra que servem de desembarcadouro.

Fomos recebidos pelo Sr. Brétillard, filho do agente consular de França, que então se achava de licença. Na cidade, que é muito bonita, chamou-nos particularmente a atenção uma fonte existente no largo. Vimos também uma igreja, notável pelos ornamentos em madeira entalhada, e onde se guardam as bandeiras tomadas pelos habitantes, por ocasião da tentativa mal sucedida do Almirante Nél-

son. Apesar do calor excessivo, a maior parte dos espanhóis usava um grande xale; as mulheres traziam chapéu preto, de forma pontuda, por cima de um pedaço de pano verde, ou branco, que lhes cobria a cabeça.

Os habitantes das classes mais humildes apresentam-se apenas vestidos; os soldados trajam uniforme branco, mas não têm sapatos. Vimos poucos cavalos, mas muitos burros e jumentos, e alguns dromedários, trazidos da África. A vegetação da ilha é das mais pobres; pertence inteiramente ao tipo tropical. Vêem-se miseráveis bananeiras, algumas palmeiras delgadas, e, de longe em longe, alguns tufos de laranjeiras, bem como uma ou duas dracenas. Havia também cactos cobertos de cochonilhas. Em Tenerife encontra-se com grande freqüência, mesmo na Ilha da Madeira, o pássaro tão conhecido sob o nome de canário; todavia, em estado de liberdade ele é muito diferente do que criamos em gaiola. Nas ilhas estes últimos são muito procurados, sendo trazidos da Europa. O canário amarelo de topete, que se perpetua em domesticidade, é uma variedade artificial, produzida pelo clima e pelo cativeiro. Isso prova, de maneira vitoriosa, o princípio da mutabilidade; porquanto, se a importação do pássaro não fosse facto comprovado, ninguém nele reconheceria o fringílida verde de que procede.

À tardinha, afastámo-nos ràpidamente dessas montanhas de extravagantes contornos, desses cabeços meio ocultos pela névoa e do célebre pico cujo vértice, acima das nuvens, era quase sempre a única parte visível (1).

A noventa léguas de terra capturamos uma toutinegra e uma andorinha. Se bem que estivéssemos a cinqüenta

---

(1) Tomando-se a média das observações de Borda, de Lamanon, de Dumoulin e de Deville, pode-se dar ao pico de Teyde uma altura de 3.707 metros; Cordier atribui-lhe 3.742 metros, e de Buch 3.641.

léguas da costa africana, cobriu-se o navio de uma areia fina, como se o vento dela se houvesse impregnado ao atravessar o grande deserto. Asseguraram-me que este fenómeno já havia sido observado oitenta léguas ao largo. Numerosos peixes voadores e alguns tubarões, foram os únicos animais que avistamos até o dia 19 quando entramos no porto de Gorée (1).

E' certamente essa colônia uma das mais miseráveis de todo o mundo. A numerosa população comprime-se num rochedo quase despido de vegetação; a cidade é pequena e as casas, amontoadas umas sobre as outras, são construídas em rochas basálticas. A cal vem da Gâmbia, onde é fabricada queimando conchas marinhas. As ruas são estreitas e tortuosas, e a casa do governador está situada no largo, em posição agradável. O mercado é bem abastecido apenas de peixe, extraordinàriamente abundante nessa costa. Entre os objectos expostos à venda, vi vários produtos do baobabe, tais como, por exemplo, o "*pain de singe*" (pão-de-macaco), matéria esponjosa que envolve as sementes e o líber da mesma árvore, o qual é utilizado na Europa, como o da tília, no fabrico de cordas muito resistentes. A população de Gorée consta quase que inteiramente de mulatos e negros; o preto lustroso da pele destes últimos, pela sua intensidade, impressionou-me vivamente, dando também lugar a que um dos companheiros a si próprio incessantemente perguntasse por que motivo haveria Deus feito homens de tal cor. O forte está construído sobre um rochedo talhado a pique de um lado e de difícil acesso pelo outro, principalmente por causa dos 30 graus marcados pelo termômetro.

---

(1) Gorée, pequena ilha do oceano Atlântico, muito próxima de Dacar. (N. do Trad.).

Pudemos estudar a nu a formação basáltica que se estende sob o forte a sudoeste da ilha, banhada pelas águas do mar. Ela se apresenta sob o aspecto de colunas irregulares. As camadas que se superpõem a esta base, partindo do fundo para a superfície, compõem-se de: um tufo de argila bolar de contextura muito fina e friável, arenosa e de cor amarela, misturada freqüentemente com óxido de ferro; de uma camada de argila semelhante, porém mais compacta, mole, leve e fina; e de uma outra camada argilosa, ainda mais densa. Essas três camadas são utilizadas para polir o cobre a bordo dos navios; cozem-nas também ao forno, onde adquirem a aparência de tijolos. Vem em seguida um depósito ferruginoso, recoberto pela areia superficial da praia; nos declives, através desse depósito, aparece o basalto.

A areia dos pontos mais elevados alimenta mofino gramado de uma espécie de *Cynodon*, de folhas ciliadas; nos basaltos da vertente setentrional observamos em grande quantidade touceiras de *Datura stramonium*, que repartia os poucos punhados de terra vegetal ali existente com uma outra planta igualmente cosmopolita, da família das papaveráceas, a *Argemone mexicana*.

As únicas árvores da ilha, excepção feita de um pequeno baobabe encontrado no largo do mercado, acham-se todas no jardim do governo. São, em primeiro lugar, três ou quatro baobabes do mesmo porte do que acabamos de mencionar; depois, uma dezena de cássias de longos cachos de flores amarelas e folhagem elegantemente recortada; finalmente, duas figueiras, de espécie particular. Destinava-se esse jardim à multiplicação das plantas úteis da Europa e das Índias, não sabendo eu porque foi transformado em depósito de madeiras de construção.

Para concluir esta nota sobre Gorée e seus habitantes, devo acrescentar duas palavras sobre as *Signares*, mulhe-

res de cor, cuja reputação de beleza não pude compreender e que apenas me pareceram notáveis pela extravagância dos trajes. Habitam geralmente casas de construção mourisca, sem janelas para o exterior.

Encontramos em Gorée o governador interino do Sénegal, Sr. Capitão de Navio Bouët, que ali se achava a passeio.

Tivemos grande curiosidade de conhecer na intimidade algumas povoações africanas, pelo que, na tarde mesma do dia da chegada, uma embarcação nos conduziu ao ponto de terra firme mais próximo, pertencente ao reino de Dacar. O desembarque foi bastante difícil por causa dos rochedos ferruginosos que existem espalhados ao longo da costa, e contra os quais as ondas se vêm quebrar com muita força. A praia estava juncada de detritos de conchas e plantas marinhas.

Mal havíamos desembarcado e já encontramos alguns objetos interessantes, tais como um grande polvo, astérias de cor vermelha, algumas esponjas, diversas bonitas volutas, etc. Dentro de pouco, toda nossa atenção era absorvida por imensos baobabes, que pudemos admirar à vontade todo o resto do dia. Tivemos a curiosidade de medir um desses contemporâneos da criação, e achamos-lhe 6 metros de diâmetro. Asseguraram-nos que para o interior havia árvores ainda bem maiores; por causa da estação, já se achavam completamente destituídas de folhas. O tronco havia perdido em todas o entumescimento característico das bombáceas, e, facto notável, junto destes gigantescos vegetais que resistiram à acção de tantas causas de destruição, não se vê nenhum rebento: como se uma única geração tivesse sido suficiente para perpetuar-lhes a espécie por todos os séculos vindouros. Essa árvore gigantesca foi pela primeira vez descrita por Adanson, pelo que os naturalistas em sua honra criaram para ela o gênero *Adansonia.*

Penetramos em breve no interior da aldeia que constitui a capital desse reino de negros; os detritos de peixe que lhe cobrem literalmente os arredores exalam o cheiro mais infecto; as choças são construídas de palha e têm um grande tecto cônico. Constam de um cômodo único, destinado a alojar toda a família, que dorme em esteiras; de móveis há apenas uma arca para os objectos preciosos, tais como armas, e às vezes um grande pilão, onde as mulheres socam o milho, que é, com o peixe, de que a baía é um reservatório inesgotável, o único alimento da população. A vestimenta dessa gente a maior parte das vezes consiste em uma peça de algodão, com que se envolvem mais ou menos completamente, e quase todos têm em torno do pescoço, ou nos membros, colares de forma extravagante, feitos de couro, que eles chamam "grisgris" e a cujo respeito têm idéia supersticiosa. Esses grisgris contêm versículos do Alcorão e são considerados como preservativos contra diversos males, ou contra os perigos de guerra. As armas dos negros são a zagaia, espécie de longa lança, o punhal e o arco; se possuem fuzis, o que é raro guardam-nos com religioso cuidado, muito embora estejam quase sempre em condições de não poderem ser utilizados. Com dinheiro francês adquirimos fàcilmente algumas amostras desses objectos. Ao nos aproximarmos da mesquita, que fica situada debaixo de enorme figueira e é uma espécie de cortiço feito de esteiras, e um pouco mais espaçoso do que as outras construções, gozamos de um espectáculo dos mais curiosos. Frente à porta estava sentado o rei, tendo de cada lado um mouro, que, pelo turbante verde, reconhecemos serem marabus. Esses doutores tinham nas mãos tábuas da lei, em tudo semelhantes às de Moisés; em torno do chefe via-se grande quantidade de negros, sentados ou de cócoras, a maioria com tangas e pontudos bonés, mas alguns inteiramente nus. Em breve ficamos sabendo que assistíamos ao julgamento de um ladrão, e, com efeito, via-

mos o acusado de cócoras no meio da roda. Soubemos depois que o julgamento terminara aplicando-se ao culpado número suficiente de vergastadas. Sua majestade desculpou-se por não nos ter vindo receber, em virtude da gravidade de suas funções. Nosso passeio nos levou depois a ruas ladeadas de esteiras feitas com as folhas de uma gramínea que cobre todo o país na época das chuvas. As choças e as tulhas são igualmente cobertas com esteiras da mesma espécie, sustentadas de distância em distância por esteios de palmeira. Percorremos depois o campo, visitando ainda duas outras aldeias, subordinadas ao mesmo governo; dirigimo-nos finalmente para o ponto da praia onde havíamos desembarcado quatro horas antes. Como a noite se tornasse muito escura e não aparecesse a nossa embarcação, tememos que houvesse surgido algum mal-entendido. Tínhamos começado a dar tiros de espingarda para orientar os nossos companheiros no caso de haverem desembarcado noutro ponto, quando eles apareceram. Dentro de poucos minutos remávamos com força para alcançar o brigue. Durante essa curta travessia, pudemo-nos convencer da prodigiosa quantidade de peixe que povoa essas águas; só se vendo a enorme agitação que produziam ao redor de nós, comparável à da água em fervura. Um dos passageiros chegou a receber forte rabanada de um peixe grande por se ter inclinado à beira da chalupa. Ser-me-ia impossível exprimir a alegria que experimentei pisando pela primeira vez o continente africano, onde tudo para mim era tão novo. Tendo estudado durante longos anos a raça africana transplantada na América, eu sempre ardentemente desejara conhecê-la em seu próprio país, livre e independente. Confesso, todavia, que essa experiência não fez mais do que confirmar as idéias que eu tinha sobre o pequeno desenvolvimento intelectual desta variedade da raça humana. Como na América, encontrei-a aqui embrutecida pela bebida e as mais absurdas superstições: cômica

em seus movimentos, lembra-nos a cada passo o macaco. O facto é que, livre na África ou escravo no Novo Mundo, o negro é sempre preguiçoso, dissoluto, ladrão e mentiroso. A extrema facilidade com que se submete a escravidão prova nele a ausência de um dos mais nobres atributos da alma humana. Forçado ao cativeiro, o negro engorda, ao passo que o índio da América se deixa morrer.

Para o naturalista, o estudo fisiológico do crânio prova o facto que a seguir descrevo e é confirmado pela observação de todos os dias. Nos primeiros anos da existência o negro apresenta um desenvolvimento intelectual mais ou menos equivalente a uma criança de raça branca; mas aos doze anos, há no primeiro um retardamento na marcha do progresso, enquanto na última se observa um desenvolvimento contínuo. Essa actividade de crescimento nos primeiros dias da existência é, de resto, peculiar às raças inferiores. Não se conclua porém que aprovo a escravização dos africanos, pelo facto de considerar a sua raça moralmente inferior ao tipo branco; sei compadecer-me dos seus infortúnios tanto como qualquer outro, e talvez tenha até contribuído para a sua libertação em nossas colônias, por considerá-los mineiros que devemos proteger e não oprimir.

Pouco importantes foram as colecções feitas nesse dia; a constante humidade do navio não nos permitiu conservá-las. A vegetação, embora pouco activa naquela quadra do ano, despertava-nos grande interesse. Entre as plantas mais notáveis que nos foi dado observar, encontram-se duas ou três espécies de palmeiras, uma das quais produz fructos do tamanho do punho e tem no país o nome de *coco-yolof;* uma belíssima espécie de *Calotropis,* de flores côr-de-rosa claro, e manchadas internamente de púrpura. Esta árvore é cultivada nos cercados das habitações, sendo conhecida vulgarmente pelo nome de *faphton;* atinge às vezes 5 a 6 metros, não obstante ter de ordinário menor altura. Co-

leccionamos ainda alguns cactos, um dos quais, de ramos achatados e cheios de espinhos perigosos, produz grandes flores amarelas côr de limão, de par com frutos piriformes, violáceos e de sabor bastante agradável. Em volta de todas as moradias novamente encontrávamos aquela mesma leguminosa que já havíamos admirado no jardim de Gorée. Finalmente, víamos por toda parte mamoneiras arborescentes, enquanto aqui e ali fazia-se notar uma *Euphorbia*, igualmente lenhosa.

No dia seguinte, deixamos muito cedo o brigue e, acompanhados de alguns oficiais, dirigimo-nos para a costa do reino de *Haann*, país nesta ocasião em guerra com *Dacar*; alguns dos nossos fizeram uma excursão até a aldeia de *Belair*. Todos esses pontos demasiado se parecem com a vila de Dacar para que sobre eles tenha de estender-me; direi apenas que o primeiro estabelecimento visitado estava situado em escarpada elevação e não era constituído por mais de cinco ou seis casas, rodeadas de acácias.

A seguir, perdemo-nos com alegria pelos campos, entregando-nos à busca dos produtos naturais da região. Preveniram-nos que haveríamos de encontrar muitas cobras, mas uma só não se apresentou aos nossos olhos. Em compensação, os *Gecarcinus*, ou caranguejos terrestres, conhecidos vulgarmente por *tourlourous*, abundavam em extremo. Uma das pessoas que nos acompanhavam, não tendo notado que eles entravam lateralmente nas tocas, concluiu, muito sèriamente, que habitavam buracos menores que eles próprios. Se foi coisa fácil fazer grande carnificina desses infelizes caranguejos, o mesmo não aconteceu com uma espécie de ave nocturna, que de longe podia ser tomada por corvo, mas que nos foi impossível examinar de perto. Havendo um dos companheiros de viagem atirado num grande lagarto que avistamos por entre as pedras, afirmou-nos tê-lo visto cair, ao passo que eu estava certo de o haver

visto refugiar-se numa cavidade da rocha. As buscas que fizemos depois vieram provar que ambos tínhamos razão: tendo o chumbo amputado a cabeça do réptil, o tronco continuou a correr até alguns passos adiante.

A vegetação de Haann pareceu-nos mais vigorosa do que a que tínhamos observado em Dacar. As árvores sobretudo eram mais numerosas e os baobabes ainda maiores. Na areia da praia colectamos, afora grande número de plantas marinhas que o mar lançava ali continuamente, várias amarantáceas de folhas carnudas, uma portulacácea de flores cor-de-rosa e, principalmente, uma magnífica orobrancácea, cujas longas corolas amarelas saíam da areia em feixes e que o Dr. Weddell reconheceu depois ser *Phelipaea lutea;* era ela parasita de uma espécie pertencente à primeira das famílias acima mencionadas. Vieram também juntar-se às nossas colecções alguns insectos; citarei apenas *cicindelas, tagenias* e vários outros *Heterómeros.* Há nas lagoas de Haann e do Cayor quantidade prodigiosa de certa espécie de sanguessuga, que se fornece às repartições do Estado à razão de 5 francos o cento, mas que seria possível obter pela décima parte desse preço. Tem ela o corpo alongado, fino, de uma cor oliváceo-pardacenta, e formado de 79 segmentos; ao longo do dorso estendem-se duas faixas longitudinais vermelhas e, de cada lado, uma amarela; a parte inferior do corpo é amarela, com uma linha lateral preta. Vimos uma variedade com salpicos vermelhos nos lados.

No curso desse passeio, detivemo-nos no meio de um deserto arenoso, para almoçar; só então verificamos, com grande desapontamento, que se tinham esquecido de mandar sal entre as provisões trazidas pelo grumete. Por uma sorte singular, passou nesse momento um mouro a cavalo, levando consigo uma pequena provisão daquele condimento. Propusemos-lhe que nos vendesse um bocado, em troca de pão; mas, tal era a sua desconfiança, que não houve

meio de nos passar o artigo comprado antes de lhe pormos nas mãos o objecto solicitado em pagamento. Cito este facto só para dar a medida do estado de moralidade em que vivem essas criaturas do deserto.

Era dia alto e o mar se tornara mais agitado; só com enorme dificuldade conseguimo-nos acercar das canoas, por causa dos rochedos que já pela manhã haviam sido grande obstáculo ao nosso desembarque. Safamo-nos não pouco borrifados e às dez da noite nos achávamos de novo a bordo. Soubemos que durante o dia os marinheiros tinham ido pescar na baía, caindo nas redes um tubarão, que foi morto a paletadas de remo; no ventre acharam-lhe nove filhotes vivos. O brigue pôs-se à vela durante a noite, e ràpidamente nos afastamos das terras da África.

Como esperávamos, ao nos aproximarmos da linha equatorial, surpreenderam-nos as calmarias. Só pelos que por isso passaram pode ser avaliado o imenso tédio que se apodera dos passageiros ao ver as velas penderem flácidas dos mastros, ou se agitarem com violência, a intervalos irregulares. Durante muitas horas a superfície do mar se mostrava lisa como a de um espelho, mantendo o navio na mais absoluta imobilidade. A muito custo se sentia, à tarde, ligeira brisa; mesmo na ponte, ou sob a tolda, onde o termômetro marcava 30 graus, abafávamos de calor. Nossa atenção concentrava-se toda em alguns lindos moluscos, e nos vários zoófitos que, de quando em quando, ofereciam uma variante à monotonia de nossa situação. Certo dia, porém, nossos olhos de naturalista foram agradàvelmente surpreendidos pelo aparecimento, à volta do navio, de número considerável de conchas chamadas *Janthina*, tão notáveis pelo colorido azul violáceo. Mantinham-se na superfície do mar, suspensas, por assim dizer, a uma massa vesiculosa branca, que lhes servia de bexiga natatória, e cujo ar talvez lhes fosse facultado expelir, para descer

em meio mais denso. De outra vez, encontramos um desses corpos de aparência espumosa com um feixe de numerosas palhetas roxas no lado inferior, ovalares e ligadas na base umas às outras por um pedículo. Vista ao microscópio, a superfície dessas lâminas pareceu-nos coberta de pequenos tubérculos avermelhados, que provàvelmente eram ovos. O animal é destituído de opérculo e apresenta colorido violáceo como a concha; a cabeça é longa e possui dois tentáculos.

Atravessando o Atlântico, é freqüente cruzar-se um grande banco de plantas marinhas, constituído quase inteiramente de sargaços; não tivemos a sorte de encontrá-lo, apesar de lhe vermos alguns indícios, representados por detritos desse fuco, cujos cachos se parecem, de longe, com uma esponja. De uma feita, demos com uma multidão de pequenos moluscos, dos chamados *Glaucus;* são de cor azul intensa no lado superior, e apresentam vivíssimos reflexos prateados; em baixo têm a forma de um lagarto e circulam ràpidamente na superfície das águas, por meio de ondulações. De cada lado do corpo prendem-se três ou quatro brânquias formadas de tentáculos numerosos, semelhantes a leques. Fizemos aprofundado estudo da organização desses seres singulares, examinando-lhes os diferentes órgãos por meio das lentes de poderoso microscópio. O gânglio cerebral é distintamente trilobado, envolvido por uma cápsula córnea, que vale por verdadeiro crânio, o que me faria aproximar esses animais dos Cefalópodos, na série natural dos seres organizados. Há, para trás da primeira brânquia e do lado esquerdo do animal, um orifício por onde ele pode, à vontade, fazer sair um órgão muito alongado, em forma de intestino e percorrido internamente por um vaso corado, com a extremidade virada em gancho; é, com toda probabilidade, o órgão reprodutor. Na parte zoológica de minha viagem tratarei mais pormenorizadamente da organização dessas curiosas criaturas.

Bandos numerosos de golfinhos apareciam às vezes em torno da proa do navio, mostrando acima da superfície do mar seus focinhos pontudos; mas era principalmente quando o navio se achava em movimento que se compraziam em atravessar-nos a esteira, com a rapidez do raio.

Matéria para observações cheias de interesse tornou-se também para nós o estudo do hemisfério austral do céu. Não podíamos contemplar sem admiração essas brilhantes constelações que se erguiam à nossa frente, à medida que o navio progredia em sua marcha para o sul. Ao mesmo tempo, porém, víamos, com algum pesar, desaparecerem velhas conhecidas a cuja contemplação nos habituáramos, todas as noites. Se o Cruzeiro-do-Sul prende mais a atenção do que a estrela polar, ele todavia não tinha para nós o atractivo das recordações; porque amamos todas as estrelas, como a amigos da infância. O Sr. d'Osery estudava também a marcha de nossos cronômetros. Comparando-os com os de bordo, que estavam confiados ao Sr. Colosse, oficial de grande merecimento, tive logo a triste certeza de que estavam muito longe de merecer os elogios que lhes foram feitos quando no-los entregaram.

A 30, soprando por fim a brisa, aproximamo-nos ràpidamente da linha equatorial, onde os astrónomos do Pai Linha ("Père la Ligne") vieram tomar a altura do sol. Do jornal de um dos companheiros de viagem extraio a descrição da burlesca cerimônia posta sempre em prática nestas ocasiões.

1.º de Junho. — *Segunda operação dos astrónomos da Linha.* — Ficaram todos convencidos de que chegamos aos domínios de seu senhor, e irão certamente comunicar-lhe este resultado de seu trabalho, porquanto, logo depois, uma chuva de feijões e de água salgada, proveniente de uma nuvem acumulada no cesto da gávea, vem nos anunciar estarmos próximos de um grande acontecimento. Com efei-

to, vê-se descer do mastro grande um vulto negro que, chegando à ponte, montado num cavalo curiosamente improvisado, dirige-se ao comandante: era o mensageiro do pai Trópico, com uma carta pedindo ao capitão para enviar a lista dos neófitos de bordo, e anunciando-nos sua honrosa visita para o dia seguinte. A epístola, aliás muito tola, vinha acompanhada de duas galinhas e meia dúzia de ovos tirados às provisões do capitão, a quem se pedia para aceitá-los. No dia 2 passamos a Linha; tudo estava pronto para a festa; armou-se uma tenda, com pavilhões; um engradado de galinhas foi convertido em altar. O que é de rigor aí se encontra, inclusive um menino de coro; uma saliência especial representa o banco traiçoeiro em que deve sentar-se a vítima. Finalmente, chega o cortejo à capela; compõe-se do senhor e senhora Linha, ambos de óculos, do cura, do barbeiro, do lustrador, do moleiro, do saboiense e dos policiais. Aparece então Neptuno escoltando um regimento de grumetes nus pintados de preto e encadeados, aos quais um marinheiro aplica vigorosas chicotadas. Entretanto, antes de mais nada, cumpria baptizar o nosso próprio navio, que não havia até então passado do hemisfério boreal. Isso é feito despejando um jarro d'água na cabeça da figura de proa e fazendo o capitão pagar, em nome do navio, determinada multa. Não nos quitaríamos todavia a tão baixo preço, porquanto, afora a multa, fomos obrigados a passar sucessivamente pelas mãos do barbeiro, que nos lambuzou de cola a título de ensaboar-nos; pelas do lustrador, que engraxava de preferência os sapatos brancos, bem como as meias e as calças; depois pelas mãos caiadas do moleiro, que nos entregou aos soldados para nos conduzirem ao cura, a quem competia a iniciação, acto final da cerimónia. O cura, mediante certa oferenda, condescendeu em nos dispensar da inundação, salpicando-nos apenas algumas gotas d'água na manga, acto que era religiosamente observado; mas enquanto

isso, um balde despejado de cima, através da musselina da tenda, vinha tornar a cerimónia singularmente mais húmida. Certo homenzarrão, passageiro de bordo, viu abrir-se sùbitamente o banco em que estava, caindo em cheio dentro d'água, ao mesmo tempo que dois ou três baldes eram despejados sobre sua cabeça, e uma bomba de incêndio, manobrada por dois possantes marinheiros, jorrava-lhe água em pleno peito. Finda a cerimónia principal, instalou-se a confusão geral, na qual se misturavam oficiais, passageiros e marinheiros; era de quem mais despejasse água, e durante perto de duas horas a bomba não cessou de lançar torrentes de água salgada. Mas, finalmente, veio o cansaço; o jantar que terminou a festa deve de ter deixado, se não me iludo, impressões bastante agradáveis à maioria dos participantes. A ponte de comando foi iluminada e dançou-se até meia-noite".

Durante a noite o mar apresentava o mais esplêndido espectáculo: a esteira do navio reluzia qual rasto de fogo, os movimentos das ondas aumentando o brilho da massa fosforescente. Admite-se geralmente que este fenómeno é devido à presença de grande número de animáleulos marinhos. Não obstante, repetidas vezes examinamos a água num microscópio com o aumento de 1.200 vezes, sem obter nenhum resultado.

A 13 avistamos Cabo Frio, ordinàriamente o primeiro ponto do continente americano que se avista quando se vai para o Rio de Janeiro. Mas, como o vento se tornasse contrário nesse momento, fomos forçados a bordejar para dele nos aproximarmos. O navio foi desde então rodeado por numerosas aves marinhas, entre elas especialmente, uma procelária, a que chamam *damier*, em virtude do agradável contraste formado pelas duas cores da plumagem. Acompanhavam o navio a nado e eram pegadas a anzol. Sacrificaram os marinheiros grande número dessas infelizes, cujas peles, talhadas à semelhança de pendões, pen-

diem de todo cordame. A 17, pela madrugada, o vento se torna mais favorável, e ràpidamente nos leva para o sul da entrada da baía do Rio de Janeiro. Só por entre névoas podemos distinguir os picos que margeiam a costa. À esquerda do boqueirão pelo qual devíamos passar ergui-se um grande mamilo cônico, chamado Pão-de-Açúcar, cujos flancos são talhados quase a pique. Asseguraram-nos que ali, tentando galgá-lo, perdera a vida um inglês. A série de cumes que se estende a oeste deste rochedo, apresenta em seus contornos perfil bastante extravagante, que lhe valera o nome de Gigante Deitado. O céu cobriu-se inteiramente e era através de espessa cerração que víamos avultar as sombras gigantescas de que não podíamos tirar os olhos fascinados, a despeito da chuva torrencial.

Já ficara atrás o farol; dentro em pouco, por entre a bruma, penetramos na estreita barra, passando sob os canhões de vários fortes que não nos pressentiram, e indo jogar a âncora em frente à cidade do Rio de Janeiro. No porto não havia então um só navio francês, toda nossa esquadra tendo seguido para o Prata, em conseqüência aos acontecimentos de Montevidéu. Fundeamos entre uma bela fragata americana e o paquete inglês chegado poucos dias antes. Via-se não longe um pontão dessa última nacionalidade, destinado a receber os negros apreendidos dos navios negreiros, até o competente julgamento. Não é sem espanto que se pode conceber que as autoridades brasileiras tolerem semelhante atentado à inviolabilidade de seu território.

CAPITULO II

ESTADA NO RIO DE JANEIRO. — EXCURSÕES BOTÂNICAS PELOS ARREDORES.

Enquanto aguardávamos a permissão para saltar em terra, estivemos a admirar a posição feérica da grande capital, encaixada entre montanhas de formas extravagantes, e em parte ainda cobertas de matas, por entre as quais apareciam de todos os lados magníficas plantações. A multidão de edifícios de que é formada a cidade apresenta imenso desenvolvimento ao longo de uma espécie de península que avança pela baía, vasta bacia onde se comprime uma densa floresta de mastros e flamulam pavilhões de todos os países.

Cessou por fim o nosso impedimento, e, não obstante o pesar com que deixamos o comandante e a oficialidade do *Dupetit-Thouars*, foi com intensa alegria e singular emoção que pusemos pé no solo encantado do Brasil.

Nessa mesma tarde instalamo-nos no Hotel Pharoux, casa francesa em que se reúnem quase todos os estrangeiros e cuja posição, à beira da baía e no ponto preferido do porto, permitia-nos descortinar uma das mais belas vistas do mundo.

Gastamos os primeiros dias da nossa permanência no Rio em percorrer a cidade e fazer desembarcar o material da expedição. A praça do palacio, situada próxima à ca-

sa que habitamos, é enfeitada por uma fonte bastante bonita. No lado oposto do porto ergue-se a morada imperial, cuja arquitectura é das mais modestas; noutro lado da mesma praça fica o mercado principal da cidade. Os produtos oferecidos à venda estão aí expostos com muito cuidado e asseio. A imensa variedade de peixes ali encontrados diàriamente deu-nos o pressentimento de que teríamos a possibilidade de fazer belas colecções ictiológicas. Achamos também lá alguns belos pássaros da terra, mas por eles nos pediram preços muito elevados. Entre esses pássaros, vi vivo pela primeira vez o *Musófago roxo*. Vim a possuir, mais tarde, um *musófago* pertencente a esta espécie. A plumagem deste pássaro, de cor verde desmaiada, está sempre na maior limpeza, distinguindo-se principalmente pelas magníficas nódoas vermelho-carmesim que tingem uma parte das penas das asas. As penas do topete estão sempre levantadas, a menos que isso só aconteça quando ele se sente inquieto ou espantado. Seus movimentos são vivos e bruscos; não obstante, conserva-se imóvel durante as horas mais quentes do dia. Deixa-se amansar fàcilmente, parece muito inteligente, mas sempre tímido, muito medroso de cães, macacos e outros animais. Faz muitas vezes ouvir uma espécie de grunhido; o canto, particularmente curioso, é uma sucessão de gritos que articula com uma força inacreditável; é possível ouvi-lo de uma a outra extremidade da rua. Não canta senão cinco ou seis vezes por dia, mas os negros estão convencidos de que ele o faz de hora em hora. Dão-lhe os ingleses da costa de Guiné o nome de *hour bird* (pássaro da hora). Começa a cantar esticando sempre a cabeça para diante, por um preâmbulo que se poderia imitar por cu, cu, depois do que, após um instante de silêncio, repete vinte a vinte e duas vezes, articulando com clareza, cuc, cuc, cuc, cuc, cuc. Quando o calor é demasiado, ele dorme com as asas entreabertas, a fim de que o vento possa agitá-las leve-

mente. Os negros *nagôs*, em cujo país a ave é comum, dão-lhe o nome de *aluco*, ao passo que os brasileiros chamam-na de *napoleão*. Alimenta-se de bananas, como o *nome está a indicar*. Entretanto, *não se sabe porque*, algo haveria de existir para inspirar repugnância nos hábitos de tão lindo pássaro; mas é absolutamente certo que ele, *pelo menos* em domesticidade, submete duas vezes o alimento à acção digestiva, devorando continuamente seus próprios excrementos. Como acontece com a maioria das aves *reunidas* sob a denominação de *Trepadoras* [1], ele nunca faz mais que empoleirar-se. Parece-me que os *turacos* e os *musófagos* substituem na África os *surucuás* da América, havendo entre ambos muitos pontos de contacto.

A Rua Direita é a mais larga da cidade, e, além disso, apesar do nome, uma das mais tortuosas. A Rua do Ouvidor passa por ser a mais bonita; é ocupada principalmente por franceses e possui belas casas de negócio. Muitas vezes visitamos esta via pública, que nos lembrava um pouco Paris, pela beleza de algumas de suas lojas.

Como todas as ruas do Rio, é ela detestàvelmente pavimentada, o que explica o dano causado aos veículos de construção européia, por isso mesmo raros. De cada lado da rua há um passeio, formado de grandes lájeas irregulares. As lojas dos fabricantes de flores de penas eram as que mais nos despertavam a atenção, porque não existem senão no Rio. Entregavam-se a este trabalho numerosas operárias, que expõem os seus artigos, admiráveis pelo brilho das cores, em grandes armários de vidro, diante dos quais ordinàriamente se detêm numerosos oficiais

---

(1) As aves Trepadoras constituem na velha classificação de Cuvier uma ordem natural, incluindo numerosos grupos que os progressos da ornitologia tornaram independentes, quais sejam os Piciformes (pica-paus), Psitaciformes (papagaios), Cuculiformes (anus), etc. (N. do Trad.).

de marinha. E' nessa rua que fica quase todo o pequeno comércio de luxo; tudo quanto aí se vende custa pelo menos o dobro do que custa em França. Outras ruas correm paralelas à do Ouvidor, assemelhando-se mais ou menos com ela em aspecto, ou pelo menos na alegria. A cada uma está afecto determinado ramo de comércio. Os europeus ricos do Rio habitam quase todos a parte meridional da cidade, em belas casas distribuídas ao longo da costa da baía, em frente a magnífica vista. Dá-se a este bairro o nome de *Botafogo*; dele são apêndices a *Glória* e o *Catete*. As casas a que nos referimos há pouco são construídas em granito e raramente têm mais de dois andares. O interior delas é espaçoso e disposto de maneira a permitir a livre circulação do ar. As janelas têm quase sempre caixilhos; mas, no andar térreo estes são muitas vezes substituídos por rótulas de ripas cruzadas em losangos muito estreitos, de modo a permitir que as mulheres possam tomar conhecimento do que se passa na rua, sem serem muito visíveis aos que estão de fora. Lareiras não se conhecem, a ponto de uma brasileira contar-me, com toda seriedade, que a coisa que mais lhe chamara a atenção por ocasião de uma visita feita a uma família inglesa moradora na Serra dos Órgãos, foi uma espécie de buraco na sala, onde se fazia fogo. O mobiliário é como o da Europa; em quase toda casa há um piano, que se vê ou se ouve, ainda nas mais humildes, porque o brasileiro tem gosto natural pela música e sabe aprendê-la sem mestre, embora nunca se torne musicista. Os instrumentos são na maioria importados da Inglaterra, mas alguns vêm da Alemanha, ou dos Estados Unidos.

As igrejas do Rio de Janeiro não se destacam nem pela sua arquitectura, nem pelas suas dimensões, mas na sua maioria brilham pelo luxo extraordinário da ornamentação interior: o ouro e a seda existem nelas em profusão,

ouvindo-se também, às vezes, em dias de festa, música passável. De resto, é essa uma condição indispensável para conseguir fiéis no Rio de Janeiro. onde o sentimento religioso é bem mais raro do que na própria Paris. Há na capela do imperador dois ou três italianos de voz feminina e que se podem igualmente ouvir em outras igrejas. Chegou ao extremo a mania de celebrar festas; uma semana não se passa sem que haja uma ou duas. Acredito que os dias feriados são mais numerosos do que os consagrados ao trabalho. Vêem-se sempre e de todos os lados procissões a percorrer as ruas, e bandeiras flutuarem nas janelas; foguetes de artifício são lançados a cada momento, pois os brasileiros os mandam vir da China em quantidades imensas, tal é a sua paixão por eles. Se à noite, por ocasião de uma destas festas, passeamos pelas ruas, somos a cada momento assustados pelo estampido de bombas que caem aos nossos pés, ou pela claridade viva das rodas, acesas da sacada por alguma senhora; por toda parte, em plena rua, ainda que das mais freqüentadas, flamejam grandes fogos de artifício; também não é raro que o zelo nacional improvise barracas iluminadas para abrigarem bandas de música. Essas bacanais prolongam-se durante toda a noite e é fácil imaginar a insônia e a irritação nervosa que se apossam do viajante, se a tudo isso acrescentarmos os berros dos negros em honra ao santo do dia.

Certa vez, levados pela curiosidade, entramos numa igreja em que nos pareceu realizar-se algo interessante; admirávamos duas longas filas de pessoas empunhando enormes círios, quando fomos abordados pelos maceiros que nos fizeram segurar uma daquelas luminárias, fazendo-nos tomar, quiséssemos ou não, a mesma atitude dos demais. Ignorávamos ainda completamente a língua da terra e nada podíamos comprcender da cena em que passamos a figurar como actores. Depois de nos havermos mùtuamente contemplado durante alguns instantes, com indefinível ex-

pressão, aproveitamos um momento em que o encarregado das velas tinha a atenção presa noutro ponto, para encostar cuidadosamente nossas candeias à parede e sorrateiramente nos esquivarmos a passos largos, jurando que noutra nunca mais cairíamos. Uma hora depois, vimos os portadores das velas, vestidos com uma espécie de capa e reunidos em procissão, passearem gravemente pelas ruas da cidade.

Visitamos também os dois teatros principais do Rio, o de São Pedro d'Alcântara e o Théâtre Français. O primeiro é grande e oferece de facto bela aparência; as representações, operas e às vezes bailados, são feitas em português. O teatro francês é iluminado miseràvelmente a velas de sebo; é, além disso, ordinàriamente mal servido de actores, que representam *vaudevilles* de cenas parisienses. Estava então na moda a *Grâce de Dieu*. O imperador e as duas princesas suas irmãs frequentavam esses dois teatros. O camarote imperial é muito bonito; fica de lado e ocupa o espaço de quatro camarotes comuns. Quando vazio é fechado por uma cortina que se afasta para o lado nas ocasiões em que sua majestade assiste ao espectáculo, e só depois de haver ele ocupado seu lugar; o espectáculo segue-se então imediatamente. Em rigor, não há no Rio, para espairecer, mais do que um lugar, o Passeio Público. E' um belo jardim de aspecto ligeiramente botânico, situado à beira da baía e fora do centro comercial; ostenta, pouco acima do nível do mar, um admirável terraço pavimentado de granito e terminado em cada extremidade por formoso pavilhão. Nada mais agradável do que passear nesta plataforma nas noites de luar claro. Passamos ali horas a escutar o ruído das ondas a se quebrarem aos nossos pés e haurindo a exalação balsâmica dos jardins, onde vicejam as árvores mais belas dos trópicos. Ninguém porém espera encontrar a numerosa sociedade, nem a fre-

quência feminina que em qualquer outro país animariam esse lugar encantador. As brasileiras raramente saem de casa, e é só nas procissões, nos teatros, ou nos bailes, que podemos contemplá-las à vontade. Há no jardim de que me ocupo algumas árvores belas, entre as quais uma soberba palmeira de folhas em leque (*Borassus flabelliformis*), duas espécies de árvores do pão e várias lindas paineiras (*Bombax*). No Hotel Pharoux estivemos apenas pouco tempo; para os nossos trabalhos era preciso mais espaço do que o que pode oferecer uma casa pública, além de que o nosso sono era ali frequentemente perturbado pelos gritos de um infeliz escravo, que se castigava para nos compelir a ir embora. E' de notar-se que os maus tratos infligidos pelo homem aos seres que o cercam estão em relação directa com a sua semelhança com estes últimos; assim, aos animais domésticos, tais como o gato e o papagaio, etc., outra coisa não recebem de sua parte senão carícias, ao passo que o cavalo e principalmente o cão, muito mais chegados à sua intimidade, e de quem recebe mais benefícios, já se tornam alvo de suas sevícias. Contudo, que são estas ou aquelas chicotadas aplicadas nestes últimos, em confronto com os castigos infligidos aos indivíduos de sua própria espécie situados em condição inferior? Para estes impõem-se chicotes gigantescos, constroem-se expressamente pelourinhos para supliciá-los, e a menor falta em que incorram não parece ter recebido a devida punição antes que as carnes se lhes dilacerem e o sangue lhes corra. Compreende-se assim que os Romanos, cujos escravos eram brancos e em tudo a eles semelhantes, houvessem chegado a verdadeiro luxo de crueldade, a ponto de se comprazerem com o espectáculo dos últimos estertores da agonia de seus irmãos.

Durante a nossa permanência no Rio de Janeiro, o Sr. Taunay, Cônsul de França nessa cidade, nunca deixou de procurar por todos os meios facilitar nossa tarefa; foi gra-

ças a ele que conseguimos ocupar a casa deixada vaga pelo Ministro da Rússia, o Barão de Langsdorff. Esta casa era de propriedade da senhora Baronesa de Sorocaba, uma das damas da melhor sociedade do Rio, e sempre disposta a dispensar aos estrangeiros benévola acolhida.

A 30 já *nos achávamos instalados na nova residência*, onde só havia motivo para estarmos radiantes. Edificada numa elevada colina e ao lado da formosa capela da Glória, a ela se tinha acesso por meio de uma avenida forrada de areia e fechada por linda grade de ferro. A casa era grande, cômoda e espaçosa; instalamos nosso gabinete de trabalho e as vastas salas foram imediatamente transformadas em laboratórios de zoologia e de botânica. Sem sair de casa, gozávamos de vista deliciosa; altas montanhas se erguiam à nossa frente umas sobre as outras, com a base coberta de magníficas florestas de palmeiras e os vértices desnudos, toldados a cada passo por nuvens ralas. Dominando essa cadeia, erigia-se a ponta do *Corcovado*, que *das montanhas dos arredores do Rio é a mais digna* de nota. Ao norte, a cidade se estendia com o seu aqueduto, visível por entre a floresta e cercado pelas montanhas; dos outros lados era um prazer espraiar a vista sobre as numerosas sinuosidades da baía, contar as ilhotas que dela emergem, e repousar depois os olhos nas flotilhas esparsas, a se balouçarem na superfície de suas águas. Mais perto de nós, erguia-se a capela branca da *Glória*, situada num morro, do qual se destacava como uma estátua de mármore, sobre um fundo de verdura. Finalmente, em nossa volta, agrupavam-se lindas palmeiras, cujos penachos sombreavam as janelas e cujos troncos se viam cheios de parasitas.

"Teria sido difícil", diz o Sr. Weddell, "encontrar melhor campo do que o nosso jardim da *Glória* para o estudo das plantas comuns do Rio; é como se elas ali tivessem feito *rendez-vous*. Mas, em meio de tantas novidades, revi

algumas plantas bastante minhas conhecidas, havendo alguns pontos que me recordavam vivamente o solo europeu. Lá encontrei de novo grandes *Sonchus* de flores espinhosas, o *Anagallis arvensis* de flores alvas, o morrião, cuja haste é guarnecida de uma fila de pelos, as espigas filiformes da *Digitaria sanguinalis* e do *Cynodon*, o *Stachys arvensis* e, principalmente, *Bidens tripartita*, ou planta muito a esta semelhante; todas essas criaturas que eu menosprezava em sua terra natal aqui aparecem como minhas amigas, a ponto de muitas vezes desviar-me para não esmagá-las".

Ao desencaixotar os objectos contidos em nossos volumes verificamos com satisfação que apenas poucos tinham sofrido com a viagem; o mais maltratado tinha sido o daguerreótipo; mas no que respeita à farmácia ocorrera terrível acidente, com a explosão dos vidros que continham o bromo e o iodo; a humidade havia ocasionado também alguns estragos nas armas, nas roupas de cama, havendo se quebrado também a maior parte dos vidros destinados a conter animais. Entretanto, ficamos bastante contentes por se terem as perdas limitado a objectos de tão pouco valor. Nossa primeira visita tinha sido ao Sr. de Saint-Georges que, na qualidade de encarregado de negócios, substituía o Sr. de Langsdorff, então de viagem na Europa; ele nos recebeu com a maior amabilidade, e obteve em nosso favor, do governo imperial, todas as facilidades possíveis para a execução de nossa viagem. Durante todo o tempo da expedição encontrei-o sempre disposto a usar de sua influência em nosso benefício. Já me referi ao Sr. Taunay, cônsul honorário de França, que, por suas virtudes antigas, adquirira no país uma ascendência ilimitada. Nas partes mais centrais do império, diziam-me os brasileiros: vosso cônsul não é um homem, é um santo. Foi com este homem de bem que fizemos nossa primeira excursão nos arredores da capital do Brasil. Levados por

ele fomos a São Cristóvão, residência do imperador. Tínhamos saído com a idéia de fazer numerosas colecções de história natural; mas, no que diz respeito ao reino animal, ficamos completamente desapontados, porque a muito custo conseguimos ver dois ou três pássaros, dos mais comuns no país, e reunir uma dúzia de insectos insignificantes. Travamos nesse mesmo dia conhecimento com o Sr. Riedel, botânico alemão, que estava à testa do estabelecimento horticola do palácio do imperador, e havia feito longas viagens no interior do continente, em companhia do cônsul geral da Rússia; mostrou-nos ele o jardim, que é bastante grande, e parece muito lucrar com sua hábil direcção: as novas plantações que ali fizera estão muito bem tratadas e se compõem de plantas do mais subido interesse. Tendo-lhe o Sr. Weddell entregue uma carta do Sr. de Jussieu, ele lhe fez a promessa de auxiliá-lo em suas investigações; tais promessas não foram porém cumpridas, sem dúvida porque as suas ocupações não o permitiram. Acha-se o palácio em boa situação; é bastante espaçoso, um dos lados olhando para encantadora piscina rodeada de estátuas e provida de animais aquáticos. Deixando São Cristóvão, tomamos o caminho das montanhas, pois já tardava que contemplássemos uma destas florestas tropicais de que tanto tínhamos ouvido falar. "Nossa expectativa", diz o Sr. Weddell, "não foi desmentida; entretanto, não era isso senão o prelúdio do que veríamos mais tarde". Não havia tempo para nos afastarm'os muito; mas quanta satisfação experimentamos com o pouco que vimos nesse dia! Para o europeu, habituado às florestas monótonas de sua pátria, compostas quase exclusivamente de duas ou três espécies diferentes de árvores, o espectáculo de uma mata virgem é verdadeiramente fascinante; uma floresta onde só a natureza trabalha na obra de destruição, em que a árvore morta cai sob seu próprio peso e vai nutrir com sua substância outros vegetais nascidos espontâneamente de suas ruí-

nas, em que o luxo da produção é de tal ordem que ao ver tantas formas diferentes agrupadas de maneira mais insólita, tem-se a impressão de que duas criaturas da mesma espécie não existem nesse conjunto surpreendente. O pensamento se perde ao encarar essas árvores gigantescas que para expandir a folhagem e desabrochar as flores se erguem a altura tão prodigiosa, como se quisessem dominar as plantas mais humildes situadas na vizinhança. Essas, entretanto, vão buscar apoio em seus troncos rijos; unem-se em feixes, para mùtuamente se susterem, entrelaçam-se de mil maneiras, trespassam muitas vezes com seus sugadores a casca espessa e esponjosa das vizinhas, subindo graças a esses meios até os mais altos cimos, onde expandem os ramos floríferos, e não raro asfixiando com seu amplexo o tronco que as sustenta. Essas graciosas plantas, a que se dá o nome de cipós, emprestam às florestas equatoriais fisionomia muito particular e são às vezes em número tão considerável que tornam a passagem inteiramente impossível; só à força de machado ou golpes de facão consegue-se abrir caminho; têm geralmente os caules nus e a aparência de um cordame suspenso às árvores por elas enlaçadas. Todavia, estas florestas primitivas se vão tornando raras nas imediações do Rio de Janeiro; são incessantemente atingidas por incêndios e dentro de poucos anos os mandiocais e as bananeiras terão substituído as *Cecropia* e as *Lecythis*. E' indispensável ter admirado com os próprios olhos as perspectivas que a cada momento detêm o viajante, para delas se fazer uma idéia. Esta é bem, para o artista, a terra prometida. No segundo passeio tomamos o rumo de sudoeste, seguindo pela praia até a capela de Copacabana.

Marchamos sempre sobre rochas de granito ou gnaisse-graníticas, de estructura listada e endurecidas com granadas compactas, róseas ou vermelhas. Esta rocha notável fica situada na própria orla marítima e mantém com

o horizonte uma inclinação de 55 graus. Pelo caminho encontramos quartzo amorfo. Fez-nos essa excursão travar conhecimento com uma região bastante curiosa. No meio do areal encontramos uma infinidade de espécies de cactos de formas as mais esquisitas; nos pontos mais expostos aos raios do sol formigava a *Cicindela nivea*, enquanto nas rochas sobre que estava edificada a capela colecionamos alguns anelídeos e vários crustáceos.

Visitamos muitas vezes Praia Grande, cidade situada do outro lado da baía e para onde se vai por meio de barcos a vapor, em movimento incessante. Explora-se lá, com o auxílio da pólvora, os granitos que servem para as construções do Rio; mas estes trabalhos, mal conduzidos, fazem perderem-se muitas pedras. Erigiram esse subúrbio à categoria de cidade, sob o nome de Niteroi, fazendo-o a sede do govêrno da província; um pouco acima, e do mesmo lado, demora o pequeno vilarejo de São Domingos.

Durante toda nossa permanência no Rio o tempo se manteve invariàvelmente bom e a temperatura era das mais agradáveis, lembrando a do mês de Junho nos arredores de Paris. Apesar disso, os habitantes afirmavam não haver experimentado, desde muito tempo, inverno tão rigoroso. E' verdade, porém, que às vezes caíam desses aguaceiros tropicais, de que as nossas tempestades da Europa não dão mais que pálida idéia.

São numerosos os insectos nocivos; desde a chegada, importunaram-nos os mosquitos; as pulgas abundam em quase todas as casas e não tardou que tivéssemos de travar relações com as baratas, que são dos insectos mais incómodos nos países quentes. Por fim, em nossas excursões, fomos encontrar o bicho-de-pé, ou pulga penetrante, que se intromete através da pele, depositando aí os ovos, cujo crescimento ocasiona grande coceira. Os negros são muito hábeis em extrair esses importunos hóspedes: utilizam a

ponta da agulha, colocando depois pó de tabaco na cavidade deixada pela retirada do animal.

Dentro em pouco os membros da expedição deram início aos seus trabalhos particulares. Enquanto o Sr. d'Osery e eu determinávamos a posição exacta do Rio, fazíamos pesquisas sobre o magnetismo terrestre, ou seguíamos a marcha do termómetro e do barómetro, o Sr. Deville percorria os arredores da cidade, à procura dos animais terrestres mais interessantes e o Sr. Weddell ocupava-se ininterruptamente com o estudo da magnífica flora da região.

Devo consignar aqui os resultados principais desses diversos trabalhos, a começar pelas nossas observações sobre física do globo, observações que remetemos, o Sr. d'Osery e eu, à Academia de Ciências, em fins de 1843.

Duas espécies de observações mereceram particularmente nossa atenção, durante os dois meses completos (Julho e Agosto de 1843) que passamos no Rio de Janeiro. As primeiras, que chamaremos meteorológicas, disseram respeito à marcha diurna e lunar do barómetro, à do termómetro livre e do higrómetro, em correspondência com o estado do céu e outros fenómenos atmosféricos visíveis; as segundas foram exclusivamente magnéticas e tiveram por fim determinar os principais elementos da força directriz da terra. Segue abaixo o resumo dos resultados gerais a que nos conduziram nossas observações.

I — Meteorologia

Nosso observatório meteorológico estava instalado numa pequena sala situada ao rés-do-chão à altura de 18m,63 acima do nível do mar, conforme medimos rigorosamente com o barómetro.

Tinha esta saleta uma única janela, que olhava para o sul e vivia constantemente aberta. Por força de sua

orientação, o sol nunca nela penetrava; a atmosfera em que se achavam os instrumentos tinha a temperatura exacta do exterior à sombra. achando-se de facto nas mesmas condições; toda corrente acidental de ar era, por fim. cuidadosamente evitada.

Tínhamos nesse cómodo, em experimentação contínua, um barómetro de nível constante de Ernst; suspenso ao tecto, um psicómetro do Dr. August, de Berlim; um higrómetro de Saussure e um termómetro livre, com a escala gravada no próprio vidro. Todos estes instrumentos, com excepção do higrómetro de Saussure, que só devia ser observado ao meio-dia, eram consultados cinco vezes em cada 24 horas, a saber: às nove da manhã, ao meio-dia, às três da tarde, às sete da noite e à meia-noite. Às mesmas horas observava-se o estado do céu, do ponto de vista da presença ou ausência de nuvens. e do grau de condensação destas últimas, de acordo com a terminologia de Howards. Finalmente, algumas séries de observações semi-horárias de todos esses elementos, durante o período de vinte e quatro horas. permitiram apreciar-lhe a marcha e estudar as leis de sua variação.

Barómetro. — Obtivemos a variação horária do barómetro no Rio de Janeiro, a princípio por meio das observações quotidianas a que acabamos de aludir. depois por duas séries, de vinte e quatro horas cada uma. em que a altura da coluna barométrica era anotada de meia em meia hora, e finalmente por meio de várias outras séries diurnas ou nocturnas, de doze e treze horas consecutivas, e compostas igualmente de observações semi-horárias.

Eis aqui os resultados gerais desse trabalho:

1.º — Duas *máximas* e duas *mínimas* são apresentadas pelo barómetro em cada período de vinte e quatro horas. Há uma máxima e uma mínima para o período diurno, co-

mo há também uma máxima e uma mínima para o período da noite.

2.º — Para o período diurno a máxima ocorre às dez horas da manhã. O barómetro mantém-se então estacionário durante mais ou menos meia hora. subindo depois, a princípio devagar, e depois cada vez mais ràpidamente, durante as meias horas seguintes, até duas horas depois do meio-dia. A esta hora o movimento descendente se torna mais lento. até as quatro horas da tarde. quando a coluna apresenta a sua altura mínima. Após curta parada. ela recomeça a subir. lenta a princípio. porém depois mais depressa, até às dez horas e três quartos, ou às onze horas, momento da máxima nocturna. Novo movimento descendente se observa depois das onze horas, continuando-se até as quatro e meia da manhã. hora do mínimo. A coluna volta então a subir até as dez horas da manhã. repetindo-se a seguir o mesmo ciclo de oscilações.

3.º — A máxima diurna (dez horas da manhã) é sempre mais elevada que a da noite (onze horas da noite), ao passo que a mínima diurna (quatro horas da tarde) é mais baixa do que a mínima da noite (quatro e meia da madrugada) ; por essa dupla razão, vê-se que o período diurno tem maior amplitude do que o da noite. Quanto aos valores numéricos dessas amplitudes, os do período diurno variam entre 1m,50 e 3m,20; mas o valor médio, que é o mais ordinário, oscila entre 2m,50 e 2m,60. A oscilação nocturna está compreendida entre 0m,68 e 1m,80.

4.º — A maior altura barométrica por nós observada foi a de 26 de Julho, às nove horas da manhã; a coluna atingiu nesta ocasião 774m,04, o que teria dado, às 10 horas, momento do máximo, 774m,20 aproximadamente. A menor altura foi marcada pelo barómetro às três horas da tarde de 2 de Agosto, quando era de 757m,60. Dessas in-

dicações não era possível tirar as mesmas conclusões que na Europa, no que diz respeito ao estado da atmosfera; às nove da manhã de 26 de Julho o tempo era feio e o céu coberto de nuvens; às três horas de 2 de Agosto ainda continuavam assim. Entretanto, em tempo aparentemente muito bom e sol bastante claro, o barómetro mantém-se frequentemente muito baixo, enquanto a coluna se conserva elevada nos tempos cobertos e até debaixo de chuva. Durante os tufões, e particularmente por ocasião dos redemoinhos provenientes dos abalos atmosféricos, como no caso dos pampeiros de La Plata, vimos a coluna mercurial subir muito ràpidamente, mormente tomando em consideração a altura média do dia. Este facto foi particularmente muito sensível a 2 de Agosto.

5.° — Por mais que suba a coluna barométrica num dado dia, ela nunca encobre a variação horária, que se observa com regularidade nas mesmas horas; a máxima e a mínima ocorrem nas horas habituais do dia, variando apenas a diferença entre elas e também as relações das diversas alturas correspondentes às diferentes horas do dia. Seja qual for a causa determinante do equilíbrio da coluna mercurial, devemos admitir que ela actua sobre todo o sistema, aí incluídos os movimentos que lhe são próprios. De modo que, quando ela sobe ou desce, arrasta consigo o princípio de suas oscilações internas. Quanto à altura da média de todo o período diurno, é ela obtida, muito aproximadamente, tomando a altura da coluna ao meio-dia.

O barómetro foi também empregado por nós em algumas mensurações hipsométricas. Serviu-nos, por exemplo, para medir o pico mais elevado da cadeia de montanhas que circunda o Rio de Janeiro. Calculando a altura desse pico, chamado Corcovado, com o auxílio das tábuas de Ottmanns, que aplicávamos em nossas observações ba-

rométricas, encontramos para altura desta montanha 694 metros acima do nível do mar.

Higrometria. — A cidade do Rio é muito húmida, como também toda a porção da baía que lhe fica adjacente, estando sempre o ar muito perto do ponto de saturação. O higrómetro de cabelo nunca desce ali abaixo de 6 por 100, chegando a atingir 90 graus e até mesmo 94 graus.

Como já foi dito, o psicómetro de August era examinado cinco vezes por dia. Esperávamos que esse instrumento, cujo princípio é muito racional e para cujo uso foram publicadas na Alemanha tábuas especiais, nos permitisse, após nosso regresso, apresentar quadros do estado higrométrico do ar no Rio de Janeiro, durante as diferentes horas do dia, nos meses de Julho e Agosto. Em todo caso, os diversos valores deste elemento meteorológico corresponderão a séries paralelas das alturas barométricas obtidas *nas mesmas* horas e à temperatura *do ar*.

Pusemos também em funcionamento dois pluviómetros, um junto à casa que habitávamos e o outro sobre o telhado; a distância vertical entre estes dois instrumentos era de 12 metros, aproximadamente. Isso nos serviu para verificar a diferença existente entre a quantidade de água colhida na superfície do solo e a da que cai a uma certa altura.

No mês de Julho, por exemplo, o pluviómetro superior recolheu 54 metros de água pluvial e o inferior 58. Durante o mês de Agosto não foi possível obter a diferença exacta, em virtude de um acidente sobrevindo em um dos instrumentos.

Termómetro. — As séries de observações semi-horárias do termómetro livre, e bem assim as leituras quotidianas, feitas cinco vezes cada vinte e quatro horas, demonstraram muito claramente que o máximo de temperatura de cada dia se verifica às duas horas e meia da tarde; a co-

luna termométrica em seguida desce, porém lentamente e muito pouco, até seis horas e meia da manhã do dia seguinte, meia hora mais ou menos depois do nascer do sol, que é o momento da temperatura mínima. Ademais, é muito fraca a diferença entre a máxima e a mínima. O mesmo sucede com relação às diferenças de temperatura entre um dia e outro. A temperatura mais baixa observada no correr do mês de Julho foi de 17 graus; a mais alta de 22°,4. Todas as mais, na sua grande maioria, variaram entre 19 e 21 graus. A média geral do mês é sensìvelmente 19°,5 ou 20 graus.

No mês de Agosto a uniformidade de temperatura é ainda maior, se isso é possível; a mínima observada foi de 18 graus, a máxima de 24 graus. Todas as outras oscilavam entre 19 e 21 graus, donde ser ainda a média 20 graus, ou coisa muito próxima.

Durante os dois meses de que nos estamos ocupando, a temperatura da noite é inferior de 1 grau, quando muito, à temperatura do dia. Poder-se-á ter idéia deste facto sabendo que às seis e meia da manhã, hora da temperatura mínima, o termómetro marcou 18°,7, 20°,9, 19°,0, ou outros valores muito aproximados. Essa temperatura tão pouco variável não é influenciada pelo estado da atmosfera, ou pela quantidade de nuvens existentes nas suas camadas superiores.

Procuramos também saber qual a temperatura acusada por um termómetro introduzido na terra a determinadas profundidades, e se essa temperatura era sujeita a variações; verificamos que um termómetro colocado num buraco de 0m,33 (1 pé), marcava constantemente 23°,5. E' sabido que, na opinião de certos observadores, a temperatura obtida em tais condições pode ser considerada a média geral do ano.

Nossas observações magnéticas no Rio de Janeiro compreendem a medida da declinação e a de inclinação da agulha; as observações necessárias para o cálculo da intensidade da força exercida pela terra, por meio do número das oscilações executadas pela barra imantada em determinado espaço de tempo; finalmente, o estudo das variações diurnas da declinação.

1.º) *Declinação.* — Determinamos, com toda exactidão possível, o azimute compreendido entre o meridiano geográfico do Rio e a vertical de uma mira fixa, que era a torre de uma das igrejas da cidade. Esta determinação foi feita por meio de alturas correspondentes de estrelas e do sol. Uma vez conhecido aquele ângulo, com a aproximação de alguns segundos, observamos repetidas vezes, no mesmo dia ou em dias diferentes, o ângulo formado pelo axe magnético da agulha de declinação com a vertical da mira. Levantamos as indicações das duas pontas da agulha e as duas últimas do círculo horizontal da bússola; finalmente, viramos a agulha e o microscópio, para corrigir os erros provenientes da divergência dos dois axes (de figuras magnéticas) da agulha, e da do axe óptico da luneta, por meio de sinais passados pelo cruzamento dos fios. A média de todas estas observações, aliás muito vizinhas uma da outra, deu para a declinação oriental da agulha imantada 0°35'25", o que significa que a ponta austral da agulha (a que se dirige para o norte) fica 35'25" a leste do meridiano geográfico do Rio de Janeiro. Esse resultado, comparado com os que foram obtidos anos atrás, mostra que a agulha se aproxima cada vez mais do meridiano geográfico, fazendo presumir que dentro de pouco a declinação será nula.

2.º) *Inclinação.* — Medimos a inclinação pelos dois métodos ordinários: o método directo, em que o limbo é

colocado no próprio meridiano magnético; e o método indirecto, em que o limbo é sucessivamente fixado em dois planos verticais, perpendiculares entre si. Ao empregar cada um destes métodos, lemos sempre as indicações tanto da ponta alta como da ponta baixa; em cada plano de observação, colocamos o lado dividido do limbo à direita e depois à esquerda; viramos por fim a agulha e invertemos os pólos para cada um desses planos e para cada posição nos ditos. Os dois métodos conduziram-nos a resultados muito aproximados, cuja média dá para a inclinação no Rio 12°42', quer dizer que no Rio de Janeiro a ponta austral da agulha forma com o horizonte um ângulo de 12°42'.

Resulta este número de um conjunto de nunca menos de 350 leituras no limbo vertical.

3.°) *Intensidade magnética.* — Fizemos oscilar no Rio de Janeiro duas agulhas por nós ensaiadas em Paris, antes de nossa partida. Cada uma delas nos forneceu duas séries, cada série compreendendo cerca de 350 oscilações de amplitudes decrescentes, de 35 a 5 graus. Essas amplitudes foram marcadas de dez em dez oscilações, assim como a hora, que anotávamos em segundos e décimos de segundo. Foi também observada a temperatura do começo e do fim de cada série. Assim nos deveria ser possível, na volta da viagem, comparar os resultados das experiências análogas feitas em dois lugares diferentes, e daí deduzir a lei das intensidades da acção magnética da terra sobre a linha percorrida, depois de termos submetido os números achados às sabidas correcções de amplitude e de temperatura.

4.°) *Variações diurnas da declinação.* — A bússola de Gambey estava sòlidamente instalada sobre o rés-do-chão numa câmara isenta de qualquer objecto de ferro capaz de actuar sobre a agulha magnética. Com este instrumento praticamos várias séries de observações: duas delas duraram vinte e quatro horas consecutivas, durante as quais

anotávamos cada meia hora a posição da agulha; várias se prolongaram pelas doze horas do dia; outras enfim abrangeram porções mais restritas do dia ou da noite. Liam-se as indicações das duas pontas, marcando-se ao mesmo tempo a situação da agulha e a amplitude de suas oscilações de uma e de outra parte de sua função média durante a observação. Os resultados desse trabalho vão a seguir.

1.° A agulha de declinação no Rio experimenta um movimento diurno: ela oscila diàriamente em torno de sua posição média e esta oscilação, conquanto de amplitude pouco considerável, é ainda assim bem acentuada.

2.° O movimento da barra, livremente suspensa, apresenta vários períodos muito distintos: a princípio é completamente imóvel durante a noite, isto é, desde as sete horas e meia ou oito da noite, até as cinco e meia da madrugada. A esta hora ele começa a se pôr lentamente em movimento, tomando a ponta austral da agulha a direcção de leste; às sete horas a ponta austral volta lentamente para oeste, durando este segundo período de sete às nove horas e meia. Começa então um terceiro período, durante o qual a ponta austral volta novamente para leste; é mais curto do que o anterior, e dura sòmente de nove e meia às onze horas. De onze horas às quatro e meia da tarde, a extremidade austral da barra imantada dirige-se para oeste: é o grande período do dia; depois, de quatro e meia às seis horas, verifica-se novo movimento para leste; finalmente, às seis horas da tarde começa o sexto e último período, durante o qual a ponta se dirige lentamente para oeste até as sete e meia da noite, momento em que a agulha volta a se conservar imóvel pelo resto da noite.

3.° O valor numérico da amplitude de cada período é muito variável; nos números obtidos em cada série de observações, houve sempre diferenças, e às vezes bastante

consideráveis, em comparação com a grandeza mesma daqueles números. Ter-se-á idéia do valor das excursões da agulha, examinando a seguinte série, cuja marcha nos pareceu bastante normal e que, aliás, muito se aproxima da maioria das demais.

Na primeira coluna damos o valor de cada período em milímetros e fracções decimais de milímetros, tal como é obtido imediatamente pela leitura dos nônios do próprio instrumento; mas, na realidade, não se têm assim senão as medidas dos arcos descritos pela agulha, contadas sobre a tangente traçada no ponto mediano do arco médio; numa segunda coluna, transformando os números precedentes, damos as excursões da barra imantada em minutos e segundos, pôsto que na referida transformação admitimos poder-se sem erro confundir os arcos de oscilação com as tangentes respectivas. Finalmente, medimos cuidadosamente o raio do círculo descrito pela extremidade da barra; este arco era de 0m,241.

SÉRIE DE OBSERVAÇÕES DE VARIAÇÕES DIURNAS FEITAS NO RIO DE JANEIRO EM 7 DE AGOSTO DE 1843

Indicações dos períodos	Horas dêsses períodos	Ponto do horizonte para o qual marcha o ponto austral	Amplitude da excursão, em milímetros	Amplitude da excursão em medidas angulares
1.º período	De 5 às 7 hs. da manhã	leste	0,16	2'16"939
2.º "	De 7 às 9 hs. e ½ da manhã	oeste	0,21	2'59"733
3.º "	De 9½ às 11 hs. da manhã	leste	0,26	3'42"526
4.º "	De 11 da manhã às 4 e ½ da tarde	oeste	0,32	4'33"878
5.º "	De 4 e ½ às 6 hs.	leste	0,17	2'25"498
6.º "	De 6 hs. às 7½ da noite	oeste	0,15	2' 8"380

Só em segundo tempo, pela inspecção pormenorizada das séries em si, poder-se-á ver como se comporta a agulha nos diferentes momentos de cada excursão e bem assim o grau de aceleração ou retardamento de seu movimento, em cada instante.

Eu tinha também de me ocupar com os preparativos para a partida, pois não tardaria muito que nos tivéssemos de lançar através das regiões tão pouco conhecidas que se estendiam à nossa frente. Descansava às vezes dessas diferentes ocupações em agradáveis passeios ao *Corcovado* e à *Tijuca*. Mas, como é ao reino vegetal que os arredores do Rio devem o maior interesse que despertam, penso de ver dar a palavra ao nosso botânico, a quem o leitor seguirá com prazer, em suas várias excursões.

"O mês de Julho, diz ele, foi utilizado principalmente na colheita de plantas dos arredores, continuando a colecção que eu já tinha começado nos últimos dias do mês passado. Neste trabalho prestou-me grande auxílio meu bom e excelente amigo Dr. Ildefonso Gomes, homem tão inteligente quanto desinteressado, com o qual tive a felicidade de travar conhecimento poucos dias depois de nossa chegada. O estudo por ele feito das localidades e do habitat da maioria das plantas do Rio tem-me sido extremamente precioso e a bondade com que me tem tratado fará penosa nossa separação. Passei uns quinze dias em sua casa de campo, não só para estudar o lugar, que é muito rico, como para ficar mais perto do Corcovado e de dois outros pontos que eu muito queria visitar.

Seria difícil encontrar casa mais pitorescamente situada do que a que possui o nosso doutor em *Catumbi*, para onde desde os primeiros dias me mudei, com armas e bagagens. O caminho que aí conduz parte da margem direita da estrada de *São Cristóvão*, penetrando logo na mata, apertado entre montanhas; termina adiante, sob a som-

bra de grandes palmeiras, e ladeado por um belo córrego cheio de plantas aquáticas. Aí começa a plantação; entre duas cercas de um feijão arborescente (*Cajanus flavus*), uma trilha nos leva a rústico aqueduto, de onde cai sem interrupção uma chuva fina, que alimenta inúmeras produções vegetais, com as quais me apressei em travar conhecimento. Deste ponto uma subida forte leva-nos dentro em pouco à casa de morada, que é construída de acordo com o modelo adoptado geralmente no país: um corpo principal bastante baixo, cercado de um lado por grande *varanda* e, do lado oposto, encostado à montanha. Das janelas de meu quarto, eu podia descortinar a qualquer hora uma dessas admiráveis vistas de montanhas e florestas, onde se destacam as hastes longas das palmeiras, cujas grandes folhas penadas balouçavam ao menor sopro do vento, fazendo reluzir aos raios do sol os lustrosos folíolos. O doutor levou-nos a correr sua propriedade e me mostrou as tentativas que tinha feito para aclimar nela várias plantas úteis. O clima variado do Rio se presta à cultura da maioria das plantas; fiquei verdadeiramente admirado ao ver quantas plantas diferentes, oriundas das regiões mais longínquas, aí cresciam lado a lado. Assim é que se vê, em quase todos os jardins, misturando sua ramagem à copa das árvores indígenas, crescer a *Casuarina* da Nova Holanda, com a sua aérea folhagem, ao lado dos *Aleurites*, das *Sterculia* e da mangueira do Velho Continente.

A natureza do terreno de *Catumbí*, ordinàriamente húmido, é particularmente propício à cultura da bananeira, de que observei três ou quatro variedades muito distintas. Uma delas, a chamada bananeira nanica, alcança quando muito a altura de 2 metros; produz, na verdade, frutos pequenos, mas de delicioso sabor. As outras variedades diferem principalmente pelo tamanho dos frutos, dos quais os maiores são os menos estimados. Os negros têm verdadeira paixão pela banana, podendo fazer dela sua ali-

mentação exclusiva. Confesso que lhes acho o sabor um tanto insípido, embora não seja propriamente desagradável; prefiro as laranjas, que sendo igualmente abundantes, têm a vantagem de, com seu suco acídulo, aplacar a sede que o calor do clima incessantemente acarreta. Seria impossível, sem escrever todo um volume, falar de todos os frutos do Brasil; infelizmente, porém, é esta a estação menos favorável a este gênero de estudo. Assim é que ainda só de nome conheço a *pinha*, a *manga*, o *abacate* e uma infinidade de frutos indígenas, tais como a *goiaba*, cujas folhas grossas se vêem à beira de quase todos os caminhos, o *araçá*, o *cambucá*, a *jabuticaba*, etc., etc.

Percorri com alegria a rampa de uma montanha plantada de *mandioca*, cujas grossas raízes fornecem, mediante muito fácil preparo, abundante farinha, usada universalmente aqui, de par com a farinha de milho, em substituição às farinhas de cereais de nosso país. Essas plantas não podem ser vantajosamente cultivadas senão nos lugares elevados. Para arrancar a mandioca, um negro segura-lhe a haste com as duas mãos e puxa com facilidade para fora da terra fofa as duas ou três grandes raízes portadoras da reserva nutritiva. Estas raízes são então raladas, a mão, ou no moinho, submetendo-se depois a pasta assim obtida a uma forte pressão, que a separa da parte líquida, tornando-a apta, após ter sido desmanchada com as mãos e passada na peneira, a ser torrada num tacho de ferro. A farinha de mandioca é grosseira de consistência e, exceptuando-se a cor, parecida com a pólvora para canhão. A maneira habitual de se servirem dela é polvilhando os alimentos. As plantas da mandioca lembram um pouco a mamoneira, ou os erablos, muito novos.

Vi muitas videiras carregadas de frutos de agradável aspecto, mas de detestável sabor; penso, aliás, que esta é a regra. E' difícil atinar com a razão disto; talvez não se

preste a devida atenção à época mais favorável ao corte, que sem dúvida influi na qualidade dos frutos. Todos os legumes europeus aqui prosperam, especialmente nesta estação; deram-me a impressão de serem tão bons como os do outro lado do Atlântico. Devo todavia observar, como excepção ao que acabo de dizer, que a batata é difícil de cultivar, pelo que provém dos Estados Unidos quase todas as exigidas pelo consumo local. Abundam também as hortaliças indígenas, mas bem pequeno é o número das que se avantajam às de nosso país, a ser mesmo que existam algumas comparáveis às nossas. Já me referi à mandioca, que ainda se utiliza sob mil formas diferentes da que indiquei acima. Devo mencionar também as raízes de várias espécies de *Dioscorea*, ou batata doce, algumas atriplíceas, cujas folhas se usam à guisa de espinafre, a *Malva esculenta* [1], cujo suco mucilaginoso passa por muito nutritivo, e finalmente diversas espécies de palmitos. Um destes *Cocos oleracea* é muito abundante nas cercanias do Rio de Janeiro; dois pés foram derrubados por mim quando estive em *Catumbi*. O sabor do broto é um pouco amargo, mas apesar disso agradável. Um outro, bem mais estimado, há muito tempo não se colhe mais na região; os brotos que tive ocasião de provar vinham do Rio Grande.

A primeira excursão que fizemos foi ao Corcovado; atingimos-lhe o cume após uma caminhada fatigante de duas ou três horas, porquanto eu tinha preferido ir a pé, a fim de ter mais facilidade para herborizar durante o caminho. Na maior parte do percurso, enquanto acompanha o viaduto, a estrada é excelente; mas, à meia altura da montanha, em *Paineiras*, onde o aqueduto não é mais co-

---

(1) Ou seja o quiabo, largamente usado como ingrediente de muitos pratos da culinária indígena ou afro-brasileira. (N. do Trad.).

berto e se divide numa infinidade de ramificações que serpeiam pela encosta, captando outras tantas nascentes, ela dele se desvia repentinamente, tornando-se mais íngreme e indo terminar num grande cabeço de granito quase liso, que é o cimo do Corcovado. Se se teve a sorte de escolher para fazer a ascensão um dia bom, é-se bem pago da fadiga pelo soberbo panorama que se descortina do alto do cabeço a que acabo de me referir; deste posto elevado os contornos da baía são perfeitamente visíveis, assim como a configuração das numerosas ilhas que emergem de sua superfície e a vasta cidade que fica de permeio. De outro lado, a serra da *Tijuca* com os seus picos extravagantes, a *Gávea*, o *Bico-de-Papagaio;* depois, como que em baixo de nós, ali onde a montanha se torna quase vertical e apresenta um precipício de várias centenas de metros de profundidade, o jardim botânico, as restingas de *Copacabana*, com suas lagoas de água salobra, o mar. Acompanhando a costa pelo lado esquerdo, a vista é por um instante detida pelo *Pão-de-Açúcar*, que limita de um lado a entrada da baía e cujas fortificações se vêem; finalmente, por cima destas últimas, nos longes do horizonte, divisam-se nitidamente as restingas de *Taipu* e de *Maricá*, cujas riquezas vegetais são muito gabadas. Algumas das vistas que se desfrutam na primeira metade do caminho, tão deliciosas quão variadas, são, no mais alto grau, dignas do pincel de um artista; mais de uma vez lamentei, durante o passeio, a minha insuficiência nesta arte, que me faria mais tarde rever todas aquelas belas cenas da natureza. A vegetação é das mais ricas; embora estivéssemos na estação menos propícia às colectas botânicas, foi a muito custo que pudemos trazer, eu e o negro que me acompanhava com uma grande cesta à cabeça, tudo quanto tínhamos coleccionado. À medida que se sobe nosso interesse aumenta. A princípio, são os plantas próprias dos terrenos cultivados que juncam os fossos e cobrem as cercas

marginais, ou brotam por entre as pedras. O *Bidens*, de que já falei, e cujos impertinentes aquénios se seguram às roupas, aparece por toda parte, acompanhado de um *Ageratum* de flores lilases (*A. conyzoides*) e de uma *Borreria* de flores brancas, reunidas em compacto capítulo. Por toda parte, com especialidade nos lugares húmidos, vêem-se uma *Oxalis* rasteira, de flores amarelas, semelhante ao *O. stricta* da Europa, e um *Hydrocotyle* de folhas cordiformes, cuja umbela fornida encima longo pedúnculo. Nada direi de quatro ou cinco gramíneas digitadas, a que com igual cabimento poder-se-ia aplicar o epíteto de *vulgaris*. O estudo das cercas é mais interessante. As que são inteiramente artificiais compõem-se ordinàriamente de uma espécie de mimosácea cujas flores ainda não conheço, e cujos ramos flexíveis e extremamente vivazes se deixam entrelaçar de tal maneira que chegam a formar, graças aos espinhos de que são possuidores, um muro efectivamente intransponível pelos ladrões; ou senão de algumas espécies de cactos dos géneros *Pereskia* ou *Nopalus*. Observei duas espécies do primeiro; uma é um arbusto de belas flores cor-de-rosa, guarnecido de formidáveis espinhos; a outra é uma trepadeira, de frutos amarelos comestíveis. Diversas bromeliáceas são utilizadas com o mesmo fim e produzem efeito muito pitoresco. E' menos frequente o emprego, para dividir as terras, da *Agave vivipara* [1], à semelhança do que na Europa se faz com a *Agave americana*. À medida que nos distanciamos das habitações, a vegetação se modifica pouco a pouco; as beiras do caminho são ocupadas por duas outras espécies de malváceas lenhosas e de flores amarelas, pertencentes ao género *Sida*. Delas a mais comum é *S. carpinifolia* que parece um olmo anão; é muito usada na medicina doméstica do país e sua madeira ser-

---

(1) Vulgarmente conhecida por piteira. (N. do Trad.).

ve para se fazerem os melhores palitos. Pormenor digno de ser assinalado, em se tratando de um país onde, por assim dizer, a toda hora se tem na boca um desses pequenos instrumentos. De par com essas plantas vulgares, outras se encontram não menos comuns: a *Urena lobata*, de flores roxas e frutos espinescentes, duas ou três labiadas dos gêneros *Hyptis* e *Phlomis*, acompanhadas frequentemente pela *Leonoros cardiaca* de nossa terra, aqui extremamente abundante, e pelo *Stachys arvensis*, já referido como uma das plantas mais comuns nos lugares cultivados. Há muita coisa interessante nas cercas que ladeiam o caminho; seu primitivo esqueleto parece ter desaparecido completamente sob o amplexo das novas criaturas que ali vieram instalar-se. Por toda a parte observa-se uma espécie de amarantácea de flores alvas, coriáceas, reunidas em pequenos capítulos globulosos, cujos pendúnculos longos e delgados penderiam, não fosse o apoio conferido pelas vizinhas; uma outra planta da família é trepadeira, como as nossas clematites, fazendo-se notar pelas flores inumeráveis, brancas e rodeadas por uma espécie de invólucro de pêlos. Muitas outras plantas, pertencentes às mais diversas famílias, dão ainda às margens da estrada aspectos dos mais agradáveis; mas, as mais notáveis são, incontestàvelmente, as pertencentes às famílias das Compostas e das Sapindáceas. Na primeira destas famílias podem citar-se como os mais frequentes os gêneros *Baccaris* e *Perdicium;* na segunda, os gêneros *Urvillea*. Ao lado destas devo citar também algumas leguminosas muito encontradiças, tais como as *Dalbergia*, as *Bauhinia*, etc., além de duas ou três malpiguiáceas, cujos frutos alados, em grandes cachos pendentes, são do mais belo efeito. Nenhuma família nos disputa a atenção mais insistentemente do que a das eufotbiáceas; não se dá um passo sem encontrá-las. Por toda a parte vêem-se moitas acinzentadas de *Croton*, com o verde das folhas mudando em alaranjado, ou senão os caules vo-

lúveis das *Delechampia*. Enquanto esmagamos com os pés espécies pequenas, difíceis de descobrir por causa da cor verde de suas inflorescências, balança-se acima de nossas cabeças a folhagem densa da *Aleurites trilobata*, planta assaz espalhada na beira do caminho. Nos muros húmidos e sombrios do aqueduto crescem plantinhas mimosas, cuja frequência todavia acaba se tornando fatigante. Estão nesse caso uma pequena *Begonia* de flores róseo-brancacentas e vários fetos dos gêneros *Anemia* e *Adianthum*. Em certos pontos a montanha se ergue a prumo do lado do caminho, oferecendo à vista um rochedo cinzento e inacessível; aí é que se comprazem algumas espécies grandes de *Cactus*, cujos longos ramos sulcados e espinhosos rastejam como serpentes, e às vezes se encurvam, para voltar à posição natural, quando por ventura se tenham deslocado da rocha, sob seu próprio peso, ou por culpa da tempestade. Quando se chega aproximadamente a meio caminho na subida da montanha, várias trilhas se oferecem ao explorador; duas conduzem ao cimo, tomando a princípio direcções diferentes, mas reunindo-se em seguida; as outras levam a diferentes pontos da encosta, acompanhando quase sempre alguma das numerosas ramificações do aqueduto. Todas essas trilhas despertam no viajante grande interesse; também as percorri todas, umas após outras, e, posso dizê-lo, com prazer cada vez maior. No primeiro dia, porém, o desejo de chegar ao cume fez-me escolher necessàriamente uma das duas primeiras, por serem mais directas. Este caminho afasta-se do aqueduto no lugar chamado *Paineiras*, onde se encontra, como já tive ocasião de dizer, um dos reservatórios comuns dos canais secundários; existem neste ponto cinco ou seis casas, para onde, nos dias feriados, afluem os excursionistas do Rio, com as suas cestas cheias de provisões. Neste ponto a brisa vinda do mar chega através de uma aberta entre as montanhas, tornando a atmosfera muito agradável, principalmente quando se

está sob o calor produzido pela subida forte. Tem-se, aliás, bem perto, o reservatório onde matar a sede cômodamente. Não obstante, fui nesse lugar atormentado por uma nuvem de *borrachudos,* espécie de mosquito cuja picada é quase tão desagradável quanto a dos pernilongos, e menos fácil de evitar por causa do voo silencioso. Acima de Paineiras a mata é admirável; penetrando no seu interior, pude saciar-me à vontade com o espectáculo de um desses lugares em que o homem parece nunca ter pisado, e onde dir-se-ia que a terra não basta para alimentar todos os filhos da floresta, por isto obrigados a lutar entre si, tirando os fracos a subsistência dos mais fortes, ou senão contentando-se com a humidade da atmosfera que os rodeia. Difícil é fazer-se idéia do pitoresco efeito que produz a associação, por vezes extravagante, dos vegetais epífitas; a árvore parasitada não raro desaparece inteiramente sob sua folhagem; às vezes chega a morrer, continuando todavia de pé, sustentada pela rede de cipós que a seguram, como os mastros do navio são presos pelo cordame; até que enfim, ruindo-se-lhe a base, todo o edifício desaba, nada restando em breve daquele amontoado de seres. Nessa ocasião vi pela primeira vez alguns fetos arborescentes, verdade é que bastante pequenos, os grandes tendo pouco a pouco desaparecido. Derrubei dois, de espécies diferentes, e com tal sensação de prazer, que não mais me admirei de que outros antes de mim se sentissem tentados a praticar a mesma acção.

"Chegando ao cimo do monte, a cena repentinamente mudou; em lugar da bela perspectiva em que tanto me deliciara, vi-me no meio de um espaço vazio, onde apenas se encontravam, aqui e ali, os restos de algum tronco meio carbonizado: um incêndio tinha acabado de destruir esta parte da mata. Atravessamos apressadamente esta cena de desolação, para irmos gozar do panorama cuja contemplação nos aguardava no pico terminal.

"O imperador D. Pedro I gostava muito de fazer este passeio; diz-se que ele o fazia, a cavalo, todas as manhãs. Conta ainda a história que ele descia a montanha sempre a galope, exercício imprudente que lhe valeu certo dia a fractura de um braço, mas que não o impediu de recomeçar a mesma façanha mal se tinha restabelecido. Havia ele feito construir no pico uma balaustrada de ferro; mais tarde, porém, a roubaram, restando agora apenas quatro ou cinco barras verticais. Outro ponto do Corcovado que explorei com indizível satisfação acha-se situado no trajecto do aqueduto descoberto, chamado de Paineiras. Ele efectivamente daí parte para buscar, nos flancos de uma outra divisão da montanha, o contingente de várias fontes, terminando num reservatório que recebe os canais tributários, e onde a natureza ostenta tudo quanto pôde criar de mais elegante em matéria de ornamentos botânicos. Quantos fetos de recortada folhagem, e quantos licopódios descobri eu nas rochas a pique que dominam a estrada em quase toda extensão! Quantas *Peperomia* de folhas carnudas e quantas gesneriáceas de flores cintilantes! Semelhante à agora descrita, e talvez ainda mais rica, é a localidade a que se chega seguindo o caminho que se separa à direita do aqueduto principal, a pequena distância do segundo par de pirâmides geminadas. Chegando ao reservatório que por assim dizer termina o caminho, meti-me pela mata, acompanhando o curso de um regato que serpeava num leito de pedras distribuídas em tal desordem, que ele era forçado, aqui e acolá, nos anfractuosidades, a cindir-se em pequenas cascatas, ou a deslisar suavemente sobre as convexidades lisas, para estreitar-se logo depois, perdendo-se momentâneamente nos profundos interstícios.

"Sobre a superfície húmida da rocha, pendiam por toda parte as frondes semitranslúcidas das himenofíleas, por entre as quais rastejavam pequenos licopódios de cor verde

pálida, capazes de serem tomados por hepáticas, se não se fizesse reparo na delicadeza de sua estructura. Ao lado desses vegetais tão mimosos, disputando-lhes por vezes a mesma pedra, enganchavam-se os caules ásperos das *Dorstenia* de sombria folhagem, ou as folhas lisas das aráceas trepadeiras, cujas longas raízes todavia preferem a casca suberosa dos grossos troncos vizinhos.

"Aqui e acolá, apoiando-se nos ramos de alguma árvore, uma gramínea arborescente projectava-se ousadamente no espaço vazio, atravessando a distância que a separava do suporte semelhante, situado na margem oposta do regato, e balouçando na atmosfera húmida os festões graciosos e longos; depois, como se esse quadro já não fosse bastante sedutor, sobre aquela ponte frágil que a mais leve aragem fazia mover-se, cresciam duas ou três *Billbergia*, que embora se mantivessem a custo em tão estreito sustentáculo, desabrochavam suas lindas corolas escarlates. Não me animei a romper esse harmonioso conjunto. Outras bromeliáceas maiores seguravam-se às reentrâncias mais insignificantes das velhas árvores, enquanto noutros troncos seculares, já sem vida, e caídos às vezes de través entre dois rochedos, medravam os fetos e viçavam as orquídeas, infelizmente destituídas de flores nesta estação. Dos flancos destes rochedos pendiam muitas belas espécies de *Peperomia*, os caules cilíndricos e articulados de uma cactácea do género *Rhipsalis* e as longas frondes estreitas de um gracioso *Nephrodium*. Detiveram-me ainda outras inúmeras riquezas, passando eu todo o dia a vagar por entre essas cenas inebriantes.

"Pouco depois da excursão ao Corcovado seguiu-se uma visita à Tijuca; foi feita a cavalo e durou dois dias. Passamos o primeiro numa casinha situada nas montanhas, a pequena distância do mar, e na noite do segundo dia estávamos de volta em Catumbi.

"Só um hábil pincel seria capaz de representar tudo quanto não me cansei de contemplar durante esse passeio. A meia distância entre o Rio e a serra, isto é, a cerca de duas léguas do primeiro, acha-se uma fonte pública de água ferruginosa. Esta água é muito rica em sal e tem um gosto stíptico; em toda parte onde ela pôde derramar-se o chão tomou a cor característica de ferrugem.

"Não longe desse lugar, vi com alegria um grande valo cheio das grandes corolas amarelas de *Limnocharis Humboldtii*. O ponto mais elevado da Tijuca tem cerca de 40 metros de altura mais do que o Corcovado, mas o caminho está longe de ser tão praticável; não pensamos em galgá-lo, pois, além do mais, o tempo nos era escasso. Visitamos também várias lavouras desta região, toda ela semeada de bonitas casas de campo; a mais interessante de todas era a de madame Moke, inglesa rica moradora no país já há alguns anos e parenta de um dos professores do nosso Museu, de quem eu trouxe uma carta de recomendação. Espero ter tempo para aproveitar o convite que ela me fez para passar alguns dias em sua casa, onde o que principalmente se cultiva é o café. Passa esse café por ser o melhor do Brasil; é secado de modo especial e parece que daí em grande parte provêm as suas qualidades. Recebi também convite para permanecer algum tempo na morada da falecida senhora condessa de Roquefeuille, oferecimento que eu gostaria de poder aproveitar, mas para o que receio que me falte o tempo. Nas imediações deste lugar fica um dos sítios mais belos do Rio de Janeiro, o conhecido no país pelo nome de Cascata. E' dos quadros mais belos que se possa ver; o lençol de água é bastante largo e se quebra sobre uma mesa de pedra, 25 ou 30 pés abaixo do ponto em que se dá a queda. A vegetação circunjacente concorre para aumentar ainda mais os encantos do espectáculo; chamou-me principalmente a atenção a magnífica *Erythrina corallodendron*, cujas flores

têm um colorido vermelho escarlate muito vivo, e uma urtiga arborescente, carregada de frutos brancos e globulosos.

"Dizem haver ainda no meio dessas montanhas um outro atractivo para o viajante; é uma casinha, habitada por quatro ou cinco filhas de um santo padre não pertencente mais a este mundo, e que parece ter querido afastar dêste último a sua prole o mais possível. Quando por aí passamos, andavam por entre o capim criancinhas seminuas, pelo que me perguntei se estas moças teriam se dedicado à educação da infância. Muito perto, um lindo régato murmurava por entre duas rampas rochosas, atapetadas por uma mimosa capilária de folhagem leve e caules lustrosos.

"Alguns dias depois, fiz uma excursão tanto mais interessante quanto me fez travar conhecimento com uma vegetação que eu não tinha ainda visto em parte alguma, e tão diferente das anteriormente encontradas, que eu quase me acreditaria transportado noutro país. Em verdade nada fere mais a atenção do que o aspecto das *restingas*, que se podem definir como faixas de terreno chato, compreendidas entre o mar e as montanhas, que descem até elas. As restingas têm de facto uma largura dependente de maior ou menor distância da base da montanha; são muito pouco elevadas acima do nível do mar, o bastante todavia para não serem jamais por ele invadidas. Vezes frequentes, quando têm extensão considerável, apresentam lagoas de água doce ou levemente salgadas, formadas essencialmente pelas águas das montanhas; a estas é que particularmente cabe a denominação citada. A que explorei em primeiro lugar chama-se *Copacabana*, do nome de uma bonita capelinha situada no alto de um cómoro, no meio da planície. O caminho que a ela nos conduz começa à direita da extremidade de *Botafogo*, insinuando-se logo em seguida entre duas montanhas, uma das quais, à esquerda, tem o nome de morro do *Telégrafo*, ou da *Babilónia*. E' na saída desse desfiladeiro que se encontram os restos de

um antigo forte português, de que ainda se vê um velho pórtico muito bem conservado, bem como a base dos dois bastiões que o flanqueavam. Vê-se, ainda hoje, no bastião da esquerda, uma amostra dos canhões que o guarneciam, defendendo com êxito esta parte da costa, se não fossem êles talvez mais fácil de abordar do que se imagina.

"Passada a fortaleza e após uma rápida descida, achamo-nos nas areias brancas da restinga; é então que a vista desvenda com curiosidade a vasta planície, onde não se ergue uma só árvore, mas apenas alguns grupos de arbustos, espalhados aqui e ali, surgindo da areia como pequenos oásis e compostos de plantas diversas, pertencentes principalmente às famílias das Mirtáceas, Gutíferas e Leguminosas. Entre as da primeira merece referência especial, pela sua elegância, a *Feliciana*, de pétalas carnudas, branco-azuladas, e longos estames vermelho-carmesim; também, pela sua abundância, a *Pitanga*, com sua folhagem reluzente e lindos frutos vermelhos. O que dá, todavia, fisionomia particular a esse lugar, são os numerosos cactos, cujos ramos espinhosos em cada canto se vêem, alteando-se às vezes a três metros, ou mesmo mais. Alguns sobem rectilíneos, ramificando-se a altura variável da base, de modo a formar um maciço quase regular; brotam-lhes, nos ângulos, bonitas flores alvas, ou se não frutos, de vivo colorido vermelho-carmesim e sabor acídulo, muito agradável. Outros, menos robustos, com três a cinco quinas nas hastes e nos ramos, produzem frutos menos suculentos do que os precedentes. Rastejam sobre o chão, erguendo apenas a parte terminal, ou, no caso de encontrarem perto algum arbusto em comoda situação, apoiam-se nele, acompanhando-lhe o tronco até certa altura; destacam-se, então, para estender os galhos, que pendem sob seu próprio peso, ou se agarram ainda em algum outro sustentáculo. Finalmente, uma última espécie, amiga principalmente das es-

carpas dos rochedos, possui caule pouco ramificado, com doze ou quinze arestas e entumescida gradualmente desde a base, como uma clava. E', ordinàriamente, curvada na parte inferior e contornada em espiral; nascem as flores no meio de um longo chumaço de algodão, eriçado de cordas rijas e situado na parte superior de um dos sulcos da haste. Passou-se o dia em coleccionar todas essas preciosidades, indo eu passar a noite numa casinha alegremente situada no sopé da montanha. Por infelicidade, porém, não me foi possível gozar, senão em parte da hospitalidade ali oferecida; algumas dúzias de pulgas vieram perturbar o meu repouso, dir-se-ia que para compensarem, com suas importunações, a ausência completa de mosquitos. No dia seguinte, trepei com unhas e pés num gigantesco e negro rochedo, com que durante a noite eu tinha sonhado, por tê-lo visto na véspera à semi-obscuridade da tarde. Erguia-se ele a uma altura de trezentos a quatrocentos pés, em direcção às vezes vertical. Aí é que conheci a *Vellosia candida*, de caule arborescente e flores quase tão grandes como as do lírio e não menos brancas que elas, encontrando também, pela primeira vez, uma *Barbacenia* de flores negro-purpurinas e folhas lineares. Pude admirar as grandes moitas de *Pitcairnia* e de *Aechmea*, suspensas às anfractuosidades das rochas e prontas a derramarem sobre mim, quando nelas me apoiava para subir, toda a água acumulada na base das folhas. Várias espécies de palmeiras são ainda peculiares a estas restingas; achei duas pertencentes ao género *Diplothemium*. A falta de caule aéreo dá a estas plantas configuração muito especial.

"Seguindo a costa durante algum tempo, cheguei ao lugar ocupado pelo jardim botânico, que visitei. O nome de jardim botânico é muito mal aplicado, embora o lugar esteja muito bem conservado, graças às somas consideráveis que lhe sacrifica anualmente a nação. Ele não passa de um viveiro, onde as plantas estão distribuídas sem ne-

nhuma classificação. Uma boa parte é reservada ao cultivo do chá, que parece desenvolver-se bem; as folhas são colhidas uma vez por ano e preparadas segundo os processos usados na China. As plantas foram trazidas desse país, juntamente com um certo número de chineses que, ao que dizem, até bem pouco tempo se ocupavam especialmente de sua cultura. Vários outros produtos interessantes prosperam também no estabelecimento em questão. Chamou-me a atenção, antes de tudo, uma magnífica avenida de árvores-do-pão, de que trouxe comigo diversos frutos, com o fito de fazer experiências culinárias; a árvore-da-borracha, o cravo da Índia, e um certo número de palmeiras exóticas, de que consegui algumas amostras. Encontrei-me com o subdirector das plantações, um bravo inglês que me prometeu arranjar os frutos de uma magnífica espécie de família, vendo que eu os fitava com olhos ávidos, mas sem esperança de alcançá-los, devido à altura. Fiz o propósito de, caso me sobrasse tempo, fazer uma segunda visita a esse jardim.

"Tive de interromper durante algum tempo minhas explorações, para cuidar da secagem das colecções já feitas e começar a arrumação das que se encontravam em bom estado. Mais de uma vez exasperei-me com a incessante humidade que, zombando de todo cuidado, prejudicava o aspecto de minhas plantas, fazendo-as não raro cair aos pedaços. Não poucas vezes também, revistando um pacote guardado desde alguns dias, encontrei ninhos dessas terríveis formigas brancas, muito conhecidas pelo nome de térmitas [1] e a que nada resiste. Para defender desses destruidores hóspedes objectos de valor é uso servirem-se de caixas de folhas-de-flandres, pois só os metais são capazes de tornar vãos os esforços desses insectos.

---

(1) No Brasil universalmente conhecidas pelo nome vulgar de cupins. (N. do Trad.).

"Nos fins de Agosto, vendo que a partida seria ainda adiada por algum tempo, resolvi empreender uma última e grande herborização, escolhendo certa localidade cuja riqueza me tinha sido muito gabada. Esta localidade onde eu esperava fazer grande colecta, era Maricá. Pude fazer com que o Dr. Ildefonso se decidisse a acompanhar-me, abandonando, com sua habitual generosidade, os seus interesses, para me ser agradável. Na véspera segui para a sua casa, a fim de no dia seguinte estar pronto bem cedo e podermos aproveitar a maré favorável para atravessar a baía. Após havermos almoçado às pressas, partimos. Os cavalos foram embarcados, não sem alguma dificuldade, numa *falua*, espécie de barco de um só mastro, movimentado por quatro remadores e provido atrás de uma coberta, destinada aos viajantes e aos cavalos. Ao cabo de uma hora estávamos em Praia Grande, onde só nos detivemos um instante na casa do Dr. Azambuja, genro do Dr. Ildefonso; depois, através da península em que se acha situada a povoação, volvemos ràpidamente à praia, de onde seguimos até o sopé de uma pequena serra, que galgamos sob o sol ardente, para descer e tornar a subir, em busca do litoral oceânico, ou mais pròpriamente das restingas que o margeiam, e onde já poderíamos começar as nossas investigações. A primeira dessas restingas tem o nome de Piratininga. Entretanto, ia avançando o dia, só nos sendo possível lançar um olhar rápido sobre suas riquezas botânicas. Apesar disso conseguimos arrancar alguns galhos de uma formosa *Andromeda*, cujas panículas brancas se viam por toda parte. Não tardou que deixássemos esses areais, à procura de um abrigo para passar a noite; era muito tarde para pensarmos em alcançar Maricá, verdadeiro objectivo da excursão. Nosso doutor não ficou embaraçado durante muito tempo; lembrou-se logo que o ponto habitado mais próximo era Engenho do Mato, distante todavia ainda uma légua. Apressamos então nossas caval-

gaduras e a curto prazo chegamos em frente de uma fazenda, destas que existem disseminadas numa grande parte do território brasileiro e onde se encontram alguns dos maiores ricaços do país. O nome do Dr. Ildefonso era um passaporte suficiente, pelo que, embora ele nunca tivesse vindo a essa localidade, o dono da fazenda nos recebeu como a velhos amigos. Pus em ordem a colecta do dia e tive ainda tempo para lançar uma vista d'olhos no primeiro engenho de açúcar que me fora dado conhecer. O proprietário fez-nos as honras da apresentação, explicando-nos o uso de cada peça; mas a máquina era de tal simplicidade que dispensava qualquer explicação. Dois enormes cilindros de ferro, movidos a força de burros, tomavam as canas trazidas pelos negros, espremendo-lhes o suco, que corria directamente para as caldeiras onde é feita a evaporação. E' um engenho de açúcar reduzido à sua mais simples expressão; o vapor ainda não chegou até aqui. Regalei-me com vários copos de caldo de cana, espremido naquela hora.

"Mal raiava o dia e já estávamos a cavalo, rumo à Itocaia, perto de Maricá, isto é, na fazenda mesma em que eu deveria passar a noite seguinte e se destinava a ser o centro de minhas pesquisas. Uma vez lá, esperava-me espectáculo de outro gênero. Penetrando na casa, onde, entre parênteses, um francês nosso conhecido estava encarregado da compra de nossos burros, e, por infelicidade também de nossas cangalhas, vi-me de repente no meio de um bando de negrinhos de todos os matizes, mais ou menos nus, que saltavam e cabriolavam nos corredores, quais camundongos numa gaiola. Eram os filhos dos escravos da fazenda, cuja multiplicação o bom director se comprazia em favorecer, dispensando-lhes até olhares paternais. Era o único de sua cor no meio de quatrocentos negros que ele governava despòticamnete, zelando-os ao mesmo tempo

como filhos. Os negros eram utilizados tanto nas plantações como nas fábricas de açúcar, de aguardente, ou de louça de barro, pertencentes ao estabelecimento. Tudo isso proporcionava ao marquês de Praia Grande, seu proprietário, uma renda anual de cinquenta mil francos.

"Ser-me-ia difícil dizer o prazer que experimentei visitando a magnífica restinga vizinha de Itocaia, chamada Taipu. Essa localidade é de imenso interesse para o botânico. Quase toda a vegetação era, como eu esperava, nova para mim. pelo que tentei de fazer nela uma grande colecção. O terreno que a forma é parte pantanoso ou turfoso e parte arenoso; condição das mais favoráveis à variedade das espécies. Eu não me cansava de colher os belos ramos com flores escarlates das *Gaylussacia*, entre as quais cresciam as encantadoras e pequenas *Cassias*. de galhos caídos sobre a areia e enfeitados de flores amarelas; dos *Eriocaulon*, das *Utricularia*, cujas corolas pareciam suspensas por fios invisíveis e doiravam ao longe a restinga; enfim, dessas brilhantes *Melastomáceas*, cuja presença se nota por entre os mais densos matagais. Travei conhecimento com a árvore que fornece a resina chamada *elemí*, e com uma das numerosas ipecacuanhas fornecidas pelo Brasil. Ia alto o dia, sem que me fosse possível encontrar o negro encarregado de levar-me algumas provisões de boca. Tive, assim de voltar à fazenda para matar a fome. Depois de apertar nas prensas os espécimes trazidos da minha excursão. deitei-me na hospitaleira esteira, que é no Brasil quase que o único colchão conhecido. No dia seguinte retomei a marcha para a grande cidade, atravessando uma soberba mata virgem que eu já havia visto dias antes e onde para logo decidi pôr os pés, com intenções hostis. Grande parte do dia despendi trabalhando nesse rico lugar, de modo que, quando pensei em voltar, verifiquei com pesar a impossibilidade de chegar ao Rio

no mesmo dia. Seria inútil apressar os passos, até porque era-me forçoso acompanhar a marcha dos dois escravos que me seguiam, trazendo as colecções. Se, por um lado, perdi com essa demora, lucrei pelo outro; porque, ao passar pelo ponto em que, através de estreito canal, uma parte da baía penetra por entre as montanhas, para formar o chamado *Saco de Jurujuba*, vi-me sùbitamente diante de um espectáculo admirável, diante do qual esmaeceram todas as cenas até então presentes à minha imaginação. Meus olhos fascinados não sabiam como desviar-se da magia desse quadro. Como o firmamento houvesse escurecido após o pôr do sol, uma bruma ténue velava o contorno das montanhas; a superfície cinzenta e baça das águas que rolavam a seus pés harmonizava-se com ela de modo tão perfeito, as formas brancacentas e laceradas dos rochedos emersos de tal modo se destacavam sobre o fundo escuro do céu, que eu quase me julgaria transportado entre os gelos do pólo, se não fosse o ruído que fazia de quando em quando a haste suculenta de alguma planta tropical, triturada pelos dentes de meu cavalo impassível. Ia afastar-me, quando a cena repentinamente mudou; a montanha que ficava à minha frente pareceu escurecer um pouco, como se uma nuvem descesse sobre ela; pouco depois, no meio dessa mancha escura brilhou um clarão vermelho, que se fez cada vez mais vivo, estendendo-se também ràpidamente. Dentro em pouco vasto incêndio envolveu toda a montanha, iluminando as sombras da noite e projectando ao longe, na superfície lisa da baía, longas esteiras de luz. Assisti à destruição de uma dessas florestas sem igual, que um dia, talvez bem distante, os filhos da terra chorarão com amargura.

"Quedando-me extático diante desse espectáculo, não reparei que grossas gotas d'água haviam começado a cair, prenúncio de uma tempestade prestes a acrescentar-se ainda à majestade do quadro. Não esperei por esse novo acto;

enrolei-me no meu poncho e, tão depressa quanto me permitiam as desigualdades do solo, rumei para a aldeia de Praia Grande, onde fui encontrar os dois negros que haviam tomado a dianteira. Como seria perigoso atravessar a baía com o tempo que fazia, decidi-me a passar a noite nesse lugar, pedindo hospitalidade ao Dr. Azambuja. No dia seguinte, sem contratempo, cheguei ao nosso palácio da Glória".

CAPITULO III

PERMANÊNCIA NO RIO DE JANEIRO. — ZOOLOGIA. — GEOLOGIA. — ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS. — CONDIÇÃO MORAL DOS HABITANTES. — AGRICULTURA.

Se o mundo vegetal oferecia ao coleccionador resultados abundantes, já o mesmo não acontecia com o reino animal; a população numerosa que se adensa nos arredores do Rio de Janeiro já extinguiu quase inteiramente os mamíferos; alguns morcegos e dois ou três roedores foram *os únicos representantes daquela classe que pudemos coleccionar*. As aves de plumagem vistosa, como os próprios papagaios, tornaram-se hoje muito raros nas vizinhanças imediatas da cidade. As espécies que conseguimos foram, principalmente: o *manaquim papudo* e o *militar, o tangará bispo*, a *procne tersina*, a *subideira pit-pit*, a *cufônia* de ventre castanho, diversas espécies de papa-moscas, bicos-grossudos, troglodites, lânios, cassicos, pica-paus, tiranos, etc. Uma excursão a Maricá deu-nos algumas rolinhas, uma ou duas cotingas, um pica-pau de barriga branca, a cufônia tietê, o ranfócelo de bico prateado, diversos cucos, pêgas e papa-moscas, um maçarico, um pardaloto, etc. Obtivemos também beija-flores das espécies chamadas de Temminck, glaucops, rubi pequeno, etc. Todas estas aves, aliás, são muito comuns nas colecções. Estudamos os parasitas de algumas dentre elas. A procelária do Cabo, que ha-

víamos capturado logo ao entrar na baía, continha três, de espécies bem diferentes. As visitas diárias ao mercado valeram-nos numerosas colecções de peixes, cujas espécies fizemos desenhar todas, reproduzindo tanto quanto possível as cores naturais. Achamos também polvos e lulas, considerados aqui alimentos delicados. Entre os répteis, conseguimos numerosas espécies do género das rãs, quase todas notáveis pela beleza do colorido. Uma tem o dorso cheio de grandes tubérculos; é verde no lado de baixo e azul nos flancos, onde existem manchas pretas, rodeadas de um círculo branco; as patas apresentam faixas escuras. Outra é verde claro, com a barriga branca e a garganta amarela, pontilhada de pardo; no dorso dois riscos pretos, longitudinais. Uma terceira é igualmente verde-claro, com os flancos ornados de máculas de cor amarela brilhante; o ventre é de cor branca desmaiada e as patas longas, marchetadas de amarelo. Uma quarta é branca, com nodoas alongadas e escuras nos flancos e no lado de baixo das coxas; estas manchas são rodeadas de um círculo amarelo. Uma quinta tem a forma atarracada e entumescida; é branca, mas coberta de riscas vermiculares escuras; os olhos e as palmas das patas são azuis. Uma sexta faz-se notar pelo grande tamanho; tem colorido verde-claro, com o ventre, os lados e a parte inferior das coxas amarelos, bem como a palma das patas. A sétima é bastante curiosa; é amarela, com o corpo marmorizado de preto; abaixo de cada pálpebra um chifre pontudo; em baixo o corpo é branco, com riscas vermelhas na face inferior dos braços; a parte traseira do ventre, a inferior das coxas e os dedos internos de todas as patas são de um belo vermelho carmesim. Finalmente, uma outra espécie é verde, pontilhada de pardo, com a cabeça e a barriga avermelhadas; a parte posterior das coxas, os joelhos e os quatro dedos internos de todas as patas vermelhos. Todas estas rãs são encontradas nas árvores e fazem ouvir à noite as vozes mais

discordantes. Répteis venenosos são muito raros nos arredores do Rio. Apesar disso, encontramo-nos com um pobre negro que era levado para o hospital, por ter sido mordido por uma cascavel.

Fizemos estudo particular de alguns dos insectos nocivos do país, tais como o *Bruchus* que destrói o milho, o *Pissodes*, que tantos danos ocasiona às figueiras e cuja larva, não só lhes destrói os frutos, como *ainda a própria* substância interna dos galhos.

As buscas realizadas entre os rochedos que ficam diante da Glória deram-nos várias espécies de crustáceos, de esponjas e de ascídios, uma aplísia e cerca de trinta espécies de anelídeos, que desenhamos, após havê-los examinado ao microscópio. Eram raros os insetos brilhantes; só as borboletas nos deram espécies notáveis, tanto pelo tamanho como pela beleza das cores. Fizemos a anatomia dos seguintes coleópteros: *Buprestis gigas*, *Entimus imperialis*, *Passalus interruptus*, *Tenebrio gigas*, *Areodes Leachii*, *Elater sulcatus*, *Phanaeus splendidus*, *Phanaeus maculicollis* e *Canthon histrio*, bem como de diversas espécies de *Trigonostoma*, *Helops*, *Erotylus*, *Cratosomus*, etc. Colectamos, finalmente, um certo número de aracnídeos, com especialidade falsos escorpiões, cujas espécies nos trópicos são extremamente variadas. No que toca à geologia, pouco interesse oferecem os arredores do Rio de Janeiro; por toda parte a formação é granítica; a baía parece ser o fundo de uma cratera de sublevação; as cadeias formadas pelas montanhas da região parecem, na verdade, irradiar de um centro comum. Já vimos que o granito é utilizado na construção dos edifícios; uma parte da cal vem da Europa e outra é produzida por meio da calcinação das conchas calcárias. Também o Corcovado é formado de granito; no pico terminal, que é nu, a rocha se acha algo destruída pelo *acção do ar*.

Aproveitamos as noites deixadas livres pelos trabalhos científicos, para retribuir as numerosas visitas que nos haviam sido feitas. Assim que chegamos, fomos recebidos, com a maior amabilidade, pelo corpo diplomático estrangeiro. Citarei particularmente entre seus membros, o internúncio Sr. Campodenico, os Srs. Hamilton, o Conde de Saint-Martin, o Cavaleiro de Rincon e o Sr. Hunter, os Ministros da Inglaterra, da Sardenha, da Espanha e dos Estados Unidos; os Srs. Vasconcelos, de Jaegher, de Hable. o Comendador Merolla, os Encarregados dos Negócios de Portugal, da Bélgica, da Rússia e de Nápoles. Os Srs. Carneiro Leão e Paulino de Sousa, Ministros dos Negócios Estrangeiros e da Justiça, dispensaram-nos a acolhida mais favorável, oferecendo-nos as maiores facilidades possíveis para a execução de nossa viagem. Entre os brasileiros que mais se interessaram por nós, mencionarei apenas o Sr. Lopes Gama, Conselheiro de Estado, o Visconde de Abrantes. hábil diplomata e bastante conhecedor da Europa, e o Senador Vasconcelos, geralmente considerado o primeiro estadista do Brasil. Deste conta-se que, sendo presidente da província de Minas Gerais, houve aí uma violenta revolta, na qual o povo investiu com fúria até as portas do palácio. Vasconcelos se achava absorvido em trabalhos importantes quando o ruído confuso de gritos chegou aos seus ouvidos; mandou seu ajudante de ordens verificar a causa dessa anormalidade; este, ao voltar, comunica-lhe muito alarmado: "O povo exige a cabeça de Vossa Excelência!" "Ah!", responde o presidente, sem interromper a leitura, "ide perguntar-lhe se não poderá contentar-se com a vossa". Não posso esquecer também o Sr. Alaíde de Moncorvo, director do Ministério dos Negócios Estrangeiros; o Sr. Visconde de São Leopoldo e o Cônego Januário da Cunha Barbosa. Este último passa por ser um dos homens mais instruídos do Brasil; eu lhe tinha sido recomendado pelo Sr. Visconde de Santarém, que em

Paris representa tão condignamente os homens da ciência de Portugal. Sob os auspícios deste sábio eclesiástico é que fui recebido, com a mais significativa benevolência, pelo Instituto Histórico e Geográfico, que houve por bem admitir-me entre seus membros.

Esta sociedade já tem prestado relevantes serviços à história do Brasil, por meio de suas interessantes publicações, e continua a desenvolver os maiores esforços para difundir o gosto pelas ciências nesse vasto país.

Já dissemos que o governo imperial nos concedera a mais plena protecção. Não se limitou a nos conferir uma *portaria* imperial, espécie de passaporte hoje concedido sòmente em raras ocasiões; mas ainda expediu ordens antecipadas para todos os pontos em que deveríamos passar. Todos os estabelecimentos do Rio abriram-se às nossas pesquisas, e foram postos à nossa disposição todos os seus documentos. Assim é que nos foi permitido tirar cópias das cartas guardadas no depósito do Ministério da Guerra, na biblioteca do Imperador e na do Instituto. Em resumo, por toda parte fomos alvo dos sentimentos mais solícitos. Fomos apresentados ao Imperador, no palácio da cidade, pelo Sr. de Saint-Georges, sendo logo convidados para um baile em São Cristóvão. Se, por um lado, sempre nos sentimos sensibilizados pelas benévolas atenções a nós sempre dispensadas pelo Imperador, não menos maravilhados ficamos à vista do esplendor de sua corte.

O 3 de Setembro de 1843 é uma data memorável para a corte do Rio de Janeiro: naquele dia Sua Majestade D. Pedro II desposou uma princesa napolitana. Desde o raiar do dia, todas as ruas em que devia passar o cortejo achavam-se enfeitadas de cortinas, de bandeiras e de guirlandas, feitas de rosas e folhas de mangueira; no cais via-se um pavilhão muito elegante, tendo em cada lado um

vasto anfiteatro cheio de mulheres em trajes festivos. O cortejo era numeroso, tudo demonstrando a alegria e a estima que têm os brasileiros pelo seu soberano. Da capela imperial, pôde a comissão científica apreciar cômodamente os esplendores da festa. Muitos outros festejos celebraram-se nos dias seguintes, tanto na corte, como nas casas particulares.

Assistíamos também, com regularidade, aos bailes do Catete e dos Estrangeiros, realizados todas as noites. Se bem que as mulheres brasileiras não se destaquem geralmente pela beleza, vimos todavia algumas bem bonitas.

Visitamos o Museu de História Natural, pequeno estabelecimento situado no Campo de Sant'Ana, fundado por D. João VI. Num país em que o reino animal foi tão ricamente dotado pela natureza, não é sem espanto que se vê uma representação tão mesquinha dos seres daquele grupo; haverá na colecção, quando muito, apenas um quarto dos animais do Brasil. Desperta interesse a sala consagrada às armas e aos ornamentos dos índios; mas a parte completa é, sem nenhuma dúvida, a referente ao reino mineral. Consiste principalmente na colecção que pertenceu ao célebre Werner, comprada na Alemanha e depois acrescida de séries interessantes de minerais do Brasil. A colecção de diamantes cristalizados é muito completa e apresenta formas notáveis. As numerosas séries geológicas dos terrenos auríferos e diamantíferos, são igualmente dignas de acurado estudo. Dirige esta parte do estabelecimento um sábio monge, frei Custódio. Há no Rio várias bibliotecas públicas; a do Imperador é considerável e perfeitamente cuidada.

O Dr. Weddell fez estudo particular dos hospitais do Rio. Vamos dar-lhe a palavra sobre o assunto: "O Rio de Janeiro possui diversos estabelecimentos desse género; mas, apenas um apresenta real importância, a Santa Casa

de Misericórdia. Os outros, em número de três, dependem das confrarias semi-religiosas de *Santo Antônio*, de *São Francisco de Paula* e do *Carmo*. Possuem, cada um, de quinze a trinta leitos, não sendo admitidos senão os membros da confraria a que pertencem. Ao visitar o primeiro desses estabelecimentos, aproveitei a vizinhança do convento do mesmo nome, para ver-lhe a parte acessível aos visitantes. A capela pareceu-me uma das coisas mais belas que jamais vira; é revestida interiormente de esculturas soberbas e dourada em todas as suas partes. Os ornamentos do altar-mor têm, segundo dizem, imenso valor, o que se explica pelas rendas enormes auferidas pela ordem, que é, de muito, a mais importante do Brasil. Atraíram-me também, pela sua disposição particular, a atenção as catacumbas do convento; são grandes salas ou galerias, em cujas paredes estão cavadas grandes células, fechadas por uma lápide numerada e com capacidade para um esquife. Do terraço do convento, que é o ponto mais elevado da cidade, descortina-se um panorama soberbo.

"O estabelecimento da Misericórdia não é constituído por um estabelecimento único; afora a sede principal, compreende vários pequenos hospitais secundários, disseminados em diversos pontos da capital e destinados ao tratamento de afecções particulares, seja porque se tenha querido isolar certa categoria de doentes, seja em obediência a determinados requisitos de higiene. O edifício principal fica à esquina de um largo bastante arejado, situado a sudoeste da cidade; seu aspecto é sombrio e de aparência pouco agradável. O número de doentes hospitalizados é de trezentos, dos quais duzentos homens e cem mulheres. Projecta-se aumentá-lo consideràvelmente; não só já foi traçada a planta da nova construção, como até já se iniciaram os seus trabalhos; ao deixar o Rio, porém, verificamos, com pesar, que estes haviam sido suspensos. Visi-

tei-lhe sucessivamente todas as salas, mas não foi das melhores a impressão que me deram; há grande falta de asseio, ao mesmo tempo que a luz, tão abundante no país, é sobremodo escassa. Foi prazer observar que não se fazia nenhuma diferença entre pretos e brancos; nesse asilo todos são iguais. Os leitos são baixos, de ferro ou de madeira, e guarnecidos de um só colchão, de palha de milho; sòmente nos casos em que o exija a natureza da moléstia, são aqueles substituídos por colchões de lã ou de crina; cortinados não os há em leito algum. As doenças cirúrgicas e as médicas são tratadas em enfermarias separadas, realizando-se nelas, todas as manhãs, os cursos de clínica, que são os únicos existentes no Rio. Houve o cuidado de separar os variolosos em sala à parte, ao passo que os tísicos ocupam pavilhão separado, no alto da colina que domina o local do edifício novo. Os outros hospitais especiais dependentes da Santa Casa de Misericórdia são o dos lázaros e o dos loucos. O primeiro está situado em São Cristóvão, numa colina exposta à brisa marítima; destina-se ao tratamento dos infelizes acometidos da doença conhecida pelo nome de lepra ou mal de São Lázaro; contém cerca de sessenta leitos, a metade dos quais ocupada por mulheres. As salas são pequenas, muito juntas e não menos desasseadas. O hospício dos loucos compreende dois pavilhões, colocados em agradável posição, na Praia Vermelha; um é ocupado por mulheres e o outro por homens. Conterão, ao todo, umas oitenta pessoas, na sua maioria de cor preta.

"Para o mesmo género de moléstias, está actualmente em construção, no mesmo local, um hospital muito maior; deverá ter capacidade para cem doentes.

"Não há no Rio nenhum hospital que se destine especialmente às parturientes.

"As doenças observáveis no Rio são de modo geral as mesmas que encontramos nas grandes cidades da Euro-

pa; bem poucas afectam fisionomia particular, podendo dizer-se que o número das moléstias endémicas diminui, à medida que a cidade se saneia mediante medidas higiénicas. Esse facto vem sendo observado principalmente depois da vinda da família real para o Brasil, época em que o solo foi expurgado de inúmeras fontes de impureza, causadoras de doença. Daí para cá, e graças ao trabalho de desbravamento, a constituição atmosférica se modificou, não mais se ouvindo, senão entre largos intervalos, as tempestades que desabavam sobre a cidade todas as tardes. Há, não obstante, um certo número de moléstias peculiares ao país; é de crer que haverão sempre de predominar, muito embora se possa ter a esperança de diminuir-lhes a frequência. Entre estas deve ser citado em primeira linha o *mal de São Lázaro*, hoje mais exactamente conhecido sob o nome de *Elèphantiasis Graecorum*, doença que se tinha tornado tão frequente na Europa pela época das Cruzadas, a ponto de fundar-se uma ordem especial de cavalaria, para o tratamento dos enfermos dela atacados. A verdadeira lepra era aliás confundida então com um sem número de doenças cutâneas [1]. Hoje essa doença é muito pouco espalhada na Europa, achando-se, por assim dizer, confinada aos países quentes e vizinhos dos trópicos; mas em parte alguma ela será observada com mais frequência do que no Brasil. A natureza contagiosa que geralmente se lhe atribui, razão de se isolarem os doentes dela atacados, está longe de ser suficientemente demonstrada; parece todavia confirmado ser ela hereditária. Mas, no que diz respeito à impotência, que geralmente se supõe acompanhá-la,

(1) A lepra, também chamada morféia, é doença ocasionada por uma bactéria específica, conhecida comumente pelo nome de bacilo de Hansen e de caracteres muito aproximados dos do bacilo de Koch, causador da tuberculose. (N. do Trad.).

essa manifestação é muito menos comum do que se tem dito. Podem ser atacados pela moléstia indivíduos de todas as cores e temperamentos; mas os de temperamento linfático, cuja constituição já é de si viciada, parecem particularmente predispostos. Os grandes calores parece serem uma das causas determinantes de sua aparição; mas a qualidade dos alimentos parece actuar ainda mais fortemente, acreditando-se que a carne de porco tenha influência favorável sobre o seu desenvolvimento. A observação tem provado que os lázaros são muito mais frequentes nas províncias em que os porcos são alimentados com pinhão, que é o fruto da *Araucária brasiliensis*, também ingerido pelos habitantes. O sítio principal das manifestações da doença é a face; mas se instala também noutras regiões, tais como as mãos e os pés. O aspecto do lázaro é repelente; basta ter visto um só deles para que não mais nos enganemos. O rosto parece alargado e a cor macilenta; os supercílios adquirem *saliência* extraordinária; as asas do nariz, os lábios e as orelhas se tornam notàvelmente grossos, revestindo-se de tubérculos proeminentes, de cor lívida, muitas vezes farinosos ou luzentes; as bochechas apresentam também grandes placas salientes e rugosas, que acabam por ulcerar-se, tornando-se presa de uma gangrena lenta, cuja acção pouco a pouco corrói todas as partes atingidas, fazendo-as cair sucessivamente e ocasionando horríveis deformações. Curioso fenómeno que se observa no curso da moléstia, ou mesmo antes de se tornar ela completamente declarada é, segundo me disseram, a perda da sensibilidade da pele do antebraço, sem nenhuma lesão da *miotilidade*. Essa insensibilidade é principalmente notável na região cubital, chegando a estender-se à face interna da mão; é ela de tal ordem que a aplicação de um ferro em brasa não desperta a atenção do paciente. Só a electricidade parece ter alguma influência sobre o fluido ner-

voso, mas ainda assim, faz-se mister excitar um ponto circunscrito por meio de longa série de centelhas. Chegando em certa fase, todos os recursos terapêuticos são impotentes contra essa fatal enfermidade; é até de duvidar-se que a arte médica possua meios de combatê-la, ainda quando atacada no começo. Preconizaram-se contra ela numerosos tratamentos. Os mais racionais são, sem dúvida, os que, mediante emprego adequado dos recursos higiênicos, removem as causas perturbadoras até então actuantes, substituindo-as por circunstâncias diferentes.

"Assim é que a morada em lugar fresco parece preferível à exposição ao calor e à humidade, e que se deve substituir a alimentação usada por outro regime, com base em alimentos diferentes. Os antiflogísticos parece produzirem alguns benefícios no início da moléstia, ao mesmo tempo que alguns médicos dizem ter obtido vantagens com o emprego de mercuriais; neste caso, todavia, é de duvidar que se trate verdadeiramente de *elephantiasis.*

"A *Elephantiasis dos Árabes,* moléstia caracterizada por um espessamento extraordinário da pele das partes inferiores do corpo, encontra-se também com frequência no Rio de Janeiro, especialmente entre os brancos; mas nenhuma doença talvez se encontre com mais frequência do que a hidrocele, comum particularmente na população negra. A aparição súbita desta doença, em indivíduos sadios quanto ao mais, deve atribuir-se talvez às fadigas que suportam esses desgraçados, aliados ao calor e ao uso imoderado das bebidas fortes (1).

---

(1) A elefantíase é uma das formas mais comuns da filariose, moléstia ocasionada pela presença nos troncos linfáticos de *nematodes pertencentes ao gênero* **Filaria,** senão exclusivamente pela **Filaria bancrofti.** (N. do Trad.).

"A erisipela, especialmente dos membros inferiores, era outrora muito frequente no Rio de Janeiro, onde pode dizer-se que era endémica; tornou-se, todavia, muito mais rara, depois do saneamento da cidade.

"Outra doença, bastante comum no Rio, mas ainda assim, muito menos do que em outras províncias, como Pernambuco, Pará, etc., é o tétano traumático; moléstia fatal na generalidade dos casos, é observada quase exclusivamente entre os negros. A aguardente em altas doses, até o ponto de produzir a embriaguez, é empregada ùtilmente no tratamento desta afecção, e parece preferível ao ópio, que indicam os médicos europeus.

"As febres intermitentes existem no Rio sob todas as formas, mas raramente assumem o carácter pernicioso que as assinala em alguns pontos da província, vizinhos muitas vezes da própria capital.

"Cumpre finalmente acrescentar a essa lista a hidropisia ou ascite, cuja frequência é todavia maior em alguns outros pontos do Império; esta é a afecção a que sucumbe a maior parte dos negros mortos de doença. E' ela quase sempre essencial e desaparece com o uso dos diuréticos; às vezes, porém, é sintomática e incurável".

Acabamos de percorrer ràpidamente a cidade do Rio e seus arredores; resta-nos dizer alguma coisa com respeito aos habitantes. Quando, da Europa, se chega pela primeira vez aos trópicos, fere-nos particularmente a atenção a variedade de coloração apresentada pelo revestimento cutâneo das pessoas que vemos em volta de nós. O Brasil, mais do que qualquer outro país, acha-se nesse caso; desde o primeiro momento ver-vos-eis cercados por pessoas de todos os matizes, desde o negro mais retinto, ao amarelo cor de cobre. Encontrareis representadas aqui umas cinquenta tribos da África, reconhecíveis pelas diferenças

apresentadas pelos sulcos que lhes tatuam o corpo, e também pela maneira com que foram limados os dentes. Vêem-se ali marinheiros malaios e chineses; acolá índios da Polinésia, pertencentes à equipagem de alguns baleeiros. Quanto aos brancos, procedem eles de todas as nações do mundo, nossos ouvidos sendo a cada momento impressionados por sotaques diferentes. O que menos encontrareis são os primitivos donos da terra representados apenas por alguns mestiços, vindos como tropeiros, das províncias de São Paulo ou Minas. Os chamados pròpriamente brasileiros têm a aparência dos portugueses, seus ascendentes. São, aliás, geralmente pequenos, de tez morena e pouco vigorosos; seus traços são regulares e a inteligência bastante viva. Há na maioria deles, mescla de sangue de cor, podendo dizer-se que em muitas localidades do interior toda a população é de negros ou mulatos. Não existe aqui qualquer preconceito de cor, vendo-se muitas vezes, na mesma família, crianças das cores mais discordantes.

E' sempre difícil nos pronunciarmos sobre o carácter social de um povo, mormente em se tratando de uma nação que durante muitos anos nos acolheu da forma mais hospitaleira. Entretanto, é dever do viajante comunicar imparcialmente ao público suas impressões. Como todo povo jovem, são os brasileiros de uma extrema sensibilidade; mas a sua característica principal está numa bondade exagerada e mole, que degenera em verdadeiro vício. Havendo um atentado, todas as simpatias se voltam para o criminoso, que todos se empenham em poupar ao merecido castigo. E o crime se propaga à sombra desta impunidade. Entretanto, devo dizê-lo com toda franqueza, em qualquer outro país que estivesse sujeito a condições semelhantes, os atentados seriam mais frequentes. O assassínio para roubar é quase desconhecido no país; mas o homicídio

por vingança é assaz comum em muitos lugares. O roubo pròpriamente dito chega a ser raro; mas a trapaça campeia sob todas as formas. O homem a quem poderíamos confiar sem risco uma fortuna não raramente nos procura surripiar alguns níqueis. A embriaguez é quase desconhecida no Brasil, mas o hábito de mentir é singularmente generalizado em certas classes, a ponto de podermos duvidar de que falem a verdade alguma vez. A hospitalidade é geral no interior, onde o viajante em quase toda parte é recebido com benevolência. O brasileiro não tem, nem de longe, a maldade que muitas vezes na Europa lhe atribuem; é pelo contrário, sem nenhuma dúvida, o mais indulgente dos senhores de escravos. Não obstante, sei que os senhores, levados pela cólera ou pelo ciúme, infligem às vezes aos escravos castigos tenebrosos; mas também estou certo de que, se houvesse uma lei estabelecendo que o escravo só poderia ser castigado vinte e quatro horas depois da falta cometida, ele escaparia quase sempre à punição, ficando por assim dizer abolidos os castigos corporais. Criado entre escravos da mesma idade, o pequeno brasileiro cresce ao lado deles e permanece sempre na sua convivência. Os negros encarregados do serviço doméstico são muitas vezes melhor tratados do que os criados nas melhores casas da Europa. Na lavoura a sua condição é mais penosa; mas o trabalho a que estão obrigados é bastante moderado. De qualquer maneira é sempre muito menos duro do que o que se lhes exige nas colônias francesas e apenas igual à metade da tarefa imposta aos seus irmãos, nos Estados Unidos. De resto, no Brasil, só a benignidade dos costumes protege eficazmente os escravos, porque são letra morta as leis criadas em seu benefício.

O grande calor do clima, a desocupação, a falta de estudos e a praga da escravidão têm exercido a mais nefasta influência nos costumes do país; o próprio clero, lon-

ge de seguir o modelo elogiável do da Europa, não raro é o primeiro a dar o exemplo de deboche e desordem. Antes de deixar o Rio de Janeiro, dizia-me um dos chefes da Igreja, sem dúvida com algum exagero: *Temos aqui um clero, padres porém não os há.* Em todo caso esse clero, em que se contam honrosas excepções, tem pelo menos uma virtude, a da tolerância, que é maior do que em qualquer parte.

A extrema indolência da nação é um pouco disfarçada no *Rio de Janeiro* pela *agitação de uma grande cidade* em que o governo concentra todos os seus serviços; mas ela aparece a nu nas localidades do interior e até em muitas cidades da costa. Em tais lugares o vendeiro só por favor nos atenderá; o próprio dinheiro não raro se mostrará inútil, visto como, aos olhos dos habitantes, não paga a pena ganhá-lo com um *pouco de sacrifício.* Só o carácter prestimoso da gente nos poderá fazer conseguir o objecto de que precisamos. No Brasil, tudo vive cercado de dificuldades, e a coisa mais simples muitas vezes aparece como impossível. Quanto ao tempo, ele não tem nenhum valor; vê o europeu sua paciência sujeita às mais duras provas, até que, *desanimado de lutar,* acaba por se *tornar* tão impassível quanto os filhos da terra. Uma das causas que mais concorrem para atrasar a civilização dos brasileiros é a falta de educação entre as mulheres, e a maneira pela qual são elas excluídas de toda sociedade. Assim, segregado do convívio com as mulheres honestas, os jovens brasileiros inclinam-se *muito* frequentemente ao vício do jogo. Seja a timidez natural das mulheres, seja o ciúme da parte dos maridos e dos irmãos, a verdade é que muito raro é verem-se brasileiras na rua, e quase impossível entreter relações de sociedade com elas. Sei que no Rio os costumes se modificam dia a dia, sob este ponto

de vista; mas estou escrevendo depois de ter residido no interior durante quatro anos.

O traço mais sombrio do carácter dos brasileiros é, sem contestação, o inveterado ódio que votam aos estrangeiros que se estabelecem no país, trazendo consigo a indústria e a actividade que a este faltam completamente. Os portugueses principalmente são execrados pelos filhos, por isso que, menos indolentes, sabem reunir em pouco tempo algum capital, à custa do trabalho. Por motivo semelhante é que na província de Minas as grandes companhias inglesas são muito impopulares, sob o fundamento de que elas arrancam o ouro oculto nas profundezas da terra. Deveriam, entretanto, os brasileiros compreender os grandes benefícios que devem aos volumosos capitais que elas derramam, em troca de um metal que os filhos do país seriam inteiramente incapazes de tirar por si.

O governo faz tudo quanto está ao seu alcance para realizar progressos reais, podendo dizer-se que, sob muitos pontos de vista, ele marcha muito à frente da população.

O sentimento de vaidade é muito pronunciado entre os brasileiros; não sendo hereditários, são raros entre eles os títulos nobiliárquicos; mas as patentes militares são distribuídas em profusão, como também as ordens da cavalaria.

No interior todos os brancos são, pelo menos, capitães de milícia, e todo lavrador aspira à placa de comendador.

Atravessando o oceano, todos os portugueses chegaram às colónias em categoria imediatamente superior à que possuiam na mãe-pátria; assim, o que gozasse legalmente em sua pátria do título de senhoria, toma ao chegar o título de excelência; quem tivesse o de vossa mercê adquire o

de senhoria; o que de todo o mundo recebesse o tratamento de tu, passa a vossa mercê, de modo que o tutear-se desapareceu definitivamente.

Usam-se incessantemente os títulos mais faustosos; em certas cidades decoram-se do título de excelência todas as mulheres brancas, até as dos simples negociantes. A apelação redundante de ilustríssimo senhor é impressa de antemão à testa de todas as circulares; se vosso sapateiro não for um escravo do Congo, aconselho-vos a não declarar no endereço sua profissão, porque ele haveria de vingar-se em vossos pés do insulto que julgaria ter recebido. Em uma palavra, o título de senhoria se estende a todo o mundo, *a não ser nas relações oficiais das autoridades.*

Em sua vida íntima são os brasileiros de extrema frugalidade, o pão sendo considerado objecto de luxo na maioria das famílias e sendo substituído pela farinha de mandioca ou de milho, que, com um pouco de peixe, feijão e alguns frutos, formam a nutrição habitual.

Para o que concerne à população do Rio, não pude obter mais do que os seguintes informes positivos:

Em 1842 foram baptizadas 5.692 pessoas, das quais 3.148 livres e 2.544 escravas; entre as primeiras havia 1.609 do sexo masculino e 1.559 do sexo feminino; entre os escravos, 1.385 eram homens e 1.219 mulheres.

Faleceram no mesmo ano 7.274 pessoas, das quais 3.993 livres (2.362 do sexo masculino e 1.631 do feminino) e 3.301 escravos, dos quais 1.993 homens e 1.308 mulheres; houve durante esse tempo 681 casamentos, dos quais apenas 72 entre os captivos.

No relatório do presidente da província para 1840, encontro as seguintes informações:

	Habitantes
População da província de acordo com os dados oficiais	407.212
Estimativa referente às partes de que não há dados positivos	25.000
População da cidade do Rio (compreendidas todas as paróquias do recinto da cidade)	97.162
As oito paróquias exteriores ao recinto, mas pertencentes à municipalidade	39.916
	569.290

Calculando a população da capital do Brasil em 137.078 habitantes, parece-me ficar muito abaixo da verdade.

O número dos crimes cometidos durante o ano foi de 279, tomando neles parte 392 pessoas. Contavam-se nesse número 315 brasileiros e 77 estrangeiros, repartidos como se segue:

196 brancos, 5 de sangue indígena, 80 de cor e 111 pretos; 340 livres, 25 libertos e 27 escravos. Deste total, apenas 110 sabiam ler e 35 tinham recebido alguma instrução.

Em 1844 o governo avaliava a população da província do Rio de Janeiro em cerca de 450.000 almas, mais da metade das quais escrava. Na raça branca observa-se que o número de homens se sobrepuja ao das mulheres, o contrário acontecendo com referência aos índios, aos mulatos e aos negros e crioulos. Apesar da grande populaçăo europeia que se aglomera da província do Rio de Janeiro, nela ainda se conta um certo número de índios. No município de Niterói contam estes com oitenta famílias ou fogos, afora 106 indivíduos estabelecidos no morro de São Lourenço; supõe-se que sejam restos de uma tribo de Tupiniquins, que ocupava a região no momento da chegada

dos portugueses. *No de Cabo Frio*, a antiga aldeia de São Pedro não conta mais do que dois ou três índios; mas avaliam-se os seus descendentes em 350 ou 400, espalhados pelos arredores. Eram originários dos Guaranis. No município de Campos, os índios, que haviam sido dispersados quando o conde de Linhares se apossou, em nome da coroa, do seu aldeamento de Santo António de Guarulhos, foram novamente reunidos sob os cuidados de três capuchinhos italianos, no lugar chamado São Fidélis de Sigmaringá. Com a morte porém destes veneráveis missionários, a maior parte abandonou o aldeamento; hoje, trinta famílias de Coropós e oitenta de Coroados se acham reunidas no Curato da Aldeia da Pedra, enquanto cerca de quinhentos Puris, que vivem espalhados, alugam seus serviços aos lavradores, à módica razão de 40 cêntimos por dia.

Na aldeia de São Vicente Ferrer há também alguns Puris, bem como em Mangaratiba e Valença.

Tão difícil obterem-se documentos precisos sobre a população do Brasil que penso dever fornecer aqui as outras informações que pude colher sobre o assunto; são extraídas dos relatórios apresentados ao governo pelos presidentes das províncias.

Na província de Santa Catarina a população ascendia, em 1833, a 48.365 indivíduos, dos quais 23.366 homens e 24.899 mulheres; a população escrava não era senão de 7.981 homens e 5.038 mulheres, num total de 13.019 pessoas. População total, 61.384. Em 1838, essa província continha 63.624 habitantes, dos quais 47.966 livres e 13.658 escravos.

Em 1835, a província do Rio Grande do Norte era de 87.901 almas, das quais 38.719 homens livres e 38.972 mulheres da mesma categoria social; os escravos eram em número de 5.139 homens e 5.101 mulheres, ao todo 10.240 pessoas.

No mesmo ano a província do Piauí tinha 92.000 habitantes, dos quais 80.000 livres e 12.000 escravos.

No Espírito Santo a população montava a 26.080 pessoas, das quais 13.574 homens e 12.506 mulheres; esta população era composta de 16.847 livres e 9.233 escravos.

No referido ano havia em Sergipe 167.387 habitantes, dos quais 45.606 homens livres e 68.131 mulheres de idêntica condição; entre os escravos 25.969 homens e 27.681 mulheres. Ao todo, 113.737 pessoas livres e 53.650 escravas.

O Ceará contava em 1837, 199.510 habitantes, dos quais 179.292 livres (90.040 homens e 82.252 mulheres) e 20.218 escravos (10.058 homens e 10.160 mulheres).

São Paulo em 1838 possuía 327.102 habitantes, dos quais 235.712 livres (114.660 homens e 121.058 mulheres) e 91.484 escravos (52.199 homens e 39.285 mulheres).

Terminarei este capítulo com algumas notas sobre a agricultura na província do Rio de Janeiro. Entre os produtos ocupa o primeiro lugar a cana-de-açúcar. Brito Freire, em sua obra intitulada *Guerras do Brasil* (livro I, pág. 47), ao tratar da província de São Vicente, hoje conhecida pelo nome de São Paulo, diz que foi dos indígenas que aí aprenderam a fabricar o açúcar da cana nativa, e que desse ponto é que se obtiveram os rebentos a cuja custa está hoje tão ùtilmente coberta toda a nova Lusitânia.

Lery, que esteve no Rio com Villegaignon, também diz que a cana-de-açúcar era indígena; mas o padre Gaspar da Madre de Deus, em suas *Memórias para a História da capitania de São Vicente* (livro I, pág. 103), diz que Martim Afonso a tinha feito vir da ilha da Madeira, para cultivá-la nos seus domínios. Gaspar Soares, autor da *Descrição geográfica da terra de Santa Cruz*, sustenta por outro lado que a cana-de-açúcar procede da ilha de São Tomé.

Pizarro, em suas *Memórias históricas do Rio de Janeiro* (tomo VII, pág. 69), acredita, sem todavia poder prová-lo, que os primeiros colonos que penetraram nos sertões interiores da capitania de São Vicente, aí encontraram esse útil vegetal; acrescenta que o comandante de Cuiabá, António de Almeida Lara, a tinha mandado buscar nas margens do rio São Lourenço. Supõe-se geralmente que a cana-de-açúcar tenha sido trazida do Oriente pelos Sarracenos, sabendo-se que ela já era cultivada na Sicília pelo meado do século XII. Em 1166, Guilherme II, rei dessa ilha, fez presente ao convento de São Bento de um engenho de cana, juntamente com operários práticos na fabricação do açúcar. Não foi senão em 1420 que a cana passou à Madeira, sob o reinado de D. Henrique.

No Brasil cultivam-se hoje diversas variedades de cana-de-açúcar. Pode calcular-se que a planta leva dezoito meses a desenvolver-se, sendo durante este período que ela produz bom açúcar. De modo geral, e exceptuando o distrito de Campos dos Goitacás, o terreno da província do Rio é pouco favorável à sua cultura, de maneira que ela não rende mais que oito a dez por cento. Uma arroba de açúcar branco vale 2$600, a de açúcar mascavado ou escuro, 1$800 [1]. Cem formas de melaço produzem sete pipas de aguardente e trezentas arrobas de açúcar, e essa quantidade de produtos corresponde a cento e vinte carros de cana. A aguardente é, em média, vendida a 60$000 a pipa. A cana é plantada nos meses de Março a Maio, na mesma época do feijão e do milho.

O café, segundo Pizarro, foi transportado das Índias para o Brasil no reinado de D. Manuel; mas, pouco de-

---

(1) E' muito variável o valor do mil réis; por ocasião de minha viagem, era de cerca de 3 francos, hoje (Julho de 1849) é, quando muito, de 2 francos e 50 cêntimos.

pois, foi extirpado por ordem do governo, sob o pretexto de centralizar-lhe a cultura na Ásia, proibindo-se-lhe o cultivo na América, sob pena de morte. Mais tarde foi o café introduzido no Pará e no Maranhão, da colônia francesa de Caiena. Finalmente, sob o governo de Gomes Freire de Andrade, duas mudas foram levadas para o Rio de Janeiro, por João Alberto de Castelo Branco, que ali fora exercer as funções de Chanceler da Relação. Foram confiadas aos capuchinhos italianos, que as cultivaram num pequeno jardim ao redor da capela, onde prosperaram bem; é nesse lugar que hoje se acha o hospital do corpo dos Permanentes. Quando o vice-rei marquês do Lavradio veio ao Rio de Janeiro, ouviu falar dessas plantas e quis vê-las; para isso foi uma tarde à casa dos padres acompanhado de sua oficialidade e do negociante Hopman, que era muito interessado pela agricultura. Alguns rebentos foram conseguidos pelo último, que os plantou em seu jardim, em Mataporcos.

O bispo do Rio, D. José Joaquim Justiniano, que já vinha desenvolvendo muitos esforços para introduzir a cultura do índigo em sua fazenda de Capão, tentou também a do cafeeiro, distribuindo mudas a diversos eclesiásticos de sua diocese. Mas os primeiros que o cultivaram em grande foram o padre Couto, na estrada do Rio a São Paulo, e o padre João Lopes, no distrito de São Gonçalo.

O cônego Barbosa, que me forneceu esses informes, chegou a ver as duas primitivas plantas, vindas de Caiena em 1782. Sessenta anos depois, em 1842, a safra do Rio de Janeiro era de cinco milhões quatrocentas e vinte e três mil arrobas, avaliadas em 18.002:288$350.

O cafeeiro cresce até o sexto ano depois de plantado, começando ordinàriamente a produzir a partir do terceiro. No Rio, plantam-no em filas, com a distância de dez ou doze palmos; mas a experiência demonstrou a vantagem

de lhe dar maior espaço, de modo que os lavradores mais experimentados o plantam com uma distância de quinze palmos, o que significa que num quadrado de quinze palmos de lado haverá quatro cafeeiros, um em cada ângulo.

O cafeeiro vive geralmente doze anos, mas sua duração depende muito da qualidade do solo em que é plantado. Nas melhores circunstâncias, cada pé pode produzir de três a cinco libras, a partir do quarto ano, mas, não se deve contar com mais de duas ou três libras, em média. O preço do produto é muito variável; em 1843 as qualidades muito finas valiam cerca de 33$600, as de primeira qualidade 34$400, as de segunda 28$800 e as de terceira 14$200. Considerando toda a safra, dever-se-ia tomar como média aproximada o preço de 24$600.

Assim, supondo que existam quatro arbustos numa extensão de duzentos e vinte e cinco palmos quadrados, numa plantação de meia légua quadrada (ou quinhentas braças de lado), ter-se-iam cem mil plantas, que produziriam vinte e cinco a trinta mil arrobas.

O cafeeiro só dá uma colheita por ano; mas às vezes acontece que, por motivo de alguma anormalidade nas estações, todos os frutos não amadurecem ao mesmo tempo, dando lugar a que se façam duas, ou mesmo três colheitas, com três meses de intervalo.

Calcula-se que doze quartas de café verde produzem cinco quartas de café seco, o que, uma vez pronto para o mercado, se reduz ao peso de uma arroba.

Avalia-se em quatrocentos e cinquenta a quinhentos milhões de braças quadradas a área ocupada pela cultura do café na província do Rio de Janeiro; cerca de dois terços dessa superfície acha-se já esgotada por essa cultura.

O cafeeiro pode ser plantado durante toda a estação chuvosa, mas, no Rio de Janeiro, a época mais favorável parece ser de Setembro a Dezembro. A colheita é feita

ordinàriamente de Março a Agosto, mas, às vezes, só se verifica em Setembro ou mesmo em Dezembro. A planta prospera principalmente nos morros pouco elevados e expostos à face leste; nos vales a folhagem é mais densa, mas o fruto menos abundante do que nos terrenos montanhosos.

Na província do Rio começa-se a adoptar um novo método de preparar o café, que lhe dá maior valor nos mercados da França e da Inglaterra. Graças a esse processo a arroba [1] chegou a alcançar o preço de 5$000. Consiste o processo em descascar e lavar em reservatórios o café colhido em perfeita maturidade, a fim de libertá-lo de toda a parte mucilaginosa, secando-o depois em mesas de pedra, e assim limpando-o fàcilmente de todos os detritos terrosos; assim se evita que tome o cheiro resultante da fermentação.

O seguinte quadro dará idéia das colheitas da província do Rio no ano de 1842.

	Quantidade em arrobas	Valores em mil réis
Café	5.483.031	18.002:288$350
Açúcar	567.287	878:857$178
Fumo (34.357 rolos)	78.014	360:016$196
Algodão fiado	317	5:978$768
Algodão bruto	24	
Algodão em tecidos (5.025 varas)	—	
Arroz (38.830 alqueires) .	—	141:509$523
Aguardente de cana (4.002 pipas)	—	220:682$620

(1) A arroba vale quatorze quilos e meio.

No que respeita aos animais domésticos criados na costa do Brasil, direi apenas que os bois, em pé, pesam de nove a dezoito arrobas, ou doze arrobas em média. A carne é geralmente magra, calculando os magarefes que não vai além de oito arrobas, mais ou menos, o que retiram de um boi, entrando ainda naquele cômputo uma boa terça parte de ossos. Os chifres são de ordinário pequenos; supondo cortados rente com a cabeça, os dois pesam em média seis libras. Em 1842 exportaram-se no Rio 190.115 couros crus e 32.228 curtidos. Os carneiros, em pé, têm cêrca de quarenta libras de peso e podem dar uma arroba de carne. A lã perde neles a aparência que possui nas regiões temperadas, tornando-se verdadeiro pêlo; em menos de dois anos essa transformação se produz, nos carneiros trazidos da Europa. Os carneiros da costa do Brasil são quase sempre brancos, ao passo que os porcos são, pelo contrário, pretos e de tamanho muito pequeno. Os cavalos ficam também aquém do tamanho que adquirem na Europa.

O clima do Brasil parece favorável à indústria da seda e, embora em parte alguma da América se encontre espontâneamente o *Bombyx mori*, possui o Brasil várias espécies grandes de *Saturnia* de asas vidradas, muito vizinhas de *Saturnia Cynthia* e *S. Mylitta*, cuja seda é empregada na China e em Bengala, desde muitos séculos. Várias pessoas se ocuparam ùltimamente com a criação desses interessantes insectos; o Dr. Chavannes estudou-os no Rio de Janeiro e o Sr. Machado de Oliveira no Espírito Santo. Contudo, que eu saiba, ninguém ainda tentou essa criação em larga escala; apenas os ensaios em ponto pequeno demonstraram a possibilidade de criar essas espécies como o bicho-da-seda, e durante todo o correr do ano, o que significa imensa vantagem.

Seguiremos particularmente aqui uma nota que no Rio me enviou o primeiro daqueles naturalistas.

A criação do bicho-da-seda pode ser feita nas partes quentes do Brasil, em domesticidade, isto é, em estufa, ou senão ao ar livre, nas árvores que lhe servem de alimento. Por infelicidade, no último caso, as lagartas estão sujeitas a serem devoradas pelos pássaros, ou, principalmente, atacadas pelos vespões e outros himenópteros que pululam nestas regiões. Poder-se-ia talvez contornar estas dificuldades, envolvendo as árvores com uma espécie de rede, de malhas mais ou menos apertadas. Na criação em domesticidade, é necessário dispensar constantes cuidados às larvas quando novas, observando-se apesar disso uma mortalidade infinitamente maior do que entre os insectos criados ao ar livre. E' ainda de notar-se que, neste último caso, o desenvolvimento se processa de modo uniforme em todos os indivíduos, que atingem tamanho aproximadamente igual no mesmo lapso de tempo, ao passo que o crescimento das larvas varia muito, quando criadas em recinto fechado. Finalmente, os bichos-da-seda indígenas, notàvelmente sedentários quando em liberdade, tornam-se, pelo contrário, muito mais vagabundos do que o *Bombyx mori*, quando criados em captiveiro.

Para conseguir o acasalamento, basta fixar a fêmea num pedaço de cortiça ou de *pita* (haste da *Agave vivipara*), que se suspende ao ramo de alguma árvore não muito alta; ao raiar o dia os machos virão fecundá-la. No dia seguinte começa a postura, finda a qual o insecto não tarda a morrer. O peso dos casulos frescos varia muito, por culpa principalmente da diferença que existe entre as crisálidas dos machos e das fêmeas. Encontram-se casulos frescos cujo peso varia ordinàriamente entre 7 gramas e 8,8 gramas; mas o peso médio é de cerca de 5 gramas, donde serem necessários cento e oitenta a duzentos casulos para perfazer um quilo. A crisálida é quem entra com a maior parte, pois ela sòzinha pesa entre 3 e 7 gramas. Para as crisálidas mortas e secas, são necessários uns qui-

nhentos casulos para fazer um quilo, o que significa pesar cada casulo cerca de 2 gramas. Depois de sofrerem a eclosão e perderem o primeiro envoltório, serão precisos mil casulos para completar um quilo, o que corresponde ao peso de 1 grama por cada um. Se esvaziados dos restos deixados pela lagarta e pela crisálida, serão precisos mil e duzentos a mil e quinhentos para completar um quilo, o que quer dizer que um casulo inteiramente vazio pesa de 7 a 8 decigramas. Entretanto, uma boa parte deste peso é formada pelo glúten que dá aderência aos fios e à uréia ou ácido úrico espalhado sob a forma de poeira brancacenta entre as camadas do casulo; isso, em última análise, reduz a *seda pura* a 3 decigramas e meio ou 4 decigramas. São, por conseguinte, necessários mais ou menos dois mil e quinhentos casulos para se obter um quilo de borra de seda crua, completamente limpa de glúten. Oito mil casulos de *Bombyx mori* não alcançam maior peso, donde se conclui que o bicho-da-seda indígena do Brasil produz quatro vezes mais seda que um casulo do bicho-da-seda comum, originário da China.

O mais comum dos bichos-da-seda brasileiros, durante três ou quatro noites sucessivas, põe cento e cinquenta a duzentos ovos brancos, ovóides e achatados. Do oitavo ao nono dia perdem eles o achatamento, adquirindo uma coloração azulada; do décimo ao undécimo dia sofrem a eclosão, que pode ser todavia retardada de um ou dois dias, no caso de uma queda da temperatura.

Duzentos e dez ovos recentemente postos pesam um grama; são pois precisos seis mil e seiscentos ovos para fazer uma onça. A lagarta recém-nascida tem 6 milímetros de comprimento, e atinge 8 a 10 centímetros, ao cabo de trinta ou trinta e cinco dias. Do trigésimo oitavo ao quadragésimo segundo dia começa a fiar o casulo, que fica pronto no fim de três ou quatro dias. A borboleta sai ho-

bitualmente da crisálida ao cabo de dois meses; mas em muitos casos leva muito mais tempo. A eclosão ocorre quase sempre durante a noite. Afigura-se-me provável que estes bichos-da-seda poderiam ser aclimatados na Argélia.

A pesca da baleia é praticada em grande parte das costas do Brasil, podendo calcular-se entre seiscentos e mil o número de cetáceos mortos durante cada ano. Informações precisas só pude colher com referência à pesca realizada nos arredores da Bahia.

A baía de São Salvador, ou de Todos os Santos, a cuja margem fica a cidade da Bahia, foi sempre o refúgio favorito das baleias. Afirmam os pescadores que elas entram todas as manhãs, mas nunca ali pernoitam.

A pesca começa todos os anos a 13 de Junho e termina a 21 de Setembro, com a captura, em média, de quinhentas a duas mil baleias. Essa indústria é, por assim dizer, monopolizada por um certo número de especuladores, que possuem grande quantidade de escravos. Quando a temporada lhes parece rendosa, aumentam material e pessoal, alugando embarcações e contratando homens livres.

São em número de cem a cento e vinte as embarcações empregadas nessa pesca; são leves, conquanto sòlidamente construídas. Têm de comprimento 14 a 15 metros, mas sua largura é pequena. Suportam bastante pano, mas têm apenas uma vela de grandes dimensões, que pode ser içada ou abaixada com muita facilidade, de modo a diminuir um pouco a velocidade da embarcação, quando isso se torne necessário para mudar de direcção ou perseguir a presa. A equipagem consta de dez tripulantes. Os homens livres ganham 9$600 por toda estação, com direito, em cada dez dias, a dez quartas de farinha de mandioca, além de uma gratificação de 160 réis. Cada embarcação deve possuir um arpão, com três palmos de ferro; um facão de dois palmos e meio, de que o mergulhador se serve quando vai ferir a baleia debaixo da água; quatro ou cin-

co lanças de braça e meia de comprimento, para sangrá-la; nove arpões, guarnecidos cada qual de uma sólida espia de oito braças, a que faz continuação uma longa corda de cento e vinte braças, que se deixa correr, quando a baleia se põe em fuga, ou mergulha; finalmente, ela deve dispor de cordas bastante fortes para arrastar a baleia para a praia, quando ela já está enfraquecida ou moribunda. O espostejamento é feito por meio de facões de quatro palmos de comprido, e não exige mais que três homens para cada baleia. As caldeiras utilizadas no fabrico do óleo são de pequenas dimensões e geralmente cabem, em cada uma, nove baldes; são montadas sob vastos barracões, construídos em diversos pontos da costa.

Não se distinguem aqui mais que duas espécies de baleias: o cachalote e a *baleia grande*, ou simplesmente baleia. Esta última dá oitocentas a mil canadas de azeite (cada uma com cerca de dez garrafas), mas o primeiro frequentemente não dá mais do que trezentas a quatrocentas. Em média, o valor do azeite orça por duzentos a trezentos mil réis.

Dizem os pescadores que, todos os anos, a partir de 1 de Junho, as baleias viajam para o norte, voltando para o sul depois de 21 de Setembro, como se acompanhassem a monção.

Em São Salvador, a pesca da baleia dá ocupação a cerca de duas mil pessoas, calculando-se em 200.000 francos o rendimento que disso auferem. Estendendo o cálculo a toda a costa do Brasil, se pode elevar a dez ou doze mil o número das pessoas que vivem dessa pesca durante a estação propícia, e a perto de um milhão (de francos) o capital por ela produzido.

A carne da baleia é comida pelo povo e aparece sempre posta à venda nos mercados; essa carne é coriácea mas não é tida como nociva.

CAPITULO IV

PARTIDA DO RIO DE JANEIRO PARA O INTERIOR. — CHEGADA A MINAS GERAIS.

Desde a chegada ao Rio, comecei os preparativos para nossa grande viagem, porquanto todo o mundo nos aconselhava deixar a cidade antes do mês de Setembro, a fim de não sermos na região das montanhas surpreendidos pelas chuvas torrenciais que nesta época se iniciam; mas a organização da caravana oferecia grandes dificuldades, mormente pelo facto de sermos ainda muito bisonhos na língua portuguesa e conhecermos apenas os costumes da terra. Nosso armamento e o volume do material que tínhamos de transportar, exigiam cuidados de que dificilmente se fará idéia, principalmente levando em consideração o facto de que no Brasil tudo é feito com a maior lentidão e só se pode contar com qualquer coisa depois de pronta.

Tomei a meu serviço um francês de nome Mayer, que já tinha viajado em várias províncias do Brasil e da Argentina, e além disso se recomendava pelo conhecimento que tinha das línguas portuguesa e espanhola. Devia ele, na qualidade de mordomo, tomar a direcção da parte material da expedição. Contratei ainda mais alguns outros franceses, entre os quais um chamado Guilherme, antigo militar, grande literato e admirador entusiasta das doutrinas de Fourier, que havia resolvido, segundo dizia, a partir de então, levar uma vida exclusivamente intelectual, em-

bora condescendesse às vezes em passar a escova em cavalos ou mulas. Destaquei-o particularmente para o serviço do barómetro, razão pela qual vangloriava-se de pertencer à secção científica da expedição. Passou a votar uma espécie de culto à sua preciosa bagagem, olhando sempre para ela com profundo respeito. A lentidão extrema de seus movimentos fez-me considerá-lo particularmente indicado para a guarda de aparelho tão delicado. Possuía extravagante erudição, entremeando as frases com sentenças tiradas aos filósofos de todas as idades, sentenças cujo sentido ele estava longe de compreender e eram aplicadas da maneira mais cómica. Em suma, para ser um grande filósofo, faltava-lhe apenas uma coisa: ser menos beberrão.

Vinha eu, desde muito tempo, à procura de cavalos, mas a questão mais séria era a compra da tropa que devia levar nossa bagagem, operação tanto mais difícil quanto nenhuma experiência tínhamos nessa matéria. Compramos a princípio vinte mulas, pelo preço de 60$000 cada uma (nessa época, cerca de 185 francos), deixando-as, até o dia de nossa partida, na fazenda de Itocaia, onde mandamos também construir as cangalhas e mais o restante para equipá-las. Cada animal, de acordo com a praxe do país, deveria carregar seis ou sete arrobas de trinta e duas libras portuguesas cada uma. Adquirimos também ponchos, grandes mantos de pano grosso, forrados de sarja, e que se vestem enfiando a cabeça através de um buraco em forma de botoeira, aberto no meio. As roupas protegem perfeitamente o corpo contra a chuva, sendo preferíveis a quantos mantos de borracha possam existir. Munimo-nos finalmente de botas, cujo cano alto sobe acima do joelho, protegendo a perna contra os espinhos e os insectos. Compramos também grandes *sombreros* e redes, para nos servirem de camas, no caso de ficarem inutilizadas as de ferro oco, que tínhamos trazido. Mandei também fabricar canastras adequadas às mulas e caixas de folha-de-flandres para

as colecções. Durante estes preparativos, exercitávamo-nos no manejo das armas. No começo de Setembro, já cuidadosamente acondicionadas as colecções destinadas ao Jardim das Plantas e tudo parecendo estar pronto, reunimos a tropa, com o fim de experimentar o modo pelo qual deveríamos carregar nela nossa bagagem. Com a nossa confiança de verdadeiros neófitos, nada seria mais divertido de ver-se do que o nosso espanto diante da primeira mula, no momento em que ela, ao receber a carga, corcoveou com violência, fugindo desabridamente e deixando espalhados por todos os lados os objectos que lhe tinham sido destinados. A segunda deixou-se cair em terra, assim que sentiu o peso da carga, o mesmo fazendo todas as seguintes, até a última. Mayer declarou que o facto não tinha explicação. Fiz, porém, vir um tropeiro da terra, que nos deu a chave do enigma. Nossas mulas nunca tinham transportado carga alguma, pelo que seria necessário fazermos nós a sua educação.

Por outro lado, tinham tais dimensões as caixas que nos fabricaram e tão pesada era a madeira empregada na sua construção que, mesmo vazias, pesavam mais do que a carga normal; não havia outro remédio senão fazer tudo de novo. Extenuado de aborrecimentos, sobressaltos e contratempos, fui a 2 de Outubro atacado por uma febre perniciosa, que por pouco faria fracassar a expedição, antes mesmo que houvesse começado. Graças aos cuidados dos Drs. Weddell e Ildefonso, e ao emprego de grandes doses de quinino, senti-me dentro em pouco reviver; mas a minha convalescença foi das mais penosas; declarara-se uma gastralgia e extrema era a minha fraqueza. Não obstante, de todos os lados aconselhavam-me a abandonar a cidade, que se tornara muito insalubre sob a influência do excessivo calor, pelo que, no dia 12, à meia-noite, parti do Rio numa falua, até a qual foi preciso que me levassem carre-

gado. Ao me dizer adeus, o Sr. Taunay mal podia disfarçar seus tristes pressentimentos, enquanto o bom Dr. Ildefonso fez questão de acompanhar-me até as montanhas da serra. Os Srs. Weddell e Deville vieram comigo, mas o Sr. d'Osery ficou no Rio, para acabar de organizar a expedição, à testa da qual deveria juntar-se a nós, ao cabo de alguns dias.

Violento temporal, que nos tinha retardado a partida, recrudesceu durante a noite. Nunca hei de me esquecer dos grandes sofrimentos por que passei durante esta primeira fase da viagem, que, como se vê, começava sob os mais tristes auspícios.

Às seis horas da manhã do dia 13 de Outubro de 1843 entramos no rio Inhumirim, cujas margens são baixas, alagadas e insalubres. O curso do rio é muito sinuoso e atravessa matas muito densas, embora de árvores pouco elevadas. Às sete horas da manhã chegamos na povoação de Porto da Estrela, que é constituída de umas cinquenta casas, mal construídas e de mau aspecto; mas, há no lugar extraordinária actividade, devida aos numerosos comboios de tropas que nele aportam, provenientes de todos os pontos do interior, e trazendo as diferentes mercadorias que devem ser embarcadas, para continuar a viagem através da baía. Nesse lugar as febres são de tal modo frequentes, que o Dr. Ildefonso, em vista de meu estado de saúde, não achou prudente deixar-me nele permanecer, mesmo por pouco tempo. Fui assim compelido a montar imediatamente o meu cavalo, em busca de um ponto mais elevado. Tal era o meu estado de fraqueza que houve necessidade de me susterem sobre o animal. Eu não saberia exprimir os padecimentos que sofri este dia, em que me vi obrigado a percorrer uma planície de três léguas portuguesas, debaixo do sol ardente. Em cada abrigo que encontrávamos eu descia para descansar alguns instantes. Passamos por vários ranchos, espécies de coberturas sustentadas por es-

teiros, e que servem de abrigo às caravanas de tropeiros, muitas das quais havíamos encontrado ao longo do caminho. Todos os homens que vimos nessas tropas estavam armados de fuzil e traziam uma grande faca. O caminho por onde íamos era tortuoso; dirigia-se quase sempre para o norte, inclinando-se de 5 a 10 graus para leste; era acidentado apenas por pequenos morros de granito recobertos de detritos gnáissicos. Ao meio-dia, alcançamos finalmente a fábrica de pólvora, onde fomos recebidos com a mais franca hospitalidade pelo general Pardal, director do estabelecimento. Nesse lugar pude fazer, durante algumas horas, o repouso de que tanto necessitava; mas, depois do meio-dia, tive a tristeza de ser obrigado a me separar do Dr. Ildefonso, que voltou para o Rio de Janeiro. Não tenho expressões para traduzir o reconhecimento que devo a esta excelente pessoa pelos cuidados todos que teve comigo, durante a doença. A casa em que ficamos era situada na raiz mesmo da serra da Estrela, que por sua vez não passa de uma parte da cadeia de montanhas conhecida com o nome de serra dos Órgãos. Como o vento da tarde me houvesse reanimado um pouco as forças, decidi-me a seguir o conselho de deixar quanto antes a região baixa e paludosa onde ainda nos encontrávamos, para subir a serra, cujos píncaros víamos apontar por cima de nossas cabeças. Pusemo-nos a caminho às cinco horas da tarde, rumo à casa do Sr. José Dias, para quem o general nos tinha dado uma carta de recomendação. Os outros lugares para os quais tínhamos apresentações semelhantes ficavam muito distantes para que nos fosse possível alcançá-los antes de anoitecer. Para chegar ao sopé das montanhas, tivemos de passar em frente da Mandioca, antiga residência do Sr. Langsdorff; vimos com pesar que essa habitação, outrora encantadora, já agora se achava em completa ruína. Passamos adiante por um pequeno hospital fundado pelo mesmo personagem, e depois nos internamos

pela mata que cobre toda a cadeia de montanhas. A subida da serra foi muito fatigante, não só por causa da inclinação das encostas, como pela construção mesma do caminho, que é inteiramente pavimentado de largas pedras irregulares, sobre as quais escorregava a cada momento a pata de nossos cavalos. O meu, principalmente, só a muito custo andava, pois que me faltavam as forças necessárias para governá-lo. Nossa situação se tornou ainda mais desagradável em consequência de uma chuva fina, que nos veio surpreender quando íamos ainda a meio da viagem. Ainda assim, e a despeito dos meus padecimentos, não podia deixar de admirar as magníficas montanhas que nos rodeavam, sentindo um novo alento ao respirar o ar puro e fresco dessas alturas. Alcançamos por fim, ao cair da noite, a casa que todos desejávamos. Como o dono não estivesse presente, fomos recebidos pelo irmão, que nos fez estender colchões pelo chão e nos deu logo as boas noites. Os companheiros de viagem estavam mortos de fome; até mesmo eu, graças à mudança de clima, sentia uma necessidade de alimentar-me como há muito tempo não experimentava. Mas a mula que trazia nossos víveres tinha ficado atrás, e era visível que não poderíamos contar com o dono do pouso para conseguir o que quer que fosse para matar a fome. "A casa de José Dias, diz o Sr. Weddell, não foi convenientemente assinalada nos nossos papeis; haveremos de nos lembrar constantemente dos inúmeros esforços, sempre infrutíferos, que fizemos para fazer sentir a esse Dias que muito prazer teríamos em comer um de seus frangos, ou pelo menos alguns restos de seu queijo. Mas tudo debalde, ele nada nos ofereceu. Foi perder tempo contar-lhe que nos haviam recomendado dar alguma coisa ao nosso companheiro doente, para lhe aumentar as forças; ele permaneceu inflexível. A muito custo é que pudemos arrancar dele um miserável copo d'água, que repartimos ostensivamente entre todos, com a ideia de espi-

caçar-lhe um pouco o amor próprio. Por fim, descoroçoados, íamos já nos deitar em nossos colchões, quando um assobio bem conhecido nos anunciava que estávamos salvos: era a mula com as nossas provisões, pela qual há muito não mais esperávamos. Ceamos, imaginando que o nosso hospedeiro iria corar ao ver como esses afaimados apetites se atiravam aos comestíveis alheios à hospitalidade que lhe havia sido solicitada; muito longe disso, sentou-se também à mesa e compartilhou de nossa refeição".

A 14 de Outubro, antes de deixar esse pouso em nada hospitaleiro, concordamos em que o Sr. Weddell iria procurar, num povoado vizinho chamado *Quarteis Novos*, o administrador da casa do major Koehler, para onde nos dirigíamos, e onde nos haviam prometido confortável estadia. Deste passeio, que o fizera atravessar magnífica floresta, voltava ele em breve, com um bilhete para o caixa de Córrego Seco. Pusemo-nos então a caminho; a subida, embora mais íngreme em certos lugares do que a da véspera, oferecia maior firmeza às patas de nossos cavalos e mulas, não sendo mais calçada a partir do *Alto da Serra*, ponto de onde descortinávamos esplêndida vista, estendida por sobre as montanhas, até uma parte da própria cidade do Rio de Janeiro. Não tardou que avistássemos o ponto por nós visado. O aspecto da habitação nada tinha de encantador, pois, apesar de pertencer ao Imperador, que a havia emprestado ao major, ela não passava de uma choça miserável, de paredes cheias de fendas e janelas sem vidraças. À medida que galgávamos a montanha a temperatura tinha constantemente descido, de modo que já sentíamos frio em nosso pouso actual. Acomodamo-nos mal ou bem na nova residência, com a ideia de esperar a vinda do restante de nossa caravana. Os dias 15 e 16 foram consagrados ao estudo das produções naturais das redondezas. Minha saúde experimentava notável melhora e já me era possível distanciar-me um pouco da casa. E' inexprimível

o contentamento com que, em condições muito melhores, eu contemplava a vegetação pujante e vivaz que nos cercava. Mais da metade das espécies de plantas que agora encontrávamos era diferente das que tínhamos visto nas montanhas das cercanias do Rio de Janeiro. Os fetos arborescentes apareciam em muito maior abundância, mas as palmeiras eram mais escassas, com excepção apenas do *Astrocaryum Ayri*, fácil de reconhecer pelo caule eriçado de longos espinhos pretos. Os pássaros se tinham tornado muito mais numerosos, e víamos de quando em quando algumas espécies de brilhante plumagem. Mas a nossa colecção de insectos é que aumentava mais do que qualquer outra em exemplares interessantes. Capturamos, entre outros, várias espécies de lindos carabídeos, do gênero *Agra*, que víamos às tardes subindo pelos troncos das árvores, ou por entre as folhas enroladas, onde iam à cata de lagartas; *Ozenas* que, quando agarradas, fazem ouvir como os *Brachinus* dois ou três estalidos, espalhando ao mesmo tempo um forte cheiro de ácido azótico; *Ptilodactyla*, que encontramos no chão, próximo aos troncos podres, ou sobre os caules das plantas. Esses insectos marcham com rapidez; quando caem de costas, fazem duas ou três voltas céleres em torno de si mesmos e põem-se sobre as patas. Os *Pedinus* afluem em grande número aos lugares mais expostos ao sol; marcham com lentidão, mas, à semelhança dos *Membracídeos*, saltam com energia quando se tenta pegá-los. Coleccionamos também, em paus podres, várias espécies de *Passalus*, de *Philcurus*, de *Globarium*, de *Ocopientus*; à noite os escaravelhos *Pan* e *Enema* voavam frequentemente na borda da mata, produzindo forte ruído, à custa do atrito do abdome de encontro às extremidades dos élitros.

Absorvidos nesses trabalhos, íamos já nos reconciliando com a nossa residência, a despeito de seu aspecto de-

vastado, quando a 16, ao cair da tarde, recebi um recado do major Koehler, avisando-me que o Imperador tinha resolvido fazer obras na casa, pelo que no dia seguinte um personagem da corte nela devia se instalar. A 17, pela manhã, tivemos pois de deixar, não sem saudades, um asilo que nos haviam oferecido para passar toda a estação e no qual pensávamos pelo menos esperar a chegada de nossa caravana. O pouso modesto de então está hoje transformado na cidade de Petrópolis.

Para felicidade nossa porém antes de deixarmos o Rio, o cônego Januário nos tinha dado uma carta para um de seus confrades, morador duas léguas adiante. Durante o caminho vimos, pela primeira vez a *Araucaria brasiliensis*, ou pinheiro do Brasil, que semelha imenso candelabro, e cujo cimo, agitado pelo vento, como que gira sobre si mesmo. O pouso de Sambambaia, ou melhor Belo Monte, que agora demandávamos, pertencia ao cônego Correia. Foi, sob todos os pontos de vista, a melhor morada que encontramos desde nossa partida do Rio. Pareceu-nos que o cônego não ficou muito contente com a chegada de tantos estrangeiros; assim é que, embora nos tivesse recebido com todas as formalidades da polidez brasileira, nos fez sentir que sua casa, que aliás a nós se afigurava imensa, não tinha espaço para conter três pessoas a mais. Chamou um dos escravos e deu-lhe ordem para nos conduzir à *venda*, sujo botequim que havia na vizinhança, onde, à custa de nosso dinheiro, nos foi dado para dormir uma espécie de pátio, calçado e exposto a todas as intempéries. Tivemos de compartir esse tugúrio com vários negros e uma infinidade de cães, porcos e galinhas. E' impossível narrar quanto me custou, sofrendo como estava, suportar todas essas misérias, tanto mais quanto o sono se me tinha tornado impossível pelos gritos e risadas imbecis dos negros, que passaram a noite a jogar cartas, em frente à porta. En-

tretanto, para ser justo, devo acrescentar que o cônego procurou compensar essa falta de hospitalidade no tocante à dormida por meio de muito boas refeições, que nos fornecia duas vezes por dia. Na hora própria um escravo vinha nos chamar, pondo os dedos na boca, por ver que nada compreendíamos do que ele nos dizia. Tratávamos então de segui-lo, o mais depressa possível. Fazia-nos o cônego à nossa chegada uma longa fala, condimentada com os títulos de *Excelência* e *Senhoria*, que ouvíamos sem nada entender. A seguir nos púnhamos a devorar o almoço, depois do qual éramos reconduzidos ao nosso refúgio.

O doutor, que havia aprendido algumas palavras de português em suas numerosas excursões pelos arredores do Rio, decidiu-se um dia, muito compenetradamente, a ser o nosso intérprete. Os mais engraçados quiproquós nos sucediam a cada momento; mas, ainda assim, víamo-nos desde então menos isolados do que antes. Em casa do *Padre* encontramos um jovem naturalista italiano, vindo na flotilha napolitana que trouxe a imperatriz, um português que andava em sua companhia, e mais ainda um parente do reverendo, moço de temperamento jovial e intrépido caçador. A *venda* em que estávamos pertencia ao Padre; nela se encontravam os artigos de primeira necessidade, proporcionando bons lucros ao seu proprietário, visto como as tropas fazem sempre parada no lugar. Afora estas vendas, encontram-se sempre nesta parte do Brasil *ranchos* ou barracões, dos que já tive ocasião de falar; já tínhamos passado por sete ou oito, depois de havermos partido do Porto da Estrela.

A localidade em que estávamos era bastante alta para fazer frio. Há nela belas plantas, mas poucos insectos. Estes, na sua maioria, pertencem a gêneros europeus, tais como *Stenus, Paederus, Omalium, Apion, Ptilinus*, etc. O Sr. Deville matou um bonito tangará e um surucuá de bar-

riga amarela. Colecionamos também muitos beija-flores, geralmente muito raros nas imediações do Rio de Janeiro; zumbiam em grande número em torno das flores de uma espécie de solanácea, aqui muito abundante; eram de espécies bastante numerosas e nos deixavam chegar tão perto que era quase possível agarrá-los com a mão. Quando os espantávamos, com um tiro, ou qualquer outro modo, momentâneamente desapareciam, mas não tardavam a voltar às suas árvores favoritas. Fazem ouvir com frequência um grito breve, principalmente se experimentam qualquer emoção. Por essas alturas estávamos inteiramente livres de mosquitos; em compensação éramos agora terrivelmente atormentados pelos *carrapatos*, espécie de Aracnídeo. Esse animal, cujo corpo é achatado e duro, introduz na pele toda a porção anterior do corpo, o que obriga a arrancá-lo com força, dando lugar a uma irritação muito incômoda e persistente. O Sr. Weddell colecionou nesse lugar uma série de fetos, novos para ele; vimos muitas vezes três ou quatro destas plantinhas vegetando sobre uma espécie arborescente da mesma família. Ele também achou alguns cipós muito singulares; um, particularmente, de 18 a 20 centímetros de largura para um comprimento de 30 a 40 metros, tinha o caule achatado como uma fita. Não foi sem grande dificuldade que ele conseguiu uma amostra das folhas dessa bela *Bignonia*.

Não mais podendo suportar aquela pocilga em que estávamos vivendo, resolvemos partir na manhã de 20 de Outubro; mas soubemos, vivamente contrariados, que os animais não puderam ser encontrados. Gastou-se todo o dia em procurar os animais perdidos, mas à tarde fizemos uma excursão aos arredores, com o fito principal de observar certos pássaros que, ao dizer dos habitantes, se reuniam todas as tardes para dançar, em verdadeiras quadrilhas. Não tardou que descobríssemos o pássaro em questão, que

outro não era senão o tangará, ou "manaquim-tié". Esse facto prova ainda uma vez a perspicácia admirável com que sabia Cuvier apreender as relações naturais dos seres vivos, por isso que, no método por ele adoptado, os manaquins são colocados imediatamente ao lado dos galos-da-serra, que têm hábitos semelhantes, como foi observado por Schomburgk.

No dia seguinte encontraram-se os animais transviados, pelo que nos aprestamos para a partida. Ao nos despedirmos do cônego, ele nos deu duas cartas de recomendação, uma para Magé, primeiro ponto em que íamos tocar, e outra para Sumidouro, lugar situado uma légua mais adiante. No momento de montarmos a cavalo, apareceu um bando de foliões recrutados em todas as choupanas da vizinhança, com tocadores de música à frente e fazendo com estes barulho ensurdecedor. Acabavam de celebrar o domingo na *venda*, como era de seu costume. Atravessamos belas matas, que se entreabriam frequentemente, deixando-nos ver magníficas paisagens. São encantadoras estas perspectivas, mormente em região de montanhas. Passamos por várias *fazendas*, perto das quais, como de hábito, havia sempre no caminho uma *venda* ou *rancho*, com vários postes fincados em frente, a fim de terem os viajantes onde amarrar os animais. Numa montanha costeada por nós a floresta ardia, ouvindo-se o estalar das árvores que tombavam, como se fossem estampidos de mosquetaria. Pareceu-me o caminho espantosamente longo; entretanto só havíamos percorrido duas léguas portuguesas quando chegamos à fazenda de Magé, onde fomos encontrar o Sr. Weddell, que tinha seguido na frente, para anunciar nossa chegada ao morador do lugar. Mas o pobre homem não estava em condições de nos receber; havia já três dias que fora atacado de violenta disenteria, depois de haver perdido dois filhos, pela mesma causa, pois era grande a de-

vastação que a moléstia ia fazendo nos arredores, juntamente com a escarlatina.

Instalamo-nos como foi possível em nossa nova fazenda, onde nos aguardavam ainda muitas outras contrariedades. Como fazia muito frio, os infelizes negros se lembraram de acender uma grande fogueira no salão que ficava em baixo do cómodo em que estávamos, vimo-nos toda a noite envolvidos pela espessa fumaça que passava através das frestas do assoalho. Todos estes contratempos fizeram com que tivéssemos a vontade de deixar Magé, logo depois de aí chegarmos. Sem embargo, a paisagem que nos rodeava era bastante bonita, estendendo-se de todos os lados matas frondosas. Empregamos o dia 22 em estudar, por entre a fumaça, os objectos que tínhamos coleccionado. À noite saímos para explorar os arredores; durante o passeio tivemos a atenção vivamente despertada pelo som produzido por um sapo de gigantesco tamanho, som que se assemelha, a ponto de nos enganar, com a pancada de um machado. Dão a esses reptis o nome de *ferrador*. O campo estava todo iluminado por uma prodigiosa multidão de vagalumes e de *Elater* luminosos. A 23 deixamos o pouso. Na carta de recomendação que trouxemos dizia-se que haveríamos de pagar com largueza; assim, fomos tratados de modo consentâneo. Deviam, sob todos os pontos de vista, ter ficado contentes com a nossa passagem, pois o doutor teve a satisfação de ver que os seus cuidados tinham salvado a vida do nosso hospedeiro. Teve porém de ouvir a história dos pequenos males de quatro ou cinco senhoras que habitavam a casa. Fez quanto pôde para contentá-las, testemunhando ao mesmo tempo o singular temor que têm os brasileiros pela vacina; pois, ao perguntar se era vacinada a criança que uma delas trazia, viu que esta logo se levantou e fugiu sem nada dizer, temendo de certo que se quisesse fazer à viva força aquela ope-

ração em seu filho. A 25 deixamos finalmente Magé, às dez horas da manhã, chegando duas horas depois em Sumidouro, onde fomos encontrar uma casa exteriormente muito limpa, mas escangalhada por dentro, como a maioria das casas da serra. Ao lado ficava a *venda* e, frente a esta, o *rancho* de rigor. O povoado de Sumidouro não tinha mais que duas outras casas habitadas, além da nossa, o que não o impedia de ser, naquela época, o lugar mais importante do caminho. Tinhamos a nossa disposição apenas um quarto, razão pela qual o doutor, para evitar o atravancamento do espaço, quis instalar-se numa espécie de galeria aberta que servia de antecâmara ao primeiro andar. Nosso hospedeiro, porém, que estivera ausente, acabava de chegar com a chave de uma porta existente na extremidade da galeria, dizendo-lhe: armai aqui as vossas redes e estejais à vontade. O novo cómodo oferecido ao Sr. Weddell era a capela.

Antes de irmos mais longe, lancemos um olhar retrospectivo sobre o caminho que tinhamos acabado de percorrer.

Desde que entramos na região das montanhas nossa direcção era sempre para o norte, com uma inclinação de 10 graus para leste. A formação geológica era constituida de granitos eruptivos, de cumes arredondados e cónicos, recobertos por uma ténue camada de terra vegetal e às vezes de detritos gnáissicos. Passamos o primeiro affluente do Piabanha por uma ponte sem importância; atravessamos depois o leito principal do rio, cuja largura é de cerca de 10 metros, sobre uma ponte de madeira, do dobro de comprimento. O rio, que passa muito apertado, parece aumentar muito na época das grandes chuvas. A estrada, depois da primeira ponte, começa a acompanhar o rio Tamanti, que é atravessado várias vezes, ora por meio de pontes, ora a vau. Nesta parte observam-se as maio-

res diferenças no tocante à vegetação ou às condições topográficas. As montanhas graníticas se apoiam numa série de contrafortes alinhados com bastante ordem. Consideráveis jazidas de cristal de rocha, amorfo e um pouco leitoso, encontram-se de par com o granito. A terra vegetal, por vezes argilosa, tem cor amarela ou vermelha; é formada, evidentemente, de detritos do granito e contém, em grande quantidade, fragmentos de quartzo e lâminas pequenas de mica. O rio Piabanha circula entre montículos; tem a aparência de uma torrente e seu leito ora é muito largo, ora estreito. A direcção da crista da serra, ou da linha divisória das águas, parece nesta região dirigir-se do norte para o sul. As cadeias e os contrafortes de abaixamento se entrosam uns com os outros, derivados da crista do relevo principal. A estrada de Magé a Sumidouro corre quase francamente para oeste, com um leve desvio para o norte.

O povoado do Sumidouro está encaixado entre altas montanhas que o cercam de todos os lados e fica numa profundidade de 60 pés; as águas límpidas do Piabanha, um dos afluentes do rio Paraíba, rolam com estrépito por entre rochedos, numa série de pequenas cascatas. A meu pedido, trouxeram-me o único peixe que, segundo dizem, se encontra nessas águas; tem o mesmo nome do rio e é bom para se comer.

Desde que deixamos o Rio de Janeiro, a farinha e os biscoitos passaram a substituir o pão. De carne nem mais se falava; mas havia galinhas em abundância, pelo que não tínhamos de nos queixar, em matéria de alimentação. Fizemos excursões encantadoras pelas margens do Piabanha, que muitas vezes éramos obrigados a atravessar, por cima dos troncos de árvores amontoados pelas enchentes. Seria difícil encontrar paisagem mais interessante do que a oferecida por essa torrente, que ora escachoa com vio-

lência de encontro aos grandes penhascos que se erguem em meio à sua passagem, e ora deslisa tranquilamente através de uma série de canais, formados pela acção contínua das águas sobre a superfície dos rochedos.

A 25 tivemos a grande satisfação de receber uma carta do Sr. d'Osery, pela sorte do qual já nos achávamos bastante apreensivos; dava-nos a notícia de que a tropa tinha chegado finalmente a Porto da Estrela, depois de uma demora em Praia Grande, motivada pelo extravio de alguns animais, e que se aprestava para partir imediatamente. Enquanto esperávamos a chegada de nosso companheiro de viagem, aplicávamos o tempo em estudar os produtos naturais da região. Trouxe-me um negro uma cobra coral, notável pela sua bela cor escarlate. Tinham-lhe separado quase completamente a cabeça do corpo e parecia morta; mas, quando me pus a desenhá-la, começou a contorcer-se violentamente, e assim se manteve durante mais de uma hora. Os negros ainda nos trouxeram, em grande quantidade, exemplares do gorgulho imperial (*Entimus imperialis*), tão conhecido dos coleccionadores por causa do brilho de seus reflexos metálicos. Descobrimos ainda uma porção de coleópteros quase microscópicos, da família dos *Pselaphidae*, tidos geralmente como peculiares à região temperada, mas que foram por mim encontrados abundantemente em toda parte da América tropical. Um desses insectos despertava interesse particular; era uma espécie de *Claviger*, que habita, como seus congéneres europeus, o ninho de uma formiga preta. Achamos debaixo de pedras alguns *Elmis*, enquanto um dos nossos conseguiu capturar um *Oxycheila tristis*, insecto encontrado nas rochas e que produz, quando capturado, um ruído bastante forte. Esta mistura de espécies tropicais com formas próprias dos climas temperados é característica dessas montanhas. A vegetação tinha uma *facies* completamente exótica, facultando ao nosso botânico a colecta de lindos exemplares, en-

tre os quais limitar-me-ei a citar uma soberba *Lobelia*, de flores cor-de-rosa agrupadas numa grande espiga de perto de dois pés de comprimento, e uma magnífica orquídea, com a altura de um metro e portadora de imensa panícula de grandes flores amarelas. Verificamos aqui o facto altamente interessante de que não existe um só grupo europeu de insectos que não tenha representantes no Brasil. Durante o verão, são estes encontrados na planície, ao passo que nas montanhas eles ocorrem durante todo o ano.

O estudo comparativo dos insectos e plantas da localidade em foco demonstra outro facto, digno de toda atenção; é que, ao passo que os primeiros apresentam aspecto nitidamente europeu, a vegetação, pelo contrário, conserva nessas altitudes, aparência inteiramente tropical. Na noite de 28 tivemos uma forte tempestade; no *rancho* fronteiro à nossa casa estavam acampados os negros, que dançavam à moda africana, misturando em singular contraste, seus bárbaros gritos de alegria aos rugidos da tormenta, ecoados pelas montanhas. Havia nas proximidades belas plantações de café; mas o fruto não é de boa qualidade, por causa da altitude e do frio do lugar. Afinal, no dia 31, tivemos, por um viajante, notícias de nossa caravana; tinha sido encontrada em Córrego Seco, mas, triste era sabê-lo, nas mais desastrosas condições. Três mulas e um cavalo tinham fugido do pasto na noite anterior; as *cangalhas* tão mal se adaptavam ao corpo dos animais que estes tinham sido cruelmente maltratados, a ponto de vários ficarem fora de serviço. A tarde, uma tropa de pessoas do país nos trouxe seis de nossas cargas, sem o que o Sr. d'Osery se teria visto na contingência de abandoná-las na estrada, por falta de meios de transporte. Nosso companheiro chegou à noite, acompanhado por um português moço chamado Castro, que ele conhecera no Porto da Estrela e que muito o havia ajudado nas suas aflições. Trouxe-

ram-nos a notícia desanimadora do desmantelo completo da caravana: muita coisa nos haviam já ensinado algumas léguas de marcha. As mulas eram muito novas e as *cangalhas* tinham sido feitas sem o menor conhecimento do assunto. Mayer não entendia coisa alguma da incumbência que aceitara; nossos *tocadores* europeus muito menos; mas estes, pelo menos, desempenharam-se com boa vontade.

Mal tinham deixado o Porto da Estrela e já as mulas despejavam as cargas no chão, ou se deitavam, sem que nossos homens, inexperientes, conseguissem fazê-las levantar. No primeiro dia não foram dados mais do que alguns passos. No dia seguinte, depois de mil dificuldades, fora possível contratar um *tocador brasileiro;* mas não tardou a abandonar o emprego, desanimado com o desarranjo da tropa. Por fim, a custa de esforços incríveis e graças ao auxílio do Sr. Castro, pôde o Sr. d'Osery trazer a tropa até Córrego Seco. Mas aí declarara nosso novo companheiro que ela teria de estacionar até o juízo final, a menos que tivéssemos com que pôr novos meios à sua disposição. Seis de nossas mulas chucras tinham sido trocadas por seis mulas experimentadas, com as respectivas cangalhas; mas não levou muito tempo para ver-se que nos haviam dado animais velhos e imprestáveis. Convencemo-nos de que, antes de tudo, era indispensável dar descanso à caravana, aproveitando o tempo para resolver de que maneira haveríamos de sair de semelhante embaraço.

Trouxeram-nos nesse mesmo dia um animal esquisito, conhecido entre os brasileiros pelo nome de "preguiçoso", ou preguiça; é muito comum nas matas e vive sempre sobre as cecrópias, de cujos brotos se alimenta. Os movimentos da preguiça são muito lentos, não tanto porém como se tem afirmado, e muito semelhantes aos do urso. O animal trepa com facilidade, agarrando-se enèrgicamente aos ramos. Fizemos minucioso estudo anatómico desta es-

pécie, que é conhecida entre os naturalistas franceses pela denominação de *Aï à dos brûlé;* é o *Bradypus gularis* de Buppel, e existe no Museu Britânico com o nome de *Yellow faced Sloth.*

A 1.º de Novembro o Sr. Weddell foi ao encontro de nossa caravana, que ainda não tinha chegado. Em Magé já encontrou o bom Guilherme, que tocava um lote de cargueiros; estava no caminho, à espera de que alguém aparecesse para ajudá-lo a carregar os animais. Mais adiante, alcançou o Sr. d'Osery e o jovem Castro, que tocavam o grosso da tropa, e, depois, encontrou Eugênio, um de nossos franceses, que vinha à rectaguarda, muito vexado, e não sem razão, porque a cada passo as mulas davam bruscas sacudidelas, disparando em galope desenfreado e pondo por terra a carga, à força de coices. Poder-se-á avaliar o grau de nosso desespero imaginando que eram os nossos instrumentos de astronomia, obras primas da casa Gambey, as vítimas de tantos maus tratos. Afinal, na tarde deste dia, conseguimos reunir todos os restos da caravana; mas, na manhã seguinte, verificamos que duas de nossas mulas tinham fugido durante a noite. Uma delas foi encontrada, mas a outra, animal de alto preço, não mais apareceu, como tão pouco um tocador brasileiro, contratado na véspera e cuja afeição por aquela bela besta já tinha sido notada. Reunidos em conselho, deliberamos arranjar um tropeiro da terra, para que ele nos levasse a nossa bagagem até Chapéu de Uvas, que tem a fama de ser a capital dos burros e das cangalhas e onde nos asseguravam que haveríamos de reorganizar a nossa tropa.

Como não me permitisse o estado de saúde marchar com a mesma rapidez da caravana, ficou combinado que eu ficaria atrás com o Sr. Weddell, viajando em curtas jornadas, até o ponto marcado de encontro. A 5, tudo pronto para a partida, despedimo-nos do nosso hospedeiro,

depois de saldarmos uma conta que nos fez pagar mais caro pela farinha de mandioca do que o melhor jantar em Paris. Durante o dia paramos, para descansar, na propriedade do Secretário, pertencente ao Capitão José Manuel. Aí encontramos um francês, que trabalhava no ofício de serralheiro; tinha naufragado no Peru e aqui arribara.

A vasta propriedade em que nos encontrávamos sustentava duzentos escravos e outros tantos animais de tropa; abrange vastas plantações de café e de cana-de-açúcar, possuindo usina própria para o beneficiamento da última. Grande aguaceiro nos reteve nesse lugar mais tempo do que desejávamos e tornou o caminho tão escorregadio que, quando tivemos de subir a ladeira que precede Pampulha, nossos cavalos caíam de joelhos a cada momento. Fomos por fim obrigados a descer e puxá-los pelas rédeas, não sendo sem grande dificuldade que alcançamos o alto da colina. Nas bordas da estrada crescia em profusão certa espécie de *Bougainvillea*, coberta inteiramente de magníficas brácteas cor-de-rosa, do mais belo efeito. Às cinco horas chegamos a Pampulha, após uma viagem de cerca de quatro léguas. Instalámo-nos num pequeno quarto sujo e húmido da venda, onde nos serviram muito boa refeição.

O dia 6 foi dos mais quentes; mas esse inconveniente foi esquecido fàcilmente, diante da magnificência dos quadros que nos foi dado contemplar. Atravessamos florestas imponentes, cortadas aqui e acolá por córregos, que formavam encantadoras cascatas. O caminho, muito mau, passava por entre rochedos. Vimos muitas aves e uma abundância extraordinária de borboletas vistosas. Descemos os últimos contrafortes da serra dos Órgãos, e depois de uma marcha de cinco léguas, chegamos às margens do Paraíba, que atravessamos numa balsa, muito bem construída. Na margem oposta acha-se situada a cidade do mesmo nome, onde fomos recebidos com a maior hospitalidade na

casa do Sr. Antunes, que nos apresentou sua mulher, polidez muito rara no país. O pai do dono da casa, que viajara muito pelo interior, deu-nos interessantes pormenores sobre as províncias que íamos percorrer.

Depois de Sumidouro, a direcção do caminho é geralmente para o norte, ao passo que a das montanhas é de leste para oeste. Vimos numa barroca uma jazida de greda cinzenta, com veios pardacentos e roxos, devidos à presença de óxido de ferro. Os granitos, que formam sempre a composição geológica do país, apresentam alguns depósitos superficiais de argila. O solo é, de regra, uma terra vermelha, composta de detritos de rocha granítica. Desce-se até o Paraíba, atravessando uma sucessão de gargantas e espigões, sempre em direcção perpendicular ao eixo da serra. Nas proximidades do rancho da Encruzilhada, aparecem gnaisses bem caracterizados; têm cor cinzento-azulada e seus estratos, muito compactos, não têm mais do que duas ou três linhas de espessura. Esses gnaisses, sublevados evidentemente pelo granito, correm paralelamente ao axe do rio; seu mergulho é norte 15 a 20 graus oeste. Assim, as camadas são levantadas para o sudeste, a 15 ou 20 graus do sul. À medida que desce para o rio, as camadas de gnaisse se tornam menos inclinadas, aproximando-se mais e mais da verticalidade, até que, ao chegar ao rio, se tornam efectivamente quase verticais. Elas aí contêm grande quantidade de granadas, e apresentam, graças ao óxido de ferro, uma tonalidade avermelhada, ou mesmo cor de ferrugem. Perto do rancho da Encruzilhada o mergulho das camadas é tal, que ele corresponde a um ângulo de 3 ou 4 graus apenas com o plano vertical, tendo-se assim a prova de que o levantamento se processou do sul para o norte, isto é, de Porto Estrela para o Paraíba, erguendo as camadas cada vez mais, à medida que se chega mais perto deste último. O Paraíba corre em direc-

ção ao nordeste e tem o curso muito tortuoso; no ponto em que o atravessamos, a correnteza é pouco rápida, mas diz-se que o contrário acontece durante a estação chuvosa, quando atinge, segundo no-lo informaram, a velocidade de doze milhas portuguesas por hora. Aliás, a largura e a correnteza do Paraíba variam conforme as localidades e as estações do ano. E' ele muito encachoeirado, tanto acima como abaixo da cidade, constando que algumas de suas quedas têm de 4 a 5 metros de altura. Os rochedos, que se estendem até o meio do rio, tornam impossível a navegação.

De acordo com as informações que nos foram ministradas, os brigues podem subir o Paraíba, desde o mar até São João da Barra; desse ponto até a cidade de Campos só podem subir grandes barcaças ou faluas, e depois, até a Freguesia de N. S. das Dores, a navegação só é possível em simples canoas.

Em Ubá, que está situada a três léguas e meia da cidade de Paraíba, o rio se engolfa entre dois rochedos elevados e muito juntos um do outro. Já dissemos que a cidade de Paraíba se acha à margem esquerda do rio do mesmo nome. Foi construída num terreno cedido gratuitamente pelo marquês de Santo Amaro, que, segundo dizem, descende de um cacique índio; possui uma centena de casas, todas de um só andar, mas muito limpas. Parte delas está edificada em torno de um grande largo, enquanto as outras de construção moderna como as primeiras, formam várias ruas, divergindo do centro principal. Por ocasião de nossa passagem pela cidade, haviam acabado de plantar na cidade uma grande quantidade de coqueiros. Vimos como se trabalhava activamente na construção de uma bela ponte, destinada a substituir a que foi destruída pela última insurreição. Já três pilares se achavam construídos. A ponte deveria ter setecentos e vinte palmos de

comprimento total, muito embora, naquela estação, a parte ocupada pela água não tivesse de largura mais de trezentos e sessenta palmos. Como todas as construções da cidade, era feita com um lindo gnaisse azul, extraído de uma pedreira nas margens do rio. E' pouco importante o comércio da cidade; seria sem dúvida nulo, se a sua posição não a tornasse ponto de descanso quase necessário às caravanas que passam pela estrada de Minas. Há nos arredores muito belas plantações de café, de cana-de-açúcar e de milho. Construía-se também uma igreja na freguesia; segundo nos informou o cura, havia na aldeia novecentos e cinquenta e um fogos.

Tínhamos o desejo mais vivo de examinar detidamente uma das grandes lavouras do país, pelo que nos decidimos a utilizar a carta de recomendação que nos tinha dado o Sr. Hilário de Andrada, um dos homens mais influentes e mais hospitaleiros da província. Ofereceu-se para ser o nosso guia um moço, parente do Sr. Antunes. O caminho que tínhamos de percorrer desvia-se um pouco da linha directa e tem pouco mais de quatro léguas. Deixamos às nove da manhã a família que nos tinha acolhido com tanta amabilidade, a ponto de nos fazer esquecer a falta de hospitalidade dos moradores de Estrela.

Percorremos a princípio uma légua de terrenos, em estado mais ou menos avançado de cultivo. Por toda parte em que penetrou a indústria humana, toma a natureza um aspecto triste, em comparação com a magnificência das florestas virgens; vêem-se por todos os lados os tocos dos gigantes abatidos, e os restos carbonizados que se encontram em cada canto atestam que a civilização veio precedida pelo incêndio. Erguem-se nos campos enormes ninhos de térmitas (cupins), alguns com mais de metro e meio de altura, por meio metro de diâmetro. São construídos de terra, têm consistência muito sólida e lembram

grandes frades de pedra, de pontas arredondadas. Não tardou que deixássemos a leste a estrada grande, para entrar numa majestosa floresta, cujas abóbadas de folhagem faziam sombra densa por sobre as nossas cabeças, protegendo-nos inteiramente contra os ardores do sol. Em alguns pontos a mata era constituída de imensas touceiras de bambus, alguns dos quais altos de mais de 15 metros; sua leve folhagem, de cor verde claro, entrelaçava-se graciosamente, balouçando-se ao menor sopro do vento. Antes de chegarmos à casa do morador, atravessamos grandes plantações de cana e de café. Fomos cordialmente recebidos pelo Sr. Hilário, tão digno de referência pela sua bela presença, quanto pela polidez e simplicidade de maneiras. Essa propriedade possui cerca de duzentos escravos, um quinto dos quais mulheres. Destas, as que não são ainda casadas, moram numa divisão inteiramente separada. Cada casal recebe como dote um pedaço de terra, para cultivar como lhe convenha. Ficamos sabendo que, a despeito do bom tratamento dispensado aos escravos nesta fazenda, o número deles decrescia anualmente numa proporção de cinco por cento. A maioria das crianças morre de moléstias diversas entre quatro e dez anos de idade, explicando-se o deficit de natalidade em relação aos óbitos, pelo número menor de mulheres do que de homens. Um escravo nascido e criado na fazenda vale mais do que um negro trazido da África; este, porém, é preferível a um crioulo que tenha passado por vários senhores. O Sr. Andrada mostrou-nos sua propriedade com todo pormenor; levou-nos a ver seus engenhos, que são bem montados e providos de máquinas movidas a água, coisa que ali existe em abundância. As construções são belas e espaçosas, os jardins bem cuidados. Vimos com interesse particular um hospital, em que os negros são tratados com todos os cuidados possíveis. Os doentes, na sua maioria, estavam atacados de hidropisia.

Às nove horas da manhã do dia 8 deixamos a fazenda, começando por atravessar imensas plantações e avistando logo depois o Paraibuna, que marca a fronteira entre as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essa circunstância não influiu pouco no prazer extraordinário com que viram meus olhos aquele rio, cuja largura, por ser a época de águas mais baixas, era pouco maior que a do Sena, na ponte das Tulherias. Corre ele num vasto leito de pedras escuras, que nesta estação de seca se achavam quase a nu. O caminho ladeia durante algum tempo as margens do rio; ao percorrê-lo, podemos admirar, nas árvores à beira d'água, bandos de periquitos, que enchiam o espaço com a sua algazarra.

Desde que deixamos o Paraíba, as rochas eram constituídas sempre de um gnaisse muito parecido com o granito. O Paraibuna corre para leste, com um desvio de 10 a 20 graus para o sul; serpeia entre margas de gnaisse, compostas nessa região de camadas muito torturadas e contorcidas, mas que no seu conjunto parece inclinarem-se para o leito do rio.

Passamos rente a um imenso rochedo de gnaisse granítico, cuja altura é aproximadamente de 150 metros e apresenta, de certo lado do rio, uma muralha vertical de cerca de 100 metros; esse lado é quase paralelo ao vizinho cotovelo do Paraibuna. Deve atribuir-se essa curiosa formação geológica a uma corrente, que teria tido aproximadamente o mesmo leito do Paraibuna actual, mas muito mais larga e impetuosa. Nenhuma planta crescia nesta vasta superfície, em que parece difícil que até os próprios lagartos se possam suster. Os granitos sobre que o rio corre têm cor preta, ou antes verde escura, provàvelmente por causa da presença do óxido de ferro. Esse granito se parece muito com um gnaisse cujos estratos tivessem sido contorcidos de todas as formas por violentas revoluções. A tem-

peratura das águas era de 23 graus centígrados, ao passo que a do ar era de 22°,2.

A ponte do Paraibuna tinha sido queimada pela revolução de Minas, em 1842; ficaram os pilares de pedra. Trabalha-se agora na sua reconstrução. Deverá ter cinco pilares e as duas cabeceiras. Fizeram-nos pagar, para atravessar a ponte, um direito de trânsito, que atingiu a soma de 6 francos, pela passagem nossa e dos cinco animais de sela. E' por meio de obstáculos desta natureza que se procura cercear a circulação numa região nova, onde o governo deveria, pelo contrário, empregar todos os esforços para facilitá-la. Mostrou-nos o encarregado da cobrança granitos e cristais de rocha rolados que tirara do leito do rio, e bem assim um pedaço de pedra calcária contendo pirita de cobre.

CAPITULO V

DE PARAIBUNA A OURO PRETO

A província em que acabamos de entrar é célebre em todo o mundo pela riqueza de suas minas; por infelicidade, porém, seus habitantes, absorvidos na exploração dessas riquezas do solo, deixaram a cultura dos campos em lamentável abandono. Como tínhamos uma carta de apresentação para um fazendeiro rico da zona, dirigimo-nos para sua casa, situada a cerca de três léguas do rio e meia légua à esquerda da estrada principal. Deixando a beira do rio, o caminho vira para o norte e começa logo a subir; dá muitas voltas e às vezes domina o rio. A terra vegetal apresenta uma cor vermelha, devido ao granito que lhe serve de base e de que foi originada. Logo ao subir a primeira rampa acima do rio, vêem-se no caminho fragmentos bastante grandes de mica branca; a seguir, o granito se torna verde carregado. O caminho sobe coleando até o rancho chamado *Rocinha do Negro*, distante do rio uma meia légua; sobe depois as sinuosidades da rocha, até que, vencidas estas, toma a aparência das estradas da Europa; pareceu-nos muito bonito, comparando com os que acabávamos de percorrer. Essa estrada é nivelada e notam-se no solo por ela percorrido fragmentos de quartzo, de feldspato e de mica. Atravessa-se mais adiante uma abundante jazida de quartzo hialino e compacto, chegando-se depois em granitos verdes, de grãos muito finos e da

cor do anfibólio compacto. Num dos cotovelos da estrada encontra-se de novo o Paraibuna, que é atravessado numa leve ponte de madeira. O caminho, depois daí, sobe através de granitos verdes e chega a um rancho pertencente à fazenda que íamos visitar.

As cercanias da fazenda da Soledade parecem-se muito com as da que tínhamos acabado de deixar; os morros que a rodeiam estão plantados com café, cana-de-açúcar e milho; há cercas de distância em distância, para impedir que fujam os animais. As casas de morada, bastante grandes, estão dispostas de modo a formar conjunto muito agradável à vista, e limitado, de um lado, pelo Paraibuna, que é atravessado por uma ponte, fechado por uma barreira, e, de outro, por uma série de morros arredondados. Podíamos ouvir o canto cadenciado das longas filas de trabalhadores negros, que preparavam o solo, para o plantio do algodão. Ficamos muito contrariados ao saber que o dono da casa, o Sr. Antônio José da Silva Pinto, tinha saído a caçar na companhia de alguns amigos, o que nos pôs na contingência de esperar tristemente a sua volta, durante várias horas. Todavia, haviam preparado excelente jantar, de que deveríamos participar, quando se ouviu o ruído de cavalos, anunciando a chegada de nosso hospedeiro, que vimos entrar rodeado de uma porção de cavaleiros e escoltado por negros, que traziam, pendurados em varas, diversos porcos do mato, mortos pelos caçadores. Era um bonito velhote, de nobre fisionomia cheia de franqueza, que nos tratou com a mais cordial hospitalidade. Durante a noite, o tempo mudou, começando a chover e fazendo-nos preocupados quanto ao dia seguinte; efectivamente, o escravo que trazia todas as manhãs nosso café anunciou-nos que chovia torrencialmente.

Ao meio-dia o tempo clareou e fizemos selar os cavalos; mas a tempestade recrudesceu imediatamente, pelo

que tivemos de ceder às instâncias do nosso hóspede, passando com ele o dia, por sinal que muito agradàvelmente. Havia nesta fazenda cerca de duzentos escravos, cuja aparência de boa saúde e jovialidade chamaram a nossa atenção. Ficamos sabendo, com satisfação, que os castigos eram muito raros; o procedimento dos negros era ordinàriamente excelente; não havia mesmo lembrança de casos de roubo. Entre estes duzentos escravos havia trinta casados, habitando cada casal domicílio independente. A maior parte dos outros vivia numa grande casa dividida em quartos de seis pés quadrados, contendo cada um seis indivíduos; as mulheres solteiras nunca saíam da casa do dono. Os casamentos fazem-se na igreja e são indissolúveis. Todas as crianças são baptizadas, recebendo então o único nome pelo qual devem ser chamadas pelo resto da vida.

Os produtos principalmente cultivados na fazenda são o café, a cana, o milho, o arroz e o algodão. Colhe-se também indigo, que cresce espontâneamente, vendo-se ainda alguns pés de chá, que se conservam mais por curiosidade do que mesmo como artigo de comércio.

Um ano depois de semeado, é o algodoeiro um arbusto que começa a produzir, garantindo anualmente colheita abundante de capulhos, cuja fibra é fiada e tecida pelas próprias da casa. Os tecidos assim fabricados servem ordinàriamente para o vestuário dos negros e ao fabrico de sacaria para o café. São, no primeiro caso, tingidos de anil, ou com o sangue de drago, o *barrancá* ou o *curibá*. O preço da arroba de algodão, no pé, era em média de 4$000 (cerca de 12 francos). Cada arbusto é susceptível de produzir durante 20 anos. Acompanhamos com grande interesse as operações por que passa o café, antes de ser entregue ao comércio. A planta nova, vinda da semente, não entra em franca produção antes do quinto ano; não obstante já se colhem frutos a partir do segundo. A

colheita é feita por mulheres e crianças, que transportam o produto, em cestos ou carrinhos, para um terreiro bem liso, onde o café é esparramado, para secar ao sol. O fruto é submetido em seguida à acção de imensos pilões movidos a água, ou por animais, a fim de que se lhe desprenda a casca; os grãos, depois de peneirados, são escolhidos pelos negrinhos, que deles separam todos os fragmentos e impurezas; são finalmente ensacados e enviados para o comércio.

O arroz e o milho formam quase toda a alimentação dos escravos. Planta-se o primeiro nas baixadas planas, não tão pantanosas todavia como as dos Estados Unidos. O segundo dá melhor nas montanhas e é ordinàriamente plantado nos cafèzais, nos intervalos existentes entre os cafeeiros novos; dá, em regra, cerca de cento e cinquenta por cento e comido quase sempre sob a forma de farinha. Nos engenhos de açúcar, fabrica-se também aguardente, às custas do melaço resultante das operações de clarificação; usa-se mesmo, às vêzes, o suco da própria cana, que se deixa fermentar durante três dias, em grandes cubas de madeira, e que é, em seguida, submetido a uma só destilação. A aguardente feita com o melaço é perfeitamente clara e extremamente forte; mas tem sabor desagradável.

A 10, deixamos esta mansão hospitaleira, fazendo cinco léguas e meia de caminho, por magnífica estrada e através de sítios encantadores, para cuja beleza contribuía o rio *Paraibuna*, que em grande parte do trajecto tivemos de acompanhar. Passamos o arraial de Juiz de Fora e dormimos sobre tábuas, numa espécie de hospedaria, que a 11 deixamos, depois de detestável almoço, em desagradável contraste com a sumptuosa mesa dos fazendeiros, de que éramos hóspedes. Tivemos este dia uma pequena contrariedade, das com que deve habituar-se o viajante que anda por essas regiões. Depois de longa caminhada, perguntamos a um transeunte a que distância estávamos ainda de

Chapéu de Uvas, para onde nos dirigíamos; respondeu-nos que distaríamos quando muito uma meia légua. Uma hora mais tarde, como não aparecesse o povoado, interrogamos novamente um natural do lugar, que nos informou estarmos ainda a duas léguas e meia. Cito esse facto, aliás sem importância, sòmente para evocar as mesmas brincadeiras de mau gosto a que o estrangeiro se vê sujeito na Europa, e principalmente em Paris. Chegamos por fim ao vilarejo procurado, que se compunha de umas 15 ou 20 casas e onde, no rancho que precede a fazenda de António Alves Pereira, fomos encontrar a nossa tropa, já descansando aí desde a véspera. Pouco tardou que nos metêssemos no meio dos camponeses do lugar, discutindo com eles o que para nós era o mais importante de todos os assuntos, a saber, a reorganização de nossa tropa.

Desde a saída da fazenda do Sr. Silva começamos a atravessar solo gnáissico, cujos estratos, dirigidos do sul para o norte, mergulham de 8 a 10 graus para o sul; esse terreno é atormentado e encerra consideráveis camadas de quartzo bem estratificado. Na superfície encontra-se também terra vermelha, em estratos irregulares; aparecem, em seguida, justapostos ao gnaisse, granitos cinzentos em grandes blocos, às vezes porfiróides. Quarenta e oito horas de permanência na povoação demonstrou-nos a impossibilidade de nela reorganizar a nossa tropa, pelo que tomamos a resolução de adiar esse projecto para quando chegássemos em Barbacena. No Brasil, nada é possível conseguir no lugar em que nos encontramos; mas sempre nos garantem que, mais adiante, tudo será fácil. Pousamos no lugarejo chamado Pinho Novo, situado a meio caminho de Barbacena e onde tudo dá a impressão da mais extrema miséria. Deixamos a 14 este melancólico retiro, dizendo adeus, não sem grande sentimento de pesar, às belas matas virgens em que até então nos tínhamos achado. An-

tes de chegar à região dos campos, onde fica o rancho do Nascimento, devíamos galgar a serra da Mantiqueira, em cujo cume tem começo o grande planalto de Minas Gerais. Fizemos esta ascensão debaixo de grande chuvarada. A estrada não estando ainda concluída neste trecho forçou-nos a tomar por um caminho muito mau, que as chuvas tinham tornado muito escorregadio e quase impraticável, fazendo com que os nossos cavalos caíssem a cada passo, sob o nosso peso. Assim, foi com extraordinária alegria que atingimos o ponto culminante da serra, cuja altura, por meio do barómetro, verificamos ser de 1.000 metros, acima do nível do mar. Os campos diferem muito em aspecto daquilo que havíamos suposto; são formados de morros, quase todos da mesma altitude, e cobertos de vegetação herbácea, com excepção apenas de alguns pontos em que aparecem, à semelhança de oásis, pequenos trechos de mata. Entre as gramíneas, vêem-se por toda parte os ramalhetes lilases das flores de uma melastomácea, as lindas corolas róseas de uma encantadora *Pavonia*, e as pétalas amarelas ou vermelhas de várias espécies de bonitas leguminosas. As palmeiras, que nos tinham acompanhado até os limites da mata, desapareceram quase inteiramente; só a *Astrocarya* aparecia uma vez por outra, ou o *Cocos oleracea*, cultivado em alguns lugares. Nos arredores de Chapéu de Uvas, observou o Dr. Weddell um esplêndido representante desta família (*Attalea compta*), cujas vastas folhas verdes apresentam aspecto muito particular, devido à direcção lateral dos dois lados. Mas o que tínhamos perdido de um lado, ganhávamos por outro. As *Araucaria*, essa soberba conífera da América Meridional, tornara-se de tal modo abundante, que na orla de certas matas chegavam a constituir a vegetação quase exclusiva; reapareciam, não raro, nos capões situados no meio dos campos. As torres da igreja de Barbacena foram por nós avistadas, assim que entramos na zona despida de florestas.

Na mata, havia só a estrada por onde viemos; nas planícies, pelo contrário, ela se divide em mil caminhos, cuja cor avermelhada os faz destacar por entre a vegetação. O caminho desce às vezes em grotas, mas, de modo geral, vai sempre subindo até Barbacena. Uma légua antes de chegar à cidade atravessamos, por uma pequena ponte coberta, o rio das Mortes, cuja direcção nesse lugar é de su-sudoeste e corta a estrada perpendicularmente. Esse córrego, por intermédio do rio Grande e do Paraná, é um dos formadores do rio da Prata. O Registro Velho, situado perto da ponte, compõe-se de oito a dez casas, agrupadas à margem do rio.

A partir de Chapéu de Uvas o solo era constituído de gnaisse, de camadas fortemente inclinadas do norte para o sul. O Sr. d'Osery mediu inclinações de 40 a 50 graus. O terreno é violentamente enrugado e atormentado, contextura de que também participa a terra vermelha que cobre o gnaisse. Muitos fragmentos de um itacolumito muito friável são encontrados pelo caminho; estes fragmentos pertencem a planos do gnaisse, espaçados, paralelos e orientados de este para oeste. Começam estes itacolumitos a aparecer na vizinhança do rancho de Benfica. Ao nos aproximarmos da Mantiqueira achamos gnaisses e a passagem para o terreno de itacolumito; depois um terreno muito revolvido, onde este mineral forma filões no gnaisse e no granito. A fragmentação é em grãos grossos, dando à rocha a aparência de mosaico. Os gnaisses passam do vermelho ao violeta e ao cinza; sua estratificação é, em geral, do norte para o sul. A direcção geral da serra é de nordeste a sudoeste, e a estrada que seguíamos é-lhe perpendicular. No cume da serra as camadas do gnaisse aproximam-se da horizontalidade, mergulhando um pouco para o sul. Depois, no novo caminho que começa no alto da montanha, a rocha apresenta ondulações, que correm para o nordeste. Encontra-se adiante a mesma formação gnáis-

sica, fortemente sublevada e intumescida, com filões de itacolumito em forma de mosaico. Entre Registro Velho e Barbacena atravessam-se um ou dois filões de feldspato correndo de leste para oeste, e jazidas de marcas cinzentas ou pretas.

Impressionou-nos Barbacena pelo seu aspecto sorridente, apesar do capim que cresce nas suas três ou quatro ruas, e do seu reduzido número de habitantes; mas havia bem tempo que não víamos qualquer população. Passamos em frente de duas igrejas, uma das quais, começada desde muito tempo, parecia fadada a nunca ser concluída.

Só ao entrar na cidade verificamos ter perdido as cartas de recomendação que nos haviam dado para diversos moradores. Vimo-nos muito embaraçados, descobrindo a muito custo um péssimo albergue, onde nos demos por muito satisfeitos, apesar de sua extrema sujidade. Fizemos uma visita ao vigário, que sabia alguma coisa de francês e graças ao qual fomos conduzidos a diversos dos principais habitantes do lugar. Contavam-se entre estes dois médicos; um deles, que dizia ter feito os seus estudos médicos na Europa, revelou-nos importante descoberta que acabara de fazer, da transformação de uma *formiga em musgo!*

Já um seu colega do Rio nos havia consultado sobre uma observação não menos curiosa: tratava-se da faculdade, por ele atribuída a certa árvore de sua vizinhança, de desviar a agulha imantada. Tentamos repetir a tal experiência em sua presença sem nada conseguir; mas ele não se deu por vencido, declarando que a bússola de Gambey não prestava para nada.

Barbacena não era, há cem anos atrás, mais que uma aldeia miserável de seis ou oito casas, chamada Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo. Só em 1791, quando o marquês de Barbacena permitiu que lhe dessem o seu nome, passou ela a ter o título de vila, anexando ao seu pa-

trimónio grandes propriedades, cedidas por um rico morador. Em 1841 foi elevada à categoria de cidade. A primeira igreja paroquial era no lugar chamado hoje Registro Velho, situado uma légua ao sul da cidade actual. Alguns habitantes da cidade nova, victoriosos numa contenda que tiveram, em consequência de uma desinteligência, com os de Registro, arrebataram a padroeira da igreja de Nossa Senhora da Piedade, colocando-a num pequeno templo de madeira, mais tarde substituído por uma igreja de pedra. A cidade é centro de uma paróquia que conta com cerca de 18.000 almas, aí inclusos os negros das fazendas.

A cidade sòzinha tem perto de 4.000 habitantes. A água é escassa. O planalto de Barbacena, cuja altitude média é de 1.172 metros, dá nascimento ao Paraibuna, ao rio da Prata e, um pouco além da cidade, ao rio São Francisco.

A 18, pela manhã, recebemos a visita de um francês estabelecido desde alguns anos na cidade, onde tinha exercido a profissão de engenheiro, sendo, nessa qualidade, encarregado da construção de um trecho da nova estrada. Todavia, depois do movimento revolucionário que estalou em Minas, foi não só destituído do cargo, mas ainda preso. Havia três meses que tinha aberto uma loja, para a venda de fazendas, bebidas, etc. Parecia muito satisfeito com os seus negócios. Nosso compatriota, que se chamava Renaud, tinha viajado largo tempo em várias províncias do Brasil, e morado entre os Botocudos. Fez empenho em dar-me um vocabulário da língua desses selvagens, procurando ser-nos útil por todos os meios. Aconselhou-nos a não ficar muito tempo na baiuca para onde tínhamos consentido que nos levassem, e acabou por conseguir que nos instalássemos numa das melhores casas da cidade.

Cientificou-nos que havia as maiores dificuldades para a organização da nossa tropa em Barbacena. Isso por-

que, embora essa cidade seja o centro para o qual convergem as numerosas caravanas que vão e voltam das minas, por preço nenhum poderíamos nela encontrar nem mulas, nem cangalhas, nem tropeiros. Em Ouro Preto, porém, tudo isso seria, pelo contrário, muito fácil. Felizmente já tínhamos então feito a nossa experiência com referência a essas situações, pelo que declaramos que não deixaríamos a cidade senão depois de conseguir o nosso principal objectivo. Nesse meio tempo, entregávamo-nos às investigações habituais. Pouca coisa de interesse oferecia o reino animal nos vastos campos que rodeiam a cidade. Às nossas colecções ornitológicas vieram juntar-se apenas um pavó, uma alma-de-gato, um andorinhão preto, uma araponguinha, um jacu, alguns suiriris, bem-te-vis, cotovias e cagasebos. Entre os reptis, achamos duas espécies de jararaca, que pertencem ao gênero *Trigonòcephalus* e figuram entre as cobras mais perigosas do Brasil. Uma delas, capaz de atingir oito pés de comprimento, é conhecida pelo nome de jararacuçu. Coleccionamos também diversas cobras coral, reconhecíveis pela bela cor vermelha que nelas sempre predomina. Pertencem a espécies muito variadas e são muito temidas, aliás sem motivo, pelos filhos da terra. Mais tarde, em Goiás, é que pudemos achar a explicação para o terror que elas inspiram; achamos, de facto, nos arredores dessa cidade, uma espécie nova de serpente, quase em tudo semelhante às que já conhecíamos, mas possuidora de dois dentes inoculadores de veneno. As anfisbenas, conhecidas pelo nome de cobra-de-duas-cabeças, são espécies inteiramente inofensivas. Introduzem-se às vezes nas habitações, como também o faz uma grande cobra muito bonita, de colorido negro pardacento, com pintas dos lados, ventre branco, ladeado de manchas escuras e arredondadas.

Não farei menção a mais nenhum outro reptil, a não ser uma linda perereca verde, de tamanho bastante grande,

ventre amarelo, flancos ornamentados de manchas alaranjadas e azuis, e patas marmorizadas de cores diversas. Nas cercanias da cidade descobrimos duas espécies de sanguessugas, capazes de prestar grandes serviços à medicina da terra. Uma delas, a *Hirudo asperata*, tem o corpo pontilhado, verde amarelado do lado de cima, com muitas linhas longitudinais escuras e às vezes interrompidas. A superfície do corpo é coberta de asperidades, em forma de pequenos tubérculos cônicos, pardo-amarelados; esses tubérculos, cujo número varia de dois a seis, são dispostos em linhas transversais. Os lados são brancacentos e transparentes; o ventre é de cor branca suja, com duas séries longitudinais de tubérculos; os segmentos do corpo são muito numerosos. A segunda espécie, *Hirudo ventralis*, é lisa, tem o lado inferior do corpo verde claro, com uma lista longitudinal preta na linha mediana, e sete faixas igualmente longitudinais, às vezes descontínuas, de modo a constituírem manchas alongadas e lunuladas, de cor lívida. Os flancos são amarelos; o lado ventral avermelhado, com algumas nódoas laterais escuras. Esta espécie é maior e especialmente mais comprida do que a primeira. Pudemos assegurar-nos de que ambas possuem excelentes propriedades úteis à medicina.

O Sr. Weddell percorria os arredores, em busca de plantas; procurava acompanhar-se sempre das pessoas mais instruídas do lugar, a fim de conhecer as que pertencem à matéria médica do país. A maioria delas tinham emprego nas mordeduras de cobra; uma, porém, era muito temida, pelo uso que, segundo diziam, dela faziam os negros, para envenenar os senhores. Todavia, é de crer que esta planta tenha feito bem poucas vítimas, visto não ser outra coisa senão um espinheiro de flores dobradas. Cita Weddell, entre as plantas que colecionou, um bonito *Loranthus* de flores vermelhas e muitas lindas aráceas, uma

das quais, achada numa mata pantanosa, tinha vários metros de altura; enquanto outra, chamada bananeira-do-brejo, produz um fruto muito estimado pelo seu sabor doce e agradável. Nos banhados dos arredores, ele achou um número bastante grande de utriculárias, dróseras e muitas lindas orquidáceas.

Do meu lado, eu fazia com o Sr. d'Osery interessantes excursões geológicas, de que darei o resumo. Forma a base do solo um gnaisse xistoso, ordinàriamente vermelho e muito micáceo; é ele recoberto de uma espessa camada de humo vermelho ou amarelado-ocre, com leve porção de argila. Vêem-se por todos os lados grandes barrocas, algumas devidas aos trabalhos dos mineiros na extracção do ouro, mas que na maioria são verdadeiras grotas cortadas a pique pela erosão das águas ou talvez por tremores de terra. Estudando o terreno situado no sul da cidade, reconhecemos um filão bem caracterizado de feldspato, dirigido para oeste 25 graus sul, e vários outros de itacolumito, orientados no mesmo sentido e de superfície em mosaico. Numa ravina situada no mesmo lugar, observamos, a pouca distância do solo, margas cinzentas e brancas, e uma camada muito notável de uma espécie de turfa escura, contendo fragmentos carbonizados de vegetais. Esta camada tem cerca de um metro e cinquenta centímetros abaixo da superfície do solo; ela corre para o noroeste e reaparece em várias outras ravinas, em cuja profundidade achamos também filões de quartzo em pedaços arredondados e rolados, dispostos em estratos no gnaisse e no xisto micáceo. Ficamos sabendo que a uma légua e meia mais ou menos ao sul de Barbacena, havia uma jazida de óxido preto de manganês e que meia légua para leste se extrai uma pedra muito mole e friável (talco verde e pastoso). E' esta utilizada para fazer utensílios domésticos e para fazer pesos; foi também empregada às vezes na construção

de edifícios, e particularmente em certos acabamentos arquitectónicos da igreja cujos trabalhos tinham começado.

O filósofo Guilherme teve aqui a fantasia de degolar um de seus companheiros de viagem, outro criado francês, perseguindo-o, uma bela noite, de sabre em punho. Como nos opuséssemos a este seu projecto, quis abandonar a expedição. Já havia eu percebido que esse pobre homem era sujeito a singulares alucinações, pelo que, quando me comunicou suas intenções, procurei dissuadi-lo. Pôs-se então a chorar, queixando-se de que tinha perdido a minha confiança, uma vez que sempre o deixavam na rectaguarda, ao passo que o marinheiro Eugénio acompanhava o primeiro lote de mulas. Tive de lhe explicar a razão desse procedimento, que visava deixar sob sua guarda a mula carregada com o tesouro público. Atirou-se então aos meus pés e, batendo a cabeça de encontro à parede, jurou-me eterna fidelidade.

Começávamos a nos acostumar com a comida do país, ao feijão preto, à farinha de mandioca em vez de pão, e aos volumosos tubérculos de uma dioscoreácea chamada cará, usada em lugar da batata; mas, força é dizê-lo, tudo isso é singularmente mau e bem pouco próprio a restabelecer meu estômago doente. Aqui, como em quase todo Brasil, o doce é comido com queijo salgado. Os habitantes deram-me a impressão de serem amáveis, polidos e serviçais; não obstante, assegura-se que são comuns os assassinatos; alguns são possuidores de consideráveis fortunas. Observamos que, mau grado o calor excessivo, as pessoas de recurso tinham o hábito de se vestirem com enormes e pesadas capas. As mulheres, que deviam ter razões particulares para não escrever, têm o costume de se corresponderem por meio de flores, que mutuamente se enviam. Essa linguagem faz parte de sua educação. Durante o tempo de nossa estada em Barbacena caíram tempestades todas as noites; ambos os lados do horizonte eram então ilu-

minados pelos relâmpagos mais fortes. Aqui, fiz trato com um dos primeiros tropeiros da terra, chamado Domiciano, a fim de que, por muito bom preço, nos transportasse toda a bagagem até Paracatu. Conservamos conosco apenas duas mulas cargueiras, destinadas a transportar os objectos mais indispensáveis e os instrumentos de que necessitávamos com maior frequência. Contratei, para conduzi-las, um arrieiro muito inteligente, de nome José, que nos ficou prestando serviços perto de dois anos. Este homem, muito entendido em tudo quanto dizia respeito ao manejo de uma tropa, era filho de um índio e de uma mulata. São muito comuns aqui mestiços como este, havendo eu obtido a este propósito as informações que se seguem:

1.° — Os filhos de brancos com índias parecem-se com as mães; têm os cabelos duros e os olhos oblíquos.

2.° — O produto de um índio com uma negra chama-se caboré: tem cabelos encarapinhados, olhos oblíquos e cor bronzeada escura.

3.° — Os mestiços de índio com mulher caboré têm os cabelos quase lisos, ligeiramente frisados, olhos oblíquos e cor semelhante à do índio.

4.° — O cruzamento desses mestiços com índios, parecem-se completamente com os últimos, podendo considerar-se puro-sangue.

5.° — Os filhos de brancos com mestiços n.° 1 têm a pele levemente cobreada, os cabelos duros e os olhos oblíquos.

6.° — Os mestiços de branco com os do número precedente são brancos; os cabelos são lisos como nos europeus, mas sempre de cor negra carregada; os olhos ligeiramente oblíquos.

7.° — Finalmente, o mestiço de um branco com o n.° 6 pertence inteiramente à nossa raça.

No que respeita aos negros, muitas conversas com os lavradores afirmaram-me que os produtos se tornam brancos ao cabo de quatro gerações mestiças, ao passo que são necessárias cinco gerações para voltar ao tipo negro, o que representa bela prova a favor da progressão das raças.

A 28 de Novembro deixamos Barbacena, achando-nos novamente em campos ondulados, interrompidos aqui e ali pelos capões de mato. Tomamos a estrada grande de Ouro Preto, embora fosse difícil nos convencermos de que esse miserável caminho, perdido numa rede de outros tão maus quanto ele, era a única via de comunicação entre as duas grandes cidades. Na maioria das vezes só com ele acertávamos seguindo o rasto deixado pelas mulas. Atravessamos o ribeirão de Alberto Dias, afluente do rio das Mortes, que aqui corre directamente para o sul, mas deve certamente desviar para o oeste, antes de unir-se ao último. Passamos este rio por uma ponte de madeira coberta, comprida de seis ou oito metros. Depois do rancho de Ressaquinha, atravessamos um córrego que despeja no Alberto Dias. A formação geológica observada nesse dia assemelha-se à de Barbacena. Às cinco horas da tarde, depois de uma marcha de sete léguas, chegamos à fazenda de Carandaí, que pertence à irmã de nosso tropeiro Domiciano e é cortada pelo pequeno riacho do mesmo nome. Ao nos aproximarmos deste sítio, encontramos pelo caminho fragmentos de quartzo de itacolumito e granito cinzento, de granulação muito compacta. Passamos no sítio o dia 29, porque, tendo verificado que se quebrara o nosso barómetro, tornou-se necessário mandar a toda pressa um portador em Barbacena, para trazer um dos que ali tínhamos deixado. A localidade de Carandaí é muito interessante, porque é muito aproximada do divisor das águas do rio São Francisco e rio da Prata. O rio Carandaí tinha nesse lugar cerca de cinco metros de largura; medimos-lhe a correnteza e verificamos, em três experiências, que um flutuador

gastava em média trinta e cinco minutos para percorrer um espaço de vinte e quatro passos.

Cunha Matos fala da interessante descoberta, nas margens deste rio, de um crânio gigantesco, provàvelmente de mastodonte e coberto ainda de pêlos muito grossos e com palmo e meio de comprimento. Estavam cortados em forma de coroa e muito bem conservados. Esta descoberta, que parece ter sido feita em terreno argiloso, apresenta um facto curioso e quase inexplicável. E' verdade que se têm descoberto, mais de uma vez, animais antediluvianos conservados intactos, pêlos inclusive, entre os blocos de gelo da Sibéria; mas, nos países quentes, nenhuma descoberta desta natureza já foi feita. Depois daí é difícil de explicar como em tais circunstâncias possam porções do pêlo do animal resistir à destruição, não só por efeito das causas naturais, mas ainda em virtude do ataque pelos seres variados que pululam nessas regiões. A 30, apesar da chuva que caía, pusemo-nos em marcha muito cedo, em direcção a Queluz, que ficava a seis léguas de distância. A estrada, cuja direcção geral é para o sudeste, é má e muito difícil de seguir. A crista divisora das águas se encontra entre Taipa e Engenho. O rio Taipa verte no Carandaí e, por conseguinte, no rio da Prata. E' um simples regato, que se atravessa a cavalo e *não tem mais que* dois metros de largura. De seu lado, o rio do Engenho, que é ainda mais estreito, lança-se no Paraopeba, que é um dos afluentes principais do rio São Francisco. Em Queluz fomos recebidos hospitaleiramente em casa do Coronel Inácio Barbosa, para quem trouxéramos uma carta de recomendação. A 1.° de Dezembro, saímos sem demora a conhecer a cidade, que se compõe de umas quarenta casas, alinhadas ao longo de uma rua única; das duas igrejas, uma tinha sido muito maltratada durante a última revolta. Às nove horas, montamos novamente a cavalo, para conti-

nuar nossa viagem em direcção à capital de Minas. A cor do solo variava entre o vermelho e o violeta; entre Engenho e as margens do rio Atrás-do-Morro, encontramos um filão de minério de ferro, dirigido no sentido norte, 20 graus para leste. Atravessamos depois vários filões de quartzito itacolumítico, particularmente abundantes entre o Paraopeba e Bananeiras; saindo do Paraopeba, subimos uma rampa onde nos chamaram a atenção massas de siderocristos. Nas barrocas vêem-se, a pequena distância da superfície do solo, camadas de marga, entre as quais encontramos repetidas vezes a marga turfosa e preta dos arredores de Barbacena. A estrada é muito ruim e em muitos lugares esburacada pelas chuvas; dirige-se para o norte, descendo vales e subindo encostas, que frequentemente contorna. O principal povoado por onde ela passa é a aldeia de Varginha. Nesse mesmo dia, passamos uma porção de riachos, afluentes todos do Paraopeba.

O doutor, que tinha ficado atrás, sofreu, caindo do cavalo, a luxação de um dedo. Só à noite nos pôde alcançar em companhia de um moço alemão que ele tinha encontrado, e que ia a Ouro Preto pedir ao Presidente a libertação de um seu compatrício, preso por ocasião dos últimos acontecimentos políticos. A 2 fizemos a ascensão da serra de Ouro Branco, por um caminho não sòmente difícil, mas até muito perigoso, visto como a pata de nossos cavalos resvalava a cada momento sobre a superfície untuosa e reluzente das rochas que constituiam a base da formação geológica. E' principalmente próximo ao cume da montanha que o caminho sobe como se fosse uma escada talhada na rocha. Magnífica é a vegetação nestas altitudes; o Sr. Weddell sentiu-se de tal modo arrebatado pela beleza das plantas, que ficou assentado consagrar ele um dia inteiro na colheita de amostras, enquanto o Sr. Deville e eu continuaríamos o nosso caminho. Refere-se o doutor, com muita admiração, às Vellozias que abundam na locali-

dade, e cujos troncos nus e esgalhados se erguem à altura de dois a três metros, para terminarem em feixes de folhas rijas e aceradas, por entre as quais aparece uma grande flor azul-violeta, muito semelhante na forma ao lírio cultivado.

Saindo de Queluz, tínhamos atravessado um terreno de cambiantes ora vermelhas, ora violetas, e sulcado de filões de quartzito em mosaico. Esta formação repousa sobre os gnaisses e os micaxistos que reaparecem mais longe. Estas últimas camadas estão muitas vezes subordinadas a camadas de siderocristos muito ferruginosos. A serra de Ouro Branco é formada de itacolumito xistoso, cujas camadas mergulham para leste de 20 a 25 graus. A direcção geral da grande encosta que subimos é quase de leste para oeste; mas a serra parece voltar-se para o sul. No ápice da montanha parece estarmos numa cratera de sublevação, *de seis a oito léguas de diâmetro*. Nesse mesmo dia, tivemos de atravessar vários afluentes do São Francisco. A 3, muito cedo, parti para o sítio de Dona Vicência, deixando para trás, não só o Sr. Weddell, como já ficou dito, mas também o Sr. d'Osery, que resolvera permanecer no local, à espera do portador que tinha ido buscar o barómetro. Depois de termos andado, durante uma meia légua, pela nova estrada, que serviria bem até para veículos, entramos de novo na estrada velha, que conduz às minas de topázio, e era má como de costume. Aparecem por toda parte os xistos talcosos e os itacolumitos; pouco depois encontram-se siderocristos, muito ricos em ferro. A mina de topázio de Capão é uma pedreira cavada em céu aberto e um pouco esboroada pela irrupção das águas pluviais. Está toda situada nos folhelhos talcosos que servem de leito ao topázio. Eu tinha o maior interesse pelo estudo dessa localidade; pusemo-nos assim logo a trabalhar, o Sr. Deville e eu, ajudados por alguns negros, encarregados de extrair as pedras. Entre as diferentes substâncias acumula-

das nas camadas muito irregularmente superpostas, uma existe, análoga ao caulim, fácil de pulverizar entre os dedos e que serve de ganga imediata ao topázio; encontram-se também nelas cristais de quartzo e de ferro oligisto, espécie de talco terroso, impregnado de grande quantidade de hidrato de ferro, e cuja cor varia do branco ao pardo. Nossas buscas foram afinal coroadas de sucesso; descobrimos topázios, cujo valor era comercialmente nulo, mas muito importantes do ponto de vista científico. Eram cristais prismáticos, na sua maioria cor de mel, mas às vezes de um belo colorido róseo. Encontram-se também na mina blocos de um talcito lamelar estratiforme, de cor cinzento-prateada, tingido de violeta, e incluindo numerosos cristais de pirita ferruginosa. Tínhamos examinado a mina e preparávamos para partir, quando chegaram nossos companheiros. Várias horas, passadas debaixo de ardente sol a estudar o lugar, despertaram em mim a curiosidade de levar mais longe minhas investigações. Meu desejo era chegar no mesmo dia em Ouro Preto, a famosa capital da província de Minas. Combinamos por isso, o Sr. Deville e eu, seguir ainda uma vez na frente, deixando para trás os Srs. Weddell e d'Osery.

Antes, porém, de continuar o relato de nossa viagem, lancemos um olhar para a curiosa formação de Ouro Branco.

Quando se sobe a serra do Ouro Branco, vindo da cidade do mesmo nome, atinge-se, logo depois de passar o cume, uma espécie de cratera, uma de cujas paredes seria formada pelo flanco da montanha que se acaba de subir. A cratera geológica, cujo diâmetro é pelo menos de quatro ou cinco léguas, é irregularmente acidentada de valos e contrafortes, cobertos de uma rica vegetação de gramíneas, onde buscam nutrição rebanhos de bois. A sede da fazenda do Capão é composta de uma casa bastante gran-

de e de um *rancho*. Está situada precisamente na cratera, cerca de três léguas de Ouro Preto.

A mina de topázio, hoje abandonada, no que se refere pelo menos à exploração regular, é, como ficou dito, uma espécie de pedreira aberta e se assemelha muito às numerosas barrocas que se vêem de um e de outro lado da estrada, desde Barbacena até Ouro Preto. Ela está rodeada de todos os lados pelas formações de siderocristos diversamente caracterizados, isto é, contendo quartzo e óxidos de ferro, em variáveis proporções. Este terreno de siderocristos repousa sobre o itacolumito e os xistos talcosos. Quanto à formação de topázio em si, é ela uma espécie de cascalho superposto a todas estas rochas e fortemente revolvido pelas águas. E' aliás difícil, mesmo na mina, fazer-se perfeita ideia do que ela era a princípio, de tal modo as terras foram evidentemente escavadas pelo trabalho humano.

E' muito complexa a composição do cascalho topazífero; na ravina são encontrados pedaços de quartzo de todas as qualidades, cristalizados e amorfos, lâminas de siderocristos diversamente ricas em metal, gnaisse friável, violáceo ou avermelhado, talcoxisto rolado e branco como prata, micaxistos amarelos e cor de ferrugem, argila ocrácea, mais ou menos rica em ferro e detritos feldspáticos micáceos. Encontra-se, por fim, uma espécie de ganga secundária, branca como farinha de trigo, muito semelhante ao caulim e proveniente de rocha feldspática primitiva. E' sempre neste último componente do terreno que se encontra encaixado o topázio, juntamente com prismas de quartzo e euclases cristalizadas. Sua cor e aparência são ordinàriamente semelhantes à do âmbar amarelo, e comumente se apresenta sob a forma de prismas quadráticos. O topázio, mediante fractura ou clivagem, conserva em suas duas extremidades superfícies planas. Às vezes podem encontrar-se prismas com uma das extremidades talhadas em

ponta de quatro faces; porém, é ainda muito mais raro serem as duas pontas talhadas desse modo. Os topázios violeta e róseos são muito comuns; são, pelo contrário, muito raros os brancos e perfeitamente límpidos. Foi sempre desta mina que se extraíram as euclases; mas não pudemos ver nenhuma à nossa passagem, parecendo ser hoje muito raro encontrá-las.

Os pedaços da formação em que há topázio são ordinàriamente envolvidos por argila ocrácea, fortemente matizada de ferrugem e incluindo, empastados, fragmentos de quartzo, de siderocristos e palhetas de mica; parece evidente, em vista da composição do cascalho, que o topázio ali existe num depósito secundário. Jazem na própria mina pedaços de quartzo contendo grandes placas de ferro oligisto, ao passo que na formação de siderocristos que os envolve encontram-se grandes amostras do mesmo metal, exactamente análogo ao da Ilha de Elba.

O caminho por onde seguimos ao deixar a mina de topázio é seguramente um dos piores do mundo; abandonado desde muito tempo, estava eshoroado em muitos lugares, pelo que em qualquer outro país seria considerado impraticável. Nossa situação se tinha tornado ainda mais penosa em consequência dos constantes aguaceiros; mas escolhemos este caminho pelo facto de atravessar uma segunda mina de topázio, pertencente a um português velho, que há muitos anos a fazia explorar por escravos. Mostrou-nos este português uma colecção interessantíssima dos objectos mais notáveis por ele encontrados em suas escavações; havia nela prismas tão extraordinários pelas suas enormes dimensões quanto pelo brilho das cores, que variavam do mais puro branco ao amarelo alaranjado e do vermelho vivo ao violeta carregado. Admirei mais que tudo soberbas amostras de euclase, cujos cristais de grande dimensão se tornam cada dia mais raros. Consegui nesse lugar al-

guns prismas com duas pontas; depois, querendo alcançar a cidade antes de anoitecer, apressei-me em continuar a jornada. Entretanto, atrasado pelo incrível mau estado do caminho, só cheguei com escuro em Ouro Preto, a antiga Vila Rica.

Saindo de Capão, entra-se em terreno de folhelhos (*phyllos*), bem caracterizado; aparecem depois siderocristos de formas diversas e composição variável, a que finalmente se segue o itacolumito xistoso. Em alguns pontos da estrada os itacolumitos passam aos micaxistos; todos os estratos destas duas rochas são inclinados 35 a 40 graus sobre o horizonte e mergulham para leste. Ao nos aproximarmos de Ouro Preto, os siderocristos e o itacolumito se apresentam em placas enormes.

Não foi sem perigo que circulamos, com os animais exaustos de cansaço, nas ruas estreitas e tortuosas de Ouro Preto, cuja topografia é a mais irregular que imaginar se pode. Nessas descidas abruptas, os patas das cavalgaduras são apenas seguras pelas pedrinhas angulares que servem de calçamento. Já se tinha tornado escura a noite e ainda vagávamos por este dédalo desconhecido, sem sabermos para onde nos devíamos dirigir, mas interessados em descobrir alguma coisa que se pudesse chamar de hospedaria. Já imaginávamos ter de dormir à luz das estrelas, quando um padre, ao passar por nós, verificando que éramos estrangeiros, acercou-se benèvolamente de nós, oferecendo-nos os seus serviços. Graças a ele, fomos pouco depois alojados no pior albergue do mundo, tal como nem na Espanha deverá existir um igual. Pela manhã, fomos à procura de um negociante francês, o Sr. Salvador, para o qual tínhamos uma carta. Ele estava ausente, mas fomos recebidos muito amàvelmente pela família, que procurou para nós uma excelente casa. À noite chegaram os companheiros, pelo que nos achamos todos novamente reu-

nidos. Pouco tardou que recebêssemos a visita do Major Andrea, filho do presidente da província, que vinha, em nome do pai, por à nossa disposição os serviços do governo. Só tivemos o que elogiar na polidez e excelentes maneiras desse jovem oficial. Conhecemos nesse mesmo dia o Sr. Claussen, naturalista dinamarquês, cujos vinte anos de pesquisas no Brasil proporcionaram tantas riquezas aos museus da Europa. Estava acampado a uma légua da cidade e continuava sempre em seus trabalhos. Instou para que visitássemos a Cachoeira, seu quartel-general, a quatro léguas da cidade. No dia 6 fizemos uma visita ao General Andrea. Seu palácio (assim é que se chama no Brasil a morada dos presidentes) tem uma forma algo parecida com a de um castelo feudal. Protegem-no três pequenas peças de artilharia.

Encontramos na pessoa do presidente um homem instruído e de maneiras muito simpáticas; ele nos prometeu utilizar toda sua influência para facilitar nossa viagem, promessa que cumpriu em toda linha. O General Andrea era filho de Portugal e tinha feito as guerras da Península.

Ao saber do meu desejo de conhecer alguns dos botocudos que habitam a província, o general destacou imediatamente um portador às margens do rio Doce, com a ordem expressa de trazer dois dos melhor caracterizados. Fomos depois visitar os principais edifícios da cidade, entre outros, o palácio da justiça, que é um belo prédio e serve também de cadeia. No dia seguinte recebemos a visita do presidente, que nos deixou cada vez mais cativos pelo tratamento a nós dispensado. A província se achava, por esta época, na mais lamentável situação, dividida em dois partidos, que mùtuamente se digladiavam, os Caramurus, ou imperialistas, e os Chimangos, os liberais. Para manter a ordem em tais circunstâncias, era necessária toda ener-

gia por parte do presidente. À noite fizemos uma excursão metalúrgica, visitando aquilo que um morador do lugar nos queria mostrar como sendo uma mina de mercúrio. Pouco nos custou certificarmo-nos de que a pretensa mina, situada mesmo às portas da cidade, outra coisa não era senão uma cova, onde em tempos idos se tinha lavado amálgama de ouro, de modo a terem ficado na terra algumas gotinhas de mercúrio. Não longe deste lugar, o Sr. d'Osery descobriu traços inequívocos de ouro, ao quebrar pedaços de grafita.

Organizamos nosso laboratório magnético; mas contrariava-nos vivamente a perturbação causada em nossas investigações pela massa ferruginosa contida no solo. A altitude de Ouro Preto parece ser de 1.590 metros; sua posição geográfica, deduzida das observações do Dr. Sellow, do Capitão Lyon e do astrónomo russo Rubzoff, é: 20°26'6'' de latitude austral e 0°16'54'' de longitude a oeste do Pão-de-Açúcar, situado na entrada da baía do Rio de Janeiro. Este último ponto está a 45°34'43'' a oeste do meridiano de Paris. O forte de Villegaignon, tomado como base da posição do Rio de Janeiro pela *Connaissance des temps*, está a 45°30' a oeste de Paris, o que em medida de tempo corresponde a três horas e dois minutos.

O Sr. Deville fez alguns interessantes achados entomológicos, fazendo entrar para as suas colecções alguns carabídeos, entre os quais diversas espécies de *Galerita* e um magnífico *Helluo*. A temperatura era como a da Europa, custando a acreditar que estivéssemos sob os trópicos.

Passamos *soirées* muito agradáveis em casa de uma dama da cidade, a Sra. Ferraz, onde encontramos sociedade numerosa e muita elegância de maneiras. Por ocasião de um baile que ela nos proporcionou, tivemos oportunidade de ver pessoas bastante formosas. Recebíamos, a

cada passo, novas provas da benevolência do governo brasileiro com relação a nós. O Sr. Vasconcelos, Chefe de polícia e irmão do Senador, viera oferecer-nos os seus serviços do modo mais cavalheiresco. Contou-nos que nos registros policiais não havia mais do que seiscentos escravos inscritos, ao passo que noutros tempos seis mil cativos trabalhavam nas minas de uma só montanha. Há oitenta anos atrás, a diária de um escravo minerador era de oitenta réis; hoje ela é calculada em mais de quatrocentos réis. Excelentes qualidades possuem os habitantes de Ouro Preto; mas, ao cabo de breve permanência, reconhecemos-lhe graves defeitos, degenerados em hábitos, tais como o de jogar bombas a todo momento, o de se reunirem em grande número em torno das "madonas" encontradas nas esquinas, dando berros grandemente perturbadores do sossego dos viajantes.

Ouro Preto é hoje uma cidade de 11 a 12 mil habitantes, enquanto que outrora chegara a ter 30.000. Está *edificada em solo de itacolumito.*

A posição da capital de Minas foi decidida exclusivamente pela riqueza mineral do solo em que a construíram, porque, sob qualquer outro ponto de vista, seria difícil fazer pior escolha. *Rodeiam-na de todos os lados elevadas* montanhas, entre as quais se distingue ao longe o Itacolumito, cujo pico é encurvado como um chifre, de ponta rombuda. Fizemos várias excursões nos seus arredores. Um dia, sentindo-nos fatigados, sentamo-nos à beira de um valado, verificando, ao nos levantarmos, a existência de um grande buraco, bem junto do lugar em que estávamos. Voltando ao mesmo lugar ao cabo de uma hora, vimos um negro a bater com força num objecto escondido por entre o capim; aproximando-nos verificamos que ele tinha acabado de matar uma enorme jararaca, no momento mesmo em que ela saía do buraco a que há pouco nos referimos.

Juntamos a cobra venenosa às nossas colecções, jurando sermos daí por diante mais cautelosos na escolha do lugar de pouso.

Actualmente, muito pouco ouro é extraído das localidades próximas da cidade, em cujo recinto ele não mais existe. Os depósitos auríferos hoje esgotados, mas outrora muito ricos, estavam contidos em filões de quartzo branco e muito duro, juntamente com outras matérias minerais.

Em vários pontos próximos da cidade, especialmente na estrada que vai para Mariana, vêem-se cortes por onde é possível apreciar a formação geológica do país. Verifica-se que os micaxistos e as *phyllas* estão subordinados ao itacolumito, rocha esta que aparece em grandes placas bem estratificadas, principalmente ao sul da cidade, que é de onde se extraem as amostras conhecidas nos museus pelo nome de grés flexível.

O micaxisto passa muito insensìvelmente a itacolumito, como se pode ver descendo de Mariana para Cachoeira. Os sideropsamitos acham-se superpostos ao itacolumito e não concordam com este em estratificação; apresentam-se em camadas muito delgadas e são com certeza posteriores à aparição dos filões auríferos, visto como estes últimos nunca penetram nos sideropsamitos, ao passo que atravessam os itacolumitos.

O itacolumito e o micaxisto mergulham para leste, formando com o plano horizontal ângulos de 20 a 25, ou mesmo 30 graus.

Os filões de quartzo aurífero contêm piritas arsenicais, cuja decomposição origina as colorações verdes de arseniureto de ferro; contêm também manganês. Perto mesmo da cidade, na estrada de Mariana, achou o Sr. d'Osery um desses filões, que continha acidentalmente grafita. Encontram-se também turmalinas pretas e anfibólios em

pequenos prismas. Os itacolumitos, como em geral todas as rochas sedimentares que se acham em justaposição, foram fortemente sublevadas na vizinhança dos filões auríferos. E' na *canga*, rocha tumefacta e ferruginosa, que se encontra a wawelite, cuja origem é positivamente plutónica, a despeito da opinião contrária de Eschwege. Quanto ao itacolumito, é impossível deixar de considerá-lo rocha metamórfica.

A 11 fizemos uma visita a Cachoeira, em companhia do Sr. Claussen. Este povoado, como já ficou dito, fica situado quatro léguas ao norte da capital, com a qual está ligado por boa estrada, cheia de magníficas perspectivas. Cerca de légua e meia e depois de forte subida, conhecida pelo nome de serra da Cachoeira, desembocamos repentinamente em pequeno caminho, que rodeia a montanha. À nossa direita estendia-se imenso vale, cujo fundo interceptavam os vapores da atmosfera, dando-lhe a aparência de um grande lago, de cuja superfície emergissem os inúmeros picos, de caprichoso formato. Por entre estes picos, divisava-se ao longe o Itabirito e, em plano mais próximo, o gigante do Caraça, cuja altitude é de 2.000 metros. Nos cumes que atravessamos crescia a vegetação mais luxuriante. Lá estavam as encantadoras *Vellosia* de flores brancas e violetas, os *Criocaulon*, as *Barbacenia* de flores aveludadas e, mais que tudo, as numerosas espécies da família das Melastomáceas, tão espalhadas nestas regiões. Entre estas belas plantas faziam-se ainda notar os fetos arborescentes, numerosas orquídeas, grandes *Cassia* de flores douradas, muitas *Luxemburgia*, *Kielmeyra*, *Echitis*, etc. Tivemos o ensejo de admirar essa paisagem magnífica em duas ocasiões e sob aspecto muito diferente. Na primeira vez o céu estava limpo e o sol dourava com seus raios todos os objectos; borboletas brilhantes redemoinhavam em torno das flores e bandos de passarinhos se ocultavam na

espessura das folhagens. Ao passar esses mesmos lugares algum tempo depois, como nos pareceram eles diferentes! Pesadas nuvens escureciam o imenso vale, ao mesmo tempo que, em toda redondeza, os bramidos da tempestade pareciam fazer estremecer a base mesma dos enormes rochedos. Algo de medonho havia nestes sons, muitas vezes multiplicados pelo eco das montanhas. Os raios cortavam a cada instante o firmamento, e uma gigantesca árvore, cortada pela faísca, rolou de pedra em pedra, até o fundo do vale. A morte parecia descer sobre toda a Natureza; curvam-se as comas das árvores; como que para fugir à cólera dos elementos, ouvindo-se apenas, entre as vozes animais, o grito agudo dos periquitos retardatários, que procuravam descobrir um asilo protector. Dentro de pouco despejavam as nuvens torrentes de chuva, verdadeiro dilúvio, como só podem engendrar as latitudes vizinhas do equador.

Destas alturas a estrada desce até um pequeno córrego, que corre para o norte. E' um afluente do rio das Velhas e atravessamo-lo numa ponte de madeira. Depois de passarmos dois morros, chegamos a Cachoeira, arraial de 600 a 700 almas, situada à margem do rio do mesmo nome, afluente também do rio das Velhas, por intermédio do rio Maracujá. A aldeia nada tinha de notável. Os antigos capitães-generais da província aí tinham construído um palácio, hoje abandonado. O governo conserva em Cachoeira uma pequena guarnição. Grande interesse para nós tinha só a casa do Sr. Claussen, onde ele tinha reunido uma enorme colecção de objectos dos três reinos da natureza. Nossa atenção ficou presa longo tempo na bela série de ossos fósseis descobertos nas cavernas da província. Compunha-se ela de 12.000 peças, entre as quais se viam, ao lado dos grandes tatus e dos formidáveis carnívoros, uma multidão de pequenos roedores, cujos dentes, em época muito remota, haviam deixado vestígios indeléveis nos os-

sos dêsses animais. O Sr. Claussen nos expôs uma engenhosa teoria, segundo a qual estes restos orgânicos teriam sido depositados nas cavernas em que hoje se acham há cerca de dez mil e quinhentos anos. Para ter ideia da imensidade da série das idades geológicas, basta lembrar que estes restos pertencem a uma época que se convencionou chamar moderna. O Sr. Claussen nos recebeu com a maior afabilidade, oferecendo-nos ainda diversos objectos de real importância para nós. Entre outras coisas, pôs à nossa disposição, com a maior generosidade, um belo herbário. Vimos, em casa dele, umas trinta caixas, inteiramente cheias de plantas preciosas que ali se naturalizavam, à espera de serem levadas para a Europa. O Sr. Claussen reuniu em sua casa um certo número de jovens, distribuindo a cada um deles uma parte especial das colecções.

Subindo a serra que separa a vila de Cachoeira da velha estrada de Ouro Preto, encontram-se siderocristos, que parecem vir se colocar por cima do itacolumito. Na vertente oposta da serra esta última rocha se mostra sensìvelmente revolvida, mergulhando seus estratos para leste. Aliás, tem-se a impressão de que neste vale de Cachoeira as camadas mergulham de todos os lados, o que lhe dá o aspecto de uma cratera geológica.

Encontram-se no caminho vários filões de quartzito atravessando o itacolumito; neles se acham englobados prismas de turmalina preta, bastante grandes, mas fragmentários e raramente terminados. No fundo de algumas grandes barrocas produzidas pelas águas, vê-se o itacolumito em transição para o gnaisse. Estes últimos se erguem quase verticalmente, têm cor vermelha e, por sua aparência, participam ainda da rocha precedente.

Depois de nossa volta a Ouro Preto, vários companheiros nossos fizeram uma excursão a Mariana, a mais antiga das cidades da província. Está situada a uma distância de duas léguas da capital e pode ter uma população de, apro-

ximadamente, 3.000 almas. O caminho que a ela conduz é muito bom, a princípio sobre terreno itacolumítico e depois sobre gnaisse.

Ofereceu-nos o presidente da província um excelente jantar de despedida. Em suma, só podemos conservar agradável recordação dos habitantes de Ouro Preto, que sob muitos aspectos nos pareceram mais adiantados do que os da maioria das cidades do Brasil. Nessa capital pudemos desfrutar a sociedade das mulheres, em muitas das quais reconhecemos esmerada educação.

Poucos dias antes de nossa partida, um ajudante de campo do presidente tinha sido mordido à noite por um escorpião. Pela manhã o braço estava muito inflamado, causando grande inquietação ao pobre major; mas tudo ficou em susto e ligeiro acesso febril.

A província de Minas Gerais está dividida em treze comarcas, as quais, por sua vez, se subdividem da seguinte maneira:

1.ª) Ouro Preto, com três municípios: Ouro Preto (dez paróquias), Queluz (quatro), Bonfim (idem).

2.ª) Paraibuna, com quatro municípios: Barbacena (sete paróquias), Pomba (duas), Presídio (quatro), São João Nepomuceno (seis).

3.ª) Rio das Velhas, com quatro municípios: Sabará (onze paróquias), Pitangui (cinco), Curvelo (três), Caeté (três).

4.ª) Rio das Mortes, quatro municípios: São João del Rei (cinco paróquias), São José (cinco), Lavras (três), Oliveira (três).

5.ª) Rio Verde, quatro municípios: Campanha (nove paróquias), Baependi (seis), Ajuruoca (três), Três Pontas (duas).

6.ª) Rio Grande, três municípios: Tamanduá (duas paróquias), Formiga (duas), Piumi (uma).

7.ª) Sapucaí, quatro municípios: Pouso Alegre (duas paróquias), Jaguari (uma), Caldas (quatro), Jacuí (quatro).

8.ª) Cerro, três municípios: Cerro (seis paróquias), Conceição (três), Diamantino (cinco).

9.ª) Piracicava, quatro municípios: Mariana (doze paróquias), Piranga (três), Santa Bárbara (quatro), Itabirito (quatro).

10.ª) Jequitinhonha, dois municípios: Minas Novas (oito paróquias), Rio Pardo (uma).

11.ª) Paracatu, dois municípios: Paracatu (três paróquias), Patrocínio (uma).

12.ª) Paraná, dois municípios: Uberaba (três paróquias), Araxá (uma).

13.ª) Rio São Francisco, três municípios: São Romão (três paróquias), Formigas (quatro), Januária (duas).

Não nos foi possível obter o quadro total da população, porque o publicado para o ano de 1842 não dá nenhuma informação referente a vinte e três paróquias. Exceptuadas estas paróquias, havia na província 134.905 fogos ou famílias; entretanto, como a população das paróquias que faltam é avaliada em 23.000 fogos, pode calcular-se em 157.905 o número total das famílias da província de Minas Gerais. Nesta base, supondo-se uma média de cinco pessoas por família, teríamos para toda população a cifra de 789.025 habitantes. Darei aqui apenas a população dos municípios de que existia recenseamento completo.

Queluz	2.531	fogos
Barbacena	4.886	"
Pomba	2.097	"
São João Nepomuceno	2.731	"
Sabará	7.428	"
Pitangui	5.983	"
Caeté	3.668	"
São João del Rei	3.184	"
São José	2.572	"
Campanha	7.781	"
Baependi	4.244	"
Três Pontas	2.723	"
Tamanduá	3.249	"
Formiga	2.474	"
Piumi	1.458	"
Jaguari	1.878	"
Jacuí	4.393	"
Diamantino	6.890	"
Mariana	6.249	"
Santa Bárbara	3.446	"
Itabirito	3.541	"
Formigas	5.507	"

O número das escolas primárias era, em 1843, de cento e oitenta e cinco, com 6.571 alunos, dos quais 620 do sexo feminino; o das escolas secundárias era de 17, frequentadas por 174 alunos. A despesa total com estes estabelecimentos era de 95:646$000.

A receita da província era de 330:576$000 e as despesas de 448:019$748, o que equivale a um deficit de 117:643$748, pagos pelo governo central.

Nesse mesmo ano de 1843 houve vinte assassinatos e cento e quarenta e nove pessoas foram submetidas a julgamento, por crime; desse número apenas quarenta e três foram condenados. Entre as sentenças proferidas, quatro foram de pena capital e duas de galés.

As célebres minas de ouro que valeram à província de Minas Gerais o nome que possui, foram descobertas em 1699, sendo também a origem de sanguinolentos comba-

tes entre os habitantes. Grande massa de gente afluíu de todas as partes para estas minas, cuja riqueza devia ser excessiva, visto como, pela Carta Régia de 16 de Novembro de 1714, cada trabalhador tinha de pagar ao governo um imposto anual de cerca de 130 francos. O facto é que, desde o ano anterior, o quinto real havia subido a 12 milhões (Mawe, *Travels in Brazil*); de 1730 a 1750 as minas atingiram à maior prosperidade e, segundo o autor que acabamos de citar, o quinto chegou em certos anos a 80 milhões. Em 1742 a capitação foi de 130 arrobas e 59 marcos. Em 1745, ela foi de 129 arrobas e 41 marcos.

Na obra do Coronel Accioli (*Memórias históricas e políticas da província da Bahia*, tomo V, 1843), encontro o seguinte quadro relativo ao quinto:

1752	56	arrobas	34	marcos	6	onças
1753	107	"	50	"	6	"
1754	118	"	29	"	4	"
1755	117	"	58	"	0	"
1756	114	"	57	"	5	"
1757	110	"	53	"	5	"
1758	89	"	41	"	2	"
1759	117	"	15	"	1	"
1760	98	"	12	"	0	"
1761	111	"	59	"	4	"
1762	102	"	56	"	7	"

Ao todo, incluídas as fracções aqui desprezadas, 1.145 arrobas e 21 marcos, ou sejam, por ano, 104 arrobas e 7 marcos. Multiplicando estes algarismos por cinco, teremos a quantidade total do ouro apresentado à administração, a saber, quase 521 arrobas e 37 marcos por ano. Mais de metade porém deste precioso metal era conservada fraudulentamente em pó, passando em contrabando. Assim, não se pode avaliar em menos de 1.043 arrobas a produção aurífera média daqueles anos, o que dá um total de 11.473 arrobas. Por outro lado, o quinto teria rendido,

de 1751 a 1757, perto de 3.000 arrobas de ouro (*Memórias históricas do Rio de Janeiro*, parte 2.ª do tomo VIII), o que dá uma média de 3.108 arrobas por ano; parece, todavia, que a última parte daquele período foi menos produtiva do que a primeira.

Num trabalho do Sr. Eschwege inserido no tomo IX das *Memórias da Academia Real de Lisboa* (ano de 1825) encontram-se as seguintes informações referentes ao quinto arrecadado em diferentes anos:

1764	99 arrobas	1816	18 arrobas
1774	75 "	1818	12 "
1777	70 "	1819	7 "
1811	24 "	1820	2 "
1813	20 "		

O total correspondente a estes cinquenta e seis anos parece ter sido de cerca de 2.034 arrobas.

O decréscimo da produção deve ter sido efectivamente muito grande, porquanto Eschwege, que calcula em 80.000 o número das pessoas trabalhando nas minas no começo daquele período, diz ter ele baixado no fim a menos de 6.000.

Pizarro, ao resumir o histórico que dá sobre o assunto, supõe que de 1700 a 1819 foram legalmente fundidas no estado de Minas Gerais quantidades de ouro equivalentes a 553 milhões e meio (suponho que de cruzados), ou sejam 1.194.000.000 de francos. Mas, segundo a opinião de todos os autores que se têm ocupado deste assunto, esta soma não representa mais do que a metade da que foi realmente extraída das minas, o que faz subir aquela importância à cifra de 2.388.000.000 de francos. Estes resultados parecem não coincidir com os documentos que acabamos de apresentar, muitos dos quais foram tomados àquele mesmo autor; assim, conforme a avaliação para 1714, e tomando em consideração a extrema abundância do metal na época do descobrimento das minas, pode supor-se que

o quinto do rei não deve ter sido, em média, de menos de 10 milhões de francos por ano, desde 1699 até 1730 (exclusive), o que dá uma soma global de............ 290.000.000 de francos

De 1730 a 1751 temos 125 arrobas por ano, ou 2.875 arrobas, no valor de aproximadamente	141.757.500	"
No seguinte período, de 1752 a 1762, achamos em média 104 arrobas e 7 marcos, ou sejam 1.145 arrobas e 21 marcos, valendo cerca de	56.466.350	"
Os anos de 1754 a 1820 parecem ter produzido, em média, 36.33 arrobas, ou seja um total de 2.034 arrobas, valendo quase	101.276.200	"
Total para o quinto, de 1699 a 1820	589.500.050	francos
Ouro total apresentado à administração	2.947.400.250	"
Dobrando finalmente esta cifra, para incluir o ouro passado por meio de contrabando, temos	5.894.800.500	"

Não possuo nenhum dado certo sobre a produção do ouro depois de 1829, mas penso que não me afastarei muito da verdade, calculando-a em 20 arrobas anuais (¹), o

(1) Só a mina de Congo-Soco produziu (Quarterly Review, 1830), em quatro anos, 7.664 libras de ouro, no valor de 1.731 piastras, ou 9.174.300 francos; isso perfaz a média anual de 60 arrobas (59,87 arr.), durante esse período.

que faria, até o presente ano de 1849, a soma de....... 28.594.000 francos

Total do ouro produzido pela província de Minas Gerais .... 5.923.394.500 "

Se quisermos saber o valor de todo ouro extraído até hoje no Brasil, teremos que acrescentar àquela cifra a produção das ricas províncias de Mato Grosso, Goiás e Bahia, o que nos levaria a um total de 6 bilhões e meio. Deve-se, contudo, tomar em consideração que o metal não é puro, como temos suposto; seu título, pelo contrário, não deverá provàvelmente ser avaliado em mais de 0,875, o que significa uma redução de cerca de uma oitava parte daquela soma, cujo valor desceria assim a mais ou menos........ 5.687.500.000 francos.

Mac Culloch (*Dictionary of Commerce*, 1839) acha que a média da produção actual do Brasil não vai além de 1.500.000 piastras por ano, ou sejam 7.950.000 francos. Tenho razões para supor que o seu cálculo fica abaixo da realidade e penso não exagerar aumentando aquela cifra para, pouco mais ou menos, 11 milhões. As minas de Mato Grosso, embora só enviem pouco ouro para a costa, produzem-no em grande quantidade, conservando-o em pó. Não há ninguém que não se ocupe muito ou pouco, com este gênero de exploração, numa província em que seria talvez difícil levantar uma pá de terra, sem encontrar algumas parcelas do precioso metal. Goiás fornece também grande quantidade de ouro; também a Bahia o expor-

---

Eis, em pormenor, o produto desses anos de riqueza:

1826	550 libras de ouro	1828	1.062 libras
1827	2.008 libras de ouro	1829	4.044 libras

Total .... 7.664 libras de ouro

De 9 de Janeiro a 17 de Fevereiro de 1830, extraíram-se 472 libras de ouro.

ta em volume considerável, do qual quando muito a centésima parte paga, para sair, os direitos de 2½ por cento. Faz pouco tempo, uma companhia conseguiu enormes lucros no Gentio, situado numa cadeia de montanhas, a 18 léguas do rio São Francisco.

Servi-me, em meus cálculos, sòmente dos documentos fornecidos pelo quinto; mas, posta de lado essa renda, há uma quantidade considerável de ouro auferida directamente pela coroa dos trabalhos que ela própria faz executar para a procura de diamantes e que era cada ano deduzida do custo destes últimos. Assim, segundo Pizarro, ter-se-ia achado dessa maneira, só nos anos de 1772 a 1794, cerca de 419.851 oitavas e ¾, o que representa um valor de 4 milhões e meio. E' até provável que o valor total desta parte não tenha ficado aquém de 25 a 30 milhões. Em conclusão, penso ter ficado, em meus cálculos, antes abaixo do que acima da realidade.

De acordo com Humboldt, a quantidade de ouro extraída no Brasil (1825) não iria além de 755.000 piastras; mas este sábio viajante baseou seus cálculos pelo quinto, não levando também em conta o contrabando. Aliás, depois dessa época, os trabalhos adquiriram impulso bastante grande.

CAPITULO VI

VISITA ÀS MINAS INGLESAS. — SABARÁ. — PITANGUI.

A 17 de Dezembro partimos de Ouro Preto. O presidente nos fez escoltar por três soldados de cavalaria, pertencentes à força policial do país, sendo um sargento, o outro furriel e o último simples soldado. O primeiro nos deixou pouco depois, sob o pretexto de doença, mas os outros dois nos foram de incontestável utilidade. Ficaram conosco perto de um ano, dando sempre prova de coragem e fidelidade.

Ao sair da cidade visitamos o Jardim Botânico, muito interessante pelas suas grandes plantações de chá da Índia. Havia nele cerca de trinta e cinco mil pés dessa utilíssima planta, e já vinte e cinco arrobas de chá preparado tinham sido entregues ao comércio. Embora muito inferior ao produzido na Índia, não tinha gosto desagradável. O director do Jardim, velho surdo e estúpido, não podia compreender o interesse que nos despertavam essas culturas, procurando a cada momento desviar a nossa atenção para um pequeno castanheiro, uma enfezada amoreira e uma mísera *Thuya*. Afora o director, há ainda nesse estabelecimento um feitor, seis escravos e seis trabalhadores livres. As despesas totais variam entre 8 e 9 mil francos. Passamos a noite em Cachoeira.

A 18, como o Sr. Claussen nos propusesse uma visita às minas inglesas, partimos cedinho, na esperança de chegar no mesmo dia em Cata Branca, distante seis léguas. Deixando Cachoeira, a estrada faz uma volta para o sul, para voltar logo para oeste; em seguida, acompanham-se num espaço de duas léguas as margens do rio Cachoeira, que se atravessa cinco vezes a vau.

Lembro-me aqui do logro em que caiu um de nossos companheiros de viagem, que vinha há dias se exercitando com grande ardor em caçadas ornitológicas.

Tinha ficado atrás, varejando a mata, quando de repente deparou com duas aves magníficas, que se deixaram aproximar sem grande dificuldade; procurando pôr-se em posição conveniente para matá-las a ambas com um só tiro, levou o dedo ao gatilho, com o coração a bater. Qual não teria sido a sua alegria ao ver-se dono de tão belos exemplares? Montando incontinenti a cavalo, veio ter conosco a todo galope, mostrando-nos com orgulho... duas galinhas-d'angola domésticas.

A paisagem era das mais agradáveis. Chegados à aldeia de Itabira, atravessamos o rio Maracujá numa ponte ruim de madeira. Nesse lugar o rio é bastante profundo e tem uma largura de cerca de 33 metros.

Todo o dia tínhamos marchado em solo gnáissico; ao chegar à povoação apareceram filões de diorito. O mau estado da estrada tinha fatigado de tal modo os animais, que decidimos passar a noite na aldeia, onde o Sr. Claussen conseguiu para nós a hospitalidade de um de seus amigos brasileiros.

A 19, se bem que não estivéssemos a mais de légua e meia do nosso destino, não foi sem inquietação que contemplamos as altas montanhas que se elevavam perpendicularmente acima de nossas cabeças. O caminho a princípio se inclina um pouco para o sul; depois sobe a encos-

ta da serra de Itabira, que se estende para o sudoeste. Logo no próprio povoado de Itabira começam as *phyllas* que se alternam com o itacolumito e que, nesse lugar, se apoiam directamente sobre o gnaisse. Os xistos filádicos têm cores variadas e passam do cinza ao preto e do vermelho ao violeta. Esta formação, que é quase sempre pregueada e amarrotada, acha-se sublevada às vezes quase verticalmente; sucede-lhe o itacolumito, que continua até a mina, cavada ela própria nesta rocha. Vêem-se no ponto de junção montes de itacolumito, contendo camadas de ardósia e fragmentos destacados.

Antes de meio-dia tínhamos chegado ao termo da jornada, não pouco derreados pelo cansaço. Fomos recebidos do modo mais hospitaleiro pelo Sr. Champion, director da emprêsa, ao qual, na véspera, tínhamos enviado as nossas cartas de apresentação; com a mais cativante benevolência fez-nos as honras de uma das minas de ouro mais ricas do Brasil.

Após excelente almoço, fomos visitar a povoação, que nos impressionou pelo seu aspecto nitidamente inglês, sua extrema limpeza e seus jardins floridos em frente às habitações. Os escravos, em número de quatrocentos e cinquenta, são notáveis pela robusta aparência e aspecto sadio. Os dormitórios por eles ocupados são altos, bem arejados e guarnecidos, em ambos os lados, de leitos dispostos em dois andares e perfeitamente limpos. Trabalham estes negros oito horas por dia, podendo dispor a seu talante do tempo disponível e recebendo pagamento por qualquer trabalho em que então se ocupem. Visitamos depois o hospital, onde travamos conhecimento com o médico inglês da emprêsa, que possuía algumas colecções de história natural por ele feitas.

Minha saúde ainda claudicante não me permitiu, com pesar o digo, visitar todos os trabalhos da mina, pelo que

vou extrair do diário do Sr. Weddell a descrição que dela fizera, acrescentando-lhe apenas o resultado das observações científicas do Sr. d'Osery.

"Chegamos afinal aos trabalhos de mineração pròpriamente dita. Nossa atenção se dirige a princípio para a parte mais aparente destes trabalhos, que são os que se fazem na superfície do solo. Três imensas máquinas hidráulicas, cujas rodas motrizes têm cerca de quarenta pés de diâmetro, põem em movimento uma infinidade de pilões de ferro, que incessantemente trituram o minério, reduzido prèviamente a pequenos fragmentos pelos negros, que o trazem da entrada dos poços. À medida que a pedra vai sendo pulverizada pela queda dos pilões (*stamps*), uma corrente de água atravessa toda a massa, arrastando as parcelas mais leves, enquanto o metal e algumas outras substâncias de peso específico mais considerável se depositam, acumulando-se em quase sua totalidade no fundo dos pilões. As parcelas de ouro que porventura escapem, são retidas na sua passagem por um plano inclinado, em pedaços de pano colocados expressamente para este fim. Nova lavagem manual concentra ainda o produto, fazendo aparecer a poeira de ouro, que até então é, na maioria das vezes, invisível. Esse pó é tratado em seguida pelo mercúrio, cujo excesso se separa mediante pressão, através de uma pele de camurça. A amálgama sólida obtida por esse modo é submetida finalmente à acção do calor, que promove a volatização do mercúrio e deixa o ouro em estado de pureza. Hoje que a mina não é mais tão produtiva como antigamente, é necessário tratar quinze toneladas de minério para obter uma libra de ouro. Pela segunda lavagem, cerca de nove pés cúbicos do produto da primeira lavagem são reduzidos ao duodécimo de seu volume, sendo sobre este último que se faz actuar o mercúrio. A quantidade de pedra extraída por dia é aproximadamente de dezoito a vinte toneladas.

"Vestidos com grossas camisas de lã e munidos de chapéus de feltro breados de resina, penetramos na mina, guiados pelo Capitão William, velho mineiro de Cornwall; tínhamos cada qual uma tocha, que o vento nos queria disputar. Entra-se nesse mundo subterrâneo por uma estreita galeria de cento e cinquenta pés de comprimento, com o fundo cheio d'água até a altura de um pé. A meio caminho, duas pessoas da sociedade deixaram-nos, fugindo da humidade dessa galeria, que é destinada a dar escoamento às águas retiradas da escavação pelas bombas e cuja perfuração exigiu nada menos de seis anos de trabalho ininterrupto. Ao chegarmos à extremidade deste corredor, avistamos a luz do dia a 100 metros acima de nossas cabeças e através de uma espécie de nevoeiro; aos nossos pés, uma escada de ferro descia num poço escuro, a muito custo iluminado pelas nossas candeias, que havíamos colado aos chapéus, para maior facilidade de movimentos. Levou-nos esta primeira escada a uma plataforma, de onde descia ainda uma segunda escada, até a segunda plataforma; daí partia uma terceira escada e assim por diante. Não sei quanto tempo estivemos suspensos às paredes desse abismo; lembro-me porém de que, ao chegarmos ao fundo da mina, estávamos a 300 metros abaixo da superfície da montanha. O que nos foi dado ver então pareceu-nos bem infernal. Tochas estavam presas aqui e ali às paredes da mina, cuja extensão, no ponto em que estávamos, podia ter quarenta pés; essa luz clareava o corpo retinto dos negros, que estavam vestidos só na metade do corpo e apareciam em grupos de três, em torno dos buracos que abriam no quartzo. O suor escorria na pele luzente destes mineiros, como que para harmonizá-los com as bicas que corriam das paredes da escavação; feria o ouvido as pancadas repetidas dos pesados martelos sobre os escopros, ruído este que se casava ao barulho feito pela água e ao rangido da corrente de ferro, quando ela fazia descer até junto de nós

o balde em que se transportava o minério. Bastante singular era esse espetáculo. A volta foi ainda muito mais penosa do que a descida; mais de uma vez receamos que nos faltassem as forças, quando, no meio daquelas escadas verticais, contávamos mentalmente os degraus que ainda tínhamos de vencer. Chegando a certa altura, descemos num outro poço, para novamente subir e irmos até onde fica a máquina de esgotamento, que trabalha ininterruptamente a muitas centenas de pés abaixo da superfície do solo. Aumentavam as dificuldades, de modo que, ao ser necessário passar por uma estreita prancha lançada sobre a boca de um grande poço, mais três dos nossos companheiros nos abandonaram. Veio depois longa e estreita galeria, cuja altura teria quando muito um metro e cheia de água até meia altura. Aí duas de nossas luzes se apagaram, fazendo-nos por um instante temer que ficássemos inteiramente às escuras, o que seria bem pouco agradável numa passagem como aquela, em que a efervescência das águas impedia completamente de ouvir-se qualquer voz. Um pouco mais adiante desembocamos numa escavação, onde à custa de tremendo esforço se tinha conseguido suspender uma roda gigantesca, destinada a trazer ao alcance de outra máquina, situada mais em cima, a água acumulada no fundo da mina. O resto da viagem subterrânea foi feito através de passagens ainda mais estreitas, junto a tubos de bomba e muitas vezes com braços de alavancas em movimento. Finalmente, uma última galeria, tão húmida quanto as primeiras, trouxe-nos à luz do dia. Já era tempo".

Ouçamos agora o Sr. d'Osery.

"A mina de Cata Branca parece ter sido explorada antigamente pelos portugueses, sob o nome de *Buraco da Mónica;* segundo se conta, ter-se-ia tirado dela muito ouro. Em 1834, quando o Sr. Roque a visitou, ela pertencia a uma família pobre da terra. Foi ele quem descobriu a existência do bismuto nesta mina. O desabamento de uma

parte das obras acarretou a morte de várias pessoas, fazendo com que sua exploração fosse suspensa. Em 1830, o Sr. de Linhares a adquiriu pela soma de 22.000 cruzados, pagos a diferentes proprietários, começando logo a desobstruí-la. Em 1832, o Sr. Mornay comprou-a para uma companhia inglesa, pela importância de 78 contos de réis. A exploração do Sr. de Linhares tinha custado 11 contos de réis, mais cerca de 2.000 oitavas (a oitava correspondente à oitava parte de uma onça portuguesa) de ouro, extraídas em dois anos de trabalho. A do Sr. Mornay durou apenas alguns meses, quando os escravos foram vendidos e suspenso o trabalho até 1834, época em que o Sr. Cottsworth o recomeçou em pequena escala, utilizando o braço livre, por conta da companhia inglesa. Como fosse bem sucedido, os trabalhos foram reorganizados, continuando depois até o presente.

"A mina é formada de um filão de quartzo, que atravessa o itacolumito e os xistos argilosos. Neste lugar estas duas rochas alternam entre si; as camadas são quase verticais, levemente inclinadas para leste.

"O filão corre quase directamente do norte para o sul. O ouro é aí encontrado nas fendas, que parecem falhas do veio de quartzo, sobrevindas após a formação deste último e nas quais o metal ter-se-ia sublimado. Chamam-se estas falhas *olhos dos mineiros;* elas são em número de seis, não se prolongam no itacolumito, mas se limitam apenas ao filão. O ouro e o bismuto se acham nessas fendas a dois ou três palmos de cada lado da linha das falhas, as quais, sem ter qualquer relação com as camadas de itacolumito, se acham não obstante orientadas quase no mesmo sentido. Às vezes, nos pontos em que houve deslisamento, pelo menos aparente, encontra-se também algum ouro no contacto do filão com as rochas que o cercam; mas não é isso geralmente o que acontece.

"Quando nos afastamos a alguma distância da linha das falhas no interior do filão, outra coisa não encontramos senão quartzo puro e muito pouco ouro. Tudo pois leva a crer que esse filão era a princípio composto de quartzo puro, mas que depois foi revolvido na parte inferior, entrando em fusão por efeito deste movimento, e permitindo que o ouro e o bismuto chegassem por sublimação às fendas, e aí se condensassem".

A 20, embora caíssem chuvas torrenciais, não podíamos deixar de admirar a magnífica paisagem estendida à nossa vista; abrigados num pequeno mirante colocado perto da casa, acompanhávamos com uma curiosidade de criança as imensas nuvens que ràpidamente se precipitavam na profundeza sombria do vale, semelhante a um abismo aberto perpendicularmente abaixo de nossos pés. Atrás de nós, no horizonte já de si tão escuro, desenhava-se o perfil negro do pico bífido de Itabira. Não tardou que alguns dos nossos companheiros mais moços, não podendo resistir por mais tempo à atracção deste cenário, se decidissem a montar os seus cavalos, afrontando a chuva que continuava a cair abundantemente, confiantes na excelência das capas do país. Enquanto isto, outros entravam, a fim de pôr ordem em suas notas e acondicionar as colecções do dia anterior.

Saindo de Cata Branca, o caminho seguido pela pequena expedição a que me refiro sobe ràpidamente para o Itabira. Nossos amigos faziam em breve uma parada, para visitar uma nova escavação aberta apenas há uns quatro ou cinco dias, e já produzindo animadores resultados. A matéria aurífera forma neste lugar um filão detrítico, composto de fragmentos de quartzo róseo não aglutinados e muito pouco coerentes, misturados com fragmentos de ardósia e de xistos, aí quase verticais. O filão corre de leste para oeste. Nos lugares em que a espessura é máxima, ele mede uma milha de largura; mas é comumente muito

mais delgado. E' superficial e muito fácil de atacar com a picareta. Os itacolumitos e os xistos que o rodeiam foram fortemente revolvidos; o filão é ele próprio quase vertical e forma com o horizonte um ângulo de cerca de 85 graus. A desigualdade do terreno logo obrigou nossos companheiros a abandonar suas cavalgaduras, forçando-os a galgar a pé os flancos do pico, agarrados às rochas ferríferas. A vegetação pareceu ao nosso botânico muito diferente da que se observava mais em baixo; mas tinha muita semelhança com a da serra de Ouro Branco, se bem que ainda mais variada. Formando o fundo da vegetação, predominavam as melastomáceas do gênero *Microlicia*, que por todos os lados exibiam lindas moitas de elegante folhagem, cobertas de bonitas flores cor de-rosa; também as *Vellozia* de flores azuis, de uma espécie menor do que a de Ouro Branco. Viam-se por toda parte ainda as admiráveis corolas das *Echites*, cujos caules sarmentosos se insinuavam por entre as moitas, deixando pender seus ramos carregados de flores acetinadas. As formas fantásticas dos rochedos eram em parte escondidas sob espessas camadas de liquens de formas e cores as mais variadas, e de permeio com os quais crescem profusamente numerosas espécies de orquidáceas e belas bromeliáceas. Embalsamava a atmosfera uma linda Composta arborescente, de flores purpurinas.

O Sr. Champion, que já anteriormente tinha escalado o pico, quis servir-nos de guia; mas não pôde achar o caminho por onde então tinha subido, tornando-se assim necessário procurar outro. Finalmente, à custa de muito trabalho, e não sem riscos, conseguiram nossos companheiros sentar-se na pedra que forma o principal cume do pico, situada a cerca de 1.670 metros acima da superfície do mar. Uma águia, único habitante dessas paragens, pairava acima de suas cabeças. O pico de Itabira é uma erupção férrica, situada num planalto; excede em altura a tudo

que lhe fica à volta e oferece de longe a aparência de uma torre. Deve sua existência provàvelmente a uma erupção do granito inferior.

Essa formação repousa entre os estratos de uma camada ardosífera, superposta ao itacolumito de Cata Branca. O Itabira parece ter-se formado depois desses xistos, porquanto se mostram, na zona de contacto, revolvidos, roídos e um pouco alterados. De resto, na base do Itabira, uma canga ferruginosa e mamelonada, parecida com a dos arredores de Ouro Preto, repousa sobre o xisto.

A 22 deixamos a mina e seu excelente director. A estrada sobe suavemente sobre os rochedos de canga, que fazem parte da "*coulée*" situada ao pé do Itabira e por este pico atravessada. Todavia, na descida, apareceram xistos ardosíferos fortemente soerguidos e inclinados de 85 graus sobre o horizonte. Mergulham para leste e constituem todos os contrafortes da montanha. Sua posição parece ser devida também a uma erupção férrica. Outros ainda existem, manifestamente metamórficos, fazendo transição aos do Itabira. Em alguns pontos da estrada aparecem também filões de itacolumito quartzífero branco, que fazem transição para os xistos ardosíferos que se encontram em alternância nos arredores de Cata Branca. Esta formação não tarda a adquirir predominância, desenhando-se claramente no resto da estrada. Estes xistos mergulham para leste.

A umas quatro léguas de Cata Branca passamos o rio do Peixe, cuja largura pode ter 13 a 14 metros, sobre um de profundidade. E' um afluente do rio das Velhas; estava muito crescido com as chuvas e tinha as águas muito sujas. Encontramos em sua margem alguns pescadores, que nos venderam peixes interessantes para as nossas colecções. Em seguida, tivemos de subir, com esforço, uma alta montanha, que forma a margem oposta. O calor era excessivo

e os declives de tal modo fortes, que fomos às vezes obrigados a apear e puxar os nossos cavalos.

O caminho transversal que estávamos seguindo era muito difícil de reconhecer, donde nos termos transviado mais de uma vez, dentro do mato cerrado. Por fim, ao cabo de cerca de seis léguas de marcha, passamos uma alta montanha, depois de cuja descida chegamos ao povoado de Santa Rita. Aí resolvemos passar a noite, à espera da resposta à carta que eu tinha mandado na véspera ao Sr. Herring, director da mina de Morro Velho, pedindo-lhe permissão para visitar o estabelecimento. O rio das Velhas, cuja direcção é aqui para noroeste, corre do lado de Santa Rita, sempre através de xistos ardosíferos. Suas margens estão cheias do cascalho que haviam lavado, em procura de ouro. Passamos a noite ocupados em fazer observações sobre a correnteza e dimensões do rio. Achamos para velocidade da corrente cinquenta e cinco passos em cinquenta e cinco segundos. A largura do rio, medida por meio de um cordel, era de 49 metros e meio, ao passo que a profundidade, medida no meio do leito, era de 1 metro e 60 centímetros. Fizemos evaporar vinte litros de água, obtendo abundante resíduo argiloso e avermelhado.

Passamos a noite numa casa suja, em completo desmantelo, e sem um só instante de repouso, por causa dos carrapatos de que estávamos cheios.

Na manhã de 28 chegou o portador, trazendo-me uma carta do imediato do estabelecimento, por estar ausente o chefe; pareceu-me mais polida, do que pròpriamente benévola. Contava-me, além disso, que em Congonhas, aldeia situada a um quarto de légua da mina, a companhia tinha uma casa, à disposição dos viajantes. Partimos sem demora, acompanhando durante uma meia hora o rio das Velhas, de que dois ou três afluentes tivemos de atravessar. Depois, tomando para oeste, foi preciso galgar uma

montanha. Andávamos sempre sobre xistos ardosíferos; mas, nesse último ponto, encontramos filões de quartzo negro resinite, de fractura brilhante e lustrosa. Chegando à aldeia, debalde procuramos a casa anunciada, ou algum habitante que no-la indicasse. Por fim, um preto do lugar nos mostrou uma espécie de estábulo que até os porcos relutariam em aceitar para dormida. Essa recepção, tão contrária à hospitalidade habitual das companhias inglesas, hospitalidade que no Brasil todos conhecem, vivamente nos surpreendeu; pelo que, tomei a deliberação de enviar imediatamente à mina um sub-oficial, com o fim de participar que não podendo deixar de encarar semelhante tratamento como uma recusa a nos admitir no estabelecimento, eu havia resolvido continuar a viagem, rumo a Sabará. Tínhamos já feito légua e meia, por um caminho terrível, quando verificamos que, apesar das más condições da estrada, éramos seguidos a todo galope por um homem. Este cavaleiro não era outro senão o próprio Sr. Herring, que tendo chegado de viagem e sabido do quiproquó, correra a nos apresentar suas desculpas. Vencido pela sua instância, mandei a caravana para Sabará, com alguns dos companheiros, voltando rastro atrás, com os Srs. d'Osery e Weddell. Fomos recebidos no estabelecimento como velhos amigos por uma encantadora família de que guardarei a mais imorredoura recordação. Madame Herring, perdida por assim dizer nestes desertos desde longos anos, tinha sabido dar aos seus nove filhos perfeita educação europeia. Em companhia de suas gentis filhas, fez-nos ela esquecer as fadigas da viagem, dando-nos durante alguns dias a impressão de termos sido transportados sùbitamente, pela vareta mágica de alguma fada, a uma daquelas maravilhosas vivendas dos arredores de Londres. Passamos o mais alegre dia de Natal deste mundo; se o calor abafante impediu que se acendesse a tradicional fogueira, o opíparo jantar, a numerosa sociedade e a exce-

lente música, fizeram-nos esquecer que estávamos entre os trópicos. Já nos tinha alcançado o Sr. Champion; quer dizer que a festa era presidida pela alegria mais franca.

Com a vestimenta completa dos mineiros, visitaram minuciosamente os membros da expedição os trabalhos das três minas exploradas pela companhia. Estes trabalhos eram dirigidos pelo Capitão William Warren, cuja experiência fora feita em Cornwall. Esta é no Brasil a única mina que distribui juros aos seus acionistas. São retirados por dia uma média de 200 toneladas de minério, cada uma das quais produz cerca de cinco oitavas de ouro. O acesso a estas minas está longe de ser tão difícil quanto o da mina de Cata Branca, visto como nela se desce por uma série de planos inclinados, à excepção apenas de alguns poucos lugares, em que se tornou necessário o emprego de escadas.

O imenso madeiramento que sustém as galerias são geralmente de madeira de lei, como o jacarandá. A mina de Baú, que é a maior de todas, tem cento e cinquenta braças de profundidade, por cento e quatro de comprimento.

A 27 tivemos de deixar a excelente família do Sr. Herring. De Morro Velho a Sabará é quase sempre descida, passando-se quatro ou cinco córregos, afluentes do rio das Velhas. A estrada, que não é das piores em comparação com as outras do país, atravessa bonitos capões de mato. Chegando à cidade, desce-se para o rio das Velhas, que aí forma um cotovelo e recebe o riacho Sabará-açu. A ponte de madeira lançada sobre este último pode ter uns 50 metros de comprimento.

A estrutura do terreno é sempre o xisto argiloso, mergulhando para leste e às vezes de cor verde. Descendo uma ladeira depois de Morro Velho, vê-se um filão de quartzo róseo, com manganês. Mais adiante encontra-se

ainda quartzo preto resinite, de fractura vítrea. Verificamos que o ouro havia sido explorado nas margens do rio. Sabará está situada entre xistos, encontrando-se nas suas cercanias calcários e rochas ferruginosas.

Chegando à cidade, encontrei com facilidade a casa do mais importante morador dali, para o qual eu tinha uma carta de recomendação. Recebeu-nos o barão de Sabará com uma hospitalidade perfeitamente feudal. Sirvo-me desta expressão, porque havia a maior analogia entre a sua situação e a que ocupava a nobreza na Idade Média. Goza ele de extraordinária influência, tanto pela sua fortuna pessoal, como por ser o comandante de todas as milícias. Levando ao extremo a imitação dos tempos antigos, fez questão de nos fazer servir à mesa pelos três filhos. De uma das janelas do salão foi-nos dado gozar de singular espectáculo: refiro-me à grande festa dos negros, reunidos para a eleição de um rei do Congo. Fazem todos os anos este extravagante carnaval, adquirindo o eleito grande influência sobre os companheiros. A cena era muito curiosa, misturando singularmente as reminiscências da costa africana com os costumes brasileiros e cerimónias religiosas. A princípio, o rei do Congo, em companhia de sua metade, vem ocupar uma das cadeiras postas de antemão para uso da corte. Ambos estão magnìficamente vestidos, trazem coroas de prata maciça e ceptros dourados. Um grande guarda-chuva os garante da influência da lua, que vem nascendo. Coisa digna de reparo, o rei traz uma máscara preta, como se tivesse receio de que a permanência no país lhe tivesse desbotado a cor natural. A corte, em cujos trajes se misturam todas as cores e os enfeites mais extravagantes, senta-se de cada lado do casal de reis; vem depois uma infinidade de outros personagens, os mais consideráveis dos quais eram sem dúvida grandes capitães, guerreiros famosos ou embaixadores

de potências longínquas, todos paramentados à moda dos selvagens do Brasil, com grandes topetes de penas, sabres de cavalaria ao lado, e escudo no braço. Nessa balbúrdia, confundiam-se danças nacionais, de diálogos entre pessoas, entre estas e o rei ou entre o rei e a rainha, combates simulados e toda espécie de cambalhotas dignas dos macacos mais exercitados. A coisa mais divertida era porém um preto mascarado de branco, e vestido com a farda vermelha do soldado inglês; trazia um violão e era acompanhado por uma orquestra, por assim dizer, nacional. A escuridão acabou por encobrir estes personagens, que não poderiam querer mais do que nela se confundir.

Fizemos várias excursões nos arredores da cidade, mas elas foram muito pouco produtivas em objectos de História Natural, apesar dos esforços feitos pelo barão para que fôssemos mais bem sucedidos. No que se refere aos mamíferos, não conseguimos mais do que uma *paca* fêmea, com um feto no ventre. Quanto às aves, obtivemos apenas alguns periquitos, picapauzinhos e cuitelões.

A cidade de Sabará, da primeira à última casa, tem quase uma légua de comprimento, com uma população de cerca de 4.500 almas. Visitamos a principal igreja da cidade. Ornam-lhe a portada, por fora e em cima, boas esculturas feitas por um aleijado. O interior, que só nos foi possível ver à luz do lampião, é enfeitado de pinturas e esculturas indígenas, muitas das quais não fariam má figura numa igreja europeia. Várias igrejas inacabadas vêem-se esparsas nas praças da cidade. Vimos aqui alguns minérios de ouro de incrível riqueza, sabendo ao mesmo tempo que a mina de Taquaral, donde procediam, acabava de ser vendida a uma companhia inglesa, pela importância de 20.000 libras esterlinas e mais 5% da produção. Achavámo-nos de viagem com destino à casa do Sr. Herring, onde íamos passar um dia, quando deparamos com

a nossa comitiva que chegava a Sabará, vindo de Barbacena. Achei que se tornava então necessária minha permanência na cidade, pelo que abandonei o projecto de visitar a mina de Gongo-Soco. Essa excursão, fizeram-na sòzinhos os Srs. d'Osery e Weddell. Vamos dar os relatórios de ambos, antes de narrar os acontecimentos desenrolados em Sabará durante esse intervalo de tempo.

"Para não perdermos um minuto, diz Weddell, pusemo-nos a caminho, sem esperar os nossos hospedeiros e contando vencer antes da noite, com um bom guia, as sete ou oito léguas de caminho que nos separavam dessa curiosa mina; mas, no que toca pelo menos a mim, havia de acontecer coisa muito diferente. De facto, como fizéssemos uma parada a meio caminho, em Morro Vermelho, para travar relações com um pedaço de *plum-pudding* e outras coisas boas que os amáveis hóspedes nos haviam dado, seguindo na frente o guia e o Sr. d'Osery, errei o caminho e me perdi, sem esperança de conseguir acertar mais com a estrada neste dia. Por cúmulo do caiporismo, vi-me forçado a arrastar o cavalo pelo cabresto, dando-me por muito feliz quando descobri uma grande fazenda a cujo proprietário fui pedir pousada, sem a menor cerimónia. Ao inverso do que era costume, as mulheres não se esconderam; pensei que se me ia até oferecer um banquete, ilusão todavia que não tardou a desmanchar-se. Passou-se a hora da ceia, sem que disso houvesse o menor sinal, e quando imaginava poder deitar-me, abordou o meu hóspede um capítulo de política, discursando sobre ele até hora avançada da noite. Fulminava principalmente ele as companhias inglesas instaladas na província de Minas: "Elas vêm nos arrebatar todo o ouro de nossa terra", dizia ele. Quando lhe ponderei que se os ingleses deixassem na terra este ouro, de que ele tinha tanta pena, não tirariam disso os brasileiros nenhum proveito, respondeu-me que o aproveitariam os seus netos e bisnetos.

"Às cinco da manhã já estava eu a cavalo, certo de que chegaria sem dificuldade ao termo da jornada. Entretanto, sem guia, nesse labirinto de caminhos, transviei-me mais uma vez. Só à custa de muitas apalpadelas consegui encontrar finalmente o caminho certo. Por feliz acaso, no momento mesmo em que me via forçado a apear, para puxar ainda uma vez o meu cavalo, ouvi atrás de mim a voz do Sr. Herring. Montando num de seus cavalos, pusemo-nos a galope e em alguns minutos chegávamos em Gongo, em presença do Sr. Cricket, director da mina, que me recebeu muito cordialmente.

"Tendo muito pouco tempo à minha disposição, tratei de visitar imediatamente os trabalhos, na companhia do Sr. Morgan, digno velho que falava bem o francês. Entregou-me ele a um mineiro, com o qual, vestido de roupas adequadas, desci logo até o local da exploração, utilizando não mais escadas, como anteriormente, mas o próprio balde que serve para o transporte do minério. A mina tem cerca de sessenta e duas braças de profundidade; mas paramos antes de chegar ao fundo, entrando por uma galeria lateral. Devo dizer, de passagem, que este método de viajar pendurado em um cabo de ferro, pareceu-me bem mais suave que o outro.

"Saindo de nossa balança, percorremos uma série de galerias, com a altura máxima de quatro a cinco pés e da largura apenas de uma pessoa, revestidas completamente de madeira e com cerca de um a dois pés de água. Toda a mina apresenta este aspecto, embora em alguns pontos a água chegue à altura da cintura. O peso a que se acham submetidas as travessas do tecto destas estreitas galerias é tão grande, que vi em certos lugares esteios da grossura de meu corpo quebrados como se fossem palitos de fósforos. E' raro passar-se um mês sem que ocorra algum desabamento nestes caminhos subterrâneos, longos talvez,

no seu conjunto, de várias léguas. Forçados a abaixar quase sempre a cabeça para andar e a proteger com as mãos as nossas luzes da água que caía abundantemente da abóbada, houve ocasiões em que nos foi preciso quase deitar de costas, para escorregarmos em poços pouco menos que verticais e parcialmente obstruídos. No fim de uma destas passagens, encontramos um mineiro solitário, ocupado atentamente em acompanhar um veio em que se apresentava em grande quantidade o ouro. Vi este metal reluzir nos fragmentos que o operário destacava com a picareta. Este produto, particularmente rico, era imediatamente colocado numa caixa fechada a chave e conduzido assim para a *washing-house*. Finalmente, bem no fundo da mina, quase no lugar em que a bomba vem actuar, fui encontrar o Sr. d'Osery, com água quase até o pescoço, no exercício de suas funções de mineralogista e de geólogo. Deixei-o por alguns minutos para ver outras jazidas ainda não examinadas por mim; na volta nos reunimos e juntos subimos em busca da luz do dia, cuja falta já sentíamos, a despeito do interesse das observações que nos haviam levado longe dela.

"Na mina de Gongo o metal precioso se acha disseminado numa ganga preta e friável como carvão, com que aliás muito se assemelha; dão a essa matéria o nome de jacutinga. O ouro, que hoje só se acha em pequena quantidade, foi extraído às mancheias pelos primeiros exploradores da mina, a ponto de uma vez terem sido tiradas mais de cem libras em três horas. Mas já vai longe este tempo. O minério, como nas outras minas por nós visitadas, é esmagado num jogo de pilões; mas as máquinas utilizadas na trituração da jacutinga estão muito longe de oferecer a aparência quase "coquette" dos *stamps* de Morro Velho e de Cata Branca. Uma vez retirada do pilão e concentrada por meio de novas lavagens, não é a areia submetida à acção do mercúrio; ela é tratada por meio de outras lava-

gens mais perfeitas. Quando o ouro aparece à vista nos filões, ele não é tratado pela maneira que acabamos de descrever, mas pilado em almofarizes e lavado à mão, em pequenas bacias rasas de madeira, a que dão o nome de bateias. Ao fim do dia senti-me um pouco fatigado, pelo que tratei de escapar assim que pude em busca de repouso.

"No dia seguinte, fizemos uma visita rápida ao hospital e seus anexos, e outra a algumas partes da exploração, não vistas no dia anterior. Deixamos por fim a mina de Gongo, debaixo de aguaceiro torrencial. Desta vez, graças ao cavalo que o Sr. Cricket teve a amabilidade de me emprestar, receoso de que *o meu não aguentasse a caminhada*, e também à bondade do guia, não tivemos nenhum contratempo, e pudemos alcançar Sabará à noitinha. Já *o mesmo não se* deu com algumas amostras de minério colhidas pelo Sr. d'Osery em partes diferentes da mina; trazidas sem cuidado sobre a sela, pelo nosso condutor, e ainda por causa da chuva, tinham-se convertido numa grossa marmelada, cuja cor ficou gravada em caracteres sombrios nalgumas infelizes peças de roupa que irrefletidamente tínhamos acondicionado no mesmo saco".

A estrada de Morro Velho a Gongo-Soco corre geralmente para leste, com voltas para o norte, e galga uma porção de morros elevados. Até Morro Vermelho a formação geral é o xisto ardosífero, mais ou menos sublevado e mergulhando sempre para leste. A meia légua do ponto de partida, vimos a exploração a céu aberto e em pequena escala, de um filão quase vertical de quartzo xistoso aurífero, correndo para o norte e alguns graus para oeste, com a inclinação de 2 a 3 graus para leste. Pertence ele a um padre, cujos maquinismos ficam a pouca distância. Um pouco mais adiante, em Raposa, atravessa-se o rio das Velhas, por uma ponte muito ruim de madeira, cuja largura é de um metro e nem parapeitos possui. Depois de Morro Velho, encontram-se xistos talcosos

de cor verde, onde já se deu começo a uma escavação para a extracção de ouro; chegando porém em Gongo-Soco, aparecem as cangas e finalmente a formação de jacutinga.

Em Gongo-Soco o ouro existe nesta última, cuja disposição é muito particular. Os xistos argilosos se encontram acima da formação aurífera e em baixo ficam xistos ricos em ferro e mais aproximados do itabirito. Poder-se-ia considerá-los como a passagem dos siderocristos para esta última rocha. A jacutinga é em si muito friável, mas conserva ainda as aparências da xistosidade. E', até certo ponto, um xisto ferruginoso, muito rico em manganês e muito fàcilmente alterável, se não decomposto. A direcção da camada de jacutinga, bem como a das rochas em que está ela encaixada, é de leste para oeste. Todas as camadas de formação total mergulham para o sul e são inclinadas de modo variável. Esta inclinação chega por vezes a 40 graus, mas de ordinário não excede a 20 ou 25. O mergulho desta formação para o sul é muito digno de nota, porquanto no resto do país as camadas mergulham todas para leste.

Varia a composição dos xistos superiores; apresentam ordinàriamente uma série de linhas azuladas ou cinzentas, alternando com veias brancas de quartzo. Todas estas linhas não têm mais do que 2 milímetros de espessura cada uma. Nessa região a xistosidade apresenta aliás uma multidão de formas variadas.

Depois destes xistos encontra-se uma espessa camada negra, muito rica em ferro e bastante semelhante à jacutinga. Vem, a seguir, a jacutinga pròpriamente dita, cuja possança varia conforme o lugar, conquanto não tenha de ordinário mais do que 16 centímetros. Em baixo ficam finalmente os xistos ferruginosos, vizinhos do itabirito, já referido antes. Na jacutinga o ouro se encontra em estado nativo e perceptível à vista. O notável é que ele nun-

ca se encontra num pequeno veio, que serpeia na própria jacutinga e a que os mineiros deram o nome de *linha*. Esta linha não tem em geral mais do que 5 a 7 milímetros de largura e às vezes se reduz à grossura de um cabelo; é parda e contém grande quantidade de manganês. Entre as camadas da jacutinga encontram-se massas de talco amarelo, muito liso, como ainda grandes blocos de itabirito. E' de notar-se que nesta formação a proporção de ferro aumenta à medida que se desce. A exploração na mina de que nos ocupamos é feita à picareta: a pólvora é apenas empregada para desagregar os veios muito duros que às vezes atravessam o filão.

Durante a ausência de meus companheiros de viagem deu-se uma ocorrência que, embora não tivesse maiores consequências, era de molde a poder acarretar um completo desastre, no começo de uma expedição como esta. À minha volta de Sabará, percebi que o espírito de insubordinação se havia apoderado de alguns homens pertencentes à comitiva. Não tardou que estalasse uma resistência aberta às minhas ordens. Lamento que à testa dos insubordinados estivessem dois compatriotas, um dos quais não era outro senão Guilherme, o filósofo. Como tivesse eu tomado rigorosas medidas contra os insurrectos, esse homem, à noitinha, investiu contra mim, só não me pregando uma peça porque lhe apliquei imediatamente o revólver ao peito. Tentou então fugir, mas foi logo agarrado e preso, como também o marinheiro Eugénio. Embora eu tivesse querido realmente bem ao primeiro desses companheiros reconheci que o seu estado de insanidade mental não me permitia conservá-lo mais em nossa companhia, pelo que dei instruções para que só o soltassem depois que saíssemos de Sabará. Quanto ao outro, continuou ainda conosco, encarregado de transportar o barómetro.

Nossa comitiva voltou novamente a reunir-se, tornando-se então necessário fazer grandes provisões, uma vez

que íamos atravessar as regiões desabitadas que se conhecem pelo nome de sertões. Foi à mesa do barão de Sabará que travamos nosso primeiro conhecimento com várias frutas da terra, tais como a *fruta-de-conde*, que tem o gosto de um creme perfumado, a *manga*, cujo cheiro e sabor lembram um pouco a essência de terebintina, o *caju*, mais notável pela beleza do colorido do que mesmo pelo sabor, que é ácido e muitas vezes adstringente.

A 8 de janeiro de 1844 deixamos Sabará, para nos dirigirmos para o Curral del Rei. Ao atravessar a elevação que se ergue em frente de Sabará não foi sem prazer que contemplamos a longa fila de cargueiros e de pessoas atravessando a ponte e desaparecendo nas gargantas da serra.

Ao sair de Sabará marcha-se sobre quartzo granuloso, depois entra-se novamente nos xistos argilosos ferríferos. Durante um quarto de légua está-se sobre montículos de itabirito destacados de uma parte muito ferruginosa desses xistos, que mergulham sempre com uma inclinação de 44 graus e às vezes muito mais. Chega-se depois a misturas de xistos itacolumíticos e fragmentos de itabirito, e finalmente às cangas.

A direcção geral da estrada é para sudoeste, volvendo francamente em certas curvas para o sul ou para o oeste. Frequentam-na carroções, cujos sulcos profundos se vêem marcados, apesar da inclinação forte de muitas rampas e do chão muito pedregoso. Passam-se dois córregos, afluentes do rio das Velhas.

Tive eu a precaução de mandar na frente o nosso soldado preto de nome Patriarca, e foi graças a ela que fomos recebidos oficialmente pelo subdelegado, que nos hospedou em sua casa, dando-nos para comer feijão e farinha. A povoação de Curral del Rei está em situação muito agradável, no meio do arvoredo. Das janelas da casa, descor-

tinavamos o magnífico panorama das montanhas, que pertenciam a duas cadeias distintas: a serra de Congonhas, que corre de nordeste a sudoeste, separando Morro Velho de Curral del Rei, e a serra da Piedade, que corre de este-sudeste para oeste-noroeste e parece formar um ângulo de 60 graus com a primeira. Esta última cadeia de montanhas tem mais de 1.700 metros de altitude. A freguesia em que estávamos tinha cerca de 1.500 almas; deve seu nome ao facto de antigamente serem nela pagos pelos sertanejos os direitos que lhes eram exigidos, pelos animais que trouxessem consigo. Dois dias ficamos nós retidos neste lugar, por causa da perda de alguns de nossos cargueiros. Empregamos o tempo em caçar nos arredores, conseguindo assim colecionar grande número de beija-flores, entre os quais duas espécies notáveis: uma, a *Petasophora*, cuja garganta apresenta belas penas matizadas de violeta purpurino; a outra, o *Cornutus*, certamente uma das mais lindas espécies do gênero, pela magnífica crista de penas cor de fogo, no alto da pequenina cabeça.

A 11, como tivesse sido encontrado a maioria dos animais, pusemo-nos a caminho. O único que tínhamos deixado era um cavalo que, embora perdido, foi comprado por um dos moradores do lugar. A estrada, cuja direcção geral é para sudoeste, é sinuosa e bastante plana; ela não obstante transpõe dois ou três morros e alguns córregos. Saindo de Curral del Rei, encontram-se ainda alguns siderocristos e, perto de Bitácula, vê-se uma camada avermelhada de óxido de ferro; uma grande parte da estrada é por fim coberta de areia superficial. E' muito provável que esta formação repouse sobre gnaisse. Durante todo o dia sofremos um calor insuportável, pelo que grande foi nossa alegria ao encontrarmos no povoado excelentes abacaxis. A temperatura média de Bitácula era de 21°,05; foi obtida por nós pelo processo costumeiro, mergulhando um termómetro num buraco de 1 metro de profundidade,

hermèticamente fechado. Fugia sempre à nossa frente esse temeroso *sertão* de que tanto ouvíamos falar. A mesma coisa já me havia acontecido nos Estados Unidos, onde, depois de haver atravessado o Mississípi, tinha sempre à minha frente o Far-West, sem nunca poder alcançá-lo, a ponto de me parecer que assim eu acabaria chegando por fim ao Pacífico.

A 12 fizemos três léguas em boa estrada, dirigida para sudoeste. A base da formação parece ser o gnaisse, mas encontram-se areias superficiais e, meia légua antes de Bitácula, há um filão de diorito. Já às onze da manhã chegávamos a Capela Nova. Fomos recebidos pelo subdelegado, excelente pessoa, mas um pouco surdo. A igreja da aldeia é construída em gnaisse. À noite assistimos a uma missa cantada, em honra a São Sebastião; a música, sem ser boa, foi todavia melhor do que esperávamos. Em suma, verificávamos cada dia que, levadas em conta as dificuldades materiais com que lutam os moradores do interior, o estado de civilização da zona era já bastante avançado.

Já havia algum tempo que estávamos indecisos quanto à direcção que devíamos tomar em nossa viagem para Goiás, motivo pelo qual reuni aqui em conselho os tropeiros mais experimentados e os melhores guias do lugar. Ficou resolvido que, em lugar de passar em Tamanduá, como nos propusemos a princípio, marcharíamos para Pitangui, a fim de aproveitar as condições favoráveis da estação, atravessando o rio São Francisco o mais depressa possível, e antes que suas margens se tornassem insalubres, como acontece todos os anos, na época das grandes chuvas, em que ele enche, inundando com suas águas os campos marginais.

Tantas contrariedades nos dias anteriores nos havia causado a perda de nossos animais, que aceitamos com prazer a proposta de, mediante pequena retribuição, mandá-los

para o que chamam *pasto fechado*, isto é, protegido por uma cerca. Qual não foi porém o nosso desapontamento, ao verificar, na manhã seguinte, que, apesar desta precaução, diversos deles haviam fugido. Esse novo contratempo forçou-nos a passar o dia em Capela Nova.

A 14 não fizemos mais do que duas léguas e meia, para chegar a Bicas, que será talvez o lugar mais miserável entre os que jamais víramos. Em compensação, o caminho atravessa continuamente encantadoras matas.

Perto mesmo de Bicas, numa barroca em cujo fundo corre pequeno riacho, vêem-se xistos argilosos, avermelhados, com mergulho para leste. Parece provável que, de Capela Nova a Bicas, estes xistos superpostos ao gnaisse formem a base da estrada, cuja direcção geral é para sudoeste, com voltas para oeste.

A uma meia légua de Bicas atravessa-se o Paraopeba, cuja largura é de quase 35 metros, numa ponte de 2 a 3 metros de largura, formada apenas de tábuas, e sem parapeitos. Os carros passam por ela, apesar disso.

Chegando ao miserável lugarejo de Bicas, vimos fugir de nós todos os habitantes, coisa que aliás frequentemente acontecia, porque supunham que fôssemos em serviço de recrutamento. Assim, não foi sem dificuldade que os nossos soldados conseguiram que nos abrissem uma casa, onde nos acomodamos, entre toda espécie de vermina.

O bócio é endémico neste lugarejo; nenhum habitante se mostra isento da moléstia, e segundo as informações colhidas pelo Dr. Weddell, ela começa já aos cinco ou seis anos de idade. As pessoas vindas de fora para o lugar em idade muito jovem, contraem também o mal ao cabo de dois ou três anos de permanência. Foi em Barbacena que essa doença, pela primeira vez, nos pareceu existir com certa frequência; mas, depois que se passa Ouro Preto e

especialmente Sabará, é ela observada em certos lugares como coisa normal. Como esta deformidade não é acompanhada de dor alguma, os habitantes nenhuma tentativa fazem para combatê-la; lugares haveria, asseguraram-nos, em que não acharia casamento a moça que não tivesse o seu papo. Tanto aqui, como nos outros lugares em que a doença existe, atribuem-na a certas substâncias dissolvidas na água [1]; mas, nunca observamos que ela fosse acompanhada de cretinismo.

A temperatura manteve-se o dia todo a 30 graus. Bicas está a uma altitude de cerca de 670 metros.

A 15, chegamos no morro de Mateus Leme. Saindo de Bicas está-se em solo estratificado de argila avermelhada mergulhando para este-sudeste, abaixo da qual fica o gnaisse; mais adiante vêem-se veios transversais de um quartzo cor-de-rosa, análogo ao itacolumito. e de quartzo preto. O morro de Mateus Leme, que domina a povoação do mesmo nome, foi outrora activamente explorado, como mina de ouro. O metal encontra-se aí em pequenos filões sinuosos de quartzo branco em estado de areia, e situados nas fendas encontradas nos xistos, geralmente muito decompostos, situados na proximidade dos filões auríferos. Cavaram-se no alto da montanha dois fundos valados, de paredes a pique, que depois se procurou ligar por meio de galerias transversais. Mas estas obras não chegaram a ser terminadas, provàvelmente por falta de capitais,

---

(1) Um médico francês residente no Brasil, o Dr. Faivre, autor de vários trabalhos sobre as moléstias do país, emitiu a opinião de que o papo poderia ser motivado pela presença de azoto na água utilizada nos usos domésticos, pretendendo ter verificado a existência de quantidade notável do dito corpo na água de todas as localidades em que o bócio é frequente. Diante da divergência de opiniões no tocante ao assunto, não seria o caso de perguntar se a doença de que tratamos não seria produzida por mais de uma causa?

muito embora se assegure que a mina produziu grande quantidade de ouro. A massa do morro parece constituída de xistos argilo-talcosos, muito folhetados, ricos em talco e talvez em serpentina. A cor é avermelhada ou verdoenga. Alguns estratos endureceram, passando ao estado de mármore. Nos detritos extraídos da mina acha-se uma grande quantidade de hematita parda, granulosa e provàvelmente quartzosa. Os filhos da terra afirmaram-nos que no cimo do morro predominava a massa férrica, formando ali uma jazida independente.

O morro de Mateus Leme é um grande povoado, com uma igreja bastante bonita. Na manhã de 16 recomeçamos a viagem, com a intenção de passar a noite em Rancho do Mato, lugar situado a três léguas e meia de distância; mas, como o chefe desta localidade nos dissesse que havia absolutamente falta de víveres, vimo-nos forçados a pedir pouso na fazenda Platina, que fica meia légua mais adiante. Estivemos o dia todo expostos à chuva, que tornara os caminhos tão intransitáveis que uns vinte animais dos nossos perderam as ferraduras. Um burro cargueiro teve a espinha quebrada, acidente semelhante já havendo sucedido dias antes. A estrada caminha em geral para noroeste, com algumas curvas para oeste; é bastante plana, salvo dois pequenos morros, encontrados a meio caminho entre o morro de Mateus Leme e Platina. A formação é provàvelmente o xisto argiloso.

Os estragos infligidos à tropa pela marcha do dia anterior forçaram-nos a passar um dia inteiro nesse lugar, a fim de repará-los, na medida do possível. À noite recebemos a visita de um polonês, morador nas vizinhanças homem bastante instruído.

A 18, como fizesse bom tempo, correu muito agradável a viagem de três léguas, até chegarmos à hospitaleira fazenda das Guardas, para a qual tínhamos carta de apresentação. Fomos nela muito bem recebidos, tendo ainda

o prazer de encontrar alguns livros franceses, entre os quais as obras de Villemain. O filho do fazendeiro era médico e não lhe faltava instrução. A estrada é muito plana e corre, em geral, para o noroeste. Tudo leva a crer que a formação geral não é senão o xisto argiloso, muito estratificado, às vezes corado em vermelho e mergulhando para leste, em ângulos variáveis. Adiante do bonito povoado de Patafufo passam dois ribeirões, que correm para oeste; galga-se depois um morro que parece constituído de quartzito (dominam os quartzos negros) e de fragmentos de grés análogos ao itacolumito. À noitinha um viajante chegou à fazenda, deixando-se logo reconhecer como um francês aventureiro. Ignorando quem éramos, contou-nos as histórias mais incríveis de um caminho de ferro de 1.700 léguas, que ele tinha percorrido, de Nova-Iorque ao Peru. Não poucas vezes temos que corar por causa de compatriotas encontrados em regiões longínquas. A 19 deixamos pesarosos a família que nos recebera com tanta amabilidade, alcançando o arraial da Onça, após um trajecto de três léguas em caminho pedregoso. Todavia, fomos recebidos de modo tão pouco hospitaleiro pelo *subdelegado*, que resolvemos continuar até a fazenda da Gameleira, situada uma meia légua adiante. Nesta última fomos muito bem recebidos pelo filho do Capitão Chaves, cujo pai estava ausente. Aí soubemos que a nossa tropa, sem saber que havíamos continuado a viagem até a fazenda, tinha ficado em Chaves. Mandei imediatamente de volta o nosso soldado Patriarca, o qual, depois de ter advertido severamente o subdelegado, obrigou-o a atender a todas as necessidades da tropa. Devemos nos lembrar que, por esse tempo, a província de Minas estava agitada por diversos partidos; nestas condições, a presença de soldados em nossa comitiva era muitas vezes o motivo da recepção pouco hospitaleira a nós dispensada pelas pessoas contrárias ao governo.

Na saída da fazenda das Guardas e do arraial da Onça, encontra-se cascalho lavado, bem como, um pouco adiante, antes de chegar em Gameleira; não se extrai, porém, mais ouro destas localidades. Saindo das Guardas, transpõe-se um morro coberto de detritos de quartzo preto e de gnaisse decomposto; depois, na descida, encontram-se novamente xistos argilosos. Estávamos apenas a meia légua de Pitangui, vilarejo que goza de alguma celebridade no país; também, a 20 já estávamos de saída, sem esperar a caravana. A estrada se dirige aqui para oeste-noroeste, não obstante ser sua direcção geral, depois do morro de Mateus Leme, para oeste-quarto-norte. Ela sobe quase sempre percorrendo uma sucessão de morros e atravessando vários e bonitos trechos de mata. Mais ou menos retardados pelas investigações em que nos íamos entretendo, chegamos ao nosso destino, uns após outros. Matou o Dr. Weddell uma araponga, ave do tamanho do pombo; tem a plumagem branca, com duas ou três penas escuras nas asas; a garganta, cuja pele é nua, tem uma coloração azul-esverdeada. Chamam-na nesta região *ferrador*, nome que bem lhe cabe em virtude da singularidade do seu canto, que imita de facto o som de um martelo batendo sobre a bigorna. Pitangui é um bonito povoado, que nos pareceu bastante movimentado. Nele chegamos no dia de São Sebastião, data festejada com grande pompa em grande parte do Brasil.

Fomos admiràvelmente recebidos pelo subdelegado e pelo vigário. Era este último um notável personagem, que tinha sido amigo íntimo do Imperador D. Pedro I. Trazia sobre a batina a grande cruz de todas as ordens do Brasil, recebendo, apesar de sua modesta condição, o tratamento de Excelência. Levou-nos esse bom velho para a sua casa.

Dois espectáculos bastante diferentes foi-nos dado contemplar esse dia. O primeiro foi uma procissão, que saiu

da igreja, com extraordinário luxo de pessoal e de trajes, e em que tomavam parte destacada um certo número de anjos vivos, com asas de borboleta. O segundo, realizado à noite, consistiu numa comédia improvisada pelos amadores da localidade. A sala foi feita de pano e os bancos ao ar livre. Os papeis das mulheres eram representados pelos homens. No fim, a representação saiu melhor do que se podia esperar.

Saindo de Gameleira continuam ainda os xistos argilosos; depois de Pitangui, galga-se um morro coberto de quartzos pretos, encontrados em grande quantidade até a cidade, cuja própria pavimentação é feita com ele.

No dia 21 fizemos três léguas, por uma estrada cuja direcção geral era para o sudoeste, embora descrevesse muitas curvas. O terreno é constituído de xistos argilosos e de gnaisse. Passamos dois córregos, o primeiro dos quais a vau; o segundo, que é um braço do Pará, atravessa-se 100 metros mais além, por uma pontezinha de madeira, alta de oito metros e de comprimento aproximadamente o mesmo.

O rio Pará, que depois atravessamos, apresenta aspecto muito pitoresco tanto pelas bonitas matas que o margeiam, como pelos rochedos de que seu leito está eriçado. Para a beleza do quadro concorre a ponte, que dá passagem para o outro lado; é sustentada por pilares feitos de pedras pretas, que se parecem singularmente com achas de lenha; de comprimento deve ter uns 50 metros, e, de largura, 2 ou 3. Sob a ponte, a rapidez da corrente é de cerca de 13 metros. O gnaisse que forma o leito do rio mergulha sob um ângulo de 32 graus e às vezes mais; tem cor muito semelhante à da ardósia. Ao chegar à fazenda de Santa Cruz, passa-se por um morro coberto de quartzo branco e róseo. Dormimos no pequeno sítio de Santa Cruz, de propriedade do Capitão Miguel Rodrigues, velhote im-

becil que, por motivos de política, nos recusou toda espécie de socorro. Aboletamo-nos sem qualquer refeição, por entre a medonha sujeira que havia na casa. Entretanto, nossos trinta e quatro burros e cavalos não podiam ser assim tão fáceis de contentar. Por isso, vendo a obstinada recusa de nos venderem um pouco de milho, puseram-se os nossos soldados a perquirir todos os cantos da casa, na esperança de descobrir alguma quantidade.

Tudo porém foi em vão, porque, julgando que assim nos haveríamos de safar mais depressa, souberam guardar tudo muito bem guardado. A fazenda é cercada por meio de uma solanácea espinhosa (*Solanum esculentum*) de flores alvas e frutos cor de laranja, grandes como uma noz. Esses frutos têm o gosto de tomate açucarado e são muito apreciados pelos filhos da terra.

A 22 fizemos uma jornada de três léguas, sempre na mesma direcção. A formação é ainda o xisto argiloso, pròvàvelmente sobre base de gnaisse. A uma légua de Santa Cruz começa-se a encontrar grande quantidade de blocos esparsos de granitos, com a aparência de blocos erráticos. Sua origem não pode estar na desagregação de montanhas, porque não as há naquela redondeza. Não havendo feito nunca mais, durante a expedição, outras observações desta espécie, é com muita dúvida que atribuímos aquela origem às rochas de que estamos tratando; é muito provável que elas provenham de um fenómeno local. Ao longo da jornada, como de costume, todo o mundo nos evitava, escondendo-se pelos matos, quando passávamos. Esse proceder dos habitantes para conosco, por pouco nos seria funesto; porque, havendo-nos extraviado durante a noite, numa grande planície, não tivemos a quem recorrer para encontrar o caminho. Nesta emergência, olhando para todos os lados, demos ao longe com um homem, que fugia. Um dos nossos soldados, enviado ao seu encontro, logo o alcançou,

esbarrando-o com o choque do animal. O matuto exclama sem detença: "Perdão, perdão, quem matou o homem não fui eu, foi meu filho!" Nossos soldados de polícia tomaram-se louvàvelmente de grande interesse pelo caso; mas como nada tínhamos que ver com a justiça da terra, mandei que soltassem o desgraçado. A noite fizemos pouso na fazenda Trigueira, cujo proprietário, o Capitão Jacinto, estava ausente; a dona da casa lhe fez todavia as honras, à moda perfeitamente europeia. Tinham nos falado muito a respeito dos jacarés existentes numa lagoa da vizinhança; mas foi debalde que alguns companheiros se puseram várias horas à sua procura. Nesse mesmo dia conseguimos duas lindas espécies de rapineiros nocturnos, vendo ainda, na escuridão da mata, muitas dessas belas borboletas de grandes asas azuis, que fazem o ornamento dos gabinetes de História Natural.

A formação é em geral o xisto argiloso, cinzento, ocráceo ou avermelhado, com mergulho para leste; mas a meio caminho entre Trigueira e Bom Despacho, o solo é coberto pelo derrame de um granito cor-de-rosa, semelhante a uma espécie de sienito. À direita e à esquerda da estrada vêem-se, na planície, numerosos blocos de granito, de aparência errática. O terreno é de ordinário muito plano, encontrando-se destes blocos de vivas arestas até nos pontos culminantes. O caminho, embora pedregoso em alguns lugares, é bastante nivelado para que nele possam transitar os carros de boi. A uma meia légua de Trigueira, passa-se o rio Lambari, por uma ponte de madeira, que tem 40 metros de comprimento sobre 3 de largura, e fica também a uns três metros acima do leito do rio, neste ponto muito correntoso. A aldeia de Bom Despacho, é das mais miseráveis; mas fica situada num lindo trecho de campo. O Sr. d'Osery matou um belo picapau de cabeça amarela. Ao cair da noite armamos as redes numa mísera casa, aberta a todos os ventos.

No dia 24, fizemos três léguas e meia, em terreno pouco acidentado, mas rico em belas perspectivas. O leito dos dois rios, particularmente, eram sombreados de espessa vegetação, enquanto na superfície viam-se sobrenadar lindas plantas próprias dos trópicos. Vem o primeiro logo depois de um brejo que atravessamos sobre uma estiva feita de troncos colocados paralelamente; ele deve ter uns 12 metros de largura, no lugar em que o atravessa a ponte por onde passamos. O segundo não terá mais que 8 metros de largo; é passado também por meio de uma ponte. Passamos a noite em Extrema, lugarejo dos mais miseráveis. E' formado de cinco ou seis choupanas, cujos habitantes estavam morrendo à míngua. O feijão preto é aqui artigo de alto luxo. Todos os homens fugiram quando nos viram aproximar, ficando apenas algumas crianças, e uma escrava velha, surda-muda, que nos arranjou apesar disso excelentes laranjas. As casas eram de tal modo sujas e cheias de praga, que muitos dos companheiros de viagem preferiram dormir no barracão. Pela primeira vez, tivemos neste povoado ocasião de matar um tucano, ave mais notável ainda pelo enorme tamanho do bico, do que mesmo pelo vistoso colorido. Aliás, é muito comum nas colecções.

CAPITULO VII

DO RIO SÃO FRANCISCO AO RIO PARANAÍBA

A 28 de Janeiro, data memorável para nós, após uma marcha de légua e meia, atravessamos o rio São Francisco, tão temido pelas febres que grassam em suas margens. No porto de Bernarda, onde se passa para o outro lado por meio de uma balsa, ele corre quase precisamente para o norte; sua largura equivale à do Marne, em sua junção com o Sena; as águas estavam barrentas e era grande a correnteza. Dos dois lados, para chegar ao rio, é preciso descer uma rampa bastante forte e coberta de vegetação. A balsa é formada de três canoas, sobre as quais se armou um tablado, protegido por parapeitos; ela pode transportar, de uma para outra margem, sete ou oito animais e uma dezena de pessoas por vez. O rio é bastante profundo e sujeito a grandes enchentes; segundo nos informaram, há em cada sete anos uma enchente excepcional, que chega a dar ao rio a largura de uma légua. Apesar de nos garantirem que ainda não estávamos na estação insalubre, todos os moradores sofriam de febre intermitente; o filho do próprio balseiro tinha morrido na véspera, vítima desta moléstia.

O terreno tem o mesmo aspecto nos dois lados do rio; por alguns afloramentos, tem-se a prova de que o que se encontra por toda parte são os xistos argilosos, averme-

lhados, muito ricos em folhetos; a estrada é plana e circula entre cômoros verdejantes.

Assim que atravessamos o São Francisco, tratamos de nos afastar dele quanto antes, a fim de fugir à sua influência perniciosa. À nossa frente estendiam-se imensos campos desertos, onde nossos olhos puderam contemplar, com ávida curiosidade, vários bandos de emas, que nos abstivemos de perseguir, porque o melhor cavalo muitas vezes não consegue alcançá-las na corrida: só com o laço se pode apanhá-las. Lembrou-nos esta cena as descrições, que fazem os viajantes, das partes centrais e meridionais da África.

Antes de ter podido chegar à fazenda de Pindaíba, humilde lugarejo cujo chefe estava doente de febre, fomos surpreendidos por um forte aguaceiro. Tendo ficado para trás a caravana, fomos forçados a passar a noite deitados sobre tábuas e cobertos com as nossas capas molhadas. Pela manhã, soubemos que a tropa tinha seguido por outro caminho, seguimos ao seu encontro, rumando para as Dores, distante duas léguas, debaixo de grande chuvarada. A altura do capim que cobria inteiramente esses campos, tornava muito difícil determinar-lhes a formação geológica. Não obstante, pelo rastro dos carros, reconhecemos a presença dos xistos argilosos, mergulhando para leste. Como no dia anterior, nosso caminho corria quase directamente para oeste, inclinando-se ligeiramente para o norte. A meio caminho passamos um córrego, numa ponte ruim de madeira, de quatro metros de comprimento. Vimos novamente, ao longe, bandos de emas.

Os campos que se nos apresentavam à observação depois da travessia do rio São Francisco ofereciam aspecto um pouco diferente dos vistos até então; o solo era mais unido e nos parecia fértil. Toda a região é coberta de admiráveis pastagens, que serão um dia o sustento de imensos rebanhos de gado cornígero. Era muito frequente en-

contrarmos grandes e pesados carros de rodas quase maciças, puxados por doze ou quinze bois. A estrada é sempre muito difícil de seguir, por causa da enorme quantidade de caminhos que a cortam em todos os sentidos, e assinalados profundamente pelos sulcos feitos pelos carros de bois. Quase todos os caminhos vão ter aos sítios das vizinhanças, pelo que são mais frequentados por estes pesados veículos do que a estrada principal. Daí ser quase sempre necessário, para acertar com esta, seguir pela que nos parecia menos trilhada.

As febres intermitentes tinham deixado profundos vestígios nas fisionomias amarelas das pessoas que íamos encontrando. Ao chegarmos ao arraial das Dores fomos muito bem recebidos pelo subdelegado; mas fomos muito importunados pela indiscreta curiosidade dos habitantes. Tínhamos já chegado a regiões em que raramente visitam os estrangeiros; por isso os naturais desatavam em riso ao nos ver, apontando-nos com o dedo, exactamente como fazem também os campónios dos arredores de Paris, quando vêem os macacos no Jardin-des-Plantes.

A 27 fizemos três léguas, para chegar à fazenda de Elias Pinto. Tomamos muita chuva durante todo o dia; encontramos também vários bandos de gafanhotos, formados de miríades de indivíduos e que percorriam os campos, destruindo todas as plantações que iam encontrando. Nossos cavalos ficavam espantadíssimos ao se acercarem dessas hordas, procurando evitá-las por todos os meios. Nesse dia, os nossos caçadores mataram muitos lindos gaviões.

Alguns afloramentos e numerosos fragmentos espalhados pelo caminho demonstravam que o terreno era composto de xistos argilosos cinzentos e pretos. Encontravam-se também muitos prismas de pirita de ferro, oxidados na superfície. A estrada corre ao longo da crista de uma série de morros, para chegar no sopé da serra da Saudade, que

fica a oeste, perto do arraial das Dores. Por causa dessa disposição, ela faz muitas curvas. O solo é quase plano e a vegetação arbórea muito escassa; em compensação, as gramíneas têm magnífica aparência.

A jornada que fizemos a 28 foi muito fatigante, porque tivemos de escalar a serra da Saudade, debaixo de copiosos aguaceiros, que tornaram os caminhos quase impraticáveis, transformando-os em imenso lamaçal. A formação é a dos xistos argilosos cinzentos e amarelos, com nódoas violáceas, produzidas pelo óxido de ferro. Estes xistos foram provàvelmente levantados pelo soerguimento da serra da Saudade, de que formam o revestimento; apresentam inclinação muito variável e orientada em todos os sentidos. A sublevação da serra é pois posterior ao depósito de xistos argilosos. A linha do espigão, ao longo da qual corre a estrada, dirige-se no sentido norte, 4 ou 5 graus para leste. A altura, medida pelo barómetro, tem cerca de 1.000 metros. Do cimo da serra, apesar do nevoeiro, descortinava-se magnífica perspectiva de montanhas e de vales, semeados de belos capões de mata virgem. No cume pròpriamente dito, a vegetação era formada apenas de hervas, sem a aparência de árvores. Descemos a outra encosta, que é muito íngreme e formada de uma série de colinas confluentes, quase desnudadas e separadas por fundas grotas, cobertas em parte por pequenos trechos de mata, para depois descansarmos na beira do Indaiá, um dos afluentes do São Francisco, de que não tem mais de dois terços da largura. O Indaiá, por causa das chuvás, estava muito barrento e com grande correnteza, motivo pelo qual hesitávamos em atravessá-lo logo neste dia; mas era tão miserável a única morada existente na margem, que resolvemos seguir para frente, até uma fazenda situada na margem oposta. Fizemo-lo tomando uma canoa e deixando que os animais nos acompanhassem a nado. O Indaiá, no lugar em que o atravessamos, corria para o norte, com o

desvio apenas de 5 ou 6 graus. Tínhamos acabado de fazer três léguas e ainda estávamos a duas da fazenda Confusão, lugar do nosso destino.

A estrada, cuja direcção geral é sempre para oeste, continua sobre xistos argilosos, entre os quais se destaca uma bela variedade de cor tirante a verde, que de quando em quando aparece em camadas interpostas, até à fazenda Confusão.

Se já nos havia consternado o casebre das margens do Indaiá com seus habitantes doentes de papo, nada melhor foi a impressão que nos deu a fazenda da Confusão, cujas delícias nos tinham sido decantadas.

O pátio de entrada era um lamaçal de 30 centímetros de profundidade; por outro lado, o quarto que nos deram, parecia mais um lago, visto não ter mais do que um resto de telhado, incapaz de protegê-lo da chuva, que continuava a cair torrencialmente. Deitamo-nos como nos foi possível numa grande mesa de jacarandá, único móvel existente naquele desolado refúgio.

Entre as razões que nos tinham feito prosseguir, devo mencionar certa planta venenosa, de que toda gente falava, contando-se que por causa dela morriam sempre muitos cavalos. Suspeitamos, todavia, que devia haver muito exagero nestas informações, porquanto tendo o nosso botânico pedido que lha mostrassem, nela reconheceu uma espécie já por nós observada em Sabará, nunca aliás nas pastagens, mas exclusivamente no interior do mato fechado.

Levamos o dia todo de 29 esperando pela tropa, que só nos alcançou à tardinha. No dia anterior, ela só às cinco horas tinha chegado ao Indaiá, gastando para atravessá-lo cinco horas, por causa da exiguidade da canoa. O Sr. Weddell, embora doente, fez uma excursão nos arredores, à procura das plantas que ali cresciam. "Não é possível imaginar, diz ele, vegetação mais bela do que a

das taquaras (*Bambusa*) que cobrem os intervalos entre as árvores de todas as florestas destas regiões. Essas plantas, nos nós de cujo caule se prendem densos verticilos de pequenos ramos e lindas folhas verdes, elevam-se em forma de arco a vários metros de altura, pendendo depois para a terra em festões oscilantes, quais berços naturais por cima da cabeça dos viajantes. Os fetos arborescentes são aqui menos comuns do que em qualquer dos outros pontos por nós visitados; mas nunca desapareceram de todo, como no caso das palmeiras. Desde a entrada nos campos, até a vizinhança de Sabará, não encontrei uma só em estado selvagem. O *Cocos oleacea*, quando aparecia, era sempre na vizinhança das habitações, onde certamente fora plantado. Em Sabará é comuníssimo a *Acrocomia sclerocarpa;* come-se-lhe o broto terminal, como na *Euterpe*, e de seus frutos extrai-se muito bom azeite. Entretanto, de alguns dias a esta parte, vínhamos encontrando um coqueirinho de caule esguio, alto de 1 a 2 metros e reunido sempre em touceiras, de número às vezes bastante grande de indivíduos. Habita de preferência esta planta os terrenos pantanosos, em companhia de uma palmeira acaule do gênero *Diplotheminum*. Nas cercanias de Mateus Leme os campos estão semeados de uma espécie interessante, chamada cabeçudo, cujas folhas, curvadas elegantemente em arco, são radicais, ou senão suportadas por um tronco de 6 a 10 centímetros: E', se não me engano, o *Cocos capitata* dos botânicos europeus. Finalmente o indaiá-açu, que havíamos admirado perto de Chapéu de Uvas por causa da orientação particular das faces de suas palmas, reapareceu desde alguns dias, aparecendo com grande frequência nos capões de mato disseminados pelo campo".

A 30 deixamos a pitoresca fazenda, fazendo uma jornada de três léguas, debaixo de chuva e nos piores caminhos possíveis. A estrada sobe e desce uma série de morros, de fortes rampas, mas cobertas de magníficas matas.

Passamos três riachos, afluentes do rio São Francisco, cuja direcção geral é para o norte, com a inclinação de alguns graus para leste; têm os nomes de rio Confusão, rio dos Borrachudos e de São Miguel. No ponto em que os atravessamos, em pontes más de madeira, eles não têm mais do que 4 a 5 metros de largura. Os nossos caçadores mataram duas belas espécies de perdiz, ou mais pròpriamente *tinamus*. A formação geológica é a mesma dos dias anteriores, mas ao chegar-se à fazenda São Miguel, sobe-se um morro coberto de uma espécie de ganga, proveniente, ao que parece, de um xisto argiloso, muito rico em ferro.

O tempo tendo melhorado, fizemos no dia seguinte uma marcha de cinco léguas, até o vilarejo de São Francisco de Chaves, que não tem mais do que vinte anos de existência. Tinha ele cerca de trezentos habitantes e várias igrejas, mais ou menos inacabadas. Não há paisagem mais bela do que a que se descortina deste lugar. Hospedamo-nos na casa do padre, um de cujos progenitores era francês. Duas léguas depois do ponto de partida, fica a feia aldeola de Abaeté, onde estacionou a tropa que devia nos alcançar no dia imediato. Antes de chegar a esta aldeia, percorremos uma verdadeira planície, cuja vegetação era muito diferente da dos campos ondulados. Neste mesmo dia encontramos enormes buracos de tatu-canastra (ou tatu-açu), cujo comprimento atinge ordinàriamente mais de um metro, não contada a cauda. Procuramos, sem nenhum resultado, obter um exemplar deste animal raro. Mais tarde, no decurso da viagem, vimos ainda várias vezes as suas tocas, sem todavia ter podido nunca obter um indivíduo, a despeito da promessa de bom pagamento. A raridade do animal se explica pelos seus hábitos estritamente nocturnos; na sua maior parte, também as pessoas da terra nunca o viram. Em compensação, são aqui comuníssimas as espécies pequenas. A formação geológica é sempre o xisto argiloso folhetado; a ganga forma por sobre ele

uma espécie de camada de lava, de cor amarela. A direcção da estrada é para oeste-noroeste; o platô por onde ela corre fica na linha divisória das águas dos rios São Francisco e da Prata; pois todos os rios que atravessamos até o arraial de São Francisco se lançam no rio do mesmo nome, seguindo uma direcção geral norte, ligeiramente para leste, ao passo que todos os que encontramos deste ponto em diante se lançam no Paranaíba, afluente do rio da Prata.

Tivemos de ficar na povoação de São Francisco até 3 de Fevereiro, por causa da fuga de alguns de nossos animais. Depois, fazendo um caminho muito mais longo do que o que seria necessário, com quatro léguas de viagem, chegamos à tardinha no pequeno sítio da Palmeira, que se compõe de uma fazenda e duas ou três casas. Mal nos havíamos instalado, trouxe-nos um menino uma linda ave, que acabava de ser pegada no laço: era a grande pernalta, de bico encurvado, que em todo o Brasil é conhecida pelo nome de Siriema, mudado em *Cariama* pelos naturalistas. E' a *Palamedea cristata* de Gmelin. Esta ave corre quase tanto quanto o avestruz, e não pode ser capturada senão depois de cansada por contínua perseguição; refugia-se então debaixo de uma árvore, onde se deixa pegar sem oferecer resistência. Sua voz forte e retumbante, na vasta solidão dos campos, quebra o silêncio todas as tardes. A estrada desce do planalto de São Francisco, estendendo-se ao longo de uma série de cristas, depois de ter atravessado parte de um vale oblongo, cuja maior dimensão pode ser de sete léguas. E' bastante plana, mas muito tortuosa. Atravessam-se cinco ribeirões, de 5 a 6 metros de largura, os quatro primeiros em pontes de madeira e o último a vau. Dirigem-se todos para o Paranaíba, correndo em direcção ao nordeste e muitas vezes para o norte. O arraial de São Francisco, que fica em altitude um pouco maior do que Palmeira, acha-se na extremidade de um platô que domina a planície oblonga de que há pouco falei, e cujo

sopé, pelos profundos recortes que apresenta, parece ter sofrido os efeitos de uma impetuosa corrente vinda do norte para o sul. À toda volta vêem-se planuras semelhantes, todas aparentemente da mesma altura da primeira. A formação geológica, em todo o espaço compreendido entre São Francisco e Palmeira, é o xisto argiloso; sòmente no arraial é ele coberto de uma camada de lava.

A 4 fizemos três léguas de marcha; no caminho encontramos vários huracos de tatu-canastra; a vegetação era notável sobretudo por um grande número de bonitas espécies de *Eriocaulon*, plantas muito notáveis pelos seus caules, rectos, terminados por longos raios, portadores de uma espécie de umbrela de flores alvas. Felizmente, o tempo estava magnífico; com três léguas de viagem, em terreno muito acidentado, fomos acampar nas margens de um dos afluentes do Paranaíba, num lugar chamado *Cachoeiro do Campo*. Nada mais belo do que o lugar em que se erguem nossas barracas, todas reunidas numa península formada pelo rio, cujo leito se alarga sùbitamente, numa espécie de imensa banheira natural, depois de um grupo de rochas em que suas águas se quebram. Deixando Palmeira, encontramos xistos micáceos esverdeados, em substituição aos xistos argilosos, com os quais provàvelmente alternam. Mesmo em Cachoeira, descendo a encosta, encontra-se o itacolumito branco e cinzento, cujas camadas correm para noroeste o sudeste, com um mergulho de 23 graus na superfície; vêem também até quartzitos pudinguiformes, empastados nas cavidades do itacolumito.

A 5 fizemos três léguas e meia em platôs bastante elevados, chegando ao povoado de São Sebastião, composto de quinze a vinte casas, cujos moradores, como de costume, fugiram com a nossa aproximação. Instalamo-nos numa péssima *venda*, que achamos aberta. Formavam o terreno em que neste dia caminhamos os xistos itacolumíti-

cos, recobertos da terra roxa do sertão; encontravam-se também fragmentos de itacolumito, quase reduzidos ao estado de quartzito puro, variedade muito comum na própria localidade de São Sebastião, onde a utilizam na construção das casas. E' uma pedra de cor cinzenta anegrada.

A 6 chegamos à fazenda do Salitre, após uma jornada de três léguas. O terreno cortado pela estrada parece um xisto argiloso, de cores variadas; todavia, ao descer o platô de São Sebastião, forma o caminho uma espécie de trincheira na rocha, onde aparecem acima dos xistos diversas formações distintas, dispostas em camadas quase horizontais, com mergulho muito ligeiro para oeste. A camada mais alta é formada de uma ganga ferruginosa, semelhante à de Abaeté; em baixo desta vem um xisto argiloso, muito rico em ferro, que forma a passagem para a ganga; em seguida o xisto argiloso puro; depois ainda, o xisto micáceo, que faz transição para o itacolumito folhetado, e os quartzitos metamórficos semelhantes aos de São Sebastião; finalmente o xisto argiloso avermelhado, folhetado, mas muito bem caracterizado.

Passamos quatro ribeirões, entre os mais importantes. O primeiro fica a mais ou menos uma légua de São Sebastião; por ser muito sinuoso tem de ser atravessado três vezes, a vau; é pouco profundo e tem apenas 3 metros de largura. O segundo e o terceiro ficam, respectivamente, mais ou menos na metade e nos três quartos do caminho; a largura de ambos, que se atravessam a vau como o primeiro, regula 6 metros. Finalmente, temos o rio Salitre, que é mais profundo, um pouco mais largo e mais barrento do que os precedentes, e se atravessa numa ponte ruim de madeira, longa de 8 metros. A estrada corre para oeste-noroeste; existem ao longo dela casas, espaçadas cerca de meia légua umas das outras.

Quando chegamos em Salitre, quase todos os moradores se achavam empenhados na caça de um veado, que afi-

nal conseguiram matar, trazendo-o à noitinha para a fazenda, onde se tratou de lhe comer a carne, enquanto o couro deu entrada em nossas colecções. No percurso da viagem era frequente encontrarmos indivíduos desse gênero, de cujas espécies, por serem ainda muito mal conhecidas dos naturalistas, darei uma lista, cingindo-nos às que foram por nós observadas:

1.ª A que se conhece no Paraguai pelo nome de Guaçu-açu e o Guaçu-pucu de Azara, o *Cervus paludosus* de Desmarest, e o *cervo* dos brasileiros. Encontramo-la nas margens do rio Paraguai e do Araguaia.

2.ª O *Cervus rufus* de Fred. Cuvier, ou *Guaçu-pita* de Azara, encontrado nas matas do Pará. Tem o pêlo vermelho.

3.ª O *veado campeiro* dos brasileiros, chamado em Miranda *veado branco* e que é talvez o mesmo *Cervus campestris* de Fred. Cuvier. E' comum em todos os campos e planícies do Brasil.

4.ª O *veado catingueiro*, chamado *virá* em Miranda. Habita a província de Goiás e as margens do rio Paraguai, deixando-se reconhecer pelo mau cheiro que exalam os indivíduos dos dois sexos, em todas as estações do ano.

5.ª O *veado mateiro* dos brasileiros, chamado em Miranda *veado pardo*. E' cinzento e frequenta as matas de todo Brasil. Parece que em Mato Grosso ocorre uma variedade ou senão espécie vizinha, de porte menor, a que dão vulgarmente o nome de *pororoca*.

Nossas colecções ainda se enriqueceram com alguns carunchos pertencentes ao gênero *Chlorima*, cujo corpo têm cor azul-celeste, com pontilhado velutíneo, preto.

Passamos o dia seguinte na fazenda, para conhecer uma fonte muito curiosa, situada no meio da mata, a uma meia légua da fazenda. A água, levemente salobra, é agradável ao tacto. Desprendem-se dela, em grande quanti-

dade, bolhas de um gás, que é provàvelmente o ácido carbónico. Acha-se a fonte fechada numa bacia muito raza (cerca de 25 centímetros de profundidade) de 6 a 7 metros de lado, formado de uma rocha vulcânica de cor escura, talvez diorito. No tempo da seca, forma-se na parede da fonte um depósito salino, que parece ser uma mistura de sulfato e carbonato de sódio. Este depósito, que se constitui sob a forma de eflorescências, é visto imediatamente de fora d'água. A água da fonte é utilizada pelos habitantes na engorda dos animais, havendo a experiência demonstrado excelentes resultados. Pedaços esparsos de quartzito itacolumítico são encontrados nas proximidades da fonte. Nossos caçadores mataram neste local várias aves bonitas, entre as quais *surucuás*, *japus*, *pica-paus*, etc., enquanto o botânico coleccionou grande número de criptógamos.

A 8 partimos para Patrocínio, de que distávamos três léguas e meia. Ao longo de todo caminho encontram-se xistos argilosos, mas ao chegar em Patrocínio aparece o quartzo itacolumítico. Atravessamos quatro córregos, afluentes do Paranaíba. Só o terceiro possuía ponte; os outros dois foram atravessados a vau. De meia em meia légua há casas, à beira da estrada. A vila de Patrocínio fica situada em terreno desnudo, nada pitoresco; é dividida em seis distritos e habitada por cerca de 9.000 habitantes, muito diferentes, no que toca à jovialidade e acolhimento, dos que até aí tínhamos encontrado.

Permanecemos neste lugar vários dias, que ocupamos, eu e o Sr. d'Osery em observações magnéticas, o Sr. Weddell no desenho de cogumelos, no coleccionamento, secagem e catalogação de plantas, e o Sr. Deville em caçar nas redondezas.

A 14 deixamos Patrocínio, chegando à noitinha na fazenda Macaúba, distante quatro léguas. Estávamos decidi-

dos a fazer um grande rodeio, a fim de visitar de passagem o povoado de Santana, aldeamento indígena, onde nos diziam que veríamos muita coisa curiosa.

A formação era, no fundo, o itacolumito xistoso, com transição ao micaxisto, nos lugares em que a mica predomina de modo especial. No alto dos morros volta-se a encontrar a ganga argilosa amarela. O caminho segue sempre para oeste; é muito plano. A região percorrida é despida de vegetação; mas é cortada por sete riachos, dos quais só o primeiro se passa a vau. Os restantes se passam em pontes más de madeira, formadas de paus colocados uns ao lado dos outros e sem parapeitos.

A 15, com uma caminhada de doze horas, chegamos à fazenda de Água Limpa, também conhecida por de Inácio José. A direcção geral da estrada é oeste-sudoeste, através de sertão inteiramente desabitado e coberto de vegetação raquítica. O espigão dos morros, o que domina o rio de Água Limpa em particular, é formado de uma ganga amarela-ocre, ao passo que, no leito do rio, encontram-se dioritos.

A 16 fizemos uma marcha ainda mais longa do que na véspera. Encontramos neste dia a bela palmeira buriti (*Mauricia vinifera*), cujas folhas, semelhantes a um vasto leque, têm muitas vezes 3 metros de diâmetro. Os pecíolos destas folhas servem, entre os habitantes, para fazer rolhas. A viagem deste dia foi mais fatigante para nós do que as outras, por termos encontrado muitos atoleiros cobertos de mato, nos quais afundavam os cavalos, com tanto risco para eles, como para nós próprios. Esses pequenos acidentes fizeram os nossos animais tão medrosos, que só a custa das esporas era possível fazê-los andar para a frente. Nas partes mais altas da estrada, que aliás é bastante plana, vêem-se gangas, que repousam provàvelmente sobre grés itacolumítico. A direcção geral da estrada é primeiro para oeste e depois para sudoeste. A meio ca-

minho entre Água Limpa e Santana, encontra-se à direita da estrada uma lagoa comprida, que corre de norte para o sul. Atravessamos alguns riachos, os menores dos quais se passam a vau, e os outros em grosseiras pontes de pau. Quase no fim da caminhada, em dois ou três cortes, observamos um cascalho composto de seixos de grés da grossura de um ovo, aglutinados numa terra avermelhada.

A aldeia de indígena só tem o nome, pois é hoje habitada apenas por brasileiros. Conta-se que os paulistas, quando abriram a estrada que liga sua província às de Goiás e Mato Grosso, fizeram vir dos arredores da vila em questão famílias de índios bororos, com o fito de dar combate aos índios selvagens que molestavam os viajantes. Por este meio foram inteiramente destruídos os índios existentes nas matas da região, dispersando-se depois a colônia, que de índia que era, passou pouco a pouco a tornar-se quase portuguesa, com excepção dos poucos descendentes mestiços, que ainda se vêem. A aldeia pode ter de 150 a 200 habitantes. As casas, geralmente só têm um pavimento; são construídas de madeira ou de terra, e cobertas com palha; ficam bastante distanciadas umas das outras, dando ao conjunto aspecto pouco agradável à vista.

A sudoeste de Santana, distante quando muito um quarto de légua, corre o rio das Velhas, afluente principal do Paranaíba; seu rumo é para oeste, algumas vezes para o norte; a largura é quase a mesma do Sena em Paris e, a julgar pelo que dizem, deve ser muito profundo. Estava muito barrento, por causa das chuvas que o haviam engrossado, dando-lhe a correnteza de três nós por hora. Quem vai de Santana para o rio das Velhas, logo ao deixar a aldeia, passa por um ribeirão, que corre no fundo de uma grota, cujos lados são formados pelo mesmo tufo diorítico encontrado em ambas as margens do rio des Velhas. Corre esta rocha do norte para o sul, encontrando-se perto dela fragmentos de grés, aparentemente metamorfizados pe-

la vizinhança do diorito. O mais notável, porém, é que em algumas das elevações próximas da beira do rio, tivéssemos encontrado grés de grossa granulação, oriundo do itacolumito e com indícios de estratificação relevada. Davam a impressão de terem sido erodidos pelas águas; sua localização nas eminências, junto ao seu aspecto atormentado, não permite duvidar de que tenham sido outrora verdadeiros recifes, num mar que enchia o vale do rio das Velhas e os córregos das proximidades.

Encontramos nas vizinhanças deste grés muitos geodos de quartzo, prismas muito transparentes deste mesmo mineral e ágatas leitosas.

Nas margens do rio das Velhas fizemos abundante colecta de bonitos insectos, entre os quais citarei o *Trichognatus marginatus*, género de carábida, então muito raro nas colecções. Tivemos a agradável oportunidade de dissecá-los. Entre as aves que nos forneceram estas localidades acha-se uma bela espécie do grupo das perdizes, conhecida na região pelo nome de *nambu*. E' um tinâmida; corre com muita rapidez e tem um canto característico, semelhante a um assobio interrompido. Aliás, era muito difícil caçá-la, por causa da densidade extraordinária do matagal.

E' admirável a vegetação das margens do rio das Velhas. "Nada mais pitoresco, diz Weddell, do que este rio cujos contornos se vêem de longe desenhar-se por entre a luxuriante vegetação, aqui desaparecendo por detrás de uma colina, acolá aparecendo de novo, para, logo depois mais uma vez esconder-se. A travessia, bastante perigosa dada a instabilidade das embarcações feitas de um só tronco escavado de árvore, foi-nos muito bem paga pela magnificência dos lugares por onde passamos. Eu já havia visto muitas matas virgens; mas nenhuma me impressionou tanto pela magia da decoração como a que me era dado admirar nesse momento. Para isso muito contribuía a pre-

sença da grande palmeira indaiá, já observada por nós em Chapéu de Uvas e em Pitanguí".

As marchas forçadas que fizemos para chegar à aldeia de Santana, puseram-nos muito adiante da tropa, que só conseguiu nos alcançar no dia 19, continuando logo a viagem no dia seguinte, enquanto nós ficamos para seguir no dia 21, contando alcançá-la dobrando a marcha. Fizemos nesse dia seis léguas, tendo o prazer de, a um quarto da caminhada, contemplar o magnífico salto do rio das Furnas. Tem esta queda cerca de 63 metros de altura, por uns 16 de largura e constitui, seguramente, uma das paisagens mais belas do mundo, perdida em plena mata virgem. As águas se despejam numa bacia, formada por gigantescas lájeas de pedra. Fizemos baldados esforços para chegar ao sopé mesmo da cascata; tão espessa era a mataria e tão altas as gramíneas, que após mais de duas horas de insano e infrutífero trabalho tivemos de, muito a contra gosto, abandonar o nosso intento. Tem o rio das Furnas, no local onde o atravessamos, logo acima da cascata, uns 250 metros de largura, aproximadamente. Pareceu-nos ser de grés a rocha vertical de onde se despenha a cachoeira. Na estrada, cuja direcção é para noroeste, encontram-se, em grande quantidade, fragmentos de diorito, rocha que constitui o leito do primeiro córrego, atravessado em Boa Vista. E' todavia provável que a formação seja um grés itacolumítico, semelhante ao que se vê em Santana. O terreno percorrido é chato e ordinàriamente coberto de vegetação enfezada dos campos; cortam-no, correndo para o Paranaíba, pequenos ribeirões de pequena correnteza, alternando com atoleiros, muito difíceis de transpor.

Passamos a noite na miserável fazenda do Pissarrão, cujos habitantes, como de costume, fugiram, assim que nos aproximamos. Nossos soldados abriram-lhe a porta a seu modo, isto é, arrombando-a. No dia seguinte, ao partir-

mos, tivemos o cuidado de deixar sobre a mesa ampla indenização pelos prejuízos causados.

No dia 22 fizemos seis léguas de marcha, em caminhos quase impraticáveis devido aos atoleiros. Em certo lugar as mulas se enterraram até o pescoço, sendo necessários os mais inauditos esforços para safá-las. Depois de atravessarmos lindas matas virgens, chegamos finalmente às margens do Paranaíba, que contemplamos com alegria tanto maior quanto forma ele o limite natural entre as províncias de Minas Gerais e Goiás. Acampamos num pequeno rancho, mesmo na beira do rio. Há neste local, que é chamado Porto Antigo de São Paulo, uma barca para transportar os viajantes de uma para outra margem. Pelo caminho, tínhamos encontrado muito diorito, que nos pareceu em estado de formação. Ao meio-dia mais ou menos chegamos ao rio das Pedras, onde há uma fábrica de louça de barro, na qual se emprega uma argila muito branca, que parece ser o caulim, tirada dos morros próximos. Esta fábrica não tem nem chaminé; tudo nela se faz a mão. O forno, muito parecido com os da Europa, é redondo, com um diâmetro de cerca de metro e meio. Cozinha-se aí o vasilhame em fogo abafado, colocando-o sobre um soalho cheio de buracos, debaixo do qual fica o fogo.

Perto de Estiva e de Tapiriçá vêem-se rochas de grés itacolumítico, com o aspecto de recifes em tudo semelhantes aos do rio das Velhas, perto da aldeia de Santana.

Ao descer para o Paranaíba, para lá de São Domingos, encontramos xistos argilo-micáceos de cor vermelha, muito folhetados e com mergulho para o sul. Finalmente, nas bordas do rio, aparecem camadas de um gnaisse muito duro e característico, orientado no sentido este-oeste, quase paralelamente ao curso do rio; ele mergulha 22 graus sul, sendo atravessado por veios de quartzo, que lhe ficam paralelos e dão a impressão de terem sido solevados.

A estrada corre, de modo geral, para o norte, fazendo voltas que oscilam entre o nordeste e o noroeste.

Reservamos um dia para dar caça às aves que povoam as matas marginais do Paranaíba, conseguindo obter lindos papagaios, vários *Platyrhynchus* e uma grande garça branca de cabeça preta e bico azulado. As praias lamacentas do rio estavam literalmente apinhadas de borboletas, cujos inúmeros indivíduos de cada espécie se aglomeravam em blocos destacados, dando ao conjunto a aparência de um tapete marchetado.

Em Porto Antigo, a direcção geral do Paranaíba é oeste-noroeste, e quase noroeste; mas, acima e abaixo deste ponto, ele forma curvas que o desviam ainda mais para oeste. De largura tem o rio cerca de 100 metros; a correnteza é grande e a profundidade considerável; a temperatura das águas, determinada à custa de observações feitas à sombra no dia 24, era de 25°,5.

No mesmo dia atravessamos o rio, fazendo seis léguas e meia, através de espessa floresta e por entre medonhos atoleiros. À noitinha chegamos à vila de Catalão, primeiro povoado por que passamos na província de Goiás. Durante o trajecto, conseguimos um tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tetradactyla*, Linné).

Depois de atravessar o Paranaíba, encontra-se gnaisse, rocha que entra na formação geral da região. A uma légua do rio a ele vêm superpor-se os micaxistos avermelhados; são muito inclinados e mergulham para o sul. Perto de Catalão, cobrem estes xistos camadas superficiais de ganga. Catalão é um vilarejo de uns 2.000 habitantes; suas casas são construídas de gnaisse, bem como também a igrejinha, muito pobre. Para alcançá-lo, atravessamos vários afluentes pequenos do Paranaíba, o maior dos quais é o rio Ouvidor, cuja largura regula 10 metros e tem bastante correnteza. Há pontes em todos estes rios, com excepção de dois menores, que se passam a vau.

CAPITULO VIII

DA VILA DE CATALÃO, EM GOIÁS

Chegando em Catalão fomos à procura da casa do Coronel Roque, para o qual tínhamos cartas de apresentação. Este era o homem do lugar; porque, em cada uma dessas localidades afastadas há um personagem influente, por intermédio do qual se processam todas as relações com o govêrno. E' o único meio de que dispõem os presidentes para fazer respeitada sua autoridade nessas distâncias.

O Coronel Roque era um homem corpulento e ressequido, com enormes lunetas e um chapéu azul de palha, cujas abas tinham quase um metro de diâmetro. Trazia roupa de algodão, com umas calças muito curtas, tudo da mesma cor do chapéu, inclusive as meias e os sapatos. Este gosto singular pelo azul se explica pelo facto de ser todo o seu vestuário, sem exceptuar o calçado, obra dos escravos, que como tintura só podiam dispor do anil, planta que cresce por toda parte. Toda noite, rodeava o coronel uma corte numerosa de funcionários públicos, todos negros ou mulatos, tais como os oficiais da milícia, o vigário, o sacristão, o mestre-escola, etc. Passavam a beber aguardente de cana e a fazer pomposos elogios ao dono da casa, que era comparado a César e a Napoleão. A cada extravagância deste gênero, o grande homem se dignava inclinar a cabeça, acompanhando este movimento de uma careta horrenda. Fomos hospitaleiramente admitidos na-

quele círculo brilhante, e enquanto comparavam nosso hospedeiro a todos os heróis da história e da fábula, preparávamos nós as nossas colecções e púnhamos em ordem os nossos papéis. Ficamos vários dias em casa desse homem, que aliás só podemos elogiar, até pelos esforços que fez, embora sem resultado, para nos conseguir um exemplar do raro tatu gigante, que pedíamos a todo mundo.

No presente lugar tivemos nova prova da falta de sentimentos religiosos entre os habitantes do interior. Como algumas pessoas de Catalão nos tivessem visto caçar corujas e morcegos, trataram de abrir a igreja, fazendo-lhe durante um quarto de hora ressoarem as arcadas, sob os tiros das espingardas.

Só no dia 5 de Março deixamos Catalão, onde nos reteve desagradável incidente. Chegando aí, o arrieiro Domiciano não quis mais seguir conosco, comunicando-nos a resolução de voltar com os seus tropeiros e as mulas de carga por nós alugadas; por outro lado, ficamos sabendo da impossibilidade de obter na cidade um burro sequer e tão pouco tropeiros. Como me sorrisse muito pouco a perspectiva de termos assim de passar alguns anos a ouvir os elogios ao meu hóspede, tomei a resolução de comprar por qualquer preço as mulas de Domiciano, conseguindo também assim ficar com uma grande parte de seus criados.

Na hora da partida tivemos a oportunidade de ver um homem atacado de moléstia assaz curiosa; tratava-se de um caso monstruoso de sarcocele. O tumor, que não parecia pesar menos de vinte e cinco a trinta quilos, descia até abaixo dos joelhos do doente, quando de pé.

Fizemos seis léguas para chegar ao rio Veríssimo. A contextura geral do terreno apresenta gnaisse mergulhando ordinàriamente para o sul, e às vezes para o norte, nas encostas dos morros. A parte superior desses gnaisses é muito micácea, tornando-se verdadeiro micaxisto, ao qual se

superpõe o itacolumito xistoso estratificado. Passamos a noite em lugar muito pitoresco, na confluência do rio Veríssimo e do rio Braço, não tendo por abrigo mais que um mau alpendre, no qual armamos as redes. Antes de se reunir ao Braço, que é um ribeiro de 7 metros de largura e corre para sudoeste, o rio Veríssimo tem 13 a 14 metros e corre para oeste-noroeste; depois da confluência, porém, ele chega a ter 20 metros de largura, com uma profundidade de 2 a 3, mudando sua direcção para oeste-sudoeste, embora menos para o sul do que a do Braço.

A 6 terminou a passagem da caravana, em canoas, para o lado oposto do rio. Neste dia chegou-me ao conhecimento que o presidente da província de Goiás, estava para deixar a capital, rumo ao Rio de Janeiro. Ciente de quanto era necessário com ele avistar-me antes de sua partida, resolvi ir adiante com o Sr. Deville e o furriel, deixando a responsabilidade da expedição ao Sr. d'Osery. Todavia, para não interromper este relato, acompanharemos a caravana até a cidade de Goiás, ao que depois acrescentarei algumas palavras sobre a minha viagem pessoal.

A expedição fez três léguas para chegar à fazenda Vai-e-Vem (de António José Carneiro). Pelo caminho só se vêem itacolumitos muito micáceos e nacarados. De resto, a formação geral era a mesma que observamos na véspera.

No dia 7 o Sr. Weddell fez algumas operações cirúrgicas; depois, parando uns instantes no vilarejo de Vai-e-Vem, continuou a marcha até Ciganos. A formação geológica era mais ou menos a mesma dos dois dias precedentes. Dominam os gnaisses entre a fazenda e o arraial de Vai-e-Vem, nas proximidades do qual é o rio do mesmo nome atravessado três vezes, ao passo que deste ponto a Ciganos o que se vê por toda parte são os gnaisses micáceos, com transição para os micaxistos, exceptuando con-

tudo um pequeno cómoro existente a meio caminho, que é formado de itacolumito superposto aos xistos micáceos e, na parte superior, de ganga muito argilosa.

Na vertente desta elevação que olha para Ciganos, encontram-se pelo caminho numerosos fragmentos de quartzo, de arestas vivas.

Ciganos é um pequeno núcleo de oito ou dez casas, outrora povoado por "boémios", cujo nome conserva. Os filhos dessa gente, moradores ainda hoje do povoado, esqueceram já a língua paterna. As choupanas de Ciganos são das mais miseráveis que se possa ver.

"Nada de notável nos dias de 8 a 13, diz o Sr. Weddell; sempre o mesmo ramerrão. Cada manhã deixávamos, à melhor hora possível, o pouso em que se passara a noite, em demanda de outro, onde iríamos fazer a mesma coisa, com pequenas variantes. Percorríamos diàriamente uma distância média de quatro léguas, através de uma região que começava a se nos tornar monótona. Os campos continuam a se apresentar relativamente despidos de vegetação, enquanto ondulações maiores ou menores alternam com regatos em que a vegetação se apresenta mais viçosa. Nestes lugares vêem-se ainda árvores cingidas por vigorosos cipós, oferecendo ao viajante a sombra que ele procuraria em vão debaixo dos arbustos nodosos peculiares à quase toda a região, e que se diria disputados igualmente pelo sol e pelo fogo.

"Desde já algum tempo as palmeiras aumentavam de número; não se parecem porém com essas árvores de elevado e majestoso porte que nossa imaginação julga pressentir quando ouve pronunciar-se o nome de *palmeira*. Trata-se agora de criaturas anãs, que um observador pouco atento seria capaz de confundir com as gramíneas dos campos; algumas se erguem a apenas 2 ou 3 metros do solo, formando às vezes elegantes grupos, que em certas locali-

dades constituem pequenas moitas. Os lugares em que estacionamos foram os que a seguir menciono. 1.º, Palmital, lameiro de incrível sujeira, povoado de baratas e papudos, onde passei toda a noite deitado numa carreta. 2.º, Corumbá, onde, numa embarcação escangalhada, atravessamos o rio do mesmo nome. Os carros passam o rio de maneira muito curiosa: fazem-n os rolar até a beira do rio, impedindo que desçam muito depressa atrelando-os por trás, depois do que os põem a cavalo sobre duas cânoas justapostas, que assim os transportam sem nenhuma dificuldade. Os bois passam depois a nado, sendo novamente atrelados no lado oposto. 3.º, Campo Alegre, assim chamado não sei porque, visto como aí encontramos apenas um paralítico, ao qual dei uma monstruosa receita, em paga de sua hospitalidade. 4.º, Baú, lugar de chuvarada, lama e ladrões. 5.º, Dona Jacinta, excelente pouso, tanto pelos moradores, como pelas coisas boas que sabem fornecer ao viajante. 6.º e último, Estalagem, onde fomos encontrar gente muito boa, porém na maior miséria. Passamos algumas horas na casa de um certo Rodriguezinho, proprietário do lugar. Aí presenciamos um quadro, dos mais pitorescos por nós já vistos e digno do pincel de um colorista. Com efeito, duas ou três famílias se haviam reunido numa casa que não era formada senão de um mau tecto, cobrindo recinto fechado por gradeado largo de madeira, inteiramente aberto ao tempo. Quando chegamos toda a população feminina estava ocupada nos diversos afazeres com que enchem habitualmente o dia: fiar, preparar farinha, cozinhar os alimentos, etc. Havia nesta cena bastante animação".

De Ciganos a Estalagem a formação geral é quase uniformemente composta de gnaisses bem caracterizados, que se apresentam sob a forma de enormes blocos desnudos, acompanhados de núcleos de quartzo, no rio Palmital. Até Rancho do Brejo, o itacolumito se superpõe em vários lu-

gares ao gnaisse, com os quais ele forma, na elevação em cujo sopé corre o rio Corumbá, massas com a aparência de recifes. Nas margens pròpriamente do último rio, dominam os gnaisses. Em Rancho do Brejo, junto ao itacolumito, aparecem fragmentos de quartzo na superfície do solo, que é ali formado de argila vermelha; mas a partir desse ponto, a ganga amarela surge em todos os trechos altos da estrada. Por fim, a três quartos de légua de Campo Alegre, encontra-se uma espécie de rocha muito dura, que parece ser uma mistura de diorito, quartzito e talvez de sienito. Perto de Baú os gnaisses parecem ser mais micáceos. O rio Corumbá, que a expedição atravessou dois dias depois de havê-la eu deixado, é rápido e profundo. Sua largura, medida trigonomètricamente pelo Sr. d'Osery, era de 297 metros, estando ainda o rio longe da cheia, embora estivéssemos na estação das chuvas. A temperatura das águas, observada no dia 10, às onze horas da manhã, era de 24°,5.

A distância de vinte léguas, por nós percorrida nestes seis dias, repartia-se mais ou menos assim: de Ciganos à fazenda de José Pereira, três léguas; de José Pereira ao rio Corumbá, quatro; deste último a Campo Alegre, três; de Campo Alegre a Baú, duas; de Baú a Campo Aberto, quatro; de Campo Aberto a Estalagem, quatro.

A 14 fez a caravana quatro léguas, numa sucessão de pequenos morros levemente ondulados e semeados de pequenos capões, onde havia sempre atoleiros, muito difíceis de passar. A formação se compunha de gangas, que provàvelmente reçobriam gnaisses.

Bonfim é uma aldeola situada em uma pequena elevação; é muito velha e deve sua origem aos faiscadores de ouro, que no lugar extraíram outrora boas quantidades deste metal. Não é por outro motivo que se vêem por toda parte no local profundas escavações e movimentos de ter-

ra, até nas próprias ruas. Esta exploração está hoje quase inteiramente abandonada. O exame das velhas escavações mostra que o ouro se encontrava de mistura com um cascalho de grossos grãos, existente sob a forma de uma camada horizontal de cerca de um metro de possança. Está situada esta camada abaixo de uma terra vegetal vermelha, cuja espessura é duas vezes maior. Abaixo do cascalho vem uma camada de argila amarelada, espessa de dois metros aproximadamente e que repousa sobre um aglomerado compacto de argila e cascalho, abaixo do qual aparecem xistos argilosos, eles próprios superpostos à formação geral dos gnaisses. O cascalho é constituído de grãos do tamanho de um ovo de pombo, aglomerados muito imperfeitamente por uma espécie de areia argilosa vermelha. Na parte inferior da camada, o cascalho se aglutina com a argila que lhe está subordinada, formando uma espécie de placa.

Possui Bonfim cerca de oitocentos habitantes. Pela primeira vez vimos aqui as vidraças das janelas feitas com grandes lâminas de mica, conhecida no país pelo nome de malacacheta. Esse mineral é extraído especialmente em duas localidades situadas a umas setenta léguas de Bonfim, uma chamada Traíra e a outra São José do Tocantins; é vendido à razão de duzentos e oitenta réis a libra (cerca de setenta e cinco cêntimos). Cada libra dá para doze ou quinze placas quadradas de seis polegadas de lado. A temperatura média de Bonfim é de 21°,0.

A expedição foi muito bem recebida em casa do Coronel Vicente Miguel da Silva. No dia 18, nossa partida foi retardada pela orgia a que se haviam entregado os tropeiros na noite precedente; só pudemos sair à noitinha, pelo que foi debaixo da mais completa escuridão que conseguimos fazer uma légua e um quarto, por caminho horrível, tornado quase impraticável pela chuva torrencial. O terreno era muito plano e a formação semelhante às dos

dias anteriores. Saindo-se de Bonfim atravessa-se um córrego, numa ponte de uns sete metros de comprimento. Dormimos no Engenho da Posse, num óptimo rancho.

Ao raiar o dia nos achávamos numa formosa paragem, cheia de agradável vegetação, onde se viam tucanos em grande número, refugiados nas árvores. Nossos companheiros gastaram todo o dia, em percorrer o campo, à procura da estrada, surpreendendo-os assim a noite. Os guias tinham perdido o caminho e não houve outro remédio senão acamparmos ao ar livre, num lugar próximo das cabeceiras de vários córregos, afluentes do Corumbá, que vai se reunir ao rio Grande do Sul.

No dia 17 os viajantes tiveram apenas, como almoço, carne de tucano. Enquanto comiam, os tropeiros estavam na perseguição dos burros transviados; depois voltou-se à procura do caminho. Tivemos muita sorte em encontrar dois ladrões de cavalo, que deram aos nossos companheiros a notícia de que se achavam próximos de uma fazenda, para onde logo trataram de se dirigir. Só a alcançaram, porém, ao cabo de légua e meia de marcha; chamava-se Engenho das Contas.

Continuaram no dia 18 a procurar ainda a *estrada real*, que afinal conseguiram descobrir. Saindo da fazenda, atravessa-se o bonito ribeirão chamado das Antas, nome também da localidade. Lança-se este ribeirão no rio Corumbá, recebendo antes os dois primeiros córregos que adiante se encontram. Todos os outros despejam no rio Capivari, afluente do rio do Padre Sousa, tributário por sua vez do rio das Almas, um dos formadores do rio Tocantins. O rio Capivari é atravessado por uma ponte de pouco mais de sete metros de comprimento. O divisor das águas é apenas indicado por um espigão pouco elevado.

Forquilha, onde a comitiva chegou depois de uma marcha de quatro léguas, é simplesmente um rancho ordiná-

rio, com três ou quatro casinhas em volta. Tiveram aí os companheiros uma boa ceia de feijão preto; mas padeceram muito frio durante a noite. A estrada por eles percorrida era formada de itacolumito, com o aspecto de quartzito. As rochas deste gênero encontradas depois contêm maior quantidade de mica.

E' preciso não confundir o rio Capivari, de que há pouco falamos, com um outro do mesmo nome, que tínhamos deixado à nossa direita; este é maior e corre para o rio Corumbá.

A 19 fizeram longa marcha; a paisagem mostrava uma sucessão de deliciosas matas, regatos e montanhas. Para aumentar a beleza do cenário, concorria a serra dos Pireneus, cujas montanhas se erguem logo ao norte de Meia Ponte, pequena cidade, quase encravada entre montanhas e notável pela alvura de suas bonitas casas, com vidraças de mica e passeios de itacolumito flexível.

A freguesia de Meia Ponte contém oito mil habitantes, dos quais mil e quinhentos moram na cidade; possui quatro igrejas, das quais a mais conservada é a do Rosário (que é a dos negros). A cal usada nas construções é extraída de uma jazida situada a quatro léguas da cidade.

A ponte que existia sobre o rio das Almas, largo neste lugar de vinte metros, caiu, restando agora apenas alguns restos do madeiramento apodrecido. Na cidade a direcção do rio é sensìvelmente para oeste; todavia, a uma légua mais abaixo, ele parece tomar o rumo norte, recebendo a quatro léguas de Meia Ponte o rio Padre Sousa e indo depois lançar-se no rio Maranhão.

Meia Ponte deve o nome a um rio pertencente ao município de Bonfim, e que ficou assim sendo chamado por causa de uma grande pedra, que avançava por cima dele, formando por assim dizer a metade de uma ponte, que os habitantes do lugar tiveram apenas de acabar. A forma-

ção é o itacolumito de diferentes variedades; a princípio muito quartzoso na superfície, se vai tornando cada vez menos, à medida que se aproxima a cidade; aí ele se manifesta mais nacarado, fortemente relevado e com mergulho para oeste. As gangas aparecem também às vezes na superfície. O contraforte da serra dos Pireneus que se vê ao norte da cidade é formado ordinàriamente de itacolumito puro; sua direcção é este-oeste e junto às suas faldas corre o rio das Almas. Parece que a maior parte do maciço principal é constituída pelo mesmo mineral, de cuja variedade flexível se extraem enormes quantidades. Estes itacolumitos são muito solevados, dirigem de este para oeste e mergulham 20 a 30 graus norte. A serra dos Pireneus parece bastante elevada.

O Comendador Joaquim Alves de Oliveira, o homem de mais influência em Meia Ponte, recebeu a expedição com a maior hospitalidade. Entrando na casa deste excelente homem, acreditar-se-ia estar nos arredores de uma das capitais europeias. A casa, como quase todas na região, tinha apenas um andar; mas era muito espaçosa e mobiliada com o gosto de qualquer das melhores habitações do Rio de Janeiro. O comendador é um velho de muita inteligência, e foi graças a ele que obtivemos excelentes informações sobre a sua terra. Falou-nos longamente do Sr. Augusto de Saint-Hilaire, que esteve com ele bastante tempo, e também de outros viajantes europeus, entre os quais um inglês de nome Guilherme e dois alemães, que ele chamava, um, Dr. Poch, e, o outro, Dr. Natc. Só depois é que ficamos sabendo as pessoas de que se tratava, a saber: o célebre viajante William Burchell e os naturalistas Pohl e Matterer.

A 21 a comitiva se perdeu ainda uma vez; mas não demorou a descobrir o caminho, graças a um amigo do comendador, que ia na mesma direcção, e percebeu que ela se havia transviado. Não foi senão de tarde que ela che-

gou ao engenho do comendador, onde trabalhavam uns duzentos escravos. O dono do lugar, que gostava de bichos, tinha reunido uma grande colecção de papagaios e de macacos. Nas cercanias da fazenda havia grande quantidade de uma espécie de abutres, diferentes dos que tínhamos visto até então. Perto do engenho atravessa-se o rio Padre Sousa, por uma ponte de madeira, em muito bom estado; o rio tem neste lugar 14 metros de largura. A meia légua mais adiante atravessa-se o rio Índio, numa ponte, pelo contrário muito ruim.

"Teria sido prudente, escreve o Sr. Weddell, passar a noite neste lugar, mas o desejo de chegar nos decidiu a continuar a marcha. Entramos assim na grande mata que precede Goiás, e de que, sob o nome de *mato grosso*, ouvíamos falar havia muito tempo, como sendo quase impraticável pelo mau estado dos caminhos, coisa de que pudemos ter uma ideia aproximada durante a noite, numa parte da viagem. Tudo tinha conspirado contra nós, à excepção apenas dos relâmpagos que se declararam do nosso lado. Com efeito, sob torrenciais aguaceiros, numa floresta mais sombria que o forno mais escuro, e num chão esburacado onde os carros haviam cavado fundas trilhas, só o clarão dos relâmpagos nos permitia ir para a frente, sem tropeçar em cada passada. Entreguei-me ao instinto de minha mula, que certamente enxergava melhor do que eu, pôsto que eu nada via; ela acompanhava passo a passo o cavalo do Sr. d'Osery, que, a pé, mediante todos os sentidos juntos, procurava acertar com a direcção. Tínhamos feito assim cerca de uma légua e meia, quando vimos aparecer animais, fazendo-nos suspeitar da presença de alguma habitação nas proximidades. Com efeito, uma claridade difusa, que a princípio supusemos efeito de simples reflexão, levou-nos finalmente diante de uma casa de negros, que em tal momento nos pareceu um palácio. Nosso soldado estava doente de pavor e perdia a cada momento uma parte do jantar.

Não tardou muito que eu adormecesse junto ao fogo desta pobre gente. O couro em que me deitei parecia-me um veludo, ao passo que, por uma transmutação ainda mais extraordinária, as imundas criaturas que eu há poucos instantes vira agachadas em torno da mesma fogueira, se tinham revestido de formas graciosas".

A estrada continua sempre sobre o itacolumito, nacarado e de grãos finos próximo da cidade, e depois muito micáceo, de cor cinzenta, com a mica em grandes-placas. Na superfície do solo encontravam-se fragmentos muito quartzosos.

A 22, desde às 6 da manhã, pusemo-nos novamente a percorrer a mata. O caminho ficou ainda pior do que o da véspera; a cada momento topávamos com extensos lamaçais e atoleiros onde os animais afundavam as patas até os joelhos. No Rancho da Conceição, os Srs. d'Osery e Weddell alcançaram a comitiva, de que se tinham separado durante alguns dias, para visitar Meia Ponte; continuaram todos então a viagem para frente, percorrendo a distância de três léguas, durante a qual encontraram duas ou três casas, perdidas no meio do mato.

Antes do pôr do sol, armaram as redes ao lado da casinha de Sambambaia, miserável ao extremo, mas numa linda posição.

A 23 perdeu-se um dos animais, fazendo com que só pudessem partir depois do meio-dia. Foram feitas três léguas e meia, sempre dentro da mata, para irem dormir numa casa situada a cerca de meia légua de Genipapo.

A 24 foram feitas ainda três léguas através da mata, cuja vegetação crescia cada vez mais em magnificência, notabilizando-se particularmente pela singularidade de suas trepadeiras fantásticas. Pararam algum tempo na fazenda de João José Brandão, indo pousar na Casa da Telha, sítio miserável, onde todos estavam atacados de doença.

Havia alguns dias o estudo da formação geológica se tinha tornado muito difícil, por causa da espessura da mata; não obstante, foi possível observar a presença constante de terrenos de itacolumito, chegando-se até a descobrir um filão de diorito, perto da fazenda de Nossa Senhora da Abadia.

A 25 deixaram finalmente a mata, fazendo uma marcha de quatro léguas e meia e alcançando o pequeno arraial de Curralinho, situado no campo. Há no arraial trinta e oito casas e cerca de 140 habitantes, ao passo que em toda freguesia existem cerca de 3.050. Como nos dias anteriores, foram atravessados muitos córregos.

A 26 deixaram os nossos amigos o *mato grosso* com os seus lamaçais; mas, em compensação, tiveram de galgar verdadeira escada de pedra, ao mesmo tempo que, para continuar a viagem, lhes foi várias vezes necessário esperar que baixassem as águas dos riachos engrossados pelas chuvas. A quatro léguas de Curralinho, o caminho atravessa o rio Urmi, numa bonita ponte de madeira. Este lugar, onde há pujante vegetação, deve seu pitoresco às numerosas cachoeiras do rio. Caiu a noite, e se não fosse um guia, encontrado por acaso, não se teria descoberto o caminho certo. Finalmente, a um quarto de légua da cidade de Goiás, onde era para chegarem no mesmo dia, foi preciso parar de repente, por causa de uma torrente, que violenta tempestade tornara intransponível. Depois de duas horas de espera, as águas baixaram, permitindo que se fizesse passar os animais, um pouco a nado, um pouco a pé. Pouco depois toda a expedição se achava reunida no hospitaleiro palácio de D. José de Assis Mascarenhas, presidente da província.

A formação geral parece ser o itacolumito nacarado, muito torturado, que para lá do Urmi, parece ceder o passo ao gnaisse.

Quando a comitiva chegou a Goiás, já eu me achava desde alguns dias hospedado no palácio do Governo. Tendo, como já contei, me separado dos companheiros no dia 6, fui pernoitar em Ciganos. No dia seguinte, depois de ter passado o rio Corumbá, chegamos à fazenda Boa Vista. Era meu desejo visitar as águas termais de Santa Cruz de Goiás, só não podendo fazê-lo por causa de uma errada, que me obrigou a fazer uma grande volta. Nosso compatriota, o Sr. Dr. Faivre, publicou em 1844, no Rio de Janeiro, uma análise muito interessante destas águas, tão célebres no país, como capazes de curar a lepra. Algumas destas fontes foram descobertas por Bueno, filho do primeiro explorador da região; mas não foi senão em 1777 que Martinho Coelho a conquistou aos índios Caiapós e Xavantes. Em 1818, o penúltimo Governador de Goiás, Fernando Delgado, a elas deveu a cura de uma doença reumatismal de que há muito tempo padecia, começando daí por diante a sua celebridade no interior do Brasil.

Caldas Novas fica situada doze léguas a sudoeste da cidade de Santa Cruz; reúnem-se ali habitualmente uma centena de doentes. Próximo à fonte quente há uma fria, as águas de ambas se reunindo para formar um grande riacho, que, duas léguas adiante, vai lançar-se, ainda tépido, no rio Piracanjuba, afluente do Corumbá.

A temperatura média do lugar parece ser de 20 graus e a das águas é de 42 graus. O Dr. Faivre encontrou nestas águas as seguintes substâncias:

Gás	Azoto
Acidos	Clórico Carbónico Silícico
Bases	Potassa Soda Cal (traços) Magnésia Alumina (traços)

O Sr. Faivre considera a lepra uma moléstia contagiosa, acreditando que quase não há exemplo de pessoas que a tenham contraído depois da idade de trinta e seis a quarenta anos.

A análise destas águas, por mais imperfeita que ela seja, apresenta ainda assim o facto interessante da presença do cloreto de magnésia, o que poderia explicar a frequência do bócio em toda a região. De facto, sabe-se, principalmente através das observações do Sr. Grange, que as águas das regiões em que na Europa existe o papo contêm grande quantidade de magnésia. Esse facto se verifica na Suíça, no Piemonte, no Dauphiné, nos Pireneus, etc. Devemos no entanto observar que na Europa é sempre em grandes altitudes que aparece este flagelo, ao passo que no Brasil ele ocorre em regiões cuja elevação não excede de 200 a 400 metros acima do nível do mar. Cumpre ainda notar que no Brasil o solo de toda a zona atingida pelo papo pertence às formações primitivas ou itacolumíticas.

A 8 viajamos o dia todo através de campos, surpreendendo-nos uma noite muito escura, antes de ter alcançado uma casa. Não tardou muito que nos surpreendesse violenta tempestade; os cavalos já andavam só a poder de esporas quando ouvimos ao longe o som de um pandeiro, graças ao qual fomos levados até um casebre em ruínas, onde encontramos vários mulatos dançando. Embora tivessem relutado em nos admitir em casa, repartiram todavia hospitaleiramente conosco a sua ceia, que se compunha de um tatu assado, cujo sabor não era nada desagradável. Dormimos numa tábua, embrulhados nas capas molhadas.

A 9, chegamos numa choça situada à entrada de uma pequena mata, sendo-nos dado presenciar uma cena verdadeiramente confrangedora: uma rapariga de cor se descabelava diante dos cadáveres de duas crianças. Tinham estas passado o dia na mata, envenenando-se provàvelmente com alguma fruta.

No dia seguinte chegamos em Bonfim, e a 11 pousamos na fazenda do Capitão Jacinto, que nos recebeu muito mal, fazendo-nos comer e dormir em companhia dos escravos. Ao anoitecer de 12 chegamos a Forquilha, onde nos receberam várias pessoas de má aparência, que nos fizeram dormir numa espécie de granja aberta. Durante a noite ouvimos muitas vozes de homens, que chegavam, denunciando-se logo, pelas conversas, como ladrões de cavalo. Ao verem desconhecidos na sala, fitaram-nos com maus olhos; mas, sabendo que éramos estrangeiros e supondo que estivéssemos a dormir, puseram-se a conversar e começaram a jogar cartas e dados. Depois desavieram-se, discursando em voz alta sobre os roubos e assassinatos que tinham cometido. Nosso fiel furriel de Minas Gerais, vendo o tom que tomava a conversa, ergueu-se repentinamente e tratou de buscar para nós as pistolas e os sabres que tínhamos deixado num canto da sala, a fim de que nos mantivéssemos alerta até o raiar do dia.

A 13 chegamos em Meia Ponte, de onde retomamos a viagem dois dias depois. Levamos três dias a atravessar o *mato grosso,* onde várias vezes nos perdemos, escapando também de quebrar muitas vezes as pernas e de nos afogarmos nos atoleiros. Finalmente, a 19, chegamos a Goiás, onde admiràvelmente nos recebeu o presidente. Logo no dia seguinte fomos visitados por todas as pessoas notáveis do lugar, enquanto eu, de meu lado, já na mesma noite fazia uma visita ao bispo, venerável ancião de oitenta anos de idade.

CAPITULO IX

ESTADA EM GOIÁS

Goiás é uma das pequenas cidades mais bonitas do Brasil; mas é rodeada de quasê todos os lados por montanhas cobertas de mata. E' de crer que nunca poderá crescer muito. As casas que geralmente não têm mais de que um andar, são muito bem construídas e extremamente brancas; as ruas, limpas e muito bem alinhadas, têm todavia muito mau calçamento; as praças são espaçosas.

O palácio consta apenas de um pavimento, que ocupa grande área. Havia antigamente um bonito jardim, ornado de piscinas e de repuxos, rochedos artificiais e caramanchões; hoje nada disso existe mais. No mesmo largo do palácio ergue-se a Matriz, ou Catedral, mais sumptuosa internamente do que por fora, como também a igreja da Boa Morte, cuja elegante fachada não ficaria deslocada em qualquer cidade da Europa. Entre as outras igrejas nota-se ainda a de Santa Bárbara. Menos pelo que ela é em si do que pela admirável posição em que está, permitindo descortinar-se uma vista encantadora da cidade e de uma parte de seus arredores. No centro da grande praça da cadeia, ergue-se uma fonte cuja arquitectura não é menos bonita do que a da igreja da Boa Morte. A prisão é um edifício de dois andares, em cada uma de cujas células se descobrem os traços de uma evasão.

Há em Goiás cerca de quinhentas casas e de 7 a 8 mil habitantes, entre os quais poucos escravos. A cidade fica na margem do rio Vermelho, célebre pelas areias auríferas arrastadas pelas suas águas. Na cidade, o rio tem cerca de trinta passos de largura; três pontes de madeira atravessam-lhe o leito, que é pouco profundo e interrompido por algumas pequenas cachoeiras. O rio Vermelho é um dos formadores do Araguaia, tendo-se visto chegar à ponte principal barcos vindos do Pará; entretanto, só é ele verdadeiramente navegável quatro léguas abaixo da cidade. Facto notável é a predominância em Goiás de mulheres sobre os homens. Os costumes são muito fáceis, o que explica o embaraço que se sente quando se entra no interior das habitações. Os moradores escondem instintivamente suas mulheres, as quais só podem ser vistas nas procissões, ou então nas igrejas em dias de festa, aliás não mais raro aqui do que no resto do Brasil. O traje das mulheres é muito diferente do que até então tínhamos visto; consta em geral de um grande xale preto e de um lenço branco que cobre a cabeça e passa sob o queixo, de modo a deixar visíveis apenas os olhos, o nariz e a boca. Algumas mulheres usam chapéu preto de homem, enfeitados às vezes com uma pena. A população de toda província é de 120 ou 130 mil habitantes. dos quais, no máximo, 25 mil são escravos.

A formação geológica de Goiás e de seus arredores é o itacolumito, de que existem diversas variedades. A colina que, a noroeste da cidade, acompanha o rio Vermelho, é formada de um itacolumito em massas de cores diversas, mas cujos pedaços melhor caracterizados se mostram crivados de pontos violetas e avermelhados. Tem ele neste lugar uma aparência muito micácea e passa fàcilmente à mica pura. O morro em que está construída a igreja de Santa Bárbara é formado inteiramente dessa última rocha, que dá a impressão de ser estratificada; tal·

vez faça até parte de uma massa solevada. E', de resto, amorfa ou pouco faltando para isso. Finalmente, na parte baixa da cidade, no próprio leito do rio Vermelho, vêem-se massas graníticas consideráveis, que parecem ter solevado os itacolumitos.

O presidente D. José, além de nos ceder a parte mais bela do palácio, fez ainda questão de chamar a si todas as nossas despesas, enquanto estivéssemos na capital; tais eram, segundo me disse, as ordens que recebera do governo. Nunca houve mais franca e larga hospitalidade. Éramos tratados como hóspedes do Imperador e tratados com honrarias perturbadoras. O que mal podíamos compreender é como tinha sido possível reunir tantas comodidades, a trezentas léguas no interior do Brasil. Tinham os nossos aposentos todos os móveis necessários, ao mesmo tempo que o nosso hospedeiro não menos espirituoso do que instruído, nos fazia passar o tempo o mais agradàvelmente possível. Chamado ao Rio de Janeiro pelas suas funções de deputado, quis ainda D. José esperar pela chegada de nossos companheiros; mas, logo no dia seguinte, tivemos o pesar de vê-lo deixar-nos. Governador de uma província mais vasta do que a França, partiu ele em companhia de um criado, para uma viagem de perto de quatrocentas léguas, através de uma região deserta, onde abundavam as dificuldades. Vestia roupão branco e tinha chapéu de palha, reduzia seu séquito a uma só pessoa, para não prejudicar a rapidez com que costumava fazer as suas excursões; montado cada qual em excelente burro de sela, percorriam no espaço de um mês a imensa distância que separa Goiás da capital do país. Com o título de vice-presidente, ficou a substituir D. José um sobrinho, a respeito de cujo trato só temos louvores a tecer.

Entre as cenas mais interessantes que assistimos em Goiás, devo citar em primeira linha as procissões religio-

sas, pelas quais os habitantes têm grande paixão. Pouco após a nossa chegada, assisti à da Paixão, uma das mais belas do ano, também havia várias semanas que as estradas estavam cheias de romeiros, que demandavam a cidade. Alguns, segundo dizem, para contemplar este espetáculo, chegam a fazer viagens de mais de cem léguas. A procissão saiu da Catedral à noite. Tinham-se reunido aqui todos os soldados da província deixando os longínquos destacamentos onde teriam emprego mais útil; traziam as armas com a coronha para cima; atrás deles, em trajes extravagantes, vinha uma longa fila de penitentes e membros de diversas confrarias, todos de vela na mão. Do meio destes grupos, erguiam-se cruzes e imagens de santos; por fim, fechava o cortejo o presidente, cercado pelos membros da expedição e acompanhado por um batalhão da Guarda Nacional. Hei de me lembrar sempre do efeito que em mim produziram os cantos sacros, a música militar, os brados das pessoas, a iluminação geral da cidade e ainda aquela população inteira de homens e mulheres pitorescamente trajados, ajoelhados nas ruas. Dir-se-ia estarmos assistindo a uma cena da Inquisição. O que mais nos impressionou foi ver pessoas andando de joelhos, com enormes pedras na cabeça; algumas chegavam a prostrar-se de joelhos na entrada das igrejas, pedindo ao povo que as pisasse. No domingo de Ramos a igreja oferecia também aspecto atraente, graças às folhas de palmeiras com que a enfeitaram. O efeito se mostrava ainda mais notável pela população fortemente corada que se acotovelava de todos os lados. No dia da Páscoa assistimos a uma curiosa cerimônia. Ergueram na praça pública uma árvore em que se pendurou um manequim com forma humana, representando Judas; atearam-lhe depois fogo por entre a alegria da população, que se munira de pedras, para lançar aos restos do manequim em brasa. Informaram-me que havia na cadeia um velho chefe índio, que depois de ter sido

durante muito tempo o terror daquelas redondezas, fora feito prisioneiro. Pedi que mo trouxessem para desenhá-lo. Tinha oitenta anos de idade; chamava-se Choitay e era o principal chefe dos Xerentes. Tratava-se de um homem forte, vigoroso e entroncado, de movimentos muito lestos, apesar da idade avançada. Não tinha um só cabelo branco; apresentava uma aparência de bonomia que contrastava singularmente com os instintos ferozes cuja história se via escrita nas numerosas cicatrizes que em si mesmo produzira, golpeando-se a faca, com o fito de perpetuar a lembrança de cada homem que matara e devorara: as do lado direito indicavam vítimas cristãs, as outras, peles-vermelhas. Garantiam que nada menos de duzentas pessoas tinham sido mortas assim. Fora aprisionado quatro anos antes, no norte da província, no quintal de uma fazenda onde se tinha introduzido com os dois filhos, com o fito de espreitar os moradores e no dia seguinte massacrá-los. Mataram-lhe os filhos e a ele fizeram prisioneiro, enviando-o ao presidente, como uma grande curiosidade. Enchi-o de colares e joias de imitação, o que me pareceu tê-lo alegrado bastante. Como lhe déssemos um macete ele se pôs a dançar à moda de sua terra; seus movimentos tinham semelhança com os do macaco e do urso, lembrando-me exactamente as danças que eu outrora vira executarem os índios da América do Norte. Esse homem era tido como de tal modo perigoso que o presidente deu ordem para que um soldado armado estivesse sempre presente, enquanto durassem as minhas entrevistas com ele. Procurei estudar a acuidade do espírito deste selvagem, o que foi facilitado pelo seu conhecimento já passável do português. Não tinha ele qualquer espécie de ideia religiosa, parecendo incapaz de conceber o pensamento da Divindade e da imortalidade da alma. Perguntei-lhe o que tinha sido feito dos filhos que foram mortos em combate; respondeu-me que tinham sido devorados, acabando-se tudo. Alguns eclesiás-

ticos que em meu quarto assistiam a esses colóquios, puderam, como eu próprio, se assegurar de que na língua daquela gente nem nome existe para exprimir a Divindade.

A primeira excursão que fizemos pelos arredores de Goiás foi uma visita às lindas corredeiras que forma o rio Vermelho na vizinhança imediata da cidade. Construiram no local uma fonte, chamada *Carioca*. Nossos caçadores mataram muitas vezes neste lugar belos passarinhos, trazendo-me também certo dia uma grande cobra do género *Boa*, enrolada num galho de árvore.

E' muito raro encontrar ofídios naquela posição; exceptuando-se as espécies do género que acabo de citar, conheço bem poucas que sejam capazes de subir às árvores. Assim, penso que foi má inspiração montarem-se naquela atitude quase todas as serpentes da colecção do Museu de Paris. Esta disposição material tem talvez pouca importância, mas é lastimável pelo que de erróneo pode sugerir com referência aos costumes desses animais. Só depois da morte de Cuvier é que se veio adoptar aquela disposição taxidérmica.

De muito vinha eu projectando explorar o norte da província de Goiás, região desconhecida ainda dos geógrafos e dos naturalistas; pelo que, durante toda a viagem, não cessei de colher todas as informações possíveis com vistas a um empreendimento deste género. Entretanto, pintaram-me em toda parte a execução do projecto como de tal modo difícil, que eu já me dispunha a abandoná-lo. ao chegar à cidade de Goiás.

Aqui, o presidente, procurando vir sempre ao encontro dos meus desejos, reuniu certo dia em conselho os chefes militares que tinham feito a campanha contra os índios, os guias mais experientes e os pilotos mais audazes, ficando decidido que o meu projecto de viagem, apresentando embora grandes dificuldades e perigos reais, era perfeita-

mente exequível, uma vez que o governo provincial pusesse à minha disposição todos os meios de que dispunha. Sobre este ponto deu-me D. José todas as garantias. Meu projecto consistia em reabrir o Araguaia à navegação, que desde muitos anos tinha sido interrompida por causa dos morticínios praticados pelos índios; em subir depois o Tocantins, que, a despeito das numerosas quedas, é percorrido todos os anos por grandes canoas, procedentes do Pará, ou a caminho desta província. Uma vez no ponto terminal do trecho navegável do Tocantins, dois caminhos se me ofereciam; um, mais longo, com a vantagem porém de passar pelas povoações existentes nas margens do rio, o outro, mais curto, porém através da imensa região desabitada que fica entre os dois grandes rios citados há pouco. A última, que nos levaria a atravessar a zona ocupada pelas hordas hostis dos Xerentes, dos Xavantes e dos Canoeiros, foi a que preferi. Enquanto eu me ocupava com os preparativos da viagem, vários companheiros fizeram uma excursão nas belas montanhas que rodeiam Goiás, as quais formam a continuação da serra dos Pireneus e têm o nome de serra Dourada. Vou deixar que o Sr. Weddell diga ele próprio o que foi essa pequena viagem.

"A 8 de Abril (1844), acompanhado do Sr. Deville, de um jovem secretário do governo e de dois soldados, parti para uma fazenda situada cinco léguas a sudoeste da cidade, armado de todos os instrumentos necessários para fazer guerra encarniçada aos habitantes da floresta. Como os nossos cavalos tinham sido levados, para se refazerem, numa pastagem distante, o vice-presidente nos pôs outros à disposição. O sol ardente nos fez sofrer muito durante a subida da serra Dourada, cujo cume alcançamos, galgando uma verdadeira escadaria de itacolumito. Daí, abraçávamos com a vista a magnífica perspectiva das colinas estendidas a perder de vista e da mais variada coloração. Foi ali que vi pela primeira vez a curiosa melastomácea

que no país denominaram *pau-papel* (*Lasiandra papyrifera*, St. Hilaire), pela notável propriedade que tem a casca de se deixar dividir numa infinidade de lâminas papiráceas, muito alvas, mas sem nenhuma aplicação útil. Observei igualmente duas belas espécies de *Vellozia* que ainda não tinha encontrado, com um caule de 5 a 8 decímetros de altura; uma tem as folhas cobertas de pubescência branca, a outra, acerados espinhos. Nossa caçada se limitou a umas poucas perdizes. Instalamo-nos na fazenda, de que ficamos inteiramente senhores, os donos estando ausentes. Não tardou porém que verificássemos ser a localidade muito menos rica do que no-lo haviam dito. A quina do campo (*Strychnos pseudochina*, St. Hilaire) e uma salsaparrilha cresciam abundantemente em todos os arredores. Também encontrei lá vários cogumelos, de que trouxe desenhos.

"A 10, fizemos uma grande caçada de veados, mas sem resultado. Os caçadores foram entrando um a um, depois de pouca demora; quanto aos cães, só apareceram muito depois. Parece que tinham devorado o animal.

"A 11, resolvemos ir sete léguas adiante, à fazenda do Sr. Manuel Gonçalves. Mas, tendo saído muito tarde para chegar no mesmo dia, fomos forçados a passar a noite no caminho. De passagem, atravessamos as ruínas da aldeia de São José, onde viviam até dez anos antes muitos milhares de índios, sob a vigilância de um posto militar. Mas, naquela época imigraram sùbitamente, de modo que onde existiam filas de casas e ruas, agora existia sòmente a mata. A existência daquelas construções era apenas indicada por alguns esteios que se mantinham de pé aqui e ali, dando a impressão de terem sido feitos com bastante capricho. Não escapou melhor à ruína geral a sede da guarnição; apenas um tecto ainda resta, com todos os cômodos já tomados pelas árvores. Havia no lugar uma bonita igrejinha e uma bela praça cercada de boas constru-

ções, algumas assobradadas. Todavia, quando por lá passamos, o lugar não estava de todo deserto; havia seis meses que um padre, fugindo às devastações praticadas em São José do Tocantins pelos índios Canoeiros, veio nele se estabelecer. com uma família numerosa. Tinha consertado a igreja, cuja conservação aliás era melhor que a do resto. dizendo a missa todos os dias.

"A 12 chegamos à fazenda de Manuel Gonçalves, através de péssimos caminhos. onde por pouco nos atolávamos na lama. Nosso hospedeiro veio para este retirado lugar quando a região era ainda infestada de índios e de onças; pouco a pouco, porém, foi se fazendo amigo dos primeiros e destruindo as *últimas*. *Sua casa não* passava de um péssimo barracão. Numa excursão pela mata vizinha travei conhecimento com um gênero de plantas muito singulares, a que os botânicos chamaram *Langsdorffia*; estes vegetais. que aparecem apenas à superfície, se ramificam muito, pelo contrário, debaixo do solo, onde sugam as raízes das árvores vizinhas, vivendo como parasitas às expensas delas, como fazem entre nós as orobrancáceas. Colecionei ainda várias plantas usuais muito interessantes. entre as quais devo citar uma ipecacuanha, a embira jangada (*Apeiba jangada*). de cuja casca se fazem excelentes cordas, o imbê (*Philodendron imbé*), arácea epífita cujas raízes aéreas pendem do alto das árvores. fornecendo cipós tanto mais úteis quanto são imputrescíveis mesmo debaixo d'água, e finalmente a gameleira, espécie curiosa de figueira, cujas grossas raízes se anastomosam em forma de rede à volta dos troncos, acabando por sufocá-los. Vem-lhe o nome do uso que fazem da parte inferior e achatada do tronco, que é utilizada na construção de gamelas ou bateias, próprias para a lavagem das areias auríferas. As aves eram quase tão escassas como na fazenda que tínhamos deixado dois ou três dias atrás; quanto a insectos, por assim dizer, não os havia.

"A 14 saímos, de volta a Goiás; mas um pouco tarde, de modo que só à noite chegamos à aldeia de São José, onde nos hospedamos em casa do padre. Haviam lançado fogo aos campos que tínhamos de atravessar; trepados no alto das árvores onde ficavam a cavaleiro das labaredas, viam-se numerosas famílias de caracarás, de pescoço estendido e olhos atentos, prestes a se lançarem sobre as cobras e outros pequenos animais que o incêndio expulsasse de seus esconderijos.

"A 15, depois de termos posto em ordem as coleções, a que pela manhã se tinham vindo juntar um bonito tucano e um soberbo gavião preto, de cabeça e patas vermelho vivo, pusemo-nos a caminho, rumo a Conceição. No dia seguinte, pela manhãzinha, os cães foram soltos na mata, desta vez com mais felicidade, pois matamos um veado catingueiro. Fiz ainda uma excursão bastante interessante à serra Dourada, trazendo de lá várias bonitas plantas e alguns produtos medicinais do campo, tais como cascas de pau-terra (*Qualea grandiflora*), amostras de sucupira (*Sumariba versicolor*) e de mangabeira (*Hancornia speciosa*). A última destas árvores é mais conhecida pelos seus frutos, com os quais fazem os brasileiros excelentes doces. Finalmente, a 17, chegamos de volta em Goiás, sem acidente digno de nota".

Quândo voltaram os companheiros, já muito adiantados estavam os preparativos da nossa próxima expedição. Depois de termos discutido muito tempo sobre o ponto do Araguaia em que deveríamos embarcar, ficou resolvido que o faríamos em Salinas, pequeno núcleo de pescadores, situado umas sessenta léguas a noroeste de Goiás. Só um lote de cargueiros, escolhido entre os menos cansados, nos devia acompanhar até o ponto de embarque, de onde depois seguiria para Porto Imperial, no rio Tocantins, à espera de que aí aportássemos, na viagem de volta. Deviam embarcar conosco oito soldados de Goiás e os dois que trouxe-

mos de Minas; seguiria também o marinheiro Eugénio. ocupado exclusivamente no serviço do barómetro. Ao passar pelo aldeamento de Carretão, devíamos tomar alguns índios cristianizados. Ficou assentado que em Salinas eu formaria a minha equipagem de pescadores, tendo o governo dado ainda ordens para que eu pudesse daí levar comigo os soldados da guarnição. O êxito da expedição dependia porém de uma circunstância que todos em Goiás achavam muito duvidosa, a saber, existir em Salinas embarcações capazes de conter toda a comitiva. Por outro lado, íamos desafiar muitas nações de índios selvagens, tornando-se por isso necessário levar conosco armamento e pessoal suficientes à resistência do possíveis ataques. Encontrei da parte do vice-presidente a maior boa vontade, mas ele não ousou comprometer-se tanto quanto certamente o faria o próprio presidente. Vimos por aí que era preciso contar principalmente com os nossos próprios recursos.

A viagem que íamos empreender poderia não só ser útil à ciência, como trazer também à província benefícios reais. Dois grandes rios, o Tocantins e o Araguaia, quais vastas artérias, percorrem o território de Goiás, reunindo-se no extremo limite norte. O primeiro não é navegável por embarcações um pouco grandes senão a partir de Porto Imperial, isto é, a mais de duzentas léguas da capital; entretanto, é por este rio, cujo curso pavorosas cachoeiras interrompem a cada momento, que se fazem todas as comunicações com o Pará. A navegação por ele, a despeito das embarcações que incessantemente o percorrem, não está livre do perigo de ser atacada pelos índios. Sob todos os pontos de vista o Araguaia é uma via de comunicação muito superior ao primeiro, visto como, por intermédio do rio Vermelho, começa a ser navegável já a quatro léguas da cidade de Goiás. Sua largura é, aliás, muito maior do que a do Tocantins, ao mesmo tempo que existem muito menos cachoeiras. Entretanto, temor exagerado dos selvagens que

lhe assolaram as margens repetidas vezes, fez com que se abandonasse a sua navegação desde muitos anos. Também, se a administração dessas longínquas províncias pouco esforço faz para incrementar os meios de exportação, não se lhe pode pelo menos censurar a antipatia que demonstrava o antigo governo português por tudo quanto tendesse a estreitar as relações entre as diversas províncias do Brasil. Sabe-se, com efeito, que o Capitão-General de Goiás, José de Almeida e Vasconcelos, tendo mandado em 1773 ao Pará uma expedição exploradora, sob as ordens do Capitão Luís António Tavares Lisboa (¹), viu serem encarcerados os infelizes membros da comitiva, mal esta desembarcou na cidade, não se lhes havendo aplicado a pena de morte, segundo se conta, porque conseguiram evadir-se, quebrando as grades da prisão. Foram obrigados a fugir para o Maranhão, de onde, ao cabo de três anos de miséria, retornaram à sua província. Sabe-se também que os astrónomos enviados directamente de Portugal por ordem do rei tive-

---

(1) Na "Memória sobre o Descobrimento, etc. da Capitania de Goiás" do Padre Luís António da Silva e Sousa (Rev. Trimens. de Hist. e Geograph., XII, 1849, pág. 454), encontramos alguns informes interessantes sobre a obra administrativa do Capitão-General José de Almeida Vasconcelos de Sousa e Carvalho, que chegou a Vila Boa (nome primitivo da cidade de Goiás) em companhia de Luis de Albuquerque Melo e Caceres, Governador de Mato Grosso, tomando posse em 25 de Julho de 1772. "Chegando ao Pontal, diz aquele autor, fez pelo rio Tocantins a primeira expedição para se examinar a navegação para o Grão Pará, e se efectuou a 7 de Setembro de 1773, comandada por António Luís Tavares Lisboa, que chegou com trabalho e risco de vida ao lugar de seu destino; porém foi proibido de regressar sem ordem régia pelo governador, sendo-lhe preciso passar à cidade de S. Luís do Maranhão para voltar a esta capitania". Assim fica parecendo que há exagero no que nos conta Castelnau a respeito da mal-afortunada expedição ao Pará, bascando-se em testemunhos que esqueceu de mencionar.

ram que vencer as maiores dificuldades para se desempenharem de sua missão, e que, na província de São Paulo, o General Bernardo José de Lorena proibiu, de modo mais absoluto, ao Dr. Lacerda de se servir de seus instrumentos científicos. Finalmente, há na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um documento assaz curioso, que nos dá a medida do espírito de ignorância que presidia ao governo deste belo país; é a ordem para prender e mandar como prisioneiro para a Europa o Sr. Barão de Humboldt, caso viesse ele a penetrar em território brasileiro. Cumpre recordar que, por essa mesma época, o rei da Espanha cumulava de honras o sábio viajante, facilitando por todos os meios o êxito de seus trabalhos.

Afinal, a 26 de Abril, seguiram com a escolta as mulas de carga, e a 27 apareceu o arrieiro José, para me comunicar, da parte de Mayer, que tudo estava pronto. Para evitar atraso, tinha eu dado ordem para pear os animais, que por terem perdido o hábito de estarem reunidos, bem poderiam se dispersar pelos campos. No dia 17 fizemos as nossas despedidas; todo mundo procurava fazer com que abandonássemos uma empresa cujo sucesso parecia quase impossível, e cujos perigos nos eram pintados com as cores mais sombrias. A 28, pela manhã, fomos dizer o nosso adeus ao excelente vice-presidente, que, em companhia de diversas pessoas gradas, nos acompanhou a cavalo até certa distância da cidade. Qual não foi porém o nosso desapontamento quando, depois de termos feito apenas uma légua, fomos encontrar a caravana na maior desordem, em pleno campo. Contrariando as minhas recomendações, os animais não tinham sido peados, em consequência do que muitos tinham desaparecido. Pus todo o mundo à procura deles. Naqueles campos despidos fazia um calor intolerável, e foi a muito custo que achamos enfim um grupo de árvores, onde amarrar as nossas redes. A 29 voltou Mayer, com alguns dos tropeiros, sem trazer

os animais. À vista de semelhante desobediência, era forçoso afastar o primeiro da expedição. Prevendo que esse estado de coisas poderia durar muitos dias, regressamos a Goiás, deixando a direcção da tropa ao sargento-mor comandante da escolta, e as mulas a cargo de José, elevado à categoria de arrieiro. Bastante tristes e cabisbaixos entramos na cidade que tínhamos deixado dias antes, cheios de esperança e confiantes talvez em demasia. Apesar dos sarcasmos dirigidos aos estrangeiros que queriam descobrir as terras do país, sem ao menos saber conduzir sua caravana, não fomos menos bem recebidos pelo vice-presidente e reintegrados em nossos aposentos. A 2 de maio, chegou à cidade uma caravana de Cuiabá; tinha sido atacada em caminho pelos índios, encontrando ainda na estrada os cadáveres de vários soldados enviados como correios pelo presidente de Goiás.

CAPITULO X

DE GOIÁS A SALINAS.

Tendo sido afinal encontrados os animais, com excepção apenas de um cavalo, que decidimos abandonar, partimos novamente de Goiás no dia 3. por entre os adeuses um pouco sardônicos dos nossos amigos. E' mau o primeiro trecho da estrada; saindo da cidade, tivemos de subir uma grande colina que se ergue atrás da igreja de Santa Bárbara, formada de xistos talcosos com mergulho su-sudoeste. Esta estrada é horrivelmente pedregosa, atravessando ora matas densas, ora campos. No primeiro dia fizemos oito léguas; uma vez chegados ao local em que a tropa tinha precedentemente acampado, deparamos com o deserto, onde porém ainda ardia o fogo da queima. Neste lugar os folhelhos desaparecem, substituídos por uma formação de granito leptinóide, difícil todavia de ver, por causa da espessa camada de terra vegetal e de detritos quartzosos que a recobre. Depois de termos percorrido três léguas e meia em caminho acidentado, chegamos no rio Bugre, afluente do rio Vermelho, onde desemboca uma légua abaixo do ponto por onde o atravessamos. Ele recebe por sua vez numerosos ribeirões, que neste dia também atravessamos. Era já quase noite quando alcançamos a humilde morada de Água Limpa, onde dormimos. Já desde algum tempo, durante a viagem nos tínhamos reunido ao grosso da caravana, cujo pessoal oferecia aspecto assaz curioso,

composto como era, em proporções equivalentes, de negros, mulatos, índios e brancos. Aliás já os soldados tinham perdido a severa compostura com que deixaram a cidade; desapareceram-lhes o uniforme e os calçados, o que lhes dava a aparência, que me sinto obrigado a declarar, de verdadeiros vagabundos. Cansados da caminhada, tinham posto as armas sobre as mulas cargueiras; mais tarde, em pleno deserto, tornaram-se-lhes indiferentes as roupas. Não se desapegavam então dos fuzis; mas, eram-lhes muitas vezes, estes, a única vestimenta.

Eram soberbas as noites. Antes de nos deitarmos, para evitar as fugas durante a noite, mandávamos por peias nos animais, cujo ardor aliás parecia muito amortecido, por efeito de marcha tão longa. Não obstante, ao amanhecer de 4 de Maio, tivemos o desgosto de verificar que vários animais tinham desaparecido; por esse motivo, só às sete horas pudemos partir. Fizemos neste dia uma marcha de seis léguas, através de belas matas virgens, que nos defendiam contra os raios de sol ardente, e que não nos cansávamos de admirar, pois muito havia que só vínhamos atravessando campos enfezados. Todavia, o caminho continuava muito difícil; ter-se-ia tornado até impraticável, se em vez do bom tempo de que desfrutávamos havia quase um mês, tivessem continuado as chuvas tropicais que nos acompanharam até Goiás. Certo dia, antes do pôr do sol, chegamos à antiga fazenda da Ponte Alta, então abandonada. O granito, rocha que constituía por si só a formação geológica, tinha as camadas superficiais fortemente decompostas pela acção da atmosfera. Em muitos pontos do caminho, encontravam-se também abundantes detritos de quartzito. Os seis primeiros riachos que se atravessam ao sair de Água Limpa correm para oeste e se lançam no rio Ferrarinho, afluente do rio Vermelho; mas, depois de atravessar um grande morro que existe mais ou menos no meio do caminho, encontram-se oito novos ribeirões, que correm

em sentido contrário ao dos primeiros, isto é, para leste, ou coisa muito próxima. Estes ribeiros vertem no Tocantins, por intermédio de vários afluentes, que são o rio Ponte Alta, o Canastra, o Ururau e o rio das Almas. Assim, atravessamos nesse dia o divisor das águas do Tocantins e do Araguaia.

Como ficou dito, a fazenda de Ponte Alta jazia em abandono. Isso era consequência de um assassinato cometido pelo proprietário, que, por este motivo, tinha sido incorporado ao exército imperial. Nossa gente tomou portanto posse completa da miserável choça, destruindo num instante os poucos móveis ali deixados. Até uma pobre cabra, que se tinha mantido fiel à sua antiga morada, foi logo sacrificada; as estacas da cerca foram aproveitadas para o fogo. No dia seguinte quiseram os soldados satisfazer a fantasia de atear fogo à casa, intenção de que só consegüi demovê-los advertindo-os de que aquele passatempo nos faria ficar sem o seu abrigo na viagem de volta. A estas casas abandonadas dão os habitantes do lugar o nome de *taperas*.

A 5 fizemos cinco léguas, por uma região magnífica. Nosso desejo era chegarmos até ao aldeamento indígena de Carretão; mas a fadiga nos forçou a parar num casebre chamado Mato da Extrema. A paisagem era cheia de encantos; de todos os lados campos floridos, interrompidos a espaços por estreitas faixas de mata. Em alguns pontos, viam-se ao longe algumas línguas de fogo e colunas de fumaça: os viajantes ateiam assim, todos os anos, fogo nos campos, com o intuito de aumentar-lhes a fertilidade e preparar pastagens verdes para as caravanas subsequentes. Percorremos desta maneira muitas e vastas extensões enegrecidas pelas queimadas. Essa operação modifica consideràvelmente o aspecto da vegetação, porquanto muitas plantas só aparecem em semelhantes circunstâncias, bas-

tando-lhes muitas vezes dois ou três dias para se desenvolver. Está neste caso a linda mimosácea que os brasileiros conhecem por "flor da queimada" ou "flor do incêndio", que desabrocha os seus pendões cor de púrpura mal se resfria a superfície do chão. Mas, o que mais particularmente caracterizava a vegetação dessa região eram as florestas da bela palmeira buriti, *Mauritia vinifera*, que ora guarnecem as margens dos rios que serpeiam aquelas vastas planícies, ora se agrupam em touceiras, dando à paisagem o aspecto magnífico de uma cena feerica de ópera. Vi, de permeio, uma outra espécie, pertencente também ao gênero *Mauritia* (*M. armata*), que é chamada buriti-mirim ou buriti-anã. Também encontrei grande número de espécies de *Eriocaulon*, cujo tamanho gigantesco atingia a altura de uma pessoa. As caçadas foram constantemente pouco rendosas; até as próprias aves do clima tropical pareciam fugir ao calor excessivo que nos oprimia.

A formação continuava a ser o granito, decomposto na superfície; nos lugares mais planos apareciam de quando em quando quartzitos. O caminho era estreito e pedregoso. Todos os rios atravessados durante este dia correm para o ribeirão Ponte Alta, assim denominado por causa de uma grande ponte, hoje destruída.

A 6, uma jornada de três léguas, em região de altos morros, levou-nos à aldeia de Carretão. Estas elevações constituem os últimos contrafortes da serra geral de Pilar.

Em Carretão, o conjunto da formação era granítico; no morro que se galga antes de chegar ao aldeamento aparecem xistos micáceos (talcoxistos), vermelhos e cinzentos, com núcleos de quartzo brancos. Todos os córregos atravessados são afluentes do rio Carretão, que se lança no Urmi. A aldeia de Carretão fica situada num lugar muito pitoresco, à margem do lindo riacho do mesmo nome, que apresenta várias cachoeiras e é atravessado por uma bo-

nita ponte de madeira. E' habitada por índios Xavantes cristianizados, outrora em número de três ou quatro mil, mas reduzidos hoje a muito poucos. Habitam casas feitas de pau e de terra, semelhantes às dos brasileiros; são preguiçosos em extremo; vestem ordinàriamente uma calça branca de algodão que ali mesmo tecem, e uma camisa curta, que deixam cair por cima, como é hábito entre todos os habitantes do sertão.

O aldeamento era governado por duas autoridades muito diferentes uma da outra; o capitão-mor, que é a autoridade principal e uma mulher, a Sra. Potência, pela qual os índios tinham grande respeito. Essa mulher é tida como rica, o que não a impediu de nos pedir um pedaço de carne-seca e de nos vender as velas que ela fabricava com suas mãos amarelentas.

Instalaram-nos num engenho que forma um dos lados do grande largo em volta do qual estão construídas as habitações do povoado.

A construção em que estávamos era um grande barracão no meio do *qual* se erguiam três cilindros, destinados a moer cana. Quando se fundou o aldeamento, fez o governo construir esta usina, entregando-a aos índios; hoje, porém, está completamente abandonada. Mal chegamos, veio visitar-nos o chefe, espécie de macaco velho, enfiado num uniforme de oficial português; trazia de rastos um imenso espadão, cuja *lâmina, por caçoada,* pedimos que nos mostrasse. A coisa não era porém tão fácil quanto se podia imaginar, porque, para consegui-lo, foram precisos nada menos do que os esforços heróicos de três índios vigorosos. O chefe pareceu ter ficado muito ancho com os elogios que lhe fizemos à excelência da arma; enquanto isso eu lhe fiz generosamente o presente de um par de argolas de cobre dourado, pelas quais parece ter ficado muito reconhecido. A população do aldeamento, como já disse, era muito reduzida. O facto pode ser atribuído a

três causas diferentes: às doenças, ao hábito que tomaram os índios de seguir com os tropeiros das caravanas que passam pelo povoado, e, acima de tudo, ao desgosto que se apoderou de muitos índios desde que não têm mais missionários, fazendo-os voltar para as matas.

Por outro lado, frequentemente acontece que venham morar também no aldeamento índios selvagens. Vimos vários com o peito marcado das cicatrizes com que costumam indicar o número de inimigos mortos e devorados. Não possuem espingardas, e ainda se servem de arcos e flexas. Estas últimas, cujo cumprimento é de 1 metro e 75 centímetros, são lançadas com grande habilidade contra o civilizado.

Os homens desta raça têm grande estatura; o corpo é vigoroso, mas a fisionomia ordinàriamente muito repulsiva. Os que pertencem à tribo dos Xerentes se conhecem pela cabeça raspada n'a parte mais alta. A nação a que pertencem estes índios, de todas de Goiás a mais poderosa, divide-se em cinco tribos, as quais são muito parecidas entre si, a saber: os Xerentes, os Xavantes, os Orajumopres, os Morocoajes e os Crainçás.

Conforme as ordens do governo, designou logo o chefe, para nos acompanhar, quatro de seus melhores guerreiros. O mais idoso tinha vivido muito tempo no mato, e adquirira grande reputação militar; exercia verdadeira autoridade sobre seus companheiros e, ao que penso, devia ter provado carne humana quando moço. Conferi-lhe o título de capitão, revestindo-o também, para sua grande alegria, das insígnias de sua dignidade.

À noite nos divertimos com um espectáculo bastante curioso. Durante o dia se havia carpido todo o capim do largo, fazendo com ele um enorme monte, em frente à nossa porta. Fosse para exprimir a alegria que lhes dera a nossa chegada, fosse para celebrar a partida dos compa-

nheiros, ou simplesmente porque a noite era fria, os índios resolveram atear fogo ao montículo, em torno do qual todos os habitantes do aldeamento se puseram então a dançar. Começaram por saltar em roda, emitindo sons estranhos; depois, cada vez mais excitados, passaram a girar mais velozmente, acabando por soltar os gritos mais discordantes. Todos aqueles semblantes, alguns dos quais eram horríveis, iluminados vivamente pela grande fogueira que estava no meio do círculo, produziram efeito sobre nós que seria difícil descrever.

Já que muitas vezes me tenho referido aos trajes das pessoas que encontrávamos, convém que digamos também alguma coisa sobre o nosso; porque, embora eles nos parecessem de muito bom gosto naquelas solidões, talvez causassem alguma surpresa aos moradores de Paris. À cabeça, tínhamos quase todos enormes chapéus de couro, enfeitados de vistosas fitas. O Sr. d'Osery tinha inventado um prodigioso *sombrero*, que lhe servia não só de abrigo contra o sol do dia e o sereno da noite, mas ainda de vasilha para tirar água nos rios. Nossa vestimenta consistia numa camiseta e calças de couro, enquanto que nosso calçado eram enormes botas mineiras, com pesadas esporas. Alguns dos nossos traziam à cintura um sabre de cavalaria e, numa das botas, uma adaga. Tínhamos ainda conosco uma pistola e, atravessada sobre a sela, uma espingarda.

O Sr. Weddell tinha resolvido aperfeiçoar esse vestuário, mandando fazer uma roupa completa em pele de onça, que era muito bonita de ver-se, mas tinha alguns inconvenientes, pois na primeira vez que ele quis montar a cavalo com ela, o animal, embora muito manso, espantou-se, e ainda hoje correria, se a fadiga não o houvesse feito estacar. Só à custa de muito jeito foi que o doutor acabou convencendo ao cavalo de deixar-se montar por um homem-onça. O capitão de *Carretão* tinha cobiçado esse ves-

tuário, cujo corte elegante, obra-prima de dois sapateiros de Goiás, lhe excitara a admiração; teve porém de contentar-se com ver a magnífica vestimenta. Ao traje, juntava o Sr. Weddell uma arma que despertava grande admiração entre os brasileiros: era uma faca de caça de Devisme, cujo punho era enfeitado com uma porção de pistolazinhas.

Censurando um dia o chefe do aldeamento, pelo facto de não se importar com a criação de cavalos e burros, respondeu-me ele que já o havia tentado várias vezes, mas sem resultado, porque os potros recém-nascidos eram invariàvelmente destruídos pela mordedura dos morcegos. Pude confirmar até certo ponto este facto, vendo no dia seguinte vários de nossos animais quase fora de serviço por causa de ferimentos daquela espécie. O próprio homem não está ao abrigo dos ataques daqueles animais, pois uma boa parte das crianças do aldeamento traz consigo cicatrizes disso resultantes. Essa espécie de morcego é pequena e voa sempre rente ao solo, o que faz com que ataque de preferência as pessoas deitadas no chão. Muito sofremos com certos carrapatos miúdos, que produzem uma irritação muito incômoda. Outro insecto, mais desagradável ainda, é o borrachudo, mosquito muito pequeno que aos milhares ataca todas as partes despidas do corpo, deixando com a sua picada uma pequena mácula de sangue coagulado. Introduzem-se em chusma estes dípteros pela boca e pelo nariz, ocasionando terrível mal-estar.

Vários companheiros sofriam ainda de feridas nas pernas, porque sob aquele clima o menor arranhão, se deixado a si mesmo, não tarda a inflamar, dando lugar, principalmente se é nas pernas, a uma erisipela local, que aqui chamam *pereba*.

Faltavam-nos ainda doze léguas para chegar à aldeia de Crixás. Como a estrada era inteiramente deserta e as onças pintadas não menos frequentes do que os índios bravios, aconselharam-nos estar de sobreaviso. Em todo ca-

minho, que é péssimo, os granitos decompostos continuavam a surgir na superfície. Os três primeiros córregos que se atravessam saindo de Carretão são afluentes do rio do mesmo nome; mas, do outro lado de uma alta colina que se atravessa mais ou menos no quarto dia de viagem, todos os rios encontrados correm para o Crixás-açu, o qual, depois de uma grande volta para leste, curva-se para noroeste a pouca distância de Pilar, para ir desembocar no Araguaia. Instalamos nossos acampamentos na margem do rio Crixás, que é bastante largo e constitui no tempo das águas obstáculo difícil de vencer. Quando o atravessamos ele tinha apenas 70 centímetros de profundidade, quando muito; espessa orla de mata dá-lhe aspecto muito pitoresco, coisa que aliás acontece com todos os rios que cortam os campos.

A 8 atravessamos belíssima região, mas um caminho pedregoso; o terreno é ondulado, coberto de bonita vegetação, vendo-se de todos os lados grupos de graciosas palmeiras. A formação é o granito leptinóide, semelhante ao que começou a aparecer a três quartos de légua de Goiás e que se estende até Crixás. Neste trecho agora da estrada, as massas graníticas se me afiguram mais consideráveis. Elas entram sempre em decomposição na superfície e têm o aspecto de certos grés itacolumíticos vistos por nós nas margens do rio das Velhas, perto da aldeia de Santana. Os quartzos e os quartzitos parecem disseminados em alguns pontos, na superfície do caminho. Vêem-se também, de longe em longe, placas de mica branca, pequenas e esparsas, mas muito brilhantes. Nas proximidades de Crixás aparecem camadas muito inclinadas de xistos talcosos avermelhados e micáceos, formação esta que é a encontrada na própria vila. Encontram-se aí ainda, como nos campos circunvizinhos, grande quantidade de "pudingues", aglomerações de xistos ferruginosos, de fragmentos de itacolumito, etc. Perto do sítio da Pedra Preta, vê-se o imenso

rochedo que deu seu nome à localidade. Entre Carretão e Pedra Preta a região é desabitada. Todos os córregos que passam no caminho, correm para o rio Crixás. O rio Vermelho de Crixás, afluente do último, em que desemboca um pouco abaixo da aldeia do mesmo nome, dirige-se para leste no ponto em que a estrada o atravessa; mas em Crixás ele muda de direcção, seguindo rumo norte.

O povoado é muito grande e conta 500 habitantes; a comuna um milhar. Apesar disso os moradores do lugar lastimam-lhe a falta do antigo esplendor, quando ele contava treze ruas e quatro igrejas, duas hoje completamente arruinadas. Elevados morros rodeiam a vila e outrora os índios apareciam, às vezes, nas suas alturas.

Ao chegar à povoação tivemos a atenção despertada pelo som retumbante de sinos; procurando saber a causa desse barulho, avistamos à porta da igreja principal um negro a cavalo num esteio agitando com força um enorme sino. Perguntei-lhe porque fazia exercício tão violento, ao que me respondeu que era em honra à chegada dos ilustres estrangeiros. Estimulamo-lo a redobrar o esforço e continuamos o nosso caminho. Graças ás ordens enviadas de antemão, fomos muito bem recebidos, hospedando-nos na casa do subdelegado.

Desde a saída de Goiás, para activar a marcha da tropa e vencer a natural apatia dos brasileiros, tinha eu lhes prometido uma certa dose de aguardente, se acontecesse chegarmos no prazo por mim estabelecido. Como os nossos homens tinham preenchido esta condição, tiveram a prometida recompensa, passando a noite em danças um tanto descabeladas. Durante toda a viagem eu me vinha muitas vezes servindo daquele meio, obtendo sempre bons resultados.

Ocupamos o dia 9 em determinar a posição geográfica de Crixás e em por em ordem as colecções de História

Natural feitas no dia anterior. A altitude de Crixás é apenas de 330 metros, menor portanto do que a de qualquer dos pontos por onde passamos, depois da serra da Mantiqueira. A temperatura era muito elevada, subindo a coluna de mercúrio nesse dia a 40 graus. Fomos encontrar a cidade quase deserta, facto cuja causa logo viemos a saber: vendo os nossos soldados, tomaram-nos os habitantes por agentes do recrutamento e fugiram para o mato. Entre eles estavam os primeiros guias da terra, o que particularmente nos afligia, visto como nos garantiam que não nos devíamos arriscar nas regiões desertas que pretendíamos percorrer, sem a companhia de pessoas dela perfeitamente conhecedoras. Por outro lado, o lugar parecia sem recursos e não dispúnhamos senão da quantidade de víveres exactamente necessários para chegar a Salinas. O medo dos selvagens oferece aos moradores óptimas razões para não se ocuparem com a agricultura, não sendo pois de admirar as dificuldades com que conseguimos prover a nossa matalotagem do que era essencial, comprando aos habitantes os poucos víveres de que dispunham e que seria mais prudente guardar para seu uso particular. Foi assim que pudemos obter um pouco de farinha e algumas libras de péssima carne-seca.

Tínhamos querido no dia anterior visitar a catedral velha, mas o cura nos pediu que esperássemos pelo dia seguinte, confessando-nos que ela se encontrava num estado de terrível desasseio e que ia fazer limpá-la naquele mesmo dia. Tinha sido construída havia uns oitenta anos; pela ocasião de nossa passagem, havia no seu interior ricos ornamentos dourados, que nos chamaram a atenção, embora não tanto quanto a magnífica coruja que vimos pousada num dos caibros. O padre, ao ver o desejo que tínhamos de possuir a bela ave, prontificou-se a dar-lhe um tiro, coisa que não ousaríamos pedir-lhe.

A 10 deixamos Crixás, levando como guia um homem que não conhecia senão as primeiras cinco léguas da região a percorrer; mas a Providência se encarregara de nos arranjar outro durante o percurso. Em vez dos belos campos dos dias precedentes, nas quatro léguas e meia que nesse dia fizemos, atravessamos sòmente florestas. Passamos por algumas raras habitações, as últimas que iríamos ver até que nos aproximássemos de Salinas. Não é sem tristeza que se pensa nessa região, agora deserta, mas povoada outrora de habitantes, cujas casas, cerca de trezentas, segundo dizem, foram destruídas pelos selvagens. Vimos, no mesmo dia, e pela primeira vez, os magníficos papagaios a que dão o nome de araras; havia-os de duas espécies diferentes, uma azul e amarela, e outra, a *Ara hyacinthina*, de cor inteiramente azul-sombrio, muito rara nas colecções. Foi nas vizinhanças de Crixás (pelo 15.º grau de latitude sul) que encontramos estas duas espécies de araras, que parecem fadadas a não se afastarem senão muito pouco do equador. Elas habitam particularmente a zona situada entre esta linha e o 17.º grau de latitude austral; ao longo dos grandes rios centrais, são ainda encontradas mais para o sul, visto como as vimos no rio Paraguai, aos 17º,30 de latitude. O Posto de Albuquerque parece ser o limite deste lado, porquanto os moradores de Coimbra nos disseram nunca tê-las visto. As araras azuis são as que mais se afastam. Podem fazer-se as mesmas apreciações com respeito à única espécie de papagaio encontrada nos Estados Unidos da América do Norte; nas costas ela não ultrapassa o 30.º grau de latitude norte, ao passo que sobe às vezes o curso do Mississípi, até o 40.º grau.

No norte do novo continente, duas espécies de papagaios vão até a latitude de Madrid. No sul as há que penetram ainda mais longe, porquanto, pelo menos uma delas, consegue chegar ao estreito de Magalhães, ou sejam

54 graus de latitude meridional, o que corresponde no Velho Continente à latitude da Irlanda e quase à de Moscou. Observa-se o mesmo facto na maioria dos grupos naturais, os quais avançam mais longe para o sul do que para o norte. Já o dissemos com referência ao "puma" (onça parda) e podemos acrescentar que o urubu está no mesmo caso, como ainda vários carnívoros.

Quanto à altitude a que chegam as espécies do grupo dos psitacídeos, pode ela ser às vezes bastante considerável. Vimos na Cordilheira dos Andes periquitos a uma altura de 3.500 metros, e numa região completamente despida de vegetação arbórea. Mais admirado fiquei ainda de ver a magnífica *Ara militaris* no cimo da Cuesta de Petacas, nos Andes da Bolívia. O que há de mais notável ainda é que fomos mais tarde encontrar novamente a mesma espécie nas margens do alto Amazonas, na região ardente da planície.

Nesse mesmo dia encontramos também vários lindos saguís que ainda não tínhamos visto em estado de liberdade. Assim, os seres mais curiosos da natureza tropical apresentavam-se em multidão aos nossos olhos. A estrada corria por sobre a ganga que parecia predominar em toda parte e principalmente nos últimos morros que atravessamos saindo de Crixás, quando o terreno começa a ficar plano, até Salinas. No meio das gangas aparecem à superfície raras saliências graníticas.

Entre os córregos que atravessamos no dia 10, citaremos o ribeirão da Pedra Furada e o da Anta, que se reúnem antes de desembocar no rio Vermelho, cinco léguas à direita do caminho. O rio Corumbá e o córrego Baboã são afluentes do rio da Anta. Mostraram-me dois riachos com o nome de Santa Maria; o segundo, que é o mais importante e provàvelmente aquele cujo nome está mais certo, é um braço do Crixás-Mirim. Deságua neste rio o ribeirão do Filipe e, segundo Cunha Matos, o de Curral,

que a nós pareceu ser o mesmo que o precedente, e que despejaria antes no Sacuarana, afluente por sua vez do Santa Maria, onde desemboca à esquerda da estrada, uma légua adiante da ponte por onde o passamos. Era já bastante tarde quando chegamos ao Santa Maria e como encontrássemos um espaço aberto em que a mata tinha sido queimada recentemente, aí acampamos, adoptando pela primeira vez uma disposição militar. Foram postadas sentinelas e mantiveram-se fogueiras acesas durante toda a noite. Na mata, tem-se o cuidado de evitar que as sentinelas fiquem atrás do fogo, o que sobre elas atrairia as flechadas dos índios, mantendo-as a boa distância adiante, e em lugar bastante escuro. De qualquer modo sua situação é bem desagradável e percebemos que as primeiras temiam muito por sua segurança. Tomadas estas precauções, dispúnhamos-nos a dormir, quando os índios de Carretão vieram ter a mim, com ar consternado; tomando a palavra, declara-me o chefe deles que íamos fazer uma viagem longa e cheia de perigos, que ele e os seus companheiros estavam acostumados à solidão da mata mais do que ninguém, mas que, apesar disso, nós lhes demonstrávamos falta de confiança, não lhes dando armas e recusando-lhes a guarda do acampamento; diante disso, pediam licença para se retirar. Fiquei bastante contrariado com essa resolução, cujos motivos verdadeiros tratei de descobrir, uma vez que eu muito vinha contando com o auxílio daqueles índios. Respondeu-me o chefe dizendo que acabávamos de entrar numa região hostil e que enquanto todas as pessoas da comitiva estavam armadas, ele e a sua gente constituíam a única excepção, embora, como sabia, tivéssemos trazido muitas armas nos nossos cargueiros; só a desconfiança podia impedir que lhas confiássemos. Esse pedido não deixou de me pôr em embaraços, porque, de facto, eu neles só depositava limitada confiança, visto como pertenciam à mesma nação dos selvagens cujo ataque todos te-

míamos e de cujas hordas muitos deles, nascidos na mata, chegaram até a fazer parte. Era portanto prudente estudar-lhes o comportamento, antes de a eles nos entregarmos. Não obstante, desejoso de retê-los em nosso serviço, mandei imediatamente que lhes entregassem fuzis, carregando-os de modo ostensivo, mas com cartuchos prèviamente esvaziados das balas. Parece que ficaram muito contentes com essa prova de confiança de minha parte e pediram para serem postos de sentinela. Destacamos dois para esse fim. À noite, levantei-me para verificar se as sentinelas estavam a postos, podendo observar como esses selvagens se mantinham escondidos por entre o capim alto, segurando o fuzil de través sobre os joelhos; uma folha não se mexia sem que para ela se voltassem imediatamente os seus olhos penetrantes. Ao me verem, disseram-me que tudo ia bem e que eu podia dormir. Um dos soldados de Goiás, cujo desaparecimento se verificara durante a marcha do dia anterior, deixou definitivamente de responder à chamada da noite. Supusemos que ele havia desertado. Tínhamos sido surpreendidos no correr do dia por violenta tempestade e durante toda noite continuou a chover.

A 11 saímos cedo, fazendo sete léguas de marcha. A região percorrida era coberta de mata, mas entrecortada de brejos que não se atravessam no tempo das águas. Estavam nessa ocasião juncada de flores. Abundam nesse lugar as melastomáceas, as utriculárias e os eriocaulons. Tivemos grande dificuldade em atravessar um desses brejos, de considerável extensão; suas margens eram verdadeiros atoleiros, onde os animais caíam. Só à custa de grande trabalho conseguimos contorná-lo; mas verificamos então que estávamos perdidos. Ninguém conhecia o caminho e baldados se mostravam todos os esforços para reencontrá-lo. Nesta conjuntura, intensa alegria tivemos ao avistar uma figura humana: era um mulato de uns quinze anos, quase nu, que ao nos ver se pôs em fuga. Fomos

ao seu encalço, ficando sabendo que ele tinha fugido da casa paterna, onde tinha sido maltratado, e que já há dois dias vagueava pelo mato; tinha. porém, tanto medo dos índios, que nos pediu para que o levássemos conosco. Este rapaz, que na expedição ficou muito tempo com o nome de *menino*, conhecia perfeitamente a região, até Salinas. Aceitei assim, com prazer, a proposta. Entretanto, para sossegar o pai, no caso de estar ele à procura do filho, deixamos descrita a sua aventura num pedaço de papel, que pregamos numa árvore, bem à vista de quem passasse pela estrada.

Todos os córregos atravessados, até o rio dos Macacos inclusive, são afluentes do Santa Maria, que, como já dissemos, é o braço direito do Crixás-Mirim. O Santa Maria nasce na serra Caiapó, a pouca distância do próprio Crixás-Mirim, que o recebe quase defronte do ribeirão dos Macacos. O ribeirão Jaú derrama no Crixás-Mirim, depois de ter recebido o ribeirão Itaboca; o do Barreiro Bonito é afluente do rio Jacu. A formação geológica é sempre a canga até além do ribeirão Itaboca. O granito aparece deste ponto até o ribeirão Bonito, onde se vêem quartzitos análogos ao itacolumito, dispersos no chão, em fragmentos angulosos. Há ali, à distância de uns dois tiros de espingarda para leste, três ou quatro barreiros (lugares onde os animais vão lamber o sal do chão); o terreno aí parece ser um grés vermelho com conglomerações de quartzo. As partes mais salientes ficam arredondadas sob a acção da língua dos animais. Esta tarde instalamos o acampamento à beira de um brejo, tendo à nossa frente uma bela cortina de buritis, refúgio predilecto das araras de brilhante plumagem.

A 12, o desertor dos dias anteriores reapareceu pela madrugada; ele se tinha perdido pelo caminho, deixando-nos bastante sensibilizados com os perigos por que passou, antes de encontrar a caravana. Neste dia o caminho foi mui-

to difícil de percorrer; ele atravessa continuamente florestas virgens, e estava obstruído em muitos pontos por árvores caídas, para nos desviarmos das quais éramos obrigados a abrir uma picada a sabre e a machado, coisa muito mais fácil do que remover os obstáculos; mas, nas clareiras da mata, tínhamos de atravessar pastos cheios de uma gramínea chamada *sapé*, tão alta que encobria inteiramente as pessoas e os cavalos. Descansamos um instante nas ruínas de uma fazenda chamada Patos, devastada e incendiada pelos índios; por entre os escombros via-se o esqueleto de uma onça pintada. Colhemos também nesse local frutos de uma grande cucurbitácea, que reservamos para a ceia. Após uma jornada de seis léguas, acampamos na mata, amarrando os animais, que assim condenávamos ao jejum, na certeza de que de outro modo talvez não mais os encontrássemos. Alguns companheiros decidiram comer a carne de um urubu morto durante o caminho. Nada é capaz de exprimir o horror que semelhante repasto inspirava aos brasileiros. O mau cheiro da ave justificava, ao meu ver, a repulsa dos naturais. Também, embora aqueles senhores afirmassem ter feito uma óptima refeição, sempre tive as minhas dúvidas a respeito, dúvidas tanto mais fundadas quanto nunca mais os vimos repetir a façanha, ainda nas ocasiões em que estávamos mais esfomeados.

Um dos nossos tropeiros, que já tinha tirado ipecacuanha perto de Cuiabá, julgou reconhecer alguns pés dessa planta nas proximidades do nosso acampamento. A formação geológica continuava a ser a canga, tanto quanto pelo menos era possível ajuizar num caminho muito plano e coberto de vegetação.

Os cursos d'água atravessados no dia 12 correm para o Crixás-Mirim, com excepção do córrego do Prontinho, afluente do Crixás-Uaçu. Vimos a serra dos Cristais, que Cunha Matos julga dever ser atravessada entre o rio Som-

brio e o rio Encarangados, mas que em verdade fica à direita do caminho que seguíamos.

A 13 a mata tornou-se ainda mais fechada; os bambus gigantescos que crescem neste ponto entrelaçavam-se de tal modo que se constituíam obstáculo sério à nossa passagem. Nossa caravana era a primeira a passar pela estrada depois da última estação chuvosa e o caminho apenas se podia reconhecer de tal modo o dissimulavam os rebentos novos. Uma desgraçada mula caiu sobre uma ponta de taquara, que lhe entrou fundo pelo flanco. Lutávamos ainda com óbices de outra natureza; o solo se transformara repentinamente em extensos atoleiros; troncos de árvore inteiramente cobertos de uma lama infecta barravam a cada momento o passo às pessoas e aos cavalos. Com justificado receio é que, em semelhante estrada, víamos Eugénio, o encarregado do barómetro, andar num lameiro de 80 centímetros de profundidade, caindo a cada momento. Obrigados a abrir caminho e a atender aos acidentes todos que nos sobrevinham, mormente na passagem dos córregos cujos lugares mais rasos eram difíceis de descobrir, foi com o maior sacrifício que fizemos uma marcha de seis léguas, para acampar no rio Crixás-Mirim.

O terreno cortado pela estrada é sempre a canga, muitas vezes escondido pela vegetação. A rocha todavia se mostra distintamente num cômoro que se sobe antes de chegar às margens do Crixás-Mirim. Os riachos que atravessamos, chamados córrego do Cachorro Morto e da Capoeira do Negro, correm para o Crixás-Mirim, que por sua vez se lança no Crixás-Uaçu, a seis léguas do ponto em que estávamos acampados. O Crixás-Mirim tem, onde ficamos, uma largura de 25 a 30 metros, e uma profundidade máxima de 15 a 16. A temperatura das águas, observada em 14 de Maio, às sete horas e meia da manhã e à sombra, era de 24°,2; a areia da margem, a 30 centímetros de profundidade, tinha sensìvelmente a mesma temperatura. Nosso

acampamento apresentava um aspecto dos mais agradáveis; armado numa praia de areia branca, era limitado de um lado pelo rio e de outro pela mata densa. Estávamos em grande embaraço para atravessar o rio, quando descobrimos uma canoinha escondida por entre os juncos da outra margem. Um de nossos índios foi logo buscá-la a nado e por este meio fizemos logo passar as mulas de carga. A areia da praia estava cortada de rastos de onças e de antas. À noite, vimos peixes de todos os tamanhos saltar acima da superfície tranquila do rio. Os índios disseram ter visto também, dentro d'água, *peixes eléctricos*, aqui conhecidos pelo nome de *treme-tremes*.

A 14, desde o raiar do dia, a ocupação foi transportar a carga por meio da única canoa que tínhamos à disposição. A estrada era, como de ordinário, muito má; mas nos fez atravessar cinco léguas de lindas matas. Pouco tempo depois chegamos a um palmeiral que circundava a primeira casa que víamos desde muito tempo. Era um sitiozinho, onde nos ofereceram leite. Aí vimos o couro de um filhote de anta; tinha pontos e riscas amarelas sobre fundo preto, manchas que desaparecem todas com a idade. Do alto de uma colina, não tardamos a avistar a aldeia de Salinas. Daí contemplamos interessante espectáculo: enquanto ficamos parados no sítio, a nossa tropa se adiantou, vendo-se-lhe a porção dianteira já no largo da povoação, enquanto a cauda ainda se escondia dentro da mata. Um mensageiro fora levar ao comandante a notícia de nossa chegada, motivo pelo qual toda a guarnição estava em armas e os habitantes em trajes de festa. Este preâmbulo foi seguido de estrondosa salva de tiros, estampidos de foguetes, barulho de sinos e gritos dos índios. Em meio a esta confusão, o comandante e o vigário, na suposição de que acompanhássemos a caravana, vieram gravemente fazer um discurso diante das mulas, as quais deveriam ter ficado muito lisonjeadas com esta recepção. Pou-

co depois aparecíamos em pessoa, dando lugar a uma segunda edição dos discursos; a provisão de foguetes havia todavia se esgotado. O sargento-mor comandante da guarnição era um personagem comprido e seco, que dava a impressão de sentir-se horrìvelmente incomodado com o uniforme, que há anos não vestia. À sua direita estava o cura, envergando a única batina; era excelente pessoa, apesar de sua aparência selvagem. Nascido e criado naquelas solidões, não seria de admirar que nunca tivesse sabido latim; mas parecia ter desprezado singularmente a leitura, porque nos ofícios religiosos nunca deixava de engrolar palavras mais ou menos xavantes, que ele pretendia ser a tradução das que deviam estar no livro. À sua esquerda via-se um outro personagem bastante curioso, calçando prodigiosas botas e metido numa camisa de couro: era um antigo sub-lugar-tenente aposentado. Essas autoridades estavam rodeadas de pequenos índios que faziam as vezes de meninos de coro e trajavam com toda simplicidade primitiva. A aldeia de Salinas foi fundada em 1788; é formada de vinte e cinco a trinta casas, dispostas em quadrado à volta de uma praça central, cujo fundo é ocupado por uma casa muito maior que as outras e a única coberta de telhas: é a caserna, que preenche também as funções de igreja. As choupanas são cobertas de folha de palmeira e às vezes feitas inteiramente com esta espécie de material. A população é composta de cerca de cento e oitenta indivíduos, quase todos xavantes cristianizados e de sangue puro na sua maioria. Tinham cabelos negros, compridos e lisos, aparados na testa e caindo atrás até os ombros. Fomos recebidos com a mais perfeita hospitalidade por essa brava gente, que todos os esforços fez para nos ser agradável, demonstrando a maior boa vontade pelo objectivo principal de nossa visita. Fomos instalados em dois ou três quartos sem mobília, enquanto o chefe do pequeno posto providenciava, sem demora, para que víssemos o que

ele pensava ser, não sem razão, o objecto principal de nossa curiosidade: era um bando de índios Carajás, vindos havia pouco das matas do rio Araguaia. Esta família estava reunida num barracão, situado atrás de nossa casa; era composta de seis homens e cinco mulheres, todos nus, com excepção dos braceletes vermelhos, que traziam nos braços e nas pernas. Havia entre eles algumas raparigas e algumas crianças. As mulheres parece terem ficado muito assustadas com a nossa presença, acocorando-se imediatamente; as crianças, pelo contrário, fitaram-nos calmamente, continuando a comer as suas laranjas. Esses selvagens tinham o corpo borrado irregularmente de vermelho e preto, cores que extraem dos frutos do *urucum* e do *genipapo*, utilizando na preparação o óleo de coco. Este óleo é que lhes dá o cheiro forte que exalam, como também acontece com quase todos os selvagens. Os adultos tinham uma cicatriz anular, que é o sinal distintivo desta nação; os homens também tinham no lábio inferior uma fenda, pela qual passava um pedaço de concha, em forma de gancho. Estes índios mantêm há algum tempo boas relações com os moradores de Salinas, vindo frequentemente visitá-los, sem lhes permitir todavia penetrar nas suas aldeias; são ordinàriamente de porte menor do que os Xavantes, parecem menos fortes do que estes, embora mais elegantes de formas.

No dia imediato ao de nossa chegada, entabolamos com as autoridades do lugar negociações relativas à expedição, ficando contentes em saber que poderíamos arranjar logo três embarcações, uma das quais em mau estado. Havia ainda uma quarta em construção. Entretanto, os donos destas canoas estavam na ocasião ausentes, tendo tomado parte, juntamente com outros moradores da povoação, numa patrulha enviada a espreitar os índios selvagens. Os pilotos que melhor conheciam o rio, nunca tinham ido além de dois ou três dias de distância; e assim mesmo estavam

fora. Não havia assim outro remédio senão esperar a volta da expedição. Outro objecto de grande interesse, mas cercado de enormes dificuldades, era a obtenção dos víveres necessários para uma viagem que se supunha dever demorar pelo menos um mês, até que chegássemos à confluência do Araguaia com o Tocantins. Tratando destes assuntos com o comandante, só tivemos de ficar muito satisfeitos com a sua boa vontade e inteligência. Adquirimos com isso as maiores esperanças no tocante ao êxito da expedição. Como fosse o Sr. d'Osery o meu auxiliar no trabalho de organização do pessoal e dos meios de transporte, incumbi especialmente o Dr. Weddell de tratar dos mantimentos. Ocupou-se activamente o doutor deste assunto importante; foram logo comprados e mortos diversos bois, cortando-se-lhes a carne em pequenos pedaços, que foram salgados e depois secados ao sol. Ele também comprou toda a mandioca que pôde achar, mandando ralá-la para fazer farinha. Enquanto isso, fabricava-se com a cana-de-açúcar um produto grosseiro que chamam *rapadura*, e a que dão a forma de um tijolo.

Desde minha chegada a Salinas, recomendavam-me em todo lugar um velho preto chamado Ricardo, o qual, quando menino, havia descido o Araguaia. Passava ele por ser o pescador mais hábil do rio e fora ele o primeiro a travar relações com os índios Carajás; gozava, além disso, de excelente reputação de probidade. Vendo-o pela primeira vez, fiquei um pouco espantado com a sua extrema fealdade; mas tratei de ajustar esse homem útil, comprando-lhe a embarcação, que ele se comprometeu a dar pronta dentro de pouco. Adquiri também outras canoas que se achavam no porto. As embarcações tinham quase 7 metros de comprimento, podendo conter, além da equipagem, 800 a 1.500 quilos cada uma; completavam o acompanhamento uma terceira, menor, e uma canoa grande capaz de carregar 300 quilos, sempre sem contar os remadores.

Enquanto se ultimavam estes preparativos, explorávamos a região. A formação geológica, desde a passagem do rio Crixás-Mirim até Salinas, aí incluída a própria aldeia e seus arredores imediatos, é a *canga*. Todos os córregos atravessados neste trajecto correm em geral para leste, embora alguns se inclinem para o norte. Os mais notáveis são: o riacho de Raizama e o ribeirão das Três Barras, afluentes ambos do Crixás-Mirim, o rio Mandagui, o de São Gonçalo, o da Porteira e o de Salinas.

Um dos primeiros pontos a serem visitados por nós foram as salinas, a que a cidade deve o nome. São planícies muito chatas que se encontram a cerca de duas léguas a noroeste da povoação, em zona onde se cria muito gado, sadio e gordo, graças ao sal que lambem. Cobrem-nas uma terra arenosa, escura e lamacenta, em cuja superfície, passada a estação das chuvas, se formam eflorescências salinas, que os habitantes da zona vêm então explorar. Os trabalhos começam ordinàriamente no mês de Agosto. Recolhem-se a princípio as camadas superficiais, que parecem as mais ricas, depositando-as em espécies de cochos de madeira com 2 a 3 metros, sobre uma largura e uma profundidade de 30 a 35 centímetros, e com fundo crivado de orifícios. Derrama-se depois água na terra salina; o líquido se enche de sal e cai noutro cocho semelhante ao primeiro, situado em baixo. Esta solução é levada depois para ferver em caldeiras, tendo-se o cuidado de ir retirando toda a espuma que se acumula na superfície. Mergulham-se então na salmoura grandes colheres em cujo fundo, ao cabo de uma hora, se deposita o sal em pó. Este sal, que é amargo e deve conter provàvelmente cloreto de magnésio, é destinado aos animais. Quando cessa a formação deste depósito, mesmo no fundo da caldeira, já então retirada do fogo e posta sobre estacas de madeira, é o líquido decantado num tanque dito de esfriamento, onde então, por meio da lenta evaporação ao sol, se formam

os cristais cúbicos de um sal próprio às preparações culinárias, chamados no país *sal em pedra*. A camada salina parece ter em todas essas planícies cerca de 33 centímetros de profundidade. Aliás, os numerosos lagos existentes na zona têm água perfeitamente doce, são rodeados de bela vegetação e vivem sempre cheios de aves aquáticas. Outro ponto muito interessante da vizinhança das salinas é a lagoa das Pérolas, de que já nos havia falado no Rio de Janeiro o Sr. Lopes Gama, antigo presidente de Goiás. O nome que deram ao referido lago provém de que, nos meses de Agosto e Setembro, nele se pesca abundantemente uma concha bivalva (Anodonte), que às vezes contém pérolas, embora quase sempre de pequeno tamanho. O lago é ainda conhecido pela denominação de lagoa da Cana-Braba e sua localização é mais ou menos uma légua e meia a noroeste da aldeia, na margem esquerda do Crixás-Mirim, de que é ele uma expansão. Noutros lagos, situados nos arredores e alimentados igualmente pelo Crixás-Mirim, criam-se também conchas perlíferas, que ainda podem ser encontradas, embora raramente, nas partes mais remansosas do rio. Nas margens do rio mais próximas da lagoa das Pérolas, há um cascalho grosso formado de seixos rolados, que as pessoas do lugar afirmam conter ouro.

Vimos nas margens da lagoa das Pérolas uma choça de folhas de palmeira, onde desde muitos anos mora um velho, alimentando-se com os peixes do lago. Na primeira vez que o visitei, estava muito irritado contra uma horda de Carajás que tinha acabado de devastar as plantações de cana. Recebeu-me, apesar disso, com hospitalidade, levando-me para percorrer o lago em sua estreita canoinha. E' impossível descrever a beleza desta lagoa, que magníficas matas circundam e cuja superfície é apenas perturbada pela aparição súbita de alguns dos seres que a habitam. Via-se às vezes, na água, o focinho de algum jacaré ou então a cabeça arredondada de uma lontra, enquanto na

ramada das árvores se agitavam inúmeras aves difíceis todavia de caçar, por causa da incerteza de encontrá-las por entre a espessura da vegetação, que se debruçava sobre as margens, chegando até a água. Entre as mais curiosas das que conseguimos apanhar está o *Oazin* de Buffon (*Phasianus cristatus*, Linné), que é conhecido no país pelo nome de cigana. E' um galináceo do tamanho de uma galinha pequena, de cor esverdeada e notável principalmente pelas penas que lhe exornam a cabeça. Reúnem-se estas aves em numerosos bandos à beira da água; têm o voo pesado e muito curto, voltando logo a descansar nos galhos das árvores cujas folhas devoram; seu grito é muito singular, parecendo-se com uma respiração forte e abafada. Fizemos a anatomia da cigana e verificamos que o papo forma nela uma intumescência curiosa pelas suas enormes dimensões. Nas numerosas dissecções de aves que depois fizemos, só encontramos tumefacção semelhante em alguns rapineiros, particularmente no caracará, que todavia não a tem tão considerável. Exala a cigana um cheiro infecto, que só se pode comparar ao de um estábulo. Ouvia-se ao longe outro grito fora do comum, parecido com o zurrar do asno: era o do "kamichi" (*Palamedea cornuta*, Linné), que habita aos casais os lugares pantanosos. Regula no tamanho com o peru, tem o voo pesado e apresenta sobre a testa, articulado sobre uma apófise cónica do osso frontal, um longo apêndice em forma de chifre, delgado e flexível. Esta ave é conhecida no país pelo nome de *inhuma* e não de *anhima*, como disse Cuvier. A respeito desta ave têm os naturais muitas superstições, atribuindo ao chifre e aos esporões das asas virtudes misteriosas, cabalísticas e médicas. Viam-se voar também muitas garças, entre elas a bela garcinha branca, como também a enorme cegonha jaburu (*Mycteria americana*, Linné).

Os preparativos da partida progrediam com lentidão. Ricardo tinha ido à mata com o seu pessoal serrar as tá-

buas para consertar as canoas e nós, de nossa parte, na falta de piche, mandamos os índios à procura de breu, que outra coisa não é senão uma espécie de cera grosseira, produzida por uma abelha silvestre. Montamos também, embora com muito trabalho, uma forja, para fazer pregos e arpões. Não tínhamos aço para fazer anzóis, mas conseguimos fabricá-los sacrificando algumas baionetas e varetas de espingarda.

Já a patrulha havia voltado, deixando-me muito satisfeito a intrepidez e ânimo resoluto de um dos homens, chamado Quintiliano, que tratei imediatamente de reter em nosso serviço.

Vínhamos procurando, até aqui inùtilmente, um exemplar da magnífica arara jacintina. Nossos caçadores nunca puderam surpreendê-la à distância de tiro; mas, como eu fazia questão de representá-la nas nossas colecções, prometi um prémio àquele que ma trouxesse. Não tardou que os moradores de Salinas conseguissem para mim alguns belos exemplares. Esta ave é toda de cor azul-violeta carregado, com algumas penas pretas; só o bico enorme é cercado de uma orla amarela.

O botânico da expedição, depois de ter coleccionado as plantas das cercanias de Salinas, passou ao estudo dos vegetais de importância económica. Um deles, chamado *jacaré,* dá um fruto que poderia substituir vantajosamente a noz de galha e é usado no fabrico de tinta de escrever. Das raízes de uma canácea, chamada na terra *açafrão,* extrai-se uma linda tinta amarela, de que nos servimos para tingir uma bandeira brasileira que contávamos desfraldar sobre a principal embarcação. Todas as cores utilizadas para tingir este pavilhão foram tiradas do mato.

Usa-se na região a casca do angico para curtir couros; provém ela de uma árvore da mata, pertencente à família das leguminosas, a *Acacia angica.* E' este o processo usado em Salinas: remove-se todo o pêlo, macerando o couro

durante alguns dias num infuso de cinzas da árvore conhecida com o nome de "*capitão-do-campo*" e imergindo-o em seguida, durante uns quinze dias, na água de um córrego; leva-se depois daí o couro para uma gamela de madeira em forma de canoa, que se enche de água, com adição de quantidade suficiente da casca de que falamos. Ao cabo de um mês o couro está perfeitamente pronto.

Como em quase todo Brasil, plantam-se em Salinas duas espécies de mandioca: uma, a *mandioca mansa*, cresce bastante e tem o caule quase branco; a outra, conhecida pelo nome de *mandioca braba*, é um pouco menor do que a precedente, tem os nós maiores e possui o caule tingido de verde e vermelho. As raízes da primeira têm a epiderme brancacenta e a subepiderme cor-de-rosa, ao passo que na segunda, cuja florescência é mais tardia, a subepiderme é completamente alva. O suco que se extrai espremendo as raízes desta última é venenoso, como pudemos prová-lo. Uma cabra que veio beber a água proveniente da prensa com que fazíamos farinha, em pouco tempo morreu. Distinguem-se ainda diversas variedades das duas espécies em questão. A chamada *mandioca de Castilha* é uma das mais estimadas; ela se parece muito com a mandioca braba pelo aspecto das raízes. As plantações são feitas em Setembro e Outubro, por meio de mudas, que no mesmo ano começam a produzir. São quase nulos os cuidados exigidos por esta cultura. Também a cana-de--açúcar é multiplicada por meio de mudas, em cada um de cujos nós nascem vários galhos. O *feijão preto*, que é o alimento essencial dos brasileiros, não raro chega a dar quatro vezes no ano; mas uma outra espécie, chamada *feijão miúdo*, só amadurece no mês de Maio. Durante a má estação, tiram os habitantes de Salinas uma boa parte de seu sustento de várias espécies de palmeiras, cujos frutos apanham no mato. Duas são particularmente procuradas para esse fim: a *indaiá* (*Attalea compta*) e a *bacaba* (*Oeno-*

carjus bacaba). Esta última, que era para nós inteiramente nova, é uma bela árvore, notável pela disposição dística das folhas, cujo elegante penacho termina um caule de 6 a 10 metros de altura e marcado de anéis alternadamente pardos e oliváceos. Quebram-se os cocos para lhes extrair as amêndoas que, esmagadas, produzem, com a adição de água, um leite muito agradável.

A 2 de Junho, dia de Pentecostes, houve uma revista geral de todos os homens que deviam tomar parte na expedição; eram em número de quarenta e cinco. Ouvindo-se a chamada desses miseráveis, poder-se-ia pensar nos belos tempos da cavalaria, porque quase todos traziam os nomes mais ilustres da nobreza de Portugal. Formigavam entre eles os Mascarenhas, os Magalhães, os Sá, os Gama, e os de Albuquerque, apelações estas precedidas de uma dúzia de nomes de família, pelo que se poderia supor serem em número décuplo do que eram na realidade. Deviam todos submeter-se às leis militares cuja leitura foi feita, coisa que não devia ser lá muito de seu gosto, porque a palavra *arcabuzado* (fuzilado) era estribilho final de cada artigo. Por felicidade, as leis no Brasil são ferozes apenas no papel, pois a impunidade se estende aos próprios crimes.

No dia seguinte chegou uma nova turma de índios Carajás, conduzidos por um chefe que as pessoas do lugar conheciam por António. Esse mancebo, tão sumàriamente vestido quanto os seus companheiros e trazendo como estes apenas um cordel em determinado sítio, tinha maneiras muito reservadas; nunca tomava parte na conversa e nem mesmo diante do prato de feijão com toucinho, que lhe mandamos, demonstrou qualquer espécie de emoção.

A 4, pela madrugada, mudamos nosso acampamento para o porto de embarque, no rio Crixás-Uaçu. Começou então uma actividade extraordinária neste lugar, chamado *Coroinha*. Nosso principal fito era apressar com a nossa

presença a construção das embarcações, a que tínhamos acrescentado uma canoinha de caça. Tínhamos mandado acondicionar as provisões em sacos de couro cru, com que foi carregado um grande carro-de-boi. Uma vez tudo organizado no porto, deixamos a direcção do acampamento entregue ao furriel Magalhães e regressamos a Salinas.

A Coroinha fica mais ou menos três léguas e meia a noroeste da povoação, de que a separam as salinas. A formação geológica é sempre a rocha canga, muito visível até uma légua de Boa Vista. O resto do caminho corre através de salinas, entre os lagos e lagoas de que já falamos. Atravessamos o ribeirão Buritizinho, que se lança no Crixás-Mirim, por intermédio do Boa Vista, e o ribeirão da Porteira, afluente do Crixás-Uaçu. A temperatura das águas deste último rio é muito elevada; observada a 9 de Junho, às 8 horas da manhã, com tempo coberto, ela era de 25 graus, ao passo que a da atmosfera não passava de 20°,1.

A 7 nos instalamos definitivamente na margem do rio Crixás. Toda a população de Salinas nos acompanhou, vindo acampar em roda de nós; por toda a parte, na mata, armaram-se numerosos ranchos provisórios, erguendo-se também por entre as árvores um altar rústico, uma vez que também o vigário viera ao nosso encontro.

CAPITULO XI

DESCIDA DO ARAGUAIA. — OS FUROS

A 9 de Junho, promptas as embarcações, foram elas baptizadas, com o que adquiriram maior confiança os homens que deveriam tripulá-las.

Distribuíram-se em seguida as equipagens e repartiram-se as armas. Verificando que havia necessidade de um homem a mais, mandei chamar um dos dois soldados que eu tinha deixado em Salinas. Com ele veio um objecto cujo aparecimento produziu óptimo efeito sobre a equipagem; refiro-me a um violão, acompanhamento indispensável para o soldado brasileiro.

Tínhamos deixado a tropa em Salinas, sob a direcção do arrieiro José que deveria fazer uma viagem de mais de duzentas léguas, para nos esperar em Porto Imperial. Acompanhá-la-ia uma escolta, sob o comando de um sub-oficial.

Ao raiar de 10 passou-se toda bagagem para as embarcações. Todas tinham, na parte de trás, uma pequena coberta de folhas de palmeira, destinada a nos defender da chuva e dos rigores do sol.

Reservei-me o comando da embarcação maior, para a qual chamei também o Sr. Deville; a segunda foi confiada ao Sr. d'Osery e a terceira ao Dr. Weddell. Esta última, que tinha o nome de *Santa Bárbara*, logo se tornou célebre pela sua rapidez e ânimo decidido da equipagem, consti-

tuída inteiramente de índios Xavantes. Estes três embarcações eram do tipo daquilo que na região se chama *galiteia*, mas, a quarta comandada pelo furriel Magalhães, homem em quem eu depositava a máxima confiança, era uma *ubá* ou canoa grande. Havia ainda, finalmente, só para caçar uma canoinha com dois remadores. O vigário celebrou a missa e houve depois um intervalo de alguns minutos para as despedidas. Acompanharam-nos todas as mulheres do povoado, cada uma das quais se separava de um filho, de um irmão ou de um marido. Para ter-se ideia dos sentimentos de que se achavam possuídas bastará lembrar que, de um lado, a expedição que íamos empreender era considerada cheia de maiores perigos, e que, de outro, íamos levar conosco quase todos os homens da aldeia, que assim ficava sem defesa contra os ataques dos índios. Pouco tardou que se concluisse o embarque e fosse hasteada a bandeira brasileira. Largaram as embarcações por entre gritos de despedida e detonações de mosquetaria. Procuramos logo nos assegurarmos sobre a marcha das embarcações; a minha, que levava doze homens, era mais pesada do que as dos Srs. Weddell e d'Osery. Com desgosto verificamos que estas últimas estavam fazendo água, uma por ser já muito velha, e a outra, pelo contrário, por se lhe haver rachado a madeira posta na água pela primeira vez. A ubá andava muito mal, pelo que fomos forçados a lhe aumentar a equipagem.

A vegetação das margens do rio era muito espessa, mas formada ordinàriamente de árvores pouco elevadas. Na estação em que estávamos as águas deixavam a descoberto belas praias de areia perfeitamente alva, e povoadas de aves que se deixavam aproximar muito perto, voando depois todas juntas debaixo de grandes gritos. A superfície do rio era às vezes agitada pela nadadeira dorsal de enormes peixes, ou senão pelo aparecimento de algum monstruoso jacaré, nome pelo qual se conhecem no Brasil os "cai-

mãos". Via-se também não raro o longo focinho de algum golfinho de água doce (*bôto*), que vinha à tona lançar dois jactos divergentes. O rio Crixás tem quase a mesma largura do Sena em Paris e sua velocidade é pouca. Foi pouco antes das cinco horas da tarde que entramos no Araguaia, em que o Crixás desemboca quase em ângulo recto.

Pela tranquilidade das águas magnífico era o aspecto deste lugar do belo rio em que acabávamos de entrar. E' difícil calcular-lhe a largura por causa da grande quantidade de ilhas interpostas entre os seus braços. Todavia, ela é de pelo menos 500 metros. Fizemos alto a seis léguas e meia da Coroinha, numa dessas bonitas praias de que já falei, feitas de uma areia quartzosa, misturada com pequenos grãos rolados de ocre muito ferruginoso. Armamos o acampamento numa ilha pouca extensa, de onde víamos ainda o ponto de junção dos dois rios. Enquanto se faziam os preparativos para o jantar, pusemo-nos a percorrer sofregamente os arredores, imaginando que num lugar como aquele cada passo nos faria descobrir novos tesouros. Nossa ávida curiosidade ficou entretanto completamente decepcionada; não encontramos uma única ave, mas apenas dois ou três insectos, dos mais comuns. O botânico não foi mais feliz, a vegetação consistia apenas de umas poucas moitas de uma espécie de *Croton* de folhas alongadas, lisas e denteadas, de cássias de flores amarelas, de gramíneas comuns e de uma Composta de abundantes flores cor-de-rosa claro, dispostas em panícula e das quais exalava um delicioso perfume de baunilha.

O rio Araguaia forma o limite entre os Estados de Goiás e Mato Grosso. Não foi sem satisfação que penetramos enfim nesta província, ainda tão pouco conhecida. Partimos ao romper do dia 11, felicitando-nos por não ter mais de esperar pelas mulas e os tropeiros. Fizemos dez léguas, por entre cenas pitorescas que já na véspera ante-

gozávamos. As praias estavam cheias de aves, via-se enorme quantidade de jaburus, grandes cegonhas a que os brasileiros aplicam o epíteto de "naçu" e cuja plumagem branca é realçada pelo vivo colorido vermelho e preto do pescoço desnudo. Este gigante do mundo ornitológico era particularmente abundante na zona, não sendo raro se verem reunidos cinquenta a cem indivíduos.

Quando voavam, estes bandos assumiam uma disposição em triângulo. Em segundo lugar estavam as garças brancas, de cintilante plumagem, mas, de todas as aves, a que mais nos chamou a atenção foi a magnífica espátula cor-de-rosa. Nada pode traduzir o efeito que produzem estas admiráveis criaturas quando perseguidas pelo caçador, abrem as asas para ir pousar a distância. Por toda parte as cigarras também faziam ouvir o seu melancólico fretenir, ao passo que uma espécie de gaivota de plumagem branca e cinza e bico amarelo cobria muitas vezes a praia e enchia o espaço de gritos agudos. Dão-lhe aqui o nome português de *gaivota*. Vimos também uma ou duas praias inteiramente cobertas de aves de plumagem cinzenta, quase preta, com barriga branca e pintas brancas nas costas e nas asas. Achavam-se reunidas em número considerável nos lugares mais expostos aos ardores do sol e tal era a sua imobilidade que se poderiam tomá-las por pedras; mas, quando delas nos aproximávamos a uma dezena de metros voavam todas pesadamente, para pousar mais adiante. Não foi sem espanto que nos pudemos certificar de que tais aves eram bacuraus, gênero cujas espécies são habitualmente nocturnas. Proponho para esta espécie o nome de *Caprimulgus heliophilus*. Aumentavam ainda a riqueza ornitológica do lugar algumas garças, patos e biguás. Antes do por do sol alcançamos a extremidade sul da ilha de Bananal, que aparece em alguns mapas com o nome de ilha de Santana e é talvez a maior ilha fluvial do mundo. Como era de grande importância determinar a posição

exacta daquele ponto, resolvi estacionar nele um dia inteiro. O rio, conquanto largo é pouco profundo, a temperatura, no dia 12, às sete horas da manhã e em lugar abrigado do sol, era de 26°, ao passo que a da atmosfera era apenas de 20°,2. Era das mais pitorescas a posição do nosso acampamento. Situado na praia, ficava encostado à mata, extremamente espessa. Mesmo aos nossos pés, o magnífico rio se dividia nos dois vastos braços que limitavam a ilha, e a que dão o nome de *furos*. Pelo volume das águas que tínhamos à nossa frente e pela praia arenosa em que nos achávamos, dir-se-ia termos chegado a alguma costa oceânica, contribuindo para que essa ilusão fosse mais perfeita os animais que pululavam à nossa volta. De facto, a maioria destes últimos pertencia a géneros marinhos, como sejam os golfinhos de que já falei, as gaivotas, os biguás, os talha-mar, que víamos volteando incessantemente por cima de nossas cabeças.

Ao desembarcar, achamos a praia coberta de gaivotas e bacuraus, que logo bateram asas. Em cavidades de areia achamos grande quantidade de ovos, de pequeno tamanho e reunidos três a três, pertencentes sem dúvida a uma dessas espécies de aves. Viam-se também, espalhados em grande número, detritos de um insecto coleóptero pertencente ao género *Dytiscus*, e que, a julgar pelos élitros, deve ser muito vizinho de *Dytiscus roeselii*. Havia também na praia muitos rastos de onça. A 12, enquanto estávamos o Sr. d'Osery e eu ocupados em manobrar o teodolito, tentavam os nossos naturalistas entrar na mata, mas a trama da vegetação era tão cerrada, que se viram forçados a desistir. Saíram então na canoinha de caça, trazendo-nos duas lindas espécies de ibis verdes, martins-pescadores, um bonito jacu de cabeça branca, um tântalo, uma garça azul, etc. Trouxeram-nos também, pela primeira vez, um jacaré, animal cujos inúmeros indivíduos vemos formigar no cipoal da vegetação marginal debruçada sobre a água.

Quando dormem têm a aparência de troncos enegrecidos de árvores.

Há no Araguaia três espécies de reptis desse gênero. Um, que nunca conseguimos obter, é de enorme tamanho e fácil de reconhecer pela garganta amarela; a gente da terra, que o conhece pelo nome de *papo amarelo*, não se cansa de falar de sua ferocidade. A outra espécie chega a ter de 4 a 5 metros de comprimento. E' preta com manchas branco-amareladas dos lados e a barriga brancacenta. Chamam-na *jacaré preto*, é o "*coi-eu*" dos Xavantes e o "*corera*" dos Carajás. A terceira, chamada *jacaretinga*, não ultrapassa dois metros e é marmoreada de amarelo e preto nas costas. As duas últimas espécies de que pude mandar exemplares ao Jardin des Plantes, são muito distintas uma das outras; admira, por isso, que estejam confundidas nas galerias desse estabelecimento. As numerosas espécies da família dos crocodilos se achavam disseminadas nas partes quentes dos dois hemisférios; na América, elas se estendem para o norte até o 35° de latitude, ao passo que no Velho Mundo hoje não mais se encontram além do 25°. Devemos contudo lembrar que, no tempo em que o Oriente estava em estado de civilização menos adiantado, estes animais eram comuns no delta do Nilo. Esses reptis que habitavam as regiões temperadas, tais como o Egipto e a Flórida, acham-se sujeitos a hibernação prolongada durante a estação fria, quando se enterram no lodo ou se escondem nas cavernas e condutos subterrâneos. O mesmo porém não acontece no Equador, onde mantêm permanentemente a actividade. Penso ter verificado que o fenômeno do sono hibernal aparece em todas as regiões cuja temperatura média fica abaixo de vinte graus. Sabe-se que a América possui crocodilos e caimãos, enquanto que os gaviais são peculiares à Índia.

Não obstante, há poucos anos, caçou-se numa pequena lagoa perto da Bahia um pequeno sáurio que, pela des-

crição que dele me fizeram, parece pertencer ao grupo dos últimos. Posso apenas citar o facto, sem poder explicá-lo. A noite, voltaram os pescadores com a canoa grande inteiramente carregada. Nela entretanto nada mais havia além de cinco enormes peixes, com mais de 2 metros e meio de comprimento e 150 quilos de peso, cada um.

O *pirarucu*, conhecido entre os naturalistas por *Vastres gigas*, constituir-se-á certamente um dia fonte de riquezas para todas as regiões banhadas pelo Amazonas e seus afluentes. Este gigantesco animal é verde bronzeado do lado de cima e branco em baixo, mas as escamas dos flancos e da parte posterior têm os bordos orlados de escarlate, crescendo a largura deste debrum à medida que a cauda fica mais perto. Habitam geralmente estes peixes o fundo dos lagos que comunicam com os grandes rios, mas, durante o dia, vêm às vezes brincar a alguns centímetros da superfície, o que torna fácil arpoá-los. O mês de Maio é o mais favorável para esta pesca. A carne deste animal é muito boa, principalmente a das partes ventrais; habitantes de Boa Vista salgam cada ano grande quantidade dela, mandando-a para Goiás.

Tem o pirarucu instinto de grande ferocidade, tendo-me sido asseverado pelos pescadores que a fêmea defende valentemente os filhotes contra os machos que procuram devorá-los. Tal facto, universalmente conhecido, por entre os naturais do país, seria inexplicável num animal ovíparo. As águas do Araguaia alimentam, ainda outros peixes notáveis pelas suas grandes dimensões. Quero referir-me às numerosas espécies da família dos silurídeos, uma das quais, a *pirarara* (*Phractocephalũs bicolor*, Agassiz) é um animal repulsivo, às vezes de mais de um metro de comprimento, muito comprimido no sentido dorso-ventral, e com a cabeça enorme, provida de barbilhões; tem o lado dorsal escuro, o ventral amarelo vivo e a cauda vermelha. Quan-

do é capturado deixa ouvir os sons mais singulares. Os silurídeos, tão raros nos climas temperados, abundam em quase todos os rios do Brasil. Também muitos peixes, mesmo pertencentes a outras famílias, parece lhe terem tomado de alguma maneira as formas, como se a natureza repugnasse afastar-se de um determinado tipo, porventura adoptado. Dir-se-ia que uma vez consagrado certo modelo, a muito custo é possível modificá-lo, ficando ainda assim sempre algum vestígio dele nas diversas formas que afectam a vida animal.

Para decidir qual dos dois furos teríamos de escolher, reunimo-nos numa espécie de conselho. O da esquerda nunca tinha ainda sido explorado, motivo pelo qual excitava vivamente nossa curiosidade.

Tanto mais quanto era habitado pelos índios Carajás, cujos aldeamentos queríamos conhecer. Mas, como estes selvagens, cujo número é muito grande, nunca houvessem permitido a navegação por aquele braço, havia muita probabilidade de sermos por estes atacados, fazendo tal escolha. Cônscios da superioridade de nossas armas, podíamos esperar sairmos vencedores do combate. Seria todavia prudente desperdiçar, logo no início da viagem, uma grande parte da munição que sabíamos ser indispensável para atravessar os aldeamentos dos Xambioás da baixa porção do rio? Além disso, essa rota, muito mais longa, poderia nos expor aos horrores da fome. O furo da direita é muito mais directo, e se as suas margens são frequentadas por tribos perigosas, tem-se quase certeza de escapar aos ataques destes últimos, porquanto nem os Xavantes nem os Xerentes possuem canoas, ao mesmo tempo que, em virtude da largura do rio, navegando pelo meio, fica-se fora do alcance das flechas lançadas de terra.

Outro motivo ainda me levou a escolher o braço direito, embora a contragosto: é que devendo ser sempre ele a via utilizada pelo comércio, era meu forte desejo ser útil

ao governo brasileiro, retribuindo-lhe assim o muito que fez por nós. Por intermédio de um velho pescador de nome Ricardo, obtivemos as seguintes informações sobre o furo da esquerda. No começo encontram-se cinco grandes lagoas, as três primeiras das quais são chamadas Capim, Barreira e Caracu; a dezesseis ou dezoito léguas acima dos lagos, encontra-se o primeiro aldeamento de Carajás, depois, oito léguas adiante, aparece o segundo, finalmente, trinta léguas mais abaixo, chega-se ao terceiro. Abaixo deste último aldeamento é que o Araguaia recebe o rio das Mortes, uma de cujas ramificações é atravessada pela estrada de Cuiabá.

Parece ainda que o furo da esquerda, ou dos Carajás, faz, na parte ocupada por estes índios, um cotovelo dirigido a princípio para o sul e depois para oeste. As larguras dos dois furos, medidas trigonomètricamente, são de 360 metros para o da esquerda e de 276 para o da direita.

Antes da bifurcação, a largura do rio era de cerca de 900 metros.

No furo da esquerda, a velocidade da corrente era de 177 metros e 60 centímetros em oito minutos e trinta e nove segundos (ou sejam 20 metros e cinquenta e dois centímetros por minuto), no da direita, era ela de 97 metros e 40 centímetros em três minutos e vinte e seis segundos (ou sejam 28 metros e 50 centímetros por minuto). A 13 entramos no furo da direita cuja direcção é para nordeste. A largura deste braço é bastante grande, em comparação com a sua pouca profundidade. Por cima da mata que margeia o rio, víamos continuamente colunas de fumaça, que sabíamos serem sinais feitos pelos índios Xavantes, com o fim de anunciar os nossos movimentos a outras tribos. Nossos caçadores mataram um macaco berrador (*Alouatta*), inteiramente preto, cujo comprimento era de

cerca de 70 centímetros; é um dos maiores macacos da América. Não foi senão noite fechada que pudemos achar uma praia boa para passar a noite, mas, ainda assim, ficava ela à margem direita, que sempre nos aconselharam evitar, por causa dos índios hostis que a habitam. A da esquerda não oferece perigo, porquanto a ilha de Bananal é deserta. Longa e fatigante tinha sido a jornada. além disso, o pessoal parecia descontente. Não tardou que me viesse o sargento Azevedo comunicar que os remeiros se negavam a dar guarda e que os soldados não queriam mais remar. Algo muito sério havia nesta declaração, porquanto se nossas embarcações, pesadas de carga, não fossem tocadas mediante todos os esforços conjuntos, gastaríamos um terço do tempo a mais para alcançar um pouso, arriscando-nos todos a morrer de fome. Fiz então dar imediatamente um toque de chamada, a que todos acorreram. Expus claramente a situação, ficando combinado que os soldados remariam ao lado dos remadores contratados e que, em compensação, estes últimos montariam guarda. Seria dada, porém, uma hora de descanso no correr do dia, podendo ainda ser distribuída nesta hora uma refeição suplementar, caso o permitisse o estado de nossas provisões. Postaram-se então as sentinelas, duas do lado dos índios e uma do lado do rio. Esta última não soube impedir que os jacarés viessem devorar durante a noite a carne dos pirarucus que havíamos estendido em cima das canoas. Por esta pequena tentativa de insubordinação, pude eu apreciar a incapacidade e a má vontade do sargento, que procurava criar-nos dificuldades, a fim de abandonar a expedição de que viera a fazer parte muito a contragosto. O furriel trazido de Goiás e deixado por mim em Salinas com a tropa, tinha vindo ao porto lançar-se aos meus pés desmanchado em pranto, implorando-me que não o embarcasse, porque, dizia ele, tinha medo. Não obstante, estas raras excepções, verificadas sempre entre os graduados, não de-

vem dar ao leitor ideia desfavorável dos soldados brasileiros; vi-os afrontar durante anos medonhos desertos habitados por índios hostis, suportando com resignação os horrores da fome, sem nunca fazer uma queixa, nem jamais desertar.

Essa enérgica raça, feita de mulatos e mestiços de índios, é admiràvelmente adaptada às fadigas do deserto. Esqueci-me de dizer que eu tinha encontrado em Salinas, ansioso por acompanhar-me, um cadete, nome que tem certa espécie de voluntário porque se diz recrutado entre as boas famílias; as informações que o comandante me dera a seu respeito foram porém das mais desfavoráveis. Contudo, como houvesse este rapaz manifestado gosto pelas preparações zoológicas, fi-lo trabalhar ao lado do Sr. Deville. Não tardou que ele começasse a se portar tão mal, que me vi obrigado a ameaçá-lo de o deixar numa praia deserta do Araguaia.

Por fim, ao chegarmos no forte de São João das Duas Barras, ele desertou voluntàriamente, roubando um fuzil e vários outros pequenos objectos.

A ilha de Bananal nos parecia completamente plana. não apresentava uma única praia de areia, o que na margem direita também raramente se encontrava. O rio, cuja largura e profundidade se mantiveram constantes durante todo o dia. não recebeu nenhum afluente. As matas que cobriam as duas margens eram frondosas, mas baixas. A distância percorrida foi de quinze léguas e meia.

A 14 fizemos dez léguas. Durante a parada feita no correr do dia, vieram me anunciar que num lago situado a pouca distância acabava de ser descoberto um destes jacarés de papo amarelo, que eu tanto desejava conseguir para as nossas colecções. Parti imediatamente com vinte homens para o lugar indicado, tendo a satisfação de ver arpoar o monstro; mas, no momento em que a equipagem

puxava a linha, a um salto prodigioso dado pelo animal, vimo-lo, mortificados, fugir, levando consigo o arpão. Nosso jantar têve este dia cor grandemente local: compôs-se de pirarucu assado na grelha, três pirangas, uma inhuma e uma garça assadas, e um picadinho de lagarto com farinha de mandioca. O lagarto de que se fala era o iguano, que aqui chamavam *guana*. E' um animal corpulento, com o papo saliente e uma crista ao longo do dorso; vive em cima das árvores, mas corre com agilidade sobre a superfície das rochas. Dão-lhe no Brasil o nome de *guana* e de *camaleão*. A carne é alva e tem o gosto da de frango.

Antes de partimos de Salinas, alguns dos companheiros tiveram a fantasia culinária de querer comer a carne de uma suçuarana morta perto do acampamento. A carne é branca e acharam-na muito boa. No mesmo dia achamos algumas conchas bivalvas pertencentes ao gênero *Unio* e de três espécies diferentes. Levantando pedaços de paus amontoados na praia, apanhamos também belos insectos, entre os quais nove espécies de carabídeos. Passamos em frente à boca de um rio, que os Xavantes dizem vir do sertão de Amaro Leite.

No dia 15, depois de nove léguas de viagem, estacionamos em frente à barra de um rio, conhecido por rio Xavante. Neste percurso observamos alguns animais interessantes. Desde algum tempo vínhamos vendo algumas capivaras (*Cavia capivara*, Linné), espécie muito grande e anfíbia de roedor, algo semelhante na forma ao porco. E' muito boa a carne deste animal, cuja caçada é todavia difícil, porque ele se joga na água, assim que se sente ferido. Procuramo-nos acercar muito próximo de uma, mas sem resultado. Vimos também um tigre preto, variedade de onça pintada, porém de grande ferocidade e muito maior do que ela, porquanto em Cuiabá vi peles maiores do que um couro de boi. E' animal muito temido pelos índios.

Sem falar na suçuarana ou "puma", que é uma espécie perfeitamente distinta, reconhecem os habitantes do interior do Brasil três espécies de onça, que os naturalistas confundem sob o mesmo nome de jaguar: 1.º — o tigre preto com malhas mais escuras do que o fundo; 2.º — a onça pintada ou de malhas grandes; 3.º — o canguçu, ou onça de malhas pequenas. Garantem eles que esta última tem a cabeça proporcionalmente maior do que a precedente, bem podendo formar espécie à parte. Citei há pouco a suçuarana; este animal parece estender-se por toda a América, porquanto ele se encontra no norte até no Canadá, ao mesmo tempo que os patagões do Estreito de Magalhães utilizam em abundância as peles do mesmo animal. E' todavia possível que os naturalistas tenham até aqui confundido duas espécies debaixo do mesmo nome, visto como os indivíduos da América do Norte são mosqueados quando novos, ao passo que os do Brasil têm a cor do pêlo constantemente uniforme. Quanto à onça pintada, muito mais restrita é a sua área de dispersão; no norte ela não ultrapassa o 26º de latitude, uma vez que só em circunstâncias excepcionais e a largos intervalos alguns indivíduos aparecem na Luisiana; também nada consta a respeito de sua ocorrência na Patagônia. A variedade preta está inteiramente confinada às regiões mais quentes e não se estende para o sul além do 18º de latitude.

Do diário do Sr. Weddell extraio as notas que se seguem: "De dentro do meu barco fiz um estudo muito curioso, o do interior do bico do tucano, cuja estrutura anatómica creio eu ser até aqui desconhecida; infelizmente o chumbo estragou a parte do órgão que mais eu queria examinar, de maneira que devo esperar que a sorte das armas me forneça outro bico, antes de formar opinião definitiva sobre o assunto. Enche a maxila superior um tecido areolar de natureza óssea, atapetado por uma membrana mucosa extremamente tênue, na qual se ramificam dois tron-

cos nervosos. Pude seguir até bastante longe o trajecto destes últimos em direcção aos centros para certificar-me de que são os ramos que correspondem aos nervos suborbitários dos animais de organização mais elevada; nos mamíferos estes nervos se distribuem nos dentes anteriores do maxilar superior, nas bochecas e no lábio superior. Não é facto que a maxila superior das aves representa mais ou menos aquelas partes? No tecido areolar de que falei, vêem-se enormes lacunas cheias de ar, as quais, melhor estudadas, permitiriam talvez descobrir algumas comunicações com as fossas nasais, que são constituídas essencialmente de dois bulbos ovóides, mergulhados verticalmente na parte posterior do tecido da maxila e em comunicação, para cima, com o exterior, por meio das narinas, e, inferiormente, com o interior do bico, por meio de condutos muito semelhantes à trompa de Eustáquio. Afora o nervo olfactivo, cujas dimensões são muito reduzidas, vi dirigirem-se também para as fossas nasais ramos importantes dos nervos oftálmicos, correspondentes aos nervos nasais dos animais superiores".

A terra vegetal que forma por toda a parte a superfície do terreno marginal do rio, impedia-nos de fazer qualquer observação geológica; não obstante, julgamos verificar a presença de camadas argilosas num ponto chamado Barreiras.

A 16, fizemos cerca de nove léguas sem observar nada de notável, a não ser a procura que fizemos em vão das ruínas de um antigo estabelecimento de Bananal, o qual, segundo diziam, devia estar a três dias de viagem da entrada no furo. À noite, fomos, como de costume, muito perseguidos pelos mosquitos. A vegetação era sempre muito frondosa e baixa, oferecendo muito interesse ao botânico. Faz-se geralmente idéia muito errada acerca da riqueza da flora das margens dos grandes rios da América

Nestas regiões, em que alternativamente se faz sentir a acção das correntezas mais violentas e, por ocasião da vazante, a dos raios directos do sol, geralmente só se encontra uma vegetação pobre e mirrada, mas extremamente compacta. E' só algumas léguas para o interior, ou nos lugares nunca atingidos pelas enchentes, que se pode encontrar a vegetação activa e pujante que dá tanta magnificência às paisagens da América tropical.

A 17 a jornada foi de sete léguas e meia. Nas praias foram encontrados rastos de onças; mataram-se vários macacos. Muito tínhamos ouvido falar de um peixe de tamanho pequeno, chamado *piranha;* começávamos agora a encontrá-lo em abundância. Pertence aos Malacopterígios abdominais da família dos salmões, e ao género *Serrasalmo.* A espécie que abundava nesta parte do Araguaia tem cerca de 25 centímetros de comprimento; tem cor cinza prateada, com o ventre e as nadadeiras vermelho-vivo. Dão-lhe os Xavantes o nome de *coi-coa,* e os Carajás o de *djuata.* Têm esses peixes dentes extremamente fortes e cortantes, pelo que são muitíssimo mais temidos dos índios do que os jacarés e as sucuris; tal é a sua voracidade que quase todas as aves aquáticas caçadas ali por nós tinham as patas parcialmente devoradas por eles. Mal cai na água um objecto qualquer, sobre ele se precipitam em grande quantidade. A presença desses peixes impedia terminantemente nossa gente de tomar banho no rio; um dos companheiros de viagem, levado pelo excesso de calor, entrou imprudentemente na água, sendo quase imediatamente atacado por eles, aos miríades; as águas tingiram-se de sangue e foi grande sorte que ele estivesse perto da praia, para onde logo se precipitou, escapando assim de uma morte certa e horrível. A carne do peixe é muito boa para comer, sendo também fácil pescá-lo, graças à sua glutonaria. Com efeito, várias vezes alguns dentre os nossos, ao lavar na água, inclinados à beira da canoa, pedaços de

peixe, sentiram que estes eram sùbitamente puxados pelas piranhas, as quais se deixavam tirar fora da água, agarradas à presa, em número de quatro ou cinco. Um chegou assim a pescar, em alguns minutos, mais de sessenta. Mais de uma vez encontramos jacarés com a cauda parcialmente devorada por esses peixes, que embora temíveis para todos os outros animais, são por sua vez cruelmente atormentados pelos ataques de um enorme parasito, pertencente à classe dos Crustáceos, o qual não raro excede ao décimo do comprimento de sua vítima.

Neste dia paramos mais cedo, numa praia encantadora, com a intenção de aumentar as nossas provisões, pescando, pois diziam ser o lugar para isso muito favorável; mas não conseguimos mais que três pirarucus, que, embora grandes, não deram para mais de duas refeições. No final, eu estava convencido de que, afora muito raras excepções, nem a caça nem a pesca poderiam satisfazer jamais as necessidades de tanta gente, nosso único recurso estando em tocar o mais depressa possível para o lugar em que esperávamos encontrar mantimentos.

Fizeram-se muitas tentativas, todas sem resultado, para arpoar um golfinho, o mesmo acontecendo com os nossos cães, ao correrem um veado, que pensando escapar aos caçadores atirou-se n'água, sendo devorado pelas piranhas, num abrir e fechar de olhos. O rio se estreitara muito, a ponto de sua largura não ser maior do que a do Sena, em Paris; mas, por outro lado, a correnteza aumentara sensivelmente. As observações geológicas continuavam quase impraticáveis; não víamos mais que areiais e terra vegetal, acima da qual, por alguns indícios, suspeitávamos a existência de argila preta. A praia em que estávamos mostrava sinais de passagem recente dos índios, vendo-se ainda nela algumas cabaças de tartarugas sobre carvões recém-apagados.

A 18, enquanto almoçávamos assentados em círculo sobre a areia, um jacaré veio atacar ao nosso lado um dos nossos cães; estroncamos-lhe porém logo a cabeça a coronhadas.

Recomeçando a viagem, demos com um daqueles golfinhos que tanto queríamos apanhar; Quintiliano, que remava na proa da canoa, conseguiu arpoá-lo. O animal, assim que se sentiu ferido, deu um salto, disparando a seguir como uma flecha, e desenrolando a linha presa ao dardo, que se lhe implantara profundamente no flanco. Não tardou que a pesada embarcação lhe acompanhasse o movimento; arrastada pelo animal, ela ora subia, ora descia a corrente, enquanto era conduzida cada vez para mais perto do animal, que se cansava à custa de renovados esforços, fazendo-nos certos de que não conseguiria escapar. Foi afinal possível aplicar-lhe à cabeça várias bordoadas com o remo e depois arrastá-lo para a terra, onde o liquidaram a golpes de facão. Para se ter ideia do interesse que me despertava essa caçada, *bastaria dizer que, a mais de duzentas e cinquenta léguas da costa*, ela deveria proporcionar às nossas colecções públicas um animal ainda quase desconhecido quando saí de Paris, e tanto mais digno de atenção quanto pertence à ordem dos Cetáceos, cujas espécies são quase todas marinhas. Este animal é encontrado em todos os afluentes do Amazonas; muitas vezes o vi no rio Ucaiali. Como a pele do nosso exemplar era destinada ao Jardin des Plantes, tiramo-la com o máximo cuidado; também, apesar da repugnância manifestada pelo nosso pessoal, experimentamos-lhe a carne, que nos pareceu muito boa.

Depois da refeição, os Srs. Weddell e d'Osery fizeram uma caçada que é pelo primeiro descrita como se segue.

"Embarcamos na canoinha, indo até uma lagoa, cuja entrada se via a algumas centenas de metros do acampa-

mento. E' necessário ter visto lugares como estes, para deles se poder fazer idéia; nossa canoa entrou a princípio numa espécie de baía ou expansão do rio, limitada num dos lados por uma praia de areia branca onde víamos passear gravemente, com o seu ar pedantesco, uma dúzia de jaburus. Enquanto isso, um bando de garças alvas batiam asas indo cobrir como que de uma camada de neve o verde sombrio de algumas árvores situadas no fundo. Do outro lado, no solo submerso, era a mata, cuja ourela atravancavam altas plantas nascidas no fundo da água, embelezando-a enquanto outros vegetais flutuantes enfeitavam a superfície com as suas corolas douradas ou sarapintadas de branco e violeta. Por todos os lados à volta de nós e apenas a alguns passos da embarcação, apontavam os longos focinhos de enormes jacarés de 4 a 5 metros de comprimento, que nada indicava se haverem apercebido de nossa presença; mais longe, onde a água de quando em quando borbulhava, via-se aparecer a cauda volumosa de um pirarucu, ou o focinho pontudo de um boto. No meio ficava a boca da lagoa, por onde a nossa canoa penetrou através de um canal estreito, semelhante a uma estrada submersa da mata; aqui e acolá, em lugares onde o solo era mais alto, formando pequenas ilhotas, viam-se grupos de árvores, cujas longas raízes pendentes e cheias de lamacentos detritos provavam quão recente era esse isolamento. Mais além alargava-se o canal, formando ampla bacia onde os raios do sol penetravam sem obstáculos, ou senão surgiam, dos lados, novos caminhos sombreados de grandes árvores, e passagens talvez para outras bacias, semelhantes à primeira. Aí é que vivem de preferência as tartarugas e a maioria dos peixes que povoam o rio.

"Belas aves animavam todas as árvores; jaburus e garças eram vistos às centenas; à nossa aproximação os mergulhões deixavam-se cair do alto das árvores, desaparecendo dentro d'água, para só reaparecer uns vinte pas-

sos mais longe. Abundavam os martins-pescadores; de tempos em tempos, ouvia-se o grito das anhumas, e era também só nesses lugares que se encontravam os sabacus, uma das aves mais curiosas que temos visto. Finalmente, nos sítios mais ensombrados, bandos de urubus aguardavam a morte de algum habitante da mata, para se precipitarem sobre o cadáver".

O rio continuava a estreitar-se cada vez mais. Fizemos nesse dia uma viagem de apenas cinco léguas e meia.

A 19 nossa partida foi retardada por causa da preparação da pele do golfinho. Fizemos só seis léguas e meia; nos três últimos quartos de légua o canal alargou-se de modo sensível. Passamos em frente à embocadura de muitas lagoas cheias de tartarugas e onde abundavam também aves e peixes. Entre as aves caçadas nesse dia, referir-me-ei apenas ao *pato de carúnculas*, em tudo semelhante ao que se vê domesticado no Brasil, quase por toda parte. Vimos também grandes bandos de araras vermelhas; mas, o animal que mais despertou a curiosidade foi um treme-treme (*Gymnotus electricus*), arpoado por nós, no momento de deixar a margem do rio. Disseram-nos os pescadores que há em Goiás três espécies deste peixe; o que pegamos tinha pouco menos de um metro de comprimento e era, na forma, muito parecido com uma cobra. O colorido geral era *pardo-esverdeado* e as nadadeiras ventrais verdes; a garganta branco-alaranjada, e as nadadeiras peitorais pardas na base e alaranjadas na ponta. Os Xavantes dão a este animal o nome de *cupim*. Recebemos várias descargas eléctricas bastante fortes, verificando que o peixe ainda é capaz de emiti-las durante uns vinte minutos, mesmo quando ele não dá mais nenhum outro sinal de vida. Um dos soldados, ao me ver manejar impunemente o treme-treme com um pau, quis fazer o mesmo com o sabre; o tremendo choque que tomou foi durante muito tempo *motivo*

de risadas entre os companheiros. Eu próprio sofri um abalo eléctrico, em circunstâncias muito singulares. Enquanto um homem excitava fortemente o animal, fui abalado por violenta comoção, embora não estivesse em nenhum contacto com ele; só alguns instantes depois é que achei explicação do facto, ao verificar que eu estava sobre o caminho por onde tinham arrastado o corpo do peixe-elétrico, humedecendo a areia, que se tornara assim boa condutora.

A 20, desde cedinho, o tempo refrescou, graças a uma pequena chuva, a primeira a que assistíamos, desde um mês. Os caçadores seguiram na canoinha, tomando a dianteira; mas não custamos a alcançá-los, dando cerco a uma toca de lontras, quatro das quais já tinham matado. E' a única forma de matar tais bichos, porque, atirados enquanto estão nadando, vão imediatamente para o fundo, só voltando à superfície quando o desprendimento dos gases da putrefacção lhes torna o peso específico menor do que o da água. A espécie a que me refiro, chamada *ariranha*, chega a mais de um metro de comprimento; é de cor parda bastante carregada e tem um anel branco em baixo do pescoço. Os caçadores falaram ainda de outro animal do mesmo gênero, chamado por eles *lontra*, todo preto e de corpo mais alongado.

Nas oito léguas e meia que fizemos neste dia, passamos por duas embocaduras de rios; o primeiro, de largura igual à do furo que descíamos, é o caminho seguido pelos Carajás quando vão à aldeia dos Javaaís, situada dois dias de viagem acima da foz. Podemos chamá-lo de rio dos Javaaís, visto que não deram ainda nenhum. Algumas cangas foram vistas nas margens do rio, durante a viagem.

No dia 21 fizemos sete léguas; o rio se alargava cada vez mais e a margem direita parecia menos coberta de mata. As cangas argilo-ferruginosas encontradas na véspera

apareceram novamente, mas recobertas de terra argilosa; são as mesmas observadas em Salinas e nos seus arredores. Parece provável que, nas margens do rio, a formação é a mesma, desde Coroinha. Passamos em frente a vários lugares em que havia fogo na mata, sinal de que os índios estavam perto. O doutor tinha ficado atrás, caçando. Estava na canoinha, com dois homens apenas. Certo de que os selvagens nos espreitavam, comecei a ter receios pelo que lhes poderia acontecer, resolvendo por isso esperá-lo durante algum tempo. Pouco depois, uma parte da equipagem julgou tê-lo visto passar, tomando a dianteira. Tocamos então para a frente, parando só à noitinha, sem que os caçadores tivessem aparecido. Resolvi então mandar de volta o Sr. d'Osery, que seguiu na ubá, cheia de gente. Estava eu mergulhado nos mais tristes pensamentos, quando deram a notícia de que acabavam de surgir várias canoas. Soou logo o tambor, e todos pegaram em armas. A noite era escuríssima e como ninguém respondesse ao nossos *quem vive?!*, todos os soldados se voltaram para nós. Houve mesmo alguns que quiseram fazer fogo; mas, com receio de algum engano dirigi-me eu próprio ao encontro dos homens que desembarcavam, tendo logo a satisfação de reconhecer os companheiros, que estavam de volta, e tão alegres com o resultado da caçada, que nem se aperceberam da emoção de que tínhamos estado possuídos. No número das belas aves trazidas pelos caçadores estava o sabacu (*aripapá*), a garça azul (*socó azul*), magníficos colhereiros cor-de-rosa e uma espécie de águia, desconhecida de nós. A primeira destas aves vive aos casais isolados; gosta de empoleirar-se silenciosa, nos lugares mais sombrios da mata, e foge ao menor ruído; o bico, de três dedos de largura, permite-lhe engolir, inteiros, peixes de bom tamanho.

Passamos os dias 22 e 23 nesse mesmo lugar. A existência de vários lagos na vizinhança fez-me tomar este al-

vitre, na esperança de achar abundância de pirarucus, que salgaríamos, para aumentar as provisões. Entretanto, não fomos muito felizes a este respeito, porquanto, apesar da prática de Quintiliano, não pudemos fisgar mais do que quatro. O Sr. d'Osery matou um exemplar da magnífica ave a que os brasileiros dão o nome de *pavão* e para a qual Illiger criou o gênero *Eurypyga*. Pelas tonalidades sombrias da plumagem, ela se assemelha a uma enorme borboleta nocturna; vive nos lugares sombrios e, como voz, dá apenas longos assobios. O Sr. Weddell nos contou, como se segue, a história da captura de um jacaré de mais de dois metros e meio.

"O primeiro ataque, diz ele, partiu da canoinha, que lhe fincou na pata um arpão; o animal, ao sentir-se ferido, fugiu imediatamente com a máxima rapidez, só não virando a canoa porque a equipagem se deu pressa em passar a corda destinada a servir de freio aos movimentos desordenados do reptil. Este se deixou pouco a pouco aproximar, mas começou a dar enormes saltos quando se viu perto de seus perseguidores. Escolhi então este momento para lhe meter uma bala, que o atordoou de tal maneira, que ele começou a boiar, permitindo-me pôr-lhe a cabeça fora da água e vibrar-lhe violentas pauladas na nuca. Instantes depois, jazia o animal no fundo da canoa, como morto; isso era, porém, apenas fingimento, porque dentro de pouco ele levantava a cabeça, escancarando uma goela guarnecida de dentes terríveis, e pondo uma pata na beira da canoa. Novas cacetadas lhe foram incontinenti aplicadas na cabeça, fazendo-o cair pesadamente, sem se mexer. Para evitar novas tentativas como esta, amarramos-lhe as patas por cima das costas, conseguindo por meio desta precaução mantê-lo bem comportado durante toda a travessia. Contentou-se daí por diante a bater os dentes, fazendo-o com tanta força que, numa das vezes, um dos molares lhe saltou fora".

A 23, pela manhã, no reconhecimento que foram fazer, descobriram os nossos índios, em torno do acampamento, muitos rastos denunciadores de que espiões nos haviam espreitado durante a noite. Devo dizer que essa brava gente já de tempos havia conquistado a nossa confiança, levando sempre consigo fuzis e óptimas balas, de que faziam excelente uso, como caçadores. À noite eles se entregavam a exercícios, que não deixavam de nos divertir.

Na manhã de 24, pelo alargamento considerável do rio, supusemos que nos devíamos estar aproximando do fim do furo. As aves, que víamos até então povoar as margens do rio, tornavam-se cada vez mais raras; era a custo que encontrávamos alguns desses grandes jaburus, cujos numerosos bandos, nos dias anteriores, se comprimiam nas praias, ou uma dessas duas garças brancas que enchiam as árvores, dando de longe a impressão de flores enormes, do mais puro branco. Não encontrávamos mais do que raros martins-pescadores, ou algum socó-boi de retumbante voz, semelhante ao mugido do touro; às vezes víamos pousar nos troncos das árvores caídas aquelas belas andorinhas de ventre algodoado, ou senão, voarem dos mesmos sítios nuvens de morcegos.

Fizemos nesse dia nove léguas e meia. Tomando a temperatura da água do rio às sete horas da manhã, encontramos 25 graus. O furo, alargando-se cada vez mais, apresentava uma largura comparável à do Araguaia, antes de sua bifurcação ao sul da ilha de Bananal, ou sejam, pelo menos, uns 1.000 metros. A pouca distância de nosso acampamento, encontramos o primeiro rochedo por nós visto até aí, no leito do rio. Essa rocha, disposta em camadas horizontais que avançavam pelo rio a dentro como uma cabeceira de ponte, é um conglomerado muito vizinho da canga, porém mais duro. Os bancos formados por esta rocha no leito do rio são chamados pelos pescadores *entai-*

pacas. As cangas que se mostravam a descoberto nas barrancas (*barreiras*) do rio eram muito argilosas, muito moles, e crivadas de buracos pelo choque contínuo das águas do rio, como se fosse um recife de coral. Nesse dia vimos, na margem direita, surgirem trechos entrecortados de pequenos capões, ao passo que do lado esquerdo, na ilha de Bananal, continuavam as grandes matas ininterruptas.

A 25, descemos a corrente com rapidez, fazendo um total de dez léguas. Como uma das embarcações tivesse parado alguns instantes; para dar tempo aos passageiros de abrir um tronco onde supunham encontrar mel, cera e breu, aproveitamos a oportunidade para visitar um campo virgem, cuja vegetação, por consequência, não tinha ainda sido submetida a essa torrefacção que lhe dá, em geral, uma aparência tão enfezada. Havia nele árvores de grande porte, entre as quais o piqui (*Caryocar brasiliense*), que nas proximidades de Barbacena não ultrapassa 5 ou 6 metros, mas que aqui chega a uma altura de 15 metros. Colhemos também nesse lugar frutos perfeitamente maduros da palmeira *acumão* (*Cocos flexuosa*), os quais apresentam uma textura fibrosa e têm gosto de abricó. O furo, continuando sempre a alargar-se, oferecia apenas à passagem canais estreitos entre ilhas, quando, de súbito, passados os canais, surgiu diante de nós uma imensa extensão de água, em que vimos também desembocar, dobrando a ponta, o braço esquerdo do rio, por nós procurado havia tanto tempo. Tão imponente era o espectáculo que, enquanto em mudez o contemplávamos, não puderam os remeiros reprimir um grito de alegria, suspendendo instantâneamente o trabalho. A ponta da ilha estava coberta inteiramente de mato, pelo que instalamos o nosso acampamento exactamente defronte. À noite tomamos distâncias lunares, para saber a longitude do lugar.

Passamos neste acampamento o dia 26. A posição em que nos achávamos era muito interessante do ponto de vista

geográfico, por isso que, determinando-a, teríamos o comprimento exacto da ilha de Bananal. Verificamos que esta tem um pouco mais de setenta e cinco léguas. A depressão deste ponto, abaixo de Coroinha, é de cerca de 100 metros. Ora, como a altitude desta última localidade é de 180 metros, segue-se que tínhamos descido mais da metade do declive percorrido pelo rio, até lançar-se no oceano. Medimos trigonomètricamente a largura do furo da direita, bem como a do rio, depois da junção das duas águas, encontrando para o primeiro 230 metros e para o segundo 678. A profundidade do rio era pois maior do que antes da bifurcação. A velocidade da corrente foi de 169 metros em cinco minutos e três segundos, ou sejam cerca de 33 metros e 46 centímetros por minuto. A temperatura das águas às nove horas da manhã era, à sombra, de 27 graus.

Nesse dia 26 mataram os caçadores três lindos veados, de chifres algo semelhantes aos do veado europeu, mas um pouco menores do que este último. Preservamos a pele de um deles para as nossas colecções.

CAPITULO XII

DESCIDA DO ARAGUAIA. — OS XAMBIOÁS

A 27, depois de uma jornada de onze léguas, acampamos à noite numa encantadora praia, cercada de mata pelos três lados. Encontramos em seco uma canoa, que supusemos ter pertencido aos Carajás. O rio, na confluência dos dois braços, parecia ter uma largura de pelo menos 1.400 metros, embora os grandes bancos de areia que víamos descobertos nos provassem que ele não estava na época das enchentes. A formação é sempre a canga argilosa, muito mole, que aparece à vista nas escarpas, às vezes esmigalhadas pelas águas, em certas partes do rio. Esta canga se torna muito dura pela exposição ao ar. Às dez da manhã divisamos do lado da margem esquerda, uma cadeia de montanhas, distante umas vinte e cinco ou trinta léguas, na província de Mato Grosso. Dirige-se em sentido este-oeste e apresenta três cumes, muito mais elevados que o restante da cadeia.

No dia 28, soprando do norte, tivemos um vento contrário muito forte, que convulsionou as águas do Araguaia, dificultando o progresso de nossa marcha, que não excedeu a sete léguas. Haviam desaparecido todos os animais, até os próprios peixes, o que o piloto procurou explicar pela activa perseguição que aí lhes movem os índios, razão pouco concludente. O rio, largo e de pouca correnteza, dá formação a muitas ilhas, algumas muito compri-

das. Vêem-se também muitos bancos de areia. As duas margens são constituídas de campos cobertos, num solo de argila, que o ar endurece e faz passagem à canga. Vimos ainda repetidas vezes as mesmas montanhas descortinadas na véspera; parecia conservarem a mesma direcção, mas a grande distância não permitia ter-se a certeza disso.

A 29 fomos durante toda a manhã retardados ainda pelo vento contrário, mas, ainda assim, fizemos doze léguas. Tornamos a ver a cadeia de montanhas, que nos parecia agora menos elevada, correr a uma distância de sete ou oito léguas do rio, numa direcção este-sudoeste para oeste-noroeste.

As numerosas ilhas que se erguem sobre a massa tranquila das águas do rio dividem-no em muitos braços; mas o que neste dia vimos de mais notável foi a primeira entaipava que encontramos no rio Araguaia. Dá-se este nome a recifes que atravessam o rio de uma a outra margem, dando a impressão de serem o prolongamento das serras que se vêem fugir de cada lado, correndo no mesmo sentido. Estes recifes, formados provàvelmente de granito, dão nascimento a pequenas cachoeiras, geralmente pouco perigosas. Como os rochedos estão na maioria das vezes vários palmos abaixo da superfície da água, só a canoa grande os tocou algumas vezes; as outras passaram com extrema rapidez. Mas os que hoje tivemos de passar tinham 15 a 16 centímetros de altura.

A vegetação, desde que deixamos o furo, tornara-se mais vigorosa. Isoladas nos campos erguiam-se algumas grandes árvores, enquanto certas espécies de mirtáceas substituíam nas margens as moitas de *Croton*.

Convencido de que a canoinha, por ficar sempre atrás, à procura de caça, expunha os passageiros ao ataque dos índios, de que cada vez mais nos aproximávamos, mandei despedaçá-la a machado, aproveitando os seus destroços pa-

ra confeccionar remos, que já nos faltavam. À noite, distribuímos cartuchos pelas diferentes equipagens.

No dia 30 fizemos nove léguas e meia, seguindo a *corrente branda do rio, cuja largura é considerável*. Durante as duas primeiras léguas a margem direita era ladeada de colinas pouco elevadas, que pareciam ser a continuação da serra que tínhamos visto primeiramente na margem esquerda, e cujo prolongamento formava as entaipavas atravessadas no dia 29. Depois destas colinas, o Araguaia, em cujo leito surgem pedras de quando em quando, corre o dia todo através de campos, ao cabo do que avistamos uma nova serra, provàvelmente ligada à que tínhamos visto *de manhã por contrafortes situados no interior* das terras. Também esta cadeia corre de este-sudoeste para oeste-noroeste, formando no rio recifes dispostos transversalmente e corredeiras, que constituem a cachoeira de Santa Maria. Passamos as duas primeiras corredeiras, a primeira com vinte e quatro a vinte e cinco centímetros de altura, e a segunda um pouco menor. As rochas formadoras dessas entaipavas parecem ser de natureza eruptiva, e deve ter sido a origem do solevamento que determi*nou a formação das duas cadeias* de que falamos. São de cor verde, duras, sonoras e muito ricas em anfibólio; compõem-se de diorito e fonólito.

A navegação foi bastante desimpedida em todo o correr do dia; sòmente pela manhã passamos uma pequena corredeira, até que, à noitinha, chegamos aos recifes transversais de que já falamos. Em tais lugares as águas do rio, batendo de encontro às rochas, escachoam espumejantes, dando origem a grandes vagas. Durante a cheia estes *rochedos estão inteiramente cobertos; mas* na época da seca formam pequenas cascatas, às vezes perigosas. Neste caso, experimenta-se a corredeira, permanecendo-se fora da corrente; depois, conhecida a passagem, lança-se a canoa,

com a máxima velocidade permitida pelos remos. O essencial é mantê-la perfeitamente no eixo da correnteza, sem o que na certa soçobrará. As embarcações passaram sem acidente, mas a ubá encalhou numa pedra produzindo tamanho choque que os seus dois tripulantes foram lançados n'água. O pessoal estando muito fatigado, não foi possível acabar nesse dia a passagem da corredeira, pelo que tivemos de passar a noite entre os rochedos da margem esquerda, num ponto rodeado de florestas impenetráveis. Desde que entramos numa região cujos habitantes nos podiam hostilizar, deu-se aos acampamentos organização rigorosamente militar. Para guardá-lo foram destacadas quatro sentinelas, rendidas de cada duas horas por outras. Como garantia de estarem sempre vigilantes, tinham as sentinelas a obrigação de se chamarem umas às outras, de quarto em quarto de hora. Além disso, eu fazia rondas frequentes. Nesta primeira noite, não pude deixar de admirar a grandiosidade da cena que tinhamos à nossa volta; amontoados por cima das pedras, estava uma quarentena de homens das mais variadas tonalidades de pele e pertencentes a dez raças diferentes; aos nossos pés, o majestoso rio bramia nas corredeiras, enquanto, atrás de nós, estendia-se a mata virgem, escondendo quase completamente de nós os raios da lua. Iluminavam ainda levemente a cena as nossas fogueiras vacilantes. Às vezes, o silêncio era absoluto; interrompia-o, porém, de quando em quando, a voz monótona das sentinelas, gritos agudos das aves noturnas, ou o mugido longo dos jacarés. Nosso botânico achou nesse lugar algumas lindas espécies de podostemáceas e uma curiosa solanácea de flores precoces, e iguais às da beladona na forma e coloração.

Passamos no dia 1.º de Julho as últimas corredeiras da cachoeira de Santa Maria, fazendo um percurso de sete léguas e meia. Meu barco, onde iam Ricardo e Quintiliano, os dois pilotos tidos como os melhores, tinha de

mostrar sempre o caminho aos demais. Éramos pois geralmente os primeiros a nos lançarmos à correnteza, por maior que fosse o meu medo, força é confessá-lo, ao ver-me atirado assim, sem saber nadar, naquelas cachoeiras desconhecidas, onde poderíamos desaparecer de um momento para outro. Afora duas novas entaipavas de 20 a 25 centímetros de queda e muito próximas uma da outra, a cachoeira de Santa Maria se compõe de uma espécie de coroa rochosa, que barra o leito do Araguaia, deixando para a passagem das embarcações, junto à margem direita, apenas duas corredeiras, com cêrca de 33 centímetros de queda. Pedras eram encontradas com frequência no leito do rio; tratava-se sempre de fonólitos.

Acima da corredeira têm as águas a tranquilidade de um lago. Os campos que margeiam os dois lados do rio são planos como os dos dias precedentes; neles vêem-se morros em várias direcções. Durante o dia, encontramos vários lugares onde os índios tinham feito fogo; num deles havia vestígios da sua passagem recente. À tardinha abicamos numa praia arenosa, muito bonita e de considerável extensão. Disseminadas nessa praia, viam-se aleias formadas quase exclusivamente de uma magnífica espécie de malpiguiácea de folhas reluzentes, como as da árvore da cânfora, e cujas flores alvas formavam longos cachos na extremidade dos ramos. Os caçadores puseram-se imediatamente à perseguição de alguns lindos macaquinhos (*Saimiris*), ouvindo-se logo vários tiros, aos quais, muito longe, respondeu um grito prolongado. Nossos homens, acostumados quase todos à vida nesses desertos, certificaram-nos de que tal grito só podia ter sido dado pelos selvagens. Derreados pelos trabalhos do dia, havia eu me retirado para descansar a certa distância, no campo, contemplando os encantos de uma natureza tão virgem ainda ao contacto do homem civilizado, quando veio ter a mim o velho piloto Ricardo. O velho parecia tomado de forte

emoção, sentando-se ao meu lado. Estranhei no primeiro momento este gesto, que me parecia em oposição ao respeito profundo que sempre me testemunhou o pobre negro; mas percebi que inteiramente o absorviam e agitavam profundas cogitações. "Estou velho, muito velho, disse-me ele; seria portanto ridículo ter medo quando me falta tão pouco para morrer: mas o senhor é moço, como são moços também todos estes rapazes, devendo pois ter muito mais apego à vida do que um pobre negro, como eu. O senhor já pensou bem nas consequências que poderá ter uma expedição como esta em que estamos empenhados? Há na nossa frente cachoeiras medonhas, que eu vi quando menino, mas cujas passagens confesso francamente não conhecer. Muito perto daqui estão os Xambioás, os mais ferozes de todos os índios, que muito provàvelmente irão se opor à nossa passagem, armando-nos toda espécie de ciladas, enquanto estivermos atarefados com as dificuldades do rio". Respondi-lhe que antes de me aventurar a uma empresa como esta, havia pesado bem as suas consequências, acabando por me decidir a afrontar todos os perigos de que ele me falava; que, além disso, como era de seu conhecimento, nossas provisões bastavam apenas para a descida completa do rio, de modo que, se tentássemos agora subi-lo, todos morreríamos certamente de fome. "Então, disse-me o velho, seja feita a vontade de Deus; mas é provável que muitos dos que agora cantam e riem, tenham próximo o dia de prestar contas ao Criador. Da minha parte, estou pronto para acompanhá-los". O semblante do pobre negro, de ordinário tão feio, pareceu-me nesse momento verdadeiramente belo; quando ele se retirou, apertei-lhe a mão, com os olhos cheios de lágrimas. Ricardo que vinha acompanhado do único filho, mostrou sempre coragem e devotamento sem limites. Quando anoiteceu, apareceram correndo em volta das fogueiras, alguns bonitos insectos, que nos apressamos em caçar. Apanha-

mos em grande quantidade duas espécies do género *Megacephala*, uma *Galerita* preta e uma espécie de *Brachinus*, de grandes dimensões e muito aparentada com *B. complanatus*. As *Megacephala* têm hábitos nocturnos; refugiam-se durante o dia em pequenos canais abertos na areia, saindo à noite, em busca de alguma presa. Nesta ocasião marcham com extrema rapidez; quando se sentem seguras, derramam um líquido que tinge fortemente os dedos. Uma vez conhecidos estes seus hábitos, foi-nos fácil obter grandes quantidades, todas as vezes que acampávamos à beira dos rios. Numa daquelas cavidades da areia, de que falei, descobrimos certo dia a larva da *Megacephala taciturna*; ela se parece quase em tudo com a de *Cicindela*, com diferença apenas de ser, pelo menos, duas vezes maior.

No dia 2, mal tínhamos feito uma hora de marcha, quando avistamos ao longe uma grande canoa cheia de selvagens, que desfilava ao longo da borda do rio, procurando ocultar-se debaixo das árvores, ao mesmo tempo que corria com a maior rapidez possível, ao impulso dos varejões. Compreendi logo que deviam ser espiões vindos à nossa espreita, pelo que era de muita importância alcançá-los, a fim de enviarmos por intermédio deles os presentes que deveriam despertar nos de sua tribo disposições favoráveis a nosso respeito. Dei então ordem para aproar em sua direcção, exortando toda a equipagem a remar com toda a força de que fosse capaz.

Íamos aproximando-nos a olhos vistos, até que ficamos ao alcance da voz. Mandei gritar por eles um dos remeiros que pensava conhecer algumas palavras de sua língua. Mas todas as demonstrações que lhes dávamos de nossas intenções pacíficas, pareciam antes redobrar-lhes o desejo de fugir. Tinham, aliás, bastante razão para estar desconfiados, lembrando-se dos morticínios outrora cometidos pelos soldados portugueses. Podíamos já contar per-

feitamente os índios, que eram em número de nove. Como os remadores estivessem exaustos e me parecesse que talvez fosse a nossa rapidez a causa do medo que despertávamos, fiz descansarem-se os remos; mas nem por isso os índios diminuíram a marcha. Vendo então que a minha embarcação não poderia provàvelmente alcançá-los, deixando assim que os índios fossem dar o alarma em todas as aldeias, destaquei o Dr. Weddell, que tinha sob seu comando uma das canoas mais leves, para seguir em sua perseguição. Deixo que ele próprio conte a história deste feito, com suas próprias palavras:

"Eu estava com uma vontade louca de cortar a proa àquela grande canoa; os meus rapazes, ardorosos como eram, estavam animados pelo mesmo desejo. Por conseguinte, tocamos para a frente. A coisa porém não era tão fácil como nos parecia; os índios levavam grande dianteira e tinham mais remos do que nós; quando muito, podíamos medir velocidade com eles. Estávamos já quase para abandonar a caçada, quando a sorte veio em nosso socorro. Tínhamos acabado de perder os selvagens de vista, escondidos por trás de um promontório, num lugar em que o rio faz um grande cotovelo. Para poderem servir-se dos varejões, eles continuavam a seguir a margem, pelo que, tomando o meio do rio, ser-nos-ia matemàticamente possível alcançá-los no cotovelo seguinte. Cheios de esperança, os meus índios redobraram os esforços; mas a canoa, de repente, desapareceu de novo, insinuando-se por um canal lateral, que parecia cortar o segundo cotovelo. Remaram pois os homens a toda força, tentando chegar antes dela na extremidade desse pequeno furo. A *Santa Bárbara* voava; afinal chegou, no mesmo momento em que emergia do canal o longo bico da canoa dos Carajás, com os seus remadores de peles sarapintadas e reluzentes. Houve um momento de grande ansiedade, durante o qual os meus quatro remadores fizeram esforço sobre-humano; de-

pois, no momento justo, meu barco deu o lado à frente da canoa inimiga, abicando na areia da praia. Tínhamos cortado a proa aos Carajás... Escusa dizer que, durante todas essas manobras, nada fizemos que lhes pudesse despertar desconfiança. Ao contrário disso, assim que chegamos perto deles pus-me a agitar o lenço em sinal de amizade, abrindo os braços em sua direcção, para mostrar que estávamos desarmados. Alguns se abaixaram para pegar no fundo da canoa grandes cachos de bananas, que puseram sobre a cabeça, trazendo-os para nós. Tratei de lhes dar logo uma porção de colares, com que pareciam ter ficado maravilhados. Afinal, perdendo completamente o medo, largaram na canoa toda espécie de arma ofensiva e saltaram todos na praia. Continuando o comércio de trocas, meu barco parecia dentro em pouco uma quitanda de vender frutas; tínhamos então cará, banana e mandioca, em quantidade suficiente para nos alimentarmos durante oito dias. Entretanto, a canoa com que travamos tão boas relações estava preparada para a guerra; havia nela um monte de flechas, cujo número não era menos de quatrocentos ou quinhentos. Por uma faca, comprei uns vinte projectis dessa espécie e um bonito arco, que pretendo juntar, se possível for, à minha colecção de curiosidades. Gritamos pelas outras embarcações, que tinham ficado muito atrás; elas foram chegando, umas após outras, travando-se logo a mesma amizade entre todos".

Os selvagens prestavam consideração muito especial ao "menino" do doutor, imaginando, não sei porque, ser ele o nosso chefe, e dispensando-lhe honras as mais cómicas. Pelos sinais feitos pelos índios, compreendemos que não devíamos estar muito longe de seu aldeamento, pelo que resolvemos acompanhá-los. Pouco depois estacionamos para dar descanso ao pessoal, que precisava comer; os selvagens fizeram seus fogos ao lado dos nossos, pondo para assar bananas e batatas, que repartiam conosco. Combi-

nou-se então fazê-los seguir na frente, para anunciar aos companheiros a nossa chegada, enquanto íamos seguindo também o nosso caminho, embora mais devagar. Dentro de pouco alcançamos violenta corredeira; minha canoa foi a primeira a passar, mas bateu de encontro a uma pedra, encalhando. Por um momento receamos que ela naufragasse, principalmente quando a nossa posição, que já era crítica, ameaçou agravar-se com a aproximação de uma segunda embarcação, que se precipitava em nossa direcção, a toda força dos remos. Esta entaipava era formada de duas quedas sucessivas e nós tínhamos ficado entre uma e outra. O *canal* era longo, tortuoso, muito estreito (4 a 5 metros, quando muito) e cheio de rochedos formidáveis. Parecia impossível que as duas embarcações pudessem deslisar uma ao lado da outra, sem mùtuamente se despedaçarem. Neste momento, porém, meu piloto que tinha aprendido às suas custas a conhecer a passagem, gritou para o da outra embarcação, ensinando-lhe o que devia fazer. *Este último, que outro não era senão* o nosso fiel soldado Patriarca, teve a presença de espírito de desviar com uma remada feliz a marcha do barco, fazendo-o desfilar por trás do rochedo que nos obstruía a passagem. Este incidente feliz salvou provàvelmente a vida a umas vinte pessoas. As outras entaipavas por que passamos nesse dia, embora mais fáceis de atravessar, ofereciam ainda assim grandes perigos; mas os selvagens nos mostraram por onde passá-las. Como o aldeamento ficava mais longe do que tínhamos suposto e fosse já bastante tarde, corríamos o risco, a que não me quis expor, de só chegarmos lá durante a noite. Resolvi então acampar numa ilhota situada no meio do rio e bem fortificada pela natureza. Mal tinham as sentinelas ocupado o seu posto, logo anunciaram a chegada de canoas, provenientes das margens do rio. Abandonamos imediatamente os preparativos para o jantar e ficamos à sua espera; eram em número de três e

podiam contar uns trinta selvagens, nus e com todo o corpo cheio de pinturas, inclusive as pálpebras. Estavam armados de lanças, flechas e bordunas. Sua chegada foi amical; mas os seus corpos pintados, o armamento que traziam e a ausência de mulheres, levaram-nos a redobrar de precaução. Não tardou que chegassem novas embarcações. Os selvagens nos ofereciam flechas e provisões, em troca de anzóis, de facas e espelhos. Estes últimos excitam-lhes muito especialmente a cobiça. A maioria dos índios via pela primeira vez este objecto, atrás do qual, à moda dos macacos, procuravam sempre ver se não estava alguma pessoa. As sentinelas continuavam a anunciar sempre mais canoas, à medida que a noite se ia tornando escura. Com o aumento crescente do número, os selvagens se iam tornando barulhentos, fazendo-nos recear cada vez mais pela nossa posição. Entretanto, evitei provocar-lhes a desconfiança, proibindo que a equipagem pegasse em armas. Limitei-me a postar uma guarda reforçada à volta dos sarilhos, dando aos índios sinal para se retirarem. Como, porém, a isso se recusassem, dei ordem às sentinelas para que não deixassem saltar mais ninguém das canoas que chegavam em multidão, o que não foi muito difícil, fazendo avançar a equipagem em linha, de uma extremidade à outra da ilha. Conseguimos assim repelir os selvagens, que embarcaram de novo, uns rindo, outros meio à força. Uma quarta parte da equipagem ficou de guarda toda a noite, ao passo que os membros da expedição se alternaram até o amanhecer. Receando que fôssemos atacados ao raiar do dia, mantivemo-nos de vigilância, o Sr. Deville e eu, das quatro às seis da manhã; mas nada de novo aconteceu. Sem dúvida para nos dar uma prova de confiança, um de seus chefes pediu para ficar conosco; passou toda a noite junto de uma de nossas fogueiras. A tribo dos Xambioás, com que acabávamos de entabolar relações, pertence à nação Carajá, que se divide da seguinte maneira: os Cara-

jaís, já por nós encontrados em Salinas, que vivem no furo esquerdo do Araguaia; os *Javaés*, que vivem nas terras do interior, em contradição com os hábitos aquáticos da referida nação; e os Xambioás, de que nos estamos ocupando. Durante o dia todo continuaram a aparecer com frequência pedras no leito do rio, de cujas margens desapareceram as margas, ao mesmo tempo que as praias arenosas se tornavam cada vez mais raras. Parece todavia provável que, para além da primeira cortina de vegetação, o terreno se torna mais acidentado. A geologia desta parte nos oferece um facto curioso: é o solevamento, por massas consideráveis dos fonólitos ou dioritos já anteriormente referidos, de uma formação de xistos calcaríferos, dispostos em estratos muito horizontais sob o leito do rio, mas soerguidos com inclinação variável e às vezes muito forte em certos lugares, tais como, muito particularmente, na ilhota que faz parte da entaipava da grande cachoeira. Isso parece significar que aquele xisto era a base da formação da região quando surgiram os dioritos formadores das serras e as margas, que o Araguaia veio a atravessar, precipitando-se em cachoeiras.

A 3 pusemo-nos em marcha, tendo tido o cuidado de nos preparar contra um eventual ataque dos índios; cada remador tinha o fuzil ao seu lado, ao mesmo tempo que, em caso de necessidade, poderiam utilizar também com facilidade as armas pequenas, dispostas por cima dos bancos.

A presença do índio que havia embarcado conosco poderia, até certo ponto, nos inspirar confiança. Não obstante, sabíamos que era preciso passar por uma forte cachoeira bem defronte do aldeamento, pelo que não seria impossível que o nosso passageiro tentasse perder-nos, com o fito de facilitar aos seus a pilhagem, no momento do naufrágio. A ele, que, como os seus compatriotas, sabia nadar como um peixe, seria muito fácil salvar se. Prevendo uma perfídia dessa natureza, recomendei ao piloto que estivesse

pronto para atirar ao primeiro movimento suspeito que ele viesse a fazer. Ao nos aproximarmos da cachoeira, o guia se pôs de pé sobre um banco, no meio da embarcação, para indicar a passagem, alongando o braço e olhando na direcção conveniente. A canoa, impelida por forte correnteza, atravessou célere um dédalo de rochedos e cascatas; passamos sem outro acidente além de alguns jactos d'água dentro do barco. Devia o velho selvagem ter essa passagem como bastante perigosa, pois, mal dela nos livramos, pôs-se ele a cabriolar e gritar de alegria, enquanto os remeiros descansavam alguns instantes, pondo também em ordem o armamento, que alguns choques mais fortes tinham desarranjado. Com a vista, acompanhávamos apreensivos as outras embarcações que ainda lutavam no meio da cachoeira. A cena que tínhamos à nossa frente era das mais imponentes; às nossas costas bramiam furiosas as águas espumantes do rio, ao mesmo tempo que adiante de nós, paralelamente ao rio e encostada à mata virgem, se estendia a longa praia de um banco de areia alva. As choças do aldeamento dos Xambioás estendiam-se em linha, ao longo dessa praia, vendo-se no meio da fila duas casas de grandes dimensões. Índios enchiam a praia, destacando-se nitidamente do fundo pela sua cor vermelha. Amarradas ao longo da praia algumas canoas, uma das quais não tardou em vir em nossa direcção. Os índios que nela vinham a nós se chegaram sem o mínimo receio, convidando-nos a descer, o que de facto fizemos, tomando as necessárias precauções. Mandei que a equipagem continuasse em seu posto, enquanto os membros da expedição saltaram, com dois ou três tripulantes apenas. Como na véspera, parecia que todos os índios estavam armados; suas disposições, porém, não pareciam inteiramente pacíficas. Fizeram-nos percorrer todo o aldeamento, que se compunha de uma centena de casas um pouco mais altas do que uma pessoa, e com aproximadamente 5 metros e meio de comprido por 3 e

meio de largo. Tinham a parte superior arredondada e eram construídas inteiramente de folhas de palmeira. As duas construções maiores de que há pouco falei ficavam mais perto da praia e merecem descrição à parte: uma era um recinto fechado de três lados por paredes de palha, contendo no seu interior uma dezena de objectos muito curiosos, altos de cerca de 2 metros e cobertos inteiramente de magníficas penas de papagaio. Junto da outra estavam várias sentinelas armadas de lanças; pensamos, a princípio, tratar-se de um templo consagrado a alguma divindade. E' assunto sobre que voltarei a falar mais adiante. A outra construção inacabada, consistindo ainda apenas de vários esteios, dos quais o central, muito maior do que os outros, terminava em galhos cheios de folhas. Imaginamos que deveria ser a casa do conselho. Fizemos aos índios numerosos presentes, em troca dos quais recebemos lanças, flechas, clavas, etc. Como a confiança se estabelecia gradativamente entre nós, estávamos assentados na areia a grande distância da praia e rodeados por mais de duzentos índios, quando da borda do rio ressoou repentinamente o estampido de uma arma de fogo. Os selvagens deram imediatamente um passo atrás, olhando-nos com um ar de ameaçadora surpresa. O momento era crítico, porquanto nada sabíamos sobre o que se estaria passando nas embarcações a que víamos afluir muita gente. Juntamo-nos uns aos outros e aproximamo-nos da praia, tudo se explicando satisfatoriamente dentro de pouco. Para dizer da pouca confiança que nos inspiravam os índios entre os quais nos achávamos, basta saber o que aconteceu poucos meses antes com quatro soldados que desceram o Araguaia, depois de desertarem do posto do Rio Grande. Justamente ao partirmos de Salinas, tinham os Carajás nos contado que aqueles infelizes foram massacrados por estes mesmos índios entre os quais agora nos encontrávamos. Esta informação se tornou necessária para explicar a interrupção havia pouco sú-

bitamente surgida. Pois não tardou que víssemos saltar de uma canoa vários índios, entre os quais estava um homem, envergando uniforme branco e tendo na mão um fuzil. Receberam-no os índios com sinais de respeito, contando-nos ser aquele o seu chefe, que acabava de chegar de uma aldeia vizinha, onde residia habitualmente. Sabia um pouco de português e fora ele quem dera o tiro de espingarda. Quanto à arma, ele nos confessou sem nenhuma hesitação ter pertencido a um dos desertores, como também a jaqueta branca que o fazia tão ancho, a despeito de seu curioso contraste com a pele tostada do corpo, que ela mal cobria. Cobrimo-lo de jóias falsas, aceitando o convite para percorrer o aldeamento, cujas mulheres e crianças nos foram apresentadas. Nossa visita durou bastante tempo, visto como estas cenas da vida selvagem nos despertavam imenso interesse. A maioria desses índios nunca tinha visto gente branca, pelo que nossa presença lhes excitava vivamente a curiosidade. As mulheres, supondo que tínhamos as mãos e o rosto pintados, abriam-nos as camisas para ver se os nossos peitos eram da mesma cor; iam-se então embora, dando gritos de admiração.

Por trás das choças, acocoradas em grandes esteiras, ficavam as mulheres, que outras esteiras, amarradas verticalmente em esteios, abrigavam do sol. Tinham o corpo pintado, trazendo quase todas à altura dos rins, um pedaço de tecido feito de casca de árvore e tingido de vermelho; as duas pontas eram amarradas na frente com um nó, abaixo da cintura. As mulheres traziam os cabelos longos e soltos, mas os homens os tinham amarrados atrás. Todos tinham o *gancho no lábio* e, nas bochechas, a cicatriz que já descrevi ao falar dos Carajás de Salinas. Alguns homens haviam substituído o primeiro desses ornamentos por um pedaço de alabastro de quase um decímetro de comprimento, cilíndrico de forma e dilatado nas ex-

tremidades, o que mantém o lábio pendente e deixa os dentes descobertos. A maioria tem, atravessados nas orelhas, bastões às vezes muito compridos; outros mostram ramalhetes de penas do mais variado colorido. Os homens, inteiramente nus, usavam nos punhos e às vezes até nos tornozelos, uma espécie de pulseira vermelha, feita de tecido de algodão muito compacto. As pulseiras do punho serviam de proteção contra a corda *no manejo do arco*. Alguns indivíduos envolviam o corpo com a própria rede de dormir, usada à guisa de manto. Havia uma grande quantidade de bananas excelentes; eles têm o hábito de colher estes frutos antes de maduros, enterrando-os na areia exposta aos raios do sol. Isso dá lugar a uma intensa fermentação, que lhes torna o sabor extremamente desagradável. Os objectos mais cobiçados por estes silvícolas eram machados, facas, anzóis e colares de vidro; estes últimos principalmente se eram brancos. Tinham consigo, trepadas nas coberturas das choças, araras magníficas, de diferentes *espécies. Gostando imenso de enfeitar as suas* armas com as penas brilhantes dessas aves, criam-nas em domesticidade, depenando-as duas vezes por ano. Apesar do *muito que queriam* esses papagaios, concordaram em nos ceder alguns, em troca de facas. Pude obter assim um esplêndido exemplar de *Ara hyacinthina*, bem como uma outra ave, talvez nunca vista até então em cativeiro, que vem a ser o sabacu. Desejava muitíssimo conservar este animal vivo, para o Jardin des Plantes; mas, a despeito da voracidade com que ele se precipitava sobre o alimento que lhe dávamos, peixes principalmente, sucumbiu ao cabo de alguns dias. Sua aparência era das mais tristonhas; trazia a cabeça sempre encolhida de encontro ao corpo, como a cegonha. Os Xambioás parecem muito industriosos e fazem consideráveis plantações, como no-lo provava a grande quantidade de bananas e de legumes que nos deram. Não obstante tiram eles da pesca uma boa parte de

sua subsistência. O peixe é obtido mediante o emprego do arco e flecha, ou por meio de redes, das quais algumas víamos a secar. Também cultivam o algodão, cuja fibra as mulheres fiam e tecem para fazer cordas e redes. A cerâmica que fabricam é bem trabalhada e resiste perfeitamente ao fogo. Com o fruto de uma *Lecithys* chamada jequetibá ou simplesmente de terra, constroem enormes cachimbos. Cultivam eles próprios o fumo de que necessitam, de qualidade aliás muito inferior. Enquanto estávamos assim entretidos com tanta coisa nova, vieram prevenir-me que se estava fazendo embarcar para fora da aldeia, em canoas, as mulheres e as crianças. Mandei vir das nossas embarcações alguns homens armados. O chefe, como disso se tivesse apercebido, tratou de nos tranquilizar, fazendo caçoada do medo das mulheres, e dando ordens para que estas últimas voltassem para a aldeia. Depois de tudo examinarmos cuidadosamente, voltamos para as embarcações, sendo então convidados pelo chefe a visitar com ele uma segunda aldeia que ficava a uma distância de sete léguas da primeira. Só à noitinha pudemos avistar esse novo aldeamento, pelo que acampamos na praia, deixando a visita para o dia seguinte. Não tardou que várias canoas aportassem em nosso acampamento, cheias de índios, que levaram a noite em danças guerreiras, algumas bastante curiosas.

A corredeira grande que tínhamos atravessado pela manhã não tem menos de 80 a 100 metros de comprimento, com um desnível de cinquenta centímetros. Naquele ponto o rio é quase completamente represado por rochas dioríticas, ou talvez mesmo pela formação xistosa por elas soerguidas e que se pode ver na barranca da margem direita, sob a forma de xistos argilo-talcosos muito bem estratificados e inclinados para o nordeste. O único canal praticável se acha próximo à margem esquerda.

Esta primeira aldeia dos Carajás é construída numa ilha de areia contígua à margem direita; ela poderá conter mais ou menos mil habitantes. Na margem esquerda, um pouco abaixo da aldeia, descobre-se uma cadeia de morros. Nesse dia fizemos ao todo nove léguas.

No dia 4, chegamos na aldeia logo cedo, sendo recebidos pelo chefe, que tinha ido ali passar a noite precedente. Este novo aldeamento compõe-se de umas quarenta e cinco casas, com uma população aproximada de 300 habitantes. Passamos no lugar várias horas; quando chegou a hora do embarque, puseram-se novamente os índios a dançar, acompanhados de um instrumento que dá um som semelhante ao que se consegue obter com um chifre de boi. E' o referido instrumento formado de uma cabaça ovóide, a que se adapta um tubo de bambu e provida de uma abertura lateral, por onde se sopra; no fundo da cabaça há uma outra abertura. O chefe nos acompanhou até o terceiro aldeamento, onde chegamos à tarde. E' maior do que qualquer dos precedentes; de longe, a praia nos parecia vermelha de índios. Veio logo ao nosso encontro uma canoa, sendo fácil de imaginar a surpresa e alegria que tivemos ao sermos saudados em português, por um dos tripulantes, que outro não era senão um dos desertores. Lançou-se em pranto aos meus pés e tal era a sua emoção que não pôde durante algum tempo responder às perguntas que lhe fazíamos. Contou-nos que ao passar pelas aldeias, longe de serem massacrados pelos índios, haviam sido recebidos com hospitalidade; que, continuando a rota, a canoa em que vinham soçobrou numa das terríveis corredeiras da parte baixa do rio; que dois companheiros, além de cinco mulheres e uma criança, tinham morrido naquele desastre. Reduzidos assim a dois, alcançaram o forte de São João, onde todavia os quiseram fazer prisioneiros, motivo pelo qual fugiram para a companhia dos índios Apinajés, onde foram perseguidos, sendo morto o único companheiro.

Reconduzido ao forte de São João, tinha combinado a fuga com um habitante do Pará e duas mulheres retidas em cativeiro, lançando mão de uma canoa, com a qual subiram o rio até os Xambioás, que os receberam bem, mas não mais quiseram deixá-los partir. Contavam assim passar ali, entre os selvagens, o resto da vida. Chamava-se Simão o desertor que assim me falava. Implorou-me que o levasse comigo, o que lhe prometi fazer. Disse-me que tinha captado a confiança dos selvagens, quer lhes ensinando a extrair um suco grosseiro da cana que eles plantavam em grande escala, quer acompanhando-os com a espingarda numa expedição que tinham feito para atacar uma tribo moradora às margens de um rio situado a oeste e que suponho ser um afluente do rio Xingu. Simão, embora fosse soldado do exército brasileiro, era índio. A história que nos contou pareceu muito confusa e bem pouca confiança nos inspirou a sua pessoa. Apesar disso, devo dizer que ele daí por diante nos foi de grande utilidade, seja como piloto, seja nos informando sobre vários pontos da vida dos índios com os quais tinha convivido.

Assim que chegamos à praia, fomos saudados com gritos de alegria. Temendo a exagerada confiança que em nossa gente havia sucedido ao temor irreflectido, achei prudente não deixar desembarcarem as equipagens. Só deviam pôr o pé em terra os membros da comissão. Eu tinha tido tempo apenas para apertar a mão a alguns dos chefes principais, quando me vi repentinamente seguro pelos braços musculosos de dois guerreiros, que me puseram sobre os ombros, desatando a correr velozmente para a outra extremidade do aldeamento. Esta viagem improvisada era bem pouco de meu gosto, e confesso francamente que ela me pareceu extremamente longa. Os índios sabiam perfeitamente que eu era o chefe da expedição, mantendo-me inteiramente à sua discrição; talvez me quisessem

manter como refém. Entretanto, como neste mundo tudo tem fim, a corrida também teve de acabar. Chegando numa das últimas choças da aldeia, puseram-me delicadamente sobre uma esteira, onde não tardou que me visse rodeado por uma multidão de pessoas dos dois sexos e de todas as idades. Trouxeram-me uma grande vasilha de barro cheia de uma bebida de aparência muito pouco convidativa, que entretanto me vi forçado a saborear.

Pouco depois, verificando que eu estava sentindo a falta dos companheiros, logo saíram alguns índios, para voltar dentro de pouco com o Sr. Deville, com quem fizeram o mesmo que tinham feito comigo, trazendo-o carregado, apesar dos valentes pontapés que ele distribuía aos seus carregadores, aliás, de todo indiferentes a estes agrados. Ao nos vermos um ao lado do outro, estouramos numa grande gargalhada que os índios não tardaram a acompanhar, fazendo as mais extravagantes contorsões e trejeitos. Pude persuadir o meu jovem amigo de que devia seguir o meu exemplo com relação à beberagem, da qual julgou então, por delicadeza, dever tomar um forte trago antes de se aperceber de quanto era detestável. Meus outros companheiros foram depois chegando também, de uma forma talvez menos honrosa, mas, de certo, muito mais de acordo com o seu gosto. A seguir começaram as trocas de objectos, oferecendo-se ocasião para apreciarmos como esses índios eram mansos e medrosos. Tremiam só de ver armas de fogo, facto tanto mais surpreendente quanto, como vimos, havia uma em poder de um dos seus. Não lhes causava o menor espanto a brancura de nossa pele, por isso que a dos desertores e suas mulheres, como a de quase todos os brasileiros do interior, era de cor, com uma tonalidade que variava do preto cor de ébano, ao bruno chocolate.

De acordo com o que nos informaram o soldado Simão e os três mestiços que aqui viemos encontrar, os Xam-

bioás não conhecem nenhuma tradição religiosa, ou, pelo menos, a nenhuma divindade *rendem culto*. Os casamentos entre eles não obedecem a nenhuma cerimónia, apesar do que a poligamia lhes é desconhecida. Quando um índio deseja casar-se, não tem mais do que pedir a moça *aos pais*; *estando* estes de acordo, leva-a *o* índio *para* a sua choça. Contaram-nos que a libertinagem era punida com extremo rigor, assegurando-nos de que poucos dias antes da nossa chegada, tendo sido certo homem surpreendido em flagrante delito com uma rapariga não casada, esta foi morta pela própria mãe, enquanto o cúmplice foi duramente vergastado. Esse facto está, todavia, em desacordo com os oferecimentos que se faziam constantemente ao nosso pessoal; é, pois, possível, que ele tivesse sido acompanhado de circunstâncias não percebidas pelos brasileiros.

Outro facto singular nos costumes desses silvícolas é a maneira de enterrar os mortos. O corpo, em vez de horizontal, é colocado verticalmente; a cabeça fica para fora do chão, espalhando-se em torno dela bananas e outros comestíveis, que se tem o cuidado de renovar de quando em quando. A língua dos Xambioás é arrastada e fanhosa, muito mais desagradável ao ouvido do que a dos Xavantes. O aldeamento em que agora estamos contém uns 1.200 a 1.500 habitantes; nele reside o chefe principal da tribo, que é filho do Capitão Bento, mencionado nos antigos relatos. Fomos recebidos pelos chefes da maneira mais amical, ficando por eles sabendo que o índio da jaqueta era apenas um chefe de categoria inferior. Trouxeram-nos uma quantidade enorme de bananas, de carás, etc., que os índios iam buscar numa grande derrubada, estendida por mais de uma légua, na margem oposta do rio. À noite, instalamos o nosso acampamento a uma distância de tiro de espingarda da aldeia; numerosas sentinelas montaram guar-

da durante toda a noite, não tendo sido sem dificuldade que afastamos do acampamento os nossos amigos de pele vermelha. Não obstante, eles também, de seu lado, puseram uma linha de sentinelas. Para nos dar certamente uma prova de confiança, os principais chefes Xambioás, em número de seis ou sete, vieram dormir em nossa companhia, estendendo logo as suas esteiras em baixo da minha rede. Confesso que, por mais que me houvesse afeiçoado a eles, preferia vê-los mais longe. Por isso mudei de lugar, no que fui exactamente acompanhado por eles. Dei então ordem a dois dos nossos homens de maior confiança para que escondessem sob a roupa algumas armas, mantendo-se vigilantes ao meu lado. Pude dormir então profundamente, até a manhã.

Antes de levantar-me da rede, convidei os chefes para que viessem participar de nosso almoço. Estendemos na areia um couro de boi, nossa mesa habitual, acocorando-se todos à volta dele. Depois, com ostentação cómica, trouxe o cozinheiro da expedição as panelas de feijão e carne-seca, de feijão com toucinho, feijão e farinha, além de *bastante água*. *Fizemos as honras desse banquete o mais* gentilmente possível; mas ao levarmos à boca fragmentos de carne-seca, cujas fibras são duras como pau e só cedem aos esforços dos dentes, observamos nos nossos convivas índios um movimento muito singular; cochicharam entre si, denotando, pela fisionomia, profunda repugnância. Admirado de que fosse assim recebido aquilo que nós chamaríamos um excelente jantar, mandei chamar Simão, que me deu esta explicação para o que se passava: como nunca tivessem visto bois nem cavalos, ou qualquer outro animal de grande porte, os Xambioás naturalmente supuseram que comíamos carne humana. Isso me deu a prova de que, cercados de tribos antropófagas, estes índios têm o mesmo horror que nós outros por aquele tenebroso costume. Ao mesmo tempo, perdi alguns receios que me havia

despertado aquela beberagem dada pela manhã. Esqueci-me de dizer que uma das coisas que mais haviam encantado os índios era o barulho do tambor. Adquiriram por esse instrumento tão singular afeição, que a cada momento o chefe me vinha pedir para fazê-lo soar; era das coisas mais divertidas ver-se então toda a população acompanhar muito gravemente o executante, em sua volta pelo aldeamento.

No dia 5, ao fazer-se a chamada, verificou-se que, apesar de todas as precauções, havia desaparecido durante a noite um fuzil, bem como vários outros objectos. As armas tinham para nós a máxima importância, razão pela qual me dirigi ao chefe, pedindo-lhe que fizesse com que me restituíssem o fuzil subtraído. Prometeu atender-me, palavra que cumpriu, visto que dentro de uma hora a arma voltava ao nosso poder. Entre os objectos outros subtraídos, havia um cuja falta me ocasionaria os maiores embaraços; era um vaso com a pomada arsenical usada na conservação dos espécimes zoológicos. Eu tinha receio de que, tentados pela aparência apetitosa da substância, os índios viessem a comê-la, caso em que nos poderiam talvez acusar de lhes termos armado uma cilada. Não mais ouvi, porém, falar nesse roubo, que não deixou de ser, ainda assim, um motivo forte para apressarmos a nossa partida.

Neste, como nos outros aldeamentos, tínhamos notado a presença de uma choça destinada a guardar aqueles singulares ornamentos de penas, a que já me referi. Por Simão, ficamos sabendo serem enormes bonés destinados às danças misteriosas, que se praticam em determinadas épocas do ano. Têm formas diversas, sendo ora quase quadrados, ora cilíndricos; os adornos que os enfeitam, feitos inteiramente de penas de arara, não são menos notáveis na forma do que na cor. Em baixo, nos bordos, prende-se uma longa franja de palhas de coqueiro, dentro da qual fica quase inteiramente escondido o índio com ele vestido.

Contou-nos ainda Simão que por ocasião da dança dos bonés, as mulheres são trancadas cuidadosamente no interior das choças ou senão mandadas para lugar distante, porque se acaso alguma descobrir aqueles *ornatos*, *será imediatamente morta*.

Fiquei com a maior vontade de possuir um daqueles objectos que acabo de descrever. Ao pedir um, porém, ao chefe principal, ele pôs logo o dedo na boca e mudou de conversa. Entretanto, muito grande tinha sido a admiração que lhe causou um dos nossos grandes sabres de cavalaria. Em dado momento, achando-se a sós comigo, fez-me sinal para acompanhá-lo ao templo dos bonés, que pude então admirar à vontade; mas, quando lhe propus trocar o sabre em *questão por um* daqueles enfeites, declarou-me ser impossível tal coisa e procurou tirar-me dali. Voltei, porém, à carga, mostrando-lhe que eu estava disposto a acrescentar uma outra arma, também muito admirada por ele. Ficou então hesitante, olhou para todos os lados, depois começou a passear, como tomado de grande ansiedade. Por fim, não podendo resistir à tentação das armas que lhe eram oferecidas e cuja posse iria aumentar sem dúvida sua autoridade, tomou o boné que eu lhe tinha indicado, cobrindo-o completamente com folhas de palmeira, amarradas de modo a não poder ver-se o que ia dentro do embrulho. Enquanto ocupado neste trabalho, saía a cada momento para espiar o que se estava passando fora, acabando por me fazer sinal para pegar numa das pontas do embrulho e pô-la no ombro, como ele ia fazer também com a outra. Não tardou, porém, que o peso se nos tornasse insuportável. De repente, vivamente contrariado com este *contratempo*, pôs-se a correr para o aldeamento. Achando-me então só, pus a considerar o mistério que encobria toda aquela operação, disposto a ir-me também dali embora para o acampamento. Foi porém quando o vi voltar, acompanhado do irmão, que nos ajudou a transportar

o fardo precioso para a nossa grande embarcação, em cujo fundo foi acomodado, debaixo das maiores recomendações que faziam os dois índios, para que ninguém pudesse vê-lo. Todavia, essa peça tão interessante estava fadada a não chegar à Europa, pois perdeu-se numa das cachoeiras do rio Tocantins.

Enquanto se faziam os preparativos para a partida, os chefes organizaram na praia uma grande dança de que só os guerreiros tomaram parte, ao som de *cantorias grotescas*. Os dançadores podiam ser em número de quarenta; formavam dupla fila e tinha cada qual na mão um arco e um punhado de flechas, que erguiam acima das cabeças com graciosos movimentos. O canto a princípio era lento e acompanhado de leve balanceado do corpo e dos joelhos; depois, os índios davam sùbitamente um grande brado *guerreiro, partindo todos em trote*, com o corpo inclinado para a frente. O canto adquiria então andamento mais rápido e tonalidade mais sonora; mas, depois de ter dado uns vinte passos, estacionavam repentinamente os guerreiros, repetindo o grito e batendo com força o pé no chão. Ao grito sucedia um momento de silêncio, em seguida ao qual o canto recomeçava em surda toada e as filas de dançadores davam meia volta, recomeçando o trote, para estacar de novo. A manobra continuou assim, até que um gesto mais forte veio anunciar o fim da cerimónia. Um dos chefes ergueu então um remo acima da cabeça, depois do que todos os guerreiros se arranjaram em círculo à volta, girando com rapidez e suspendendo no alto as lanças, as flechas e as bordunas. Isso durou até que o chefe índio, vencido pelo cansaço, deixasse cair o remo. Seguiu-se a esta uma terceira dança, que parecia destinada a celebrar algum acontecimento histórico. Por entre gritos e urros, ameaçavam-se mùtuamente os guerreiros com as próprias armas. Às vezes se voltavam sùbitamente para nós, apontando-nos as suas flechas. De todas, esta foi a

dança de que menos gostamos. Os movimentos eram executados com muita concordância e harmonia, deixando, como toda a cena, impressão que nunca se apagará de meu espírito. As danças esquisitas, os gritos estranhos, os homens semelhantes a demônios pintados das cores mais vivas, essa gente toda a nos contemplar cheia de admiração, a magnífica natureza tropical que nos cingia de todos os lados, tudo isso evocava os cenários mais belos da Ópera.

Fiz embarcar numa das canoas o desertor e as duas mulatas, avisando aos índios que ia levá-los comigo. A isso quiseram a princípio se opor os chefes, mas acabaram por concordar, porque outro remédio não tinham. Quis muito levar comigo alguns índios para nos guiarem nas cachoeiras que ainda tínhamos de passar; mas pretextaram não estar preparados, pelo que iriam depois, para nos alcançar no dia seguinte. Contudo, deles não mais tivemos notícia.

Embarcávamos dentro de pouco; mas ainda muito tempo depois de haverem nossos barcos deixado a praia, ouvimos ao longe os *adeus, camaradas* que nos davam de terra.

Como acabamos de ver, os Xambioás estão muito longe de merecer a má reputação de que gozam entre o povo de Goiás. Nós, pelo menos, não tivemos nenhuma razão para nos queixarmos deles; animei-os até a estender suas próximas excursões até Salinas, onde lhes prometi serem bem recebidos. Ficamos sabendo que éramos os primeiros europeus a entrar em seus aldeamentos; pois as antigas expedições portuguesas nunca ousaram neles penetrar. Aliás, se suas disposições hoje são assim pacíficas, não parece que assim tivessem sido sempre. Disso nos dão prova os morticínios que outrora se verificaram no rio Araguaia. Nosso velho piloto Ricardo contou-nos que a expedição em que ele tinha tomado parte quarenta anos atrás

fora barrada pelas canoas desses índios a que foi necessário dar combate. A opinião do velho era que os índios nos tinham tomado por negociantes em viagem para o Pará, onde iríamos comprar mercadorias; assim sendo, pensava ele, para nos inspirar maior confiança, deixaram-nos passar com o dinheiro que nada lhes valia, reservando-se para na volta nos massacrarem e se apoderarem de nossa carga. Devo dizer que o seu procedimento para conosco em nada justificava esse modo de ver. De resto, com a equipagem e o *armamento* que tínhamos, podíamos desafiar todas as tribos do Araguaia.

Prevendo a possibilidade de uma agressão da parte dos índios, assentamos um plano de combate: enquanto eu, com uma parte das nossas forças, atacaríamos as canoas, o Sr. d'Osery deveria desembarcar o resto da equipagem e incendiar o aldeamento. Estávamos certos de que o desejo de salvar as mulheres e as crianças poria em pouco tempo fim ao combate. Mas estou convencido das disposições pacíficas desses índios; hoje que consegui abrir ao comércio a navegação do Araguaia, eles poderão prestar grandes serviços aos futuros viajantes, fornecendo-lhes víveres e guiando-os no meio das cascatas.

CAPITULO XIII

DESCIDA DO ARAGUAIA. — AS CACHOEIRAS

No dia 4 fizemos oito léguas e sete no dia 5. No correr do primeiro dia a largura do rio tinha diminuido sensivelmente; mas, no segundo voltou a aumentar, alcançando novamente mais de 1.000 metros. Durante este percurso de 15 léguas, *vimos aparecer frequentemente rochas* no leito do rio; não obstante, tivemos de atravessar apenas *uma corredeira*, cujo canal estava atulhado de pedras e cuja queda devia ser de 27 a 30 centímetros.

A formação de toda esta zona parecia ser, em geral, de xistos argilo-*talcosos*. Na margem direita eles eram a princípio estratificados em camadas inclinadas de 30 a 45 *graus, mais tarde, formavam camadas fortemente* revolvidas e contornadas, que as águas do rio submetiam a constante erosão. Também nesta última parte do trajecto, era impossível apreciar com justeza o ângulo de inclinação das rochas, cujo mergulho era sempre para nordeste.

As rochas dioríticas, de que já falei, haviam acarretado o solevamento de toda essa formação. Durante a última parte do dia 4 e a primeira metade do dia 5, avistávamos uma serra cuja direcção geral era de nor-noroeste para su-sudeste; mas, a partir de um cotovelo do rio, cuja direcção muda então de norte para nordeste, essas montanhas desapareceram atrás de nós. A cerca de meia légua abaixo do terceiro aldeamento dos Xambioás, descobrimos

no interior da mata, na margem direita, as casas onde se refugiam estes índios por ocasião das *grandes chuvas*.

A 6, graças ao soldado Simão, conseguimos nos safar sem acidente de um grande labirinto de corredeiras e de rochedos, que, durante uma meia légua, se interpunha no curso do rio. Essas rochas, algumas das quais tinham 8 a 10 metros de altura sobre a superfície da água, não deixavam entre si mais do que estreitos canais de pequena profundidade; pertenciam aos mesmos xistos talcosos encontrados nos dias anteriores.

Por toda parte esses xistos conservam a marca da acção contínua das águas do rio que abriu sua passagem no meio deles; em alguns lugares e'es aparecem escavados por baixo, formando profundas lapas ao nível da superfície. Medimos, ao meio-dia, a temperatura das camadas superficiais do rio, encontrando 28,3 graus centígrados. Após uma jornada de seis léguas e meia, acampamos numa bonita praia junto à entrada de uma lagoa, que os nossos pescadores exploraram inùtilmente. Observamos, perto do acampamento, na margem direita, uma espécie de pudim ou de cascalhos aglutinados, no qual o diorito, que havia desaparecido no correr do dia todo, podia bem estar sob a forma de seixos rolados.

A 7 fizemos um trajecto de seis léguas, para *irmos* acampar um pouco acima de uma série de corredeiras conhecidas pelo nome de Carreira Comprida, por causa de sua extensão, que parece ser de mais de uma légua. O rio, no trecho percorrido neste dia, estava atravancado de pedras, obrigando-nos a atravessar várias corredeiras, de queda aliás muito pequena. Os amontoados de pedras existentes aqui no leito e em ambas as margens do rio são de gnaisse, fortemente inclinado para nordeste e contendo massas de quartzo, piritas de ferro e traços de óxido vermelho do mesmo metal. Do lado da margem direita, tanto no ponto de partida, como no de chegada, viam-se au-

merosos morros. Fomos horrivelmente atormentados pelos mosquitos. Antes de anoitecer, os pilotos foram examinar as passagens da cachoeira, achando-as muito más.

A 8, apesar de nosso desejo de entrarmos logo nas corredeiras, para ver qual a nossa sorte, os pilotos só quiseram sair quando o sol estava bastante alto para lhes permitir distinguir com mais facilidade as pedras do fundo. Verificou-se a impossibilidade de passar a corredeira a remo, pelo que em cada embarcação ficaram apenas dois homens, armados de compridas varas, com as quais guiavam as canoas, impedindo que a correnteza as arrastasse por entre os rochedos com excessiva rapidez. Os outros homens da equipagem moderavam-lhes a velocidade, segurando-as de fora, por meio de uma corda, sendo assim obrigados a seguir os movimentos da embarcação, ora a nado, ora trepando sobre as pedras que víamos apontar acima da espuma fervente. Em certos pontos, o comprimento da corredeira era muito grande para que a corda bastasse à execução da manobra. Então, alguns homens iam pôr-se no meio da corredeira, esperando que a canoa passasse à sua frente rápida como uma flecha, a fim de, com incrível destreza, segurar-lhe a corda, até que os companheiros viessem alcançá-los. Dessem eles um passo em falso, ou se rompesse a corda, num ápice a embarcação se despedaçaria de encontro às pedras. Pondo mesmo de parte o interesse directo que tínhamos nessas manobras, era espectáculo curioso o dessas cinco embarcações a circularem no meio dos rochedos escuros, ou sobressaindo dentre as espumas; seu movimento era célere quando as arrastava a velocidade da corrente, mas outras vezes, quando eram puxadas por cima das pedras, aquele se tornava quase imperceptível. Nenhum louvor seria demasiado à coragem e actividade desenvolvidas pelos nossos brasileiros nessa rude tarefa. Por pouco um homem não morreu afogado; só a muito custo foi salvo pelos companheiros. O can-

saço extremo da equipagem não nos permitiu fazer nesse dia mais do que duas léguas, ao cabo das quais acampamos por entre as rochas.

Juntando à Carreira Comprida as últimas corredeiras *que passamos antes de chegar ao lugar do acampamento*, temos para esta série de obstáculos um percurso de cerca de duas léguas brasileiras.

A 9, *acabada a* passagem da corredeira, continuamos em águas mais calmas, para chegar, ao meio-dia, numa localidade muito curiosa, conhecida nas antigas relações pelo nome de *Os Martírios*. Reza a tradição que o ouro era muito abundante neste lugar, cujo nome, segundo dizem, provém do facto de nele se ter encontrado, gravado nas rochas, os emblemas do martírio de Cristo. Conta-se ainda que se encontram sobre as rochas desenhos de colunas, jacarés, serpentes, etc. O Capitão-mor António Rodrigues Vilares afirma ter visto ainda estes objectos por ocasião da viagem que ele fez ao Araguaia em 1746.

Cunha Matos (*Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará*), tão exacto em tudo quanto viram os seus próprios olhos, fala nestes factos apenas pelo que ouviu dizer; mas não põe em dúvida a existência daquelas inscrições, que atribui aos jesuítas. Entretanto não existe perfeito acordo com referência ao ponto em que ficam os referidos sinais, porquanto o ouvidor António José Cabral de Almeida, na viagem que fez em 1774 por ordem do General José de Almeida, diz ter encontrado o lugar, considerado por ele uma das maravilhas de Goiás, na região dos índios Araés, que se supõe habitarem as margens do rio Xingu. E' fácil calcular quanto estas contraditórias versões excitavam nossa curiosidade; reconhecendo o que de miraculoso devia existir nestas tradições, acreditamos que no lugar em questão existiriam rochedos com inscrições semelhantes às encontradas no rio Orenoco, no Essequibo, etc. Entretanto, nenhuma foi encontrada por nós. Ao sair de uma estreita

garganta em que o rio se torna muito profundo e correntoso, apertado entre dois paredões de pedra talhados a pique, altos de uns 4 metros e distantes um do outro cerca de 150, as águas se espraiam repentinamente numa linda baía. *Neste ponto, as rochas da margem direita assumem a configuração de um cais formado de blocos irregulares.* E' difícil dar ao leitor ideia exacta das formas caprichosas que a acção da água imprimiu aí às rochas estratificadas; ora julga-se ver as bases de enormes colunas, ora tem-se a impressão de que os blocos, profundamente chanfrados, fizeram parte de gigantescos capitéis. Depois da Carreira Comprida, num percurso de seis léguas, o rio vai sempre se estreitando, aprisionado entre cadeias de morros que correm em cada uma das margens. O gnaisse parece ser a formação geral. A mais ou menos uma légua do acampamento da véspera, o rio dá uma volta brusca, contornando a base de um pequeno monte. Há neste ponto um notável acidente geológico; as rochas acham-se aí *dispostas de maneira a apresentar o aspecto de vastas construções* em ruínas, das quais tivessem restado apenas as fundações e os grandes alicerces. Essas rochas, que parecem de gnaisse modificado, ou senão itacolumito, apresentam arestas vivas inclinadas 15 graus com relação ao horizonte e se deixam dividir naturalmente em cubos. As camadas, aí, mergulham para *este-sudeste*. Para *além* deste ponto, reapareceram os gnaisses que tínhamos visto na véspera e pela manhã, acompanhados de grandes veios de quartzo branco. Todavia em *Os Martírios* a rocha nos pareceu a mesma que encontramos no cotovelo do rio, com a diferença de achar-se parcialmente decomposta pela acção da atmosfera e deixar-se por isso dividir em folhas delgadas. Suas camadas, muito horizontais e claramente deslocadas, *eram em certos pontos atravessadas por poços naturais*, circulares e muito profundos. Achamos também no mesmo lugar a que há pouco me referi (*Os Martírios*),

veios de quartzo e detritos de cascalho ferruginoso, talvez aurífero. Depois de estudar detidamente este local deveras curioso, fizemos alto numa praia de areia, do lado oposto do rio. Neste lugar, em que a vegetação era muito frondosa, nossa atenção foi atraída por uma árvore de porte mediano; até os próprios índios se sentiram atraídos pela sua extraordinária beleza. Não se pode descrevê-la melhor do que comparando-a com uma camélia gigantesca; achava-se coberta de lindas flores cor-de-rosa pálido, em cada uma das quais se viam cinco feixes de estames, separados por número igual de glândulas amarelo desmaiado.

A 10, com incrível trabalho, passamos a Cachoeira Grande, a última, mas também a maior das corredeiras do Araguaia. Lá foi que se perderam, no precedente mês de Janeiro, os fugitivos de Salinas; ainda se viam alguns destroços provenientes deste naufrágio. Não sabíamos que mais admirar: se o ardor da nossa gente, o vigor de seus esforços, ou a solidez das nossas embarcações, que resistiam a contínuos e inacreditáveis choques. Ora se fazia necessário suspender as canoas e levá-las até o limiar de uma cascata, ora se era obrigado a sustê-las no pé de uma parede quase vertical, por cima do qual as vagas raivosas se precipitavam, com velocidade espantosa. Em tais circunstâncias, era preciso que no momento de alcançarem as embarcações o nível inferior, os homens nelas se precipitassem, a fim de, à custa de remadas vigorosas, fazê-las sair dos perigosos redemoinhos, que se formam na base dos rochedos. São cenas estas que nos comprazemos em relembrar, mas cujos perigos de maneira nenhuma temos a vontade de arrostar segunda vez.

O pessoal estava derreado de cansaço e não pôde acabar neste dia a passagem da cachoeira. Tivemos por isso de acampar por entre as pedras, atirando-nos na areia, para passar a noite. Embora contentes por havermos escapado à maior parte dos riscos decorrentes das corredeiras,

já nos preocupava vivamente o êstado de nossas provisões. Havia dias que se tinha tornado indispensável diminuir as rações, até que hoje foi distribuído à equipagem o último pedaço de carne com o último punhado de arroz. Farinha, tínhamos muito pouca e quatro dias eram ainda necessários para chegar ao forte de São João. Quando fiz minha ronda nocturna, encontrei todos dormindo; tão duro tinha sido o trabalho, que nem o receio das onças, nem o medo dos selvagens, puderam vencer-lhes a fadiga. Não tive coragem para acordar aquela pobre gente e tive de ficar eu próprio muitas horas acordado. A noite estava linda e as estrelas no céu puro pareciam-me luzir com um brilho extraordinário. Cercavam-nos por todos os lados sombrias matas, ao mesmo tempo que aos nossos pés, cobrindo-nos de neblina e de humidade, rolavam furiosas as águas do rio. O bramido da cachoeira era apenas cortado pelos gritos agudos dos rapineiros nocturnos. Entretanto, com intervalos variáveis, ouviam-se ao longe fortes detonações; eram rochedos que, minados pela base, acabavam de aluir nos precipícios do rio. E' assim que, através dos períodos geológicos, o aspecto físico de uma região se modifica inteiramente. No dia 10, fizemos quatro léguas. A uma légua e meia de *Os Martírios* entra-se na Cachoeira Grande, que, no que respeita à extensão (tem ela mais de duas léguas e meia), se parece muito com a Carreira Comprida, mas onde há uma queda de 70 centímetros, talvez a mais alta do rio Araguaia.

Em toda a Cachoeira Grande a rocha formadora é o mesmo gnaisse encontrado na Carreira Comprida; o mergulho do gnaisse é para o nordeste. A Cachoeira Grande originou-se evidentemente à custa da cadeia de montanhas que corre de oeste-noroeste para este-sudeste e cujas ramificações acompanham as duas margens do rio. Entretanto, no dia de hoje, aqueles morros se têm mostrado com muito menos frequência do que na véspera, dando a impres-

são de que depois de passar a crista da serra é que o rio, ao descer pela encosta, forma as suas cachoeiras.

A 11, com intensa alegria de todos, deixamos para trás as últimas corredeiras da Cachoeira Grande. Navegávamos agora em águas perfeitamente tranquilas e eu me esforçava quanto podia para que os nossos remeiros redobrassem de energia, a fim de chegarmos a São João, antes que a falta de alimento nos viesse enfraquecer. Nossa refeição hoje foi um grande lagarto e um jacarèzinho. Durante a noite, a canoa do Sr. Weddell, que estava em muito mau estado, foi ao fundo, sendo preciso muito trabalho para fazê-la novamente flutuar. No curso da jornada, que foi de dez léguas, o rio foi pouco a pouco aumentando de largura. Caiu também um pouco de chuva.

Em ambas as margens desapareceram completamente os morros; na saída das corredeiras a pedra canga tinha substituído o gnaisse; mais adiante apareceram os xistos argilosos, avermelhados pelo óxido de ferro e formando massas consideráveis, de estratificação horizontal.

No dia 12 choveu quase sem parar; fizemos onze léguas. A formação geológica era a mesma vista por nós no fim da jornada do dia anterior; apenas, de tempos a tempos, aparecia aquele cascalho pudinguiforme de que antes já falei. Passamos em frente a uma clareira aberta na mata; nesse ponto onde vinha terminar um caminho, havia uma porção de canoas de índios. Sabedores de que os Apinajés tinham os seus aldeamentos nesta parte do rio, pensamos ter chegado à zona em que habitam. Soubemos, por Simão, que esses índios eram muito pacíficos, pelo que foi possível poupar à extenuada equipagem o trabalho da guarda noturna.

A 13, não conseguimos mais do que uma tartaruga, que foi repartida equitativamente em pequenos pedaços. Tinha chovido sem cessar durante toda a noite e amanhecemos muito molhados. Fizemos cinco léguas. A forma-

ção era sempre o xisto argiloso, excepto na passagem de uma corredeira, que me pareceu formada de gnaisse. O Araguaia corria por uma planície, onde não se via o menor vestígio de morros.

No dia 11, tivemos ainda de passar uma corredeira formada de rochas gnássicas; mais adiante, porém, apareceu um grés vermelho, extremamente duro.

O rio, neste último dia, apresentava muitas ilhas e bancos de areia. Foi com profunda emoção de alegria que desembocamos no Tocantins, porquanto tínhamos acabado de fazer uma exploração considerada muito perigosa.

O Tocantins se reúne ao Araguaia por meio de três braços. Às 3 horas da tarde alcançamos a junção principal dos dois rios. O canal dos dois cursos reunidos não é mais largo do que o Araguaia sòzinho. Mandei, na frente, o furriel Magalhães, para que ele anunciasse a nossa chegada ao comandante do forte São João; mas, tendo-se perdido no emaranhado de rochedos que assinalam a junção, ele só veio a chegar no mesmo momento que nós. Antes de chegar ao forte foi preciso atravessar uma corredeira, pouco perigosa, mas enormemente extensa; era preciso abrir caminho através de uma sucessão ininterrupta de rochedos e de baixios.

O homem do Pará, como também as duas mulheres, como não tivessem vontade de visitar o forte, seguiram na canoa pelo primeiro braço do Tocantins, pedindo que não tocássemos nos seus nomes. Em pouco tempo chegamos à fortaleza, se é que podemos dar este nome a uma grande casa de paus e folhas de palmeiras, que fica situada num morro de 33 metros de altura e saliente sobre o rio em forma de promontório. Desfraldamos o pavilhão brasileiro na popa da canoa grande, desembarcando no limiar do fortim sob as mais ruidosas exclamações e descargas de mosquetaria, a que prontamente corresponderam os tiros das peças.

CAPITULO XIV

O FORTE SÃO JOÃO DAS DUAS BARRAS. — SUBIDA DO TOCANTINS.

Fomos recebidos no forte de São João por um jovem oficial que havia comandado a praça durante dois anos e que estava de volta para o Pará, visto ter chegado há poucos dias um novo comandante. A guarnição do forte é habitualmente composta de uns trinta homens; com uma dúzia de mulheres e crianças, ela está distribuída por três ou quatro casinhas, situadas à volta da casa grande. Encontramos na porta o novo comandante, velho hipocondríaco, baixo e grosso, de pele tisnada, cenho fechado e olhar agressivo. Tudo nele denunciava baixeza e avidez; veremos em breve como o seu carácter estava de acordo com esta *aparência física*. Passara toda a vida nos pequenos fortins do Amazonas e do rio Negro, impressionando-nos vivamente pela maneira com que tratava os soldados. Embora não passasse de lugar-tenente, exigia dos últimos, sob pena de chicote, o título de Excelência. Quando lhe apresentamos a *portaria* imperial e cartas do presidente de Goiás, teve para conosco movimentos de um respeito absurdo, indo buscar as chaves do forte, para nô-las entregar *numa bandeja de prata*. *Muito mais prazer* do que essas exageradas honrarias deram-nos algumas boas xícaras de chá, sequilhos e biscoitos, que àvidamente comemos. Trouxeram-nos depois um ensopado de tartaruga,

que teve a mesma sorte, visto como havia bastante tempo que não comíamos à *vontade*. Também ao nosso pessoal, que tanto necessitava de um repasto substancial, foi dada uma enorme tartaruga. Êste réptil, de par com excelentes laranjas, constitui a alimentação costumeira dos moradores. Confessou-nos o comandante que não foi sem grande receio que viu aproximar-se a nossa flotilha. Julgou-se na iminência de ser atacado pelos selvagens do rio Araguaia, motivo pelo qual não teve menor surpresa que contentamento quando viu a bandeira brasileira ser içada por embarcações vindas por caminho tão pouco conhecido.

À noite, o velho comandante me trouxe uma magnífica rede enfeitada de penas brilhantes, instando para que eu a aceitasse. Falou-nos durante muito tempo a respeito das pessoas do Pará por nós encontradas no Araguaia, dizendo que as mulheres eram escravas fugidas, por cuja captura lhe haviam prometido uma recompensa, que ele não queria perder. Com lágrimas nos olhos, implorou-me para que o ajudasse a conquistar o referido prêmio. Escusa dizer que muito pouco me sensibilizaram as suas súplicas. Infelizmente, porém, entre nossa gente houve alguém que não soube guardar a mesma discreção, fazendo com que naquela mesma tarde tivéssemos o dissabor de ver partirem várias embarcações bem armadas, na perseguição daqueles escravos. Dormimos fazendo votos em favor dessas pobres mulheres, que tanto já tinham sofrido.

No dia 15, ao nascer do sol, pelas gargalhadas do comandante, ficamos cientes de que os fugitivos tinham sido presos. Com efeito, daí a pouco vimos chegarem as infelizes, às quais, como às crianças, tinham sido arrancados os trapos que lhes déramos para se cobrirem. O velho locotenente entrou pelo meu quarto, com insolência igual à covardia que mostrara na véspera. Tinha acabado de verificar, folheando pela terceira vez os nossos papéis, que

estes se destinavam exclusivamente à província de Goiás, motivo pelo qual, estando nós na do Pará, ele se julgava no direito de nos tratar com a sua habitual grosseria. Começou por atirar-se na rede, declarando-me depois que não se considerava autorizado a nos deixar continuar a viagem até o Pará, para onde, dizia, sabia que eu desejava ir. Calmamente, fi-lo lembrar-se de que já na véspera eu lhe tinha dito que a minha intenção era subir o Tocantins e voltar *novamente* a Goiás. Acrescentei todavia que se estivesse decidido a tomar outra direcção, eu certamente não lhe iria pedir permissão, coisa de que era fácil convencer-se comparando as suas forças com as que eu tinha à minha disposição. Pareceu espantar-se com esse aviso, tornando-se menos *impertinente*, embora me perguntasse várias vezes quando pensava deixar o forte. Respondi que pelo meu gosto já estaria muito longe, mas que a necessidade de lhe determinar a posição astronómica ainda me prenderia mais algum tempo. Essa notícia não me pareceu ser nada agradável para ele.

As grosserias desse velhote eram em parte compensadas pelos *modos do jovem oficial* que nos tinha recebido a princípio. Graças a ele, pudemos obter os víveres necessários à alimentação da equipagem, que o velho não queria reconhecer, por ser formada de soldados brasileiros. Apercebíamo-nos a cada momento das crescentes dificuldades que teríamos para conseguir as provisões de que tanto necessitávamos. A guarnição do forte leva toda a vida a passar fome, porque, falhando a pesca da tartaruga, vê-se obrigada a passar a laranjas, frutos que ainda só existem numa parte do ano. O comandante, antes de sair do Pará, tinha vendido as provisões fornecidas para o consumo da guarnição durante o semestre; assim, os soldados se viram condenados a viver da pesca e dos poucos répteis que pudessem caçar. Tão longe tinha ido a tirania do locotenente, que o vimos forçar um soldado a lhe pagar quantia

correspondente a 6 francos para ter direito a um pequeno jacaré que ele próprio acabava de pegar. Por essa forma conseguia aquele homem apoderar-se de todo o soldo da guarnição. Pela menor falta, às vezes por simples capricho, os soldados eram bàrbaramente castigados. De repente, vieram contar-me que o brutal governador ia mandar bater em nossas pobres companheiras do rio Araguaia. Acudi ao lugar imediatamente, encontrando as pobres mulheres ajoelhadas e em prantos diante dele, enquanto os soldados aguardavam a ordem com os chicotes em mãos. Dirigi-me desassombradamente ao comandante, fazendo-o ver que, embora casualmente, era à minha expedição que ele devia a captura dessa gente com que pretendia fazer tão vantajosa especulação, e que se ele a torturasse eu daria parte às autoridades superiores de seu infame procedimento para comigo. Minhas palavras o intimidaram, fazendo com que, com grande pesar, renunciasse ao espectáculo que contava gozar.

Tendo sabido que esse homem tinha uma grande provisão de farinha, guardada para seu uso particular, esforcei-me para que me vendesse uma certa porção, visto como lhe seria fácil substituí-la recorrendo às canoas que percorrem frequentemente o Tocantins. Foi porém em vão; todas as ofertas que lhe fiz foram obstinadamente rejeitadas. Extremas eram as minhas aperturas; mas, por felicidade, o antigo comandante concordou em me ceder algumas tartarugas, das de que tinha feito ampla provisão, para a viagem. Adquiri também, por alto preço, a única cabeça de gado existente em São João. Nosso pessoal estava de tal modo cansado que, apesar da falta de alimento, nenhum interesse tinha em pescar. Como sempre, ele me prestava bem menos serviço no lugar habitado do que na solidão do deserto. Muito se falava aqui de um fruto a que chamavam *castanhas* e que nos parecia poder prestar grande serviço à nossa alimentação; mas o comandante,

resolvido a nos reduzir pela fome, tinha proibido a sua gente, sob penas severas, de nos mostrar o lugar da mata onde ficavam as árvores que as produziam.

No dia 19 de Agosto, sob o pretexto de caçar, fiz o Sr. Deville seguir com seis homens, dando-lhe instruções para que fizesse todo esforço a fim de conseguir arrancar ao guia o famoso segredo. Efectivamente, no dia seguinte, voltava ele com a canoa cheia de frutos, encontrados por *acaso*. Esses frutos, chamados em francês "noix du Brésil" (*Bertholletia*), *são do tamanho de uma cabeça de* criança recém-nascida, e contém dentro de um estojo de consistência óssea cerca de vinte sementes alongadas e angulosas, cuja amêndoa, protegida ela própria por um invólucro duro e quebradiço, é oleaginosa, eminentemente comestível e de sabor muito agradável. A planta que as produz é uma árvore gigantesca, útil não sòmente pela grande abundância da produção, mas ainda por sua casca, de onde se tira uma estopa de excelente qualidade. E' encontrada do baixo Tocantins ao rio Orenoco, estendendo-se para o oeste até o rio Madeira.

Em nossas observações astronômicas éramos fortemente contrariados pelo tempo constantemente coberto; passavam-se dias inteiros sem que pudéssemos ver o sol. Estivemos também ocupados na embalagem das colecções feitas no Araguaia, que o jovem oficial se tinha prontificado a levar para o cônsul de França no Pará. Infelizmente, porém, a canoa em que iam virou no rio Tocantins, acarretando a perda de sessenta e sete espécies de aves, muitas peles de mamíferos e de répteis, plantas, etc., além de uma linda colecção de armas e utensílios dos selvagens da região.

O Sr. Weddell achou os arredores do forte São João muito pobres do ponto de vista botânico. Não obstante, obteve aí muitas espécies, que não tinha até então colec-

cionado, da família Podostemáceas, objecto de sua particular predilecção. Elas cobriam com suas flores cor-de-rosa as pedras das cachoeiras. A temperatura média de São João das Duas Barras é de 25 graus; a altitude, de 60 metros. Como a distância, em linha recta, do forte do Pará, é de aproximadamente 30 miriâmetros, segue-se que o declive do rio Tocantins é de cerca de 2 metros por miriâmetro. A largura do Tocantins no Forte São João, medida trigonomètricamente, é de 1.780 metros. Achou-se para a velocidade da correnteza no referido ponto 200 metros em 10 minutos e quatro segundos, ou sejam 19 metros e 86 centímetros por minuto. O estabelecimento foi construído sobre uma rocha de xistos argilo-talcosos cinzentos; estes xistos atravancam todo o rio, com um mergulho de 22 graus norte ao nível do forte.

A 20 passaram pelo forte duas grandes embarcações que tinham subido o rio desde Belém, gastando nada menos de três meses em percorrer esse curto trajecto, o que poderá dar idéia dos obstáculos que o rio oferece à navegação. A este gênero de embarcação dá-se no país o nome de botes. Têm elas a aparência de choças flutuantes e deslocam cerca de vinte toneladas; fazem sempre a viagem de Belém a Porto Imperial e sua tripulação é constituída geralmente de vinte a trinta homens. Descem carregadas de couros de boi, que em Goiás valem aproximadamente 2 francos e 50 cêntimos e alcançam 8 francos no Pará. Este trajecto é feito em vinte e cinco ou trinta dias, ao passo que a subida do rio demanda quatro ou cinco meses. A carga consta então de diversos artigos, tais como tecidos, vinhos, licores, louça, chapéus, cabaças pintadas que geralmente se usam como copos, cachimbos, etc., etc. O capitão de um desses botes nos prestou enorme serviço dando-nos três sacos de farinha de mandioca, que lhe deveríamos restituir em Boa Vista, no rio Tocantins. Sabíamos que não era possível alcançar este último porto em menos

de dezoito dias, pelo que foi com estes recursos, muito mingoados em comparação com o nosso número de pessoas, que nos vimos forçados a fazer essa longa e penosa viagem. Finalmente, concluídos os nossos trabalhos, deixamos a 20 o inóspito posto de São João. Só alguns anos mais tarde, ao descer o Amazonas, é que viemos a saber do fim trágico do velho *comandante, aliás bem merecido. Exasperados* por uma crueldade que chegava até à loucura, um belo dia os soldados se revoltaram, apoderando-se dele e de um sargento que era um instrumento cego em suas mãos; amarraram-nos a uma árvore, instituiram o seu processo com toda calma, ouviram-lhes a defesa e lavraram-lhes por fim a sentença que lhes fora reservada: condenados à morte *por grande maioria*, foram fuzilados.

Em São João tínhamo-nos munido de compridas varas chamadas *varejões*, muito necessárias para a passagem das corredeiras. A satisfacção que todos os nossos homens experimentaram por deixar o forte fez com que progredisse ràpidamente a nossa subida do rio Tocantins. Como saímos ao meio-dia e a marcha fosse retardada pela necessidade de subir uma corredeira que já tínhamos atravessado, não pudemos fazer no primeiro dia mais do que duas léguas, acampando a seguir ao ar livre, junto à margem do rio. Ao longo de um quarto de légua abaixo de São João, o Tocantins é impedido pelos rochedos de xisto argiloso de que já falámos. A boca do terceiro braço do Tocantins fica mais ou menos uma légua acima do forte São João; este braço tem cerca de 250 metros de largura e é perfeitamente navegável.

O dia 21 foi gasto inteiramente na rude tarefa de subir o rio, vencendo grande correnteza. Fizemos umas seis léguas sem que nada nos acontecesse digno de nota, a não ser que um dos barqueiros, tendo visto da proa da embarcação uma grande tartaruga no fundo da água, mergulhou imediatamente em sua perseguição, conseguindo agar-

rá-la e trazê-la para a superfície, onde foi prontamente embarcada pelos companheiros. Alegrou-se tôda a equipagem com êsse inesperado acréscimo às nossas provisões, diminuindo os receios que tínhamos com respeito às provisões. A temperatura da água do Tocantins, no dia 21 pela manhã, era de 27°,8. Os únicos obstáculos encontrados no leito do rio eram os bancos de areia; haviam desaparecido as pedras, mas, nas margens, pudemos verificar a existência de camadas argilosas, em baixo da areia.

No dia 22 fizemos cinco léguas e meia, alcançando as grandes embarcações do Pará, que tinham passado por nós em São João. O rio, cuja largura se reduzira a cerca de 400 metros, corre aproximadamente para leste; durante o dia todo a correnteza era muito forte, observando-se, como na véspera, abaixo da areia, as camadas argilosas que lhe formam o leito. Como nos dias anteriores, instalamos o nosso acampamento na margem esquerda do rio, por sabermos que, até Boa Vista, havia perigo em ficar no lado oposto, por causa dos índios bravos que aí residem e são conhecidos pelo nome de *Caviões*, palavra portuguesa que significa aves de rapina. Mais de um pescador infeliz encontrou a morte sob suas flechadas, por ter querido apanhar algum peixe daquele lado. A margem esquerda, pelo contrário, é habitada pela tribo pacífica dos Apinajés. Mais acima, e sempre na margem direita, acham-se os Caracatis, tribo perigosa e, finalmente, em ambas as margens do alto Tocantins, moram os ferozes Xavantes. Facto singular na vida destes selvagens é que, vivendo sempre junto à margem dos rios, não houvessem inventado nenhum meio de navegar em suas águas.

A 23, na hora de partir, notamos que o Menino do doutor não estava presente, sabendo então que ele havia desertado, em consequência de uma contrariedade experimentada no dia anterior. Após algumas buscas descobrimo-lo finalmente de pé na margem do rio pronto para to-

mar passagem nas embarcações que pela manhã tínhamos encontrado. *Esforçamo-nos sem resultado para reconduzi-lo* à nossa companhia, fazendo-lhe ver que a margem aí estava em parte escondida por uma grande ilha que obstruía parcialmente o rio, e que, se lhe escapasse este ensejo único de sair daquela solidão ele corria o risco de ficar muitos *meses sem ter o que comer.* *Entretanto,* surdo a todas as nossas exortações, ele fugia cada vez que se lhe procurava chegar perto. Como o tempo nos era demais precioso para que o desperdiçássemos, resolvemos seguir, finalizando aí para nós a história do Menino. No leito do rio voltaram a aparecer alguns rochedos; eram talhados de várias maneiras pelas águas, mas sua estratificação era perfeitamente horizontal. Em alguns lugares *mostravam-se cortadas* a pique, lembrando muito as que encontramos n'Os Martírios, sobre o Araguaia. Pertenciam todos a uma formação arenácea. Fizemos sete léguas, mas bastante apreensivos com a perspectiva da fome, cada vez mais ameaçadora. Com o *esforço para subir o rio,* nossos *homens se iam enfraquecendo* de modo notável. Tinham perdido toda alegria; entretanto, embora quase mudos e trocando apenas algumas palavras referentes à falta de víveres, trabalhavam com afinco. Nós não éramos melhor aquinhoados do que eles, mas, pelo menos, os nossos trabalhos não exigiam o dispêndio de forças físicas. Todos havíamos emagrecido enormemente e nos sentíamos muito abatidos. Muitas vezes, em sonho, entrevíamos uma mesa servida lautamente, mas não tardava muito que o vácuo de nossos estômagos nos chamasse à realidade. A pescaria feita a 23 não deu mais do que uns poucos peixes, muito interessantes para o naturalista, mas pelos quais o nosso pessoal sentia grande repugnância. Quero referir-me às raias de água doce, de que há nesses rios várias espécies. Elas são armadas de esporões cujos ferimentos são muito temidos pelos pescadores.

No dia 24 fizemos seis léguas. O rio mantinha quase a mesma largura e apresentava fraca correnteza. Durante todo o dia observamos os mesmos grês que nos dias anteriores; mas, no fim do trajecto, apareceram argilas de coloração cinzenta, muitas vezes corroídas ou recortadas pelas águas. Uma vez ou outra, viam-se sobre estas argilas placas de cascalho aglutinadas. Sofremos muita fome o dia todo; os caçadores só conseguiram matar um mutum, que foi repartido por toda a equipagem aos pedacinhos, depois de retirada a pele, que de direito pertencia às nossas colecções.

A 25 partimos cedinho e fizemos cinco léguas. A formação era a mesma do dia anterior; a mais observamos apenas um conglomerado argilo-ferruginoso muito compacto e disposto em camadas. O rio, inteiramente livre de obstáculos, tinha uma largura aproximada de 400 metros. Nesse dia matou-se sòmente um gavião, bastante interessante para a ornitologia, mas bem pouco para a nossa cozinha. À vista disso, nosso pessoal percorreu a mata em volta, à procura de alguma coisa boa para comer. Voltaram à noite com os pedaços de um cipó que julgavam alimentício; entretanto, depois de assados, tinham gosto tão ácido que ninguém pôde comê-los, apesar da fome. Para disfarçarmos um pouco esta situação, pusemo-nos a procurar insectos na beira do rio, encontrando grande quantidade de uma espécie de *Megacephala* verde, ao passo que no Araguaia todas as espécies deste gênero por nós encontradas pertenciam à divisão da *M. taciturna*. Na porção baixa do último rio tínhamos achado uma de enormes dimensões (*M. grossa*). Por causa deste insecto corri certa noite um grande risco; tendo-me cansado muito em procurá-lo, deitei-me na praia e estava dormindo, quando fui despertado por fortes gritos. Abrindo os olhos, vejo um homem a apontar para mim o cano da espingarda. Reconhecendo logo um dos nossos camaradas, interpelei-o so-

bre o motivo de tão singular manobra. O desgraçado deixou cair o fuzil, dizendo-me muito emocionado que ao perceber o corpo deitado na praia, pensou a princípio que se tratasse de um jacaré, mas que, observando melhor, acreditou tratar-se de um índio espião. Estava porém já para abaixar o fuzil no momento justo em que lhe dirigi a palavra. Contentei-me em elogiar a vigilância de que tinha acabado de dar prova.

No dia 26 fizemos quatro léguas. A formação era, em geral, a mesma encontrada no dia precedente; sempre os grês e os conglomerados ferruginosos, de aspecto muito variado. Uma espécie dos últimos se apresentava em placas e tinha granulação grossa; uma outra, de grãos menores, achava-se em contacto com um grês muito friável, cheio de perfurações em que faziam ninho as andorinhas, finalmente, na Cachoeira da Serra Quebrada, que este dia passamos, as pedras eram constituidas de uma variedade muito dura dos conglomerados ferruginosos de que falei. A cachoeira, ou melhor, a série de corredeiras que atravessamos, é formada pelo prolongamento da Serra Quebrada, o qual se estende pelas duas margens do rio e parece correr de oeste-noroeste para este-sudeste.

Desde cedo o Sr. Weddell tinha tomado a dianteira, para chegar a uma habitação que sabíamos ficar perto destas corredeiras. De facto, assim que aí chegamos verificamos com alegria que ele já havia comprado um saco de farinha e boa quantidade de canas-de-açúcar, artigos que nos apressamos em carregar para as embarcações. Ao passar pelo salto quebrou-se o leme de minha canoa, fazendo atrasar a nossa viagem. As rochas mostravam-se forradas de bonitas espécies de Podostemáceas, completamente diferentes das do rio Araguaia. As canas que acabávamos de obter eram óptimas e muito ricas em açúcar; mas todos os nós eram muito salgados, principalmente os de perto da

ponta. Esse sal, muito abundante nos nós dos caules tenros, desaparece quase de todo nos mais antigos.

No dia 27 progredimos apenas uma meia légua, por causa da cachoeira de Santo António. Consiste ela numa série de corredeiras entre rochas silicosas e muito duras, mal cobertas pela água. As embarcações têm de ser arrastadas por cima destes rochedos que obstruem a passagem. Estas corredeiras parece serem formadas pela Serra dos Gaviões, que atravessa o rio e corre de oeste-noroeste para este-sudeste, mas cujas ramificações são muito pequenas na margem direita. Ao chegar à última corredeira deparamos com o caminho aberto na mata da margem direita, com o fim de transportar por terra o carregamento das grandes embarcações, que não poderiam de outro modo transpor este trecho, o mais encachoeirado de todos. Passam por aí anualmente cerca de 2.000 alqueires de sal e 20 a 30.000 couros de boi. Nesse lugar encontramos a cabana de um morador, que morava com a família neste ermo. Era um homem extraordinàriamente inteligente e tinha feito extensas viagens pelo interior, em busca de ipecacuanha. Uma dúzia de índios Apinajés, donos das terras em que ele tinha fixado residência, passara a viver nas proximidades da choupana. Estes selvagens, homens e mulheres, andavam completamente nus e chamavam a atenção pelo tamanho enorme dos lobos das orelhas, em que tinham introduzido grossas rodelas de pau. Todos os homens possuíam espingardas e delas se serviam com muita habilidade.

Fomos recebidos muito hospitaleiramente pelo sitiante, vendo como nos achávamos desprovidos de mantimentos apressou-se em arrancar raízes de mandioca para distribuir ao nosso pessoal, preparando-nos ainda uma óptima galinha, cozida em arroz. Fê-lo rir a voracidade com que demos conta desse prato, dando ordem para que nos fossem servidos mais dois ou três, que tiveram a mesma sorte.

Causou-nos grande constrangimento saber que os homens da nossa turma, em paga de tão bom tratamento, haviam devastado as suas plantações. Entretanto, recusara qualquer indemnização, dizendo-me que o pessoal das emborcações que passavam por ali, há muito o tinham acostumado a esses desastres. Na margem oposta do rio *Tocantins* era frequente verem-se os índios Gaviões; contou-nos o nosso hospedeiro que pelas noites de luar claro ouviam-se as músicas desses selvagens, que dançavam na praia. Caçoava muitas vezes do medo que sua mulher e as crianças tinham dessa perigosa vizinhança, julgando-se, ao *contrário*, em perfeita segurança. Contou-nos todavia que os Gaviões, expulsos pelos Xavantes, tinham querido pouco tempo antes conseguir dos Apinajés permissão para se fixarem na outra margem do rio. "Se tal acontecer, dizia com frieza, seremos infalìvelmente massacrados; mas parece-me muito pouco provável que eles consigam entender-se". E' em suposições desta natureza que os habitantes das fronteiras fazem repousar a tranquilidade que parecem desfrutar. Não raro o tacape dos selvagens os vêm despertar destas ilusões. Lastimamos profundamente não ter podido observar nenhum índio desta nação inimiga; são, disseram-nos, quase pretos e de pequena estatura. Enquanto estivemos em casa deste excelente homem, quebraram-se de novo as peças de ferro do leme de meu barco, tornando-se necessário passar a noite no lugar, para forjar outras novas. Deram-nos à noite alguns ovos de tartaruga. Encontram-se aqui três espécies desses répteis; duas são êmides, ou tartarugas aquáticas, conhecidas pelos nomes de *tartaruga* e *tracajá*. A terceira é terrestre e chama-se *jabuti*. A tartaruga alcança grande tamanho, ao passo que o jabuti vive na mata e é caçado com o auxílio de cães. As duas primeiras são pescadas com anzóis iscados com a medula da palmeira tucuru.

No dia 28 embarcamos, levando conosco o nosso hospedeiro, que se destinava à missão de Boa Vista. Nas mar-

gens do rio crescia enorme quantidade de palmeiras, tais como o buriti, a *anajá*, o tucuru, o acari, o bacará, a macaúba etc. Não tardou que avistássemos, vindo em nossa direcção, um grande barco cheio de provisões. Nosso amigo Felix, este era o nome do morador, conseguiu fazer com que o patrão nos vendesse algumas arrobas de carne seca. Alegrei-me com este encontro, instigando nossa equipagem a trabalhar activamente, e prometendo-lhe um bom almoço, com o fito de chegarmos depressa à margem onde devíamos acampar. Entretanto, percebi que havia pouca pressa em embarcar e, pelos cochichos dos homens, que algo estranho se estava passando. Com efeito, ao cabo de alguns instantes, veio ter comigo um grupo de pessoas, dizendo-me com insolência que todos estavam com fome e tinham decidido não embarcar antes de comer. Respondi-lhe que os pontos de descanso estavam marcados com antecedência e, que nada obteriam antes do pouso da tarde, principalmente em vista dos termos da reclamação. Ameaçaram-me então de desertar, ao que repliquei fazendo-os saber que estava nas suas mãos ficar na praia deserta, se tal lhes conviesse. Aí, cerca de vinte deles retiraram seus sacos das canoas, sentando-se na praia. Fi-los desarmar; dei em seguida ordem aos soldados que se mantinham fiéis para embarcar e conduzir as embarcações ao largo; a seguir anunciei bem claro a minha intenção de alcançar a outra margem do rio e de aí deixar as embarcações caso não pudesse levá-las por falta de gente, continuando a pé a minha viagem até a missão. Percebi logo a grande atrapalhação em que ficaram os recalcitrantes. Tinham-se julgado indispensáveis e nunca supuseram que me seria possível passar sem eles. Por outro lado, não lhes sorria absolutamente a ideia de serem deixados no meio da mata virgem. Eles sabiam que o único lugar habitado a que poderiam chegar era aquele em que tínhamos estado ùltimamente, mas que à falta de caminho só lhes seria prová-

velmente dado alcançar dentro de dois dias. Além disso, como haviam tido o cuidado de depredar as plantações antes de partir, lá não mais poderiam achar víveres para tanta gente.

Enquanto nos afastávamos da margem do rio, os principais cabeças da rebelião puseram-se a confabular, resolvendo entrar em entendimento comigo. Não lhes dei porém ouvidos e só depois de muito implorarem é que permiti viesse um deles ao nosso encontro, a nado.

A formação é invariàvelmente o grês e a rocha de conglomerado ferruginoso, vizinha da canga, referida páginas atrás. Na segunda metade das 5 léguas que este dia fizemos, observamos sempre, nas barrancas do rio, argilas vermelhas e cinzentas. O rio permitia passagem livre em todos os lugares, mas a correnteza era bastante grande. A noitinha acampamos na ilhota da Botica, nome que dizem provir da grande quantidade de plantas medicinais encontradas nos campos dos seus arredores. Por singular circunstância, esta ilha aparece na história, por isso que em 1823 foi nela que se abrigaram os soldados fiéis à coroa portuguesa, depois de atravessarem os desertos do Maranhão. Algum tempo depois, foram atacados e levados dali pelos moradores de Pastos Bons, os quais haviam abraçado a causa da independência brasileira.

Vimos na margem da ilha o rasto de uma gigantesca jibóia.

No dia 29, graças a uma abundante distribuição de mantimentos na véspera, a viagem correu mais calma do que de costume e sem as lamúrias do pessoal, que chegou a trabalhar com entusiasmo. Uma tirada de seis léguas fez-nos ir além do Saco Curira, nome de um trecho do rio, em que, pelo espaço de uns três quartos de légua, as águas são pouco profundas e o leito semeado de pedras. Passamos também uma parte da Cachoeira Três Barras. Nesses

dois pontos aparecia uma rocha diorítica com núcleos de quartzo, ao passo que, no começo da jornada, tínhamos observado apenas cascalhos aglomerados, superpostos ao grês ferruginoso. À tarde passamos por várias habitações e fomos acampar numa estreita praia, que a muito custo nos cabia a todos.

A 30, bem cedo, mandei levar numa canoa grande os passaportes do Imperador, do presidente da Província e do bispo, a fim de que tivéssemos boa recepção em Boa Vista, onde contávamos chegar pelo meio-dia. Metemo-nos depois pelas corredeiras, onde uma das embarcações se chocou violentamente com uma pedra, quase soçobrando. O leito do rio, cuja largura continuava a ser de uns 400 metros, era atravancado por rochas de diorito ou, pelo menos, da natureza destas. Não custou que descobríssemos, ao longe, sobre um pequeno morro e no meio de um palmeiral, a sede da missão. Algumas canoas grandes vieram logo ao nosso encontro remando à toda força e alcançando-nos em poucos momentos. Vinha nelas o próprio missionário em pessoa, e quase todas as pessoas graduadas do lugar. O padre era italiano e vestia o hábito dos capuchinhos; ele nos abraçou efusivamente, enchendo a nossa canoa de garrafas de vinho e de excelente carne assada. Diante de todas estas coisas boas, não queríamos acreditar no que víamos, tratando de com elas nos banquetearmos, antes de responder às perguntas a nós dirigidas pelo missionário. Este excelente homem parece ter-se condoído do estado em que nos encontrávamos. Passando depois para as canoas dos companheiros de viagem, tratou a todos com a mesma generosidade. Ao chegar à canoa do doutor, deu-se um incidente que no momento nos causou alguma apreensão, mas que, por felicidade, não passara de cômico. Ao erguer-se o frade para dar um abraço fraternal em nosso companheiro, as duas embarcações se afastaram uma da outra, fa-

zendo com que o monge e o médico mergulhassem na água. Mas o Sr. Weddell sabia nadar muito bem, não lhe sendo difícil içar para fora o missionário, tão mal pago pela hospitalidade a nós dispensada.

Assim que abicamos na praia foram dados muitos tiros de carabina, aos quais respondemos com três salvas completas. Levou-nos depois o bom padre para sua casa, tão modesta quanto as outras do grande vilarejo que fundara, ele próprio, em pleno deserto, anos antes, e não possuía mais do que umas seis ou sete choças, cujos primitivos moradores se tinham exterminado mutuamente. Fez-nos depois daí percorrer as ruas, as praças e a igreja por ele construída. Viera para este lugar não antes de 1841; mas, pouco tempo após a chegada, sua fama espalhou-se de tal modo pelas solidões do norte de Goiás que três anos foram bastantes para a população da aldeia ascender a 1.500 almas e o número das casas chegar a 200 ou 300. Os recém-vindos procediam principalmente dos aldeamentos do rio Tocantins; mas grande número deles havia atravessado os sertões do Maranhão, para vir morar sob sua direcção. Eram de profunda veneração os sentimentos que inspirava Frei Francisco à sua gente; durante os seus passeios, muitos vinham ajoelhar-se aos seus pés, beijando-lhe a túnica e pedindo a sua bênção. Em meio à corrupção que campeia em todo o interior do Brasil, distinguem-se os moradores de Boa Vista pela sua grande pureza de costumes Poucos dias antes de nossa passagem, certa mulher que se obstinava em levar uma vida pouco regular fora expulsa da comunidade, tendo sua casa queimada pelas mãos do próprio missionário. Não é possível deixar de admirar que semelhante ordem tenha sido conseguida por um frade ignorante. Infelizmente, porém, ele às vezes usava do poder absoluto que tinha nas mãos para tomar certas medidas, filhas de um exagerado zelo. Assim, todos os habi-

tantes eram obrigados a comparecer três vezes por dia ao serviço divino, o que lhes roubava tempo demasiado, com grande prejuízo para o que aos primeiros habitantes de um lugar cumpre fazer, a bem de seu desenvolvimento. As mulheres eram forçadas a usar uma roupa uniforme, constituída de uma grande camisola branca, que lhes cobria completamente o corpo, deixando descoberto sòmente os olhos e o nariz. O chefe absoluto desta cidadezinha tinha a simplicidade de uma criança, o que não o impedia de ser alegre como o mandava o seu temperamento. Ele nada tinha de seu e vivia à custa de esmolas. As casas de Vila Pacífica, nome que dera à sua missão, eram todas de palha; até a própria igreja. Contudo, estava-se construindo um forte alicerce de pedra para um novo templo, de grandes dimensões. Enquanto estivemos na missão, Frei Francisco nos arranjou bastantes provisões de boca, ajudando-nos também a adquirir dos moradores os víveres de que tínhamos necessidade para prosseguir a viagem. O que há de mais interessante para ver nos arredores de Boa Vista são as aldeias dos índios Apinajés, as quais ficam localizadas na vasta península existente entre os rios Araguaia e Tocantins. Ficou logo combinado irmos no dia seguinte visitá-las, em companhia do missionário. Assim, na madrugada do dia 31, trouxeram-nos vários cavalos, para essa viagem. Ao cabo de uma meia hora veio o monge juntar-se ao nosso séquito, acompanhado de uma dúzia de cavaleiros. Esta temível escolta apresentava o mais pitoresco dos aspectos. Como sempre, o frade trazia a sua preta batina amarrada na cinta com uma corda; à cabeça tinha apenas uma pequena carapuça e os pés iam descalços. Ele não aparentava mais do que quarenta anos, dando-lhe a barba negra algo de imponente à sua estampa. Não tirava das mãos um trabuco, trazido da Itália, e capaz, só por si, de fazer fugir uma multidão. Excelente cavaleiro, conduzia o seu fogoso animal por entre os espinhos, tron-

cos derrubados e buracos que obstruíam o caminho. As pessoas que o acompanhavam estavam quase todas vestidas de couro, ao passo que as selas e os arreios dos cavalos, curiosamente trabalhados, eram enfeitados com placas de prata ou cobertos de conchas. Os estribos eram não raras vezes do mesmo metal há pouco citado. Levava-nos o caminho através de florestas magníficas, compostas em boa parte de palmeiras, fazendo-nos chegar ao cabo de uma marcha de hora e meia à aldeia, que se localiza no campo, cerca de duas léguas e meia a oeste. Esta aldeia está longe de ser interessante como a dos Carajás, porque os índios que nela habitam já adquiriram aquele começo de civilização que corrompe os povos selvagens, sem lhes poder ainda dar em troca a reforma de seus bárbaros costumes. É coisa que só o cristianismo pode conseguir.

As casas tinham todas a mesma forma e eram cobertas com folhas de palmeira, à moda das dos brasileiros. Apenas, estavam dispostas em círculo, de maneira a circunscrever uma grande área central. Estas choças são bastante espaçosas, oferecendo internamente aspecto particular. Cada uma delas é habitada por diversas famílias, muito embora não existam quaisquer paredes divisórias. Dormem estes índios em camas de pau bastante altas e seus utensílios se compõem principalmente de cuias e cabaças, além dos enfeites e armas, que cobrem literalmente as paredes.

Embora já possuam espingardas e alguns objectos outros obtidos através de suas relações com os civilizados, vivem estes selvagens completamente nus e nem mesmo possuem o cordão dos índios do Araguaia. Já vimos como se arranjam para dar às orelhas o enorme tamanho de que tanto se orgulham. Desde a mais tenra idade, fende-se o lobo da orelha da criança, introduzindo-se no buraco um pequeno pau, que é substituído sucessivamente por outros de tamanho crescente, até que se torne possível colocar em lugar deles rodelas de duas a três polegadas de diâmetro.

Estes índios são muito trabalhadores e são eles que, com suas vastas plantações, alimentam não só o povo de Boa Vista, como ainda o pessoal das embarcações que navegam pelo Tocantins, até o posto de São João. Gabam-se ainda de ser excelentes remadores, muitos deles tendo feito a viagem pelo rio até Belém do Pará. Por esta longa viagem, que dura de seis a oito meses, recebem a título de pagamento uma espingarda ordinária, de 5 ou 6 francos. Explica-se deste modo a quantidade de armas de fogo que se vêem em suas casas, não obstante o facto de usarem sempre, de preferência, nas caçadas, arcos e flechas. Vimos ainda entre eles machados de pedra dura, presos em cabos muito curtos. Como cada habitação contém em média umas quarenta pessoas e a aldeia possui vinte e uma casas, deve-se calcular a população desta última em 850 habitantes. Encontramos o aldeamento quase deserto, havendo fugido os seus moradores. Não obstante, fomos recebidos pelo chefe, que nos apresentou à sua mulher, vestindo ele camisa e calças brancas e trazendo esta, que estava sem camisa, um chapéu cor-de-rosa. Eu queria muito obter alguns ornatos dessa nação de índios; mas o chefe me disse que não os poderia ceder na ausência de seus donos. Prometeu-me levá-los no dia seguinte, o que de facto fez.

Não nos demoramos a deixar este aldeamento, para visitar um outro situado a este-nordeste, duas léguas mais distante. Tivemos aqui a compensação do pouco interesse despertado pelo primeiro. Os selvagens apareceram reunidos em grande número, entregues a uma de suas danças mais solenes. Estavam, na sua maioria, sarapintados de preto, de branco e de vermelho; muitos traziam magníficos enfeites de penas reluzentes. Ao pôr do sol adquiriram as danças renovada animação, chegando índios de todos os aldeamentos vizinhos, cada qual com a sua borduna, seu arco e suas flechas, senão uma lança, ou uma espingarda. Apareceu logo o chefe do aldeamento em que tí-

nhamos estado antes, homem que se nos tinha afigurado de todo respeito, mas que agora vinha com o corpo pintado, metade vermelho e metade azul, e que à guisa de vestimenta não tinha mais que o trapo de uma camisa, além de um enorme penacho de penas vermelhas sobre a cabeça. Os nossos companheiros de Boa Vista tinham muita pressa em voltar, assegurando-nos até que haveria grande perigo em permanecer entre estes índios, já meio embriagados e excitados pela dança. Mas eu soubera que à noite dever-se-iam realizar cerimónias misteriosas, pelo que tanto eu como os meus companheiros tínhamos resolvido ali pernoitar. À vista disso, os moradores de Boa Vista nos deixaram e nós tratamos de armar as nossas redes sob a coberta de um rancho aberto. Esta noite foi uma das mais interessantes que passei durante toda a minha viagem. Os índios nos rodearam a princípio, mas logo depois se mostraram mais reservados do que costumam ser os brasileiros. Como se não se dessem conta de nossa presença, deixaram-nos inteiramente à vontade. Todavia vimo-los reunidos à volta de um orador, que depois de tirar sons agudos com uma espécie de busina, falou-lhes com voz alta e em tom de recitativo. Entre os índios que tinham feito a viagem a Belém, achava-se um moço bastante inteligente, que falava um pouco de português e era conhecido na missão pelo nome de João Apinajé. Mostrou-se ele muito solícito para conosco, prontificando-se a nos servir de intérprete. Soubemos assim sermos nós o assunto das arengas do orador, que dizia à tribo estarmos sob a protecção dos chefes, que, embora brancos, éramos amigos e que, finalmente, tínhamos estado no aldeamento vizinho, sem em nada tocar na ausência dos habitantes. Vozes de aprovação seguiram-se a esse discurso, que durara perto de uma hora. Como a lua principiasse então a iluminar a cena, as danças assumiram aspecto diferente, dispondo-se em fila longa uma parte dos guerreiros. Já tive ocasião de lhes descrever o

vestuário, se posso dar este nome às cores vivas com que estavam pintados. A maioria deles trazia ainda à cabeça uma espécie de carapuça branca ou vermelha, feita de farinha de milho ou de resina. A dança era das mais monótonas, consistindo em movimentos bruscos do corpo, durante os quais jogavam para frente, successivamente, uma ou outra perna. Ao som de um canto lúgubre, batiam a cada momento com as armas no chão. Frente a eles vieram alinhar-se as mulheres, também numa única fila, com a diferença de não trazerem no corpo nenhuma pintura. Inclinavam-se ligeiramente para diante, conservando os joelhos sempre unidos e movendo os braços em cadência, ora para diante, ora para trás, de modo a levar as mãos uma junto à outra. Entre os dois grupos acendeu-se uma grande fogueira, sobre a qual saltava de quando em quando um personagem inteiramente pintado de vermelho e tendo nas mãos uma cabaça cheia de seixos. Corria ràpidamente em frente às mulheres, detendo-se por vezes diante de alguma delas em cambalhotas extravagantes e agitando frenèticamente o instrumento musical. Outras vezes, pondo o joelho no chão, inclinava-se sùbitamente para trás, exibindo em tudo isso força e agilidade notáveis. Estas cenas prolongaram-se por várias horas. Quando uma das mulheres era derreada pelo cansaço, uma outra tomava o seu lugar; mas os homens continuaram a noite toda a sua dança monótona. Pelas onze horas, dominado pelo sono, procurei a rede para deitar-me; tive porém poucos momentos de descanso, porque não tardou que me viesse despertar um dos companheiros de viagem. O espectáculo, de facto, havia mudado novamente de aspecto; a lua, no ponto mais alto de sua trajectória, iluminava com luz intensa toda aquela cena. Uma longa fileira de homens e mulheres marchava diante da fogueira, entre os dançadores; cada qual segurava a ponta de uma rede com uma crianci-

nha aos gritos, oferenda que o pai ou a mãe acabava de fazer ao astro da noite. Chegando à extremidade da fila, cada par balançava a rede ao som de cantos que todos repetiam unissonamente e que pela toada monótona pareciam formados sòmente de duas ou três palavras continuamente repetidas. Pouco depois ouviu-se a voz aguda de uma velha horrorosa, semelhante a um esqueleto, e que, com os braços levantados, fez várias voltas em torno da assembleia, desaparecendo depois em silêncio. Enquanto isso, o homem de movimentos eléctricos cabriolava ainda mais furiosamente, detendo-se sòmente um instante ao passar pela fila das mulheres. Parecia pender o corpo do lado delas e descrevia com o corpo ondulações semelhantes às de uma minhoca que se retorce sobre si mesma. Sacudia violentamente a cabeça, como se quisesse transmitir a elas o fogo de que se sentia possuído, depois, endireitando-se num movimento brusco, dava uma nova carreira. Durante todo este tempo ouvia-se no aldeamento a voz retumbante do orador, que repetia sem descanso um nome barroco. Depois, aí, esse personagem aproximava-se com lentidão, trazendo sobre as costas um soberbo feixe de penas vermelhas e, debaixo do braço, um machado de pedra. Atrás dele uma mulher, com o filho pequeno amarrado à cintura e protegido contra o frio da noite por uma esteira. A passos medidos passeou o par durante alguns instantes, indo-se depois sem proferir palavra. Neste momento, toda a assembleia fez coro com o orador cantando o mesmo nome barroco e repetindo-o interminàvelmente, em lugar do que até então vinha cantando e era para nós não menos ininteligível. Durou esta cena muito tempo, mas cessou sùbitamente quando a lua se pôs. Pudemos então dormir sossegadamente, verificando ao despertar que tudo havia voltado à calma: nada lembrava as danças infernais da noite que acabava de passar.

Trouxeram-nos os bons índios os cavalos que tinham tratado com muito cuidado; despedimo-nos então deles, deixando-lhes alguns pequenos presentes.

Ao sair do aldeamento matamos uma cascavel. Estas cobras são muito comuns em toda a região, admitindo-se que a sua mordedura seja sempre mortal. Assim como na América do Norte, vivem quase sempre nos lugares secos e pedregosos. Regressamos à missão através da bela mata de palmeiras indaiá que tínhamos admirado no dia anterior. E' esta zona, com certeza, uma das mais belas do mundo. Em percurso, encontramos todas as forças militares de que dispunha o governador de Boa Vista, isto é, quadro soldados, que vieram saber se nos tínhamos alimentado na noite anterior.

Pelo curto contacto que tivemos com os Apinajés, convencemo-nos de que votam eles à lua um culto supersticioso. Aliás, este sentimento é muito generalizado entre os aborígines da América do Sul, aparecendo principalmente quando o disco do astro se esconde, em consequência de eclipse. O padre Ludovico, que tanto tempo conviveu com os Botocudos, contou-me que certa noite foi despertado por gritos desesperados, cuja causa imediatamente descobriu ser um destes fenómenos celestes. Disse-me ainda mais que, apesar de tudo quanto fez para explicar aos índios a natureza do fenómeno, não pôde impedir que eles se preparassem com flechas e tacapes, a fim de lutar contra os tigres e as serpentes que supunham estarem prontos para atacá-los.

As danças religiosas dos Apinajés apresentam singular semelhança com as que Correal e Levy observaram entre os selvagens da costa oriental do Brasil, no tempo em que os franceses estiveram estabelecidos em Villegaignon. A descrição de Levy é particularmente de notável exactidão; nos dois povos as notas do canto são idênticas.

À cabaça com pedras dá ele o nome de *macará*, dizendo ser ela destinada a representar a "voz do espírito".

A cada momento chegavam a Boa Vista canoas cheias de gente; uns vinham para ficar, atraídos pela fama de santidade de que gozava o missionário; outros, e eram a maioria, em virtude de um jubileu estendido a todas as missões do Brasil. Entre os últimos estavam o comandante e os oficiais do posto de Carolina, que fica no rio Tocantins e dentro em pouco nos vai ocupar. No dia 3 apareceu-me um chefe Apinajé, trazendo as curiosidades que eu na véspera tinha escolhido; em troca, pediu-nos pólvora e chumbo, artigos especialmente procurados pelos índios. Entre outros objectos, recebi dele uma pele de tamanduá didáctilo, completamente branca. O animal me parece raro.

A 6 consegui que o chefe Apinajé me desse um menino de uns seis anos de idade. Meu desejo era levá-lo comigo e poder assim acompanhar o desenvolvimento da inteligência numa criança selvagem. O pequeno Catama, como era chamado, era filho do chefe. Nunca pude saber ao certo sua história; mas, contou-me ele mais de uma vez ter sido confiscado pelo vendedor, pelo facto de lhe ter matado uma galinha a flechada. Cederam-mo em troca de uma espingarda. A pobre criança ficou muito amedrontada desde que se viu no meio de estranhos; mas depressa se consolou diante de algumas laranjas e de um pouco de açúcar, coisa que ele não conhecia, mas que estava muito de seu gosto. Vindo a noite, dormiu ele numa esteira debaixo das nossas redes; mas, ao acordar, espantado com a situação em que agora se via, pôs-se a dar grandes gritos. Não sabendo como acalmá-lo, o Sr. Deville tomou-o em sua rede e ele logo se calou. Ao clarear o dia não pudemos deixar de rir gostosamente vendo o nosso companheiro de viagem todo pintado de vermelho pelo urucum de que o menino estava lambusado. Foram necessários vários dias para fazer desaparecer essa pintura. Ca-

tama muitas vezes me falou depois dos sustos que experimentou nos primeiros dias que passou conosco. Ele tinha pensado que íamos devorá-lo. Ao procurar penetrar na razão de ser destas suspeitas de antropofagia, soube por ele que sua gente se entregava às vezes a festins desta natureza; ele próprio teria assistido pouco tempo antes a um banquete em que foi comido um índio Xavante. De resto, contou-me que semelhante iguaria era reservada aos guerreiros, não sendo nunca compartilhada pelas mulheres nem pelas crianças. Todavia, na tribo dos Apinajés essa triste prática só se exerce muito raramente, e como represália, ao passo que os Xavantes, que embora não possuam armas de fogo, os suplantam como guerreiros, fazem costumeiramente terríveis carnificinas entre os primeiros. (1)

O terreno entre Boa Vista e os aldeamentos é de canga ferruginosa, com uma capa de terra vermelha. Pusemos em ordem as colecções feitas em Boa Vista, mas à falta de caixas tivemos de guardá-las dentro de cestas. O missionário se encarregou de mandar este material para Belém, mas ele nunca chegou à França. E' difícil ima-

---

(1) O Sr. Weddell fez as seguintes observações sobre o estado sanitário da região: "As doenças aqui dominantes parecem todas ser o resultado das súbitas variações da temperatura atmosférica; são muito frequentes as afecções do aparelho respiratório, bem como as oftalmias; em nenhum outro lugar encontrei tão grande número de cataratas. Há muita gente sofrendo de doenças da pele, particularmente das chamadas afecções papulosas. Entre estas, as doenças mais singulares que encontrei são: 1.º) Um caso de monstruosa elefantíase do escroto, proveniente de uma contusão sofrida pelo órgão cerca de cinco anos e meio antes; o doente podia ter entre trinta e cinco e quarenta anos; o tumor descia até os calcanhares e media 67 centímetros de altura total. A parte inferior desta massa, cujo peso não posso calcular em menos de 20 ou 25 quilos, era separada do resto do tumor por um estrangulamento; a uretra, perfeitamente desimpedida, abria-se na parte anterior desse lobo inferior. Os órgãos anexos eram

ginar-se a viva contrariedade que experimenta o naturalista ao ver perderem-se objectos conseguidos à custa de tanto trabalho e não poucos riscos.

Como já tínhamos feito com outras tribos, tomamos muitas medidas craniométricas dos índios Apinajés. Houve às vezes bastante dificuldade em conseguir que os selvagens nos permitissem usar o círculo de cobre que forma o instrumento usado para esse fim; não obstante, pudemos reunir durante toda a viagem cerca de trezentas observações deste gênero. Tomamos também com todo cuidado a altura de grande número de indivíduos, como também o comprimento dos membros. Procuramos ainda determinar com exactidão o comprimento do pescoço e a posição do umbigo. O número de todas estas mensurações parciais atingiu o total de 18.000.

O missionário obteve para nós grande quantidade de rapaduras e presenteou-nos também com dois bois; outros moradores nos deram vinho e outros artigos. Em resumo só temos que louvar a hospitalidade dos membros desta missão, que deixamos com saudade no dia 7, um pouco

---

por igual perfeitamente sãos, apesar da grande dureza do tumor, que era revestido por uma epiderme rugosa, sem prejuízo contudo da sensibilidade normal. O doente não tinha nenhum parente atacado por essa moléstia. 2.º) Um pênfigo, antigo já de oito anos, na pessoa de uma negra, cuja pele já estava inteiramente atacada pela doença, fazendo-a experimentar sofrimentos contínuos. Na parte posterior de um dos punhos, apresentava ela diversas vesículas grandes, pelas quais pude sem dificuldade fixar a posição que devia ocupar a moléstia no quadro dermatológico; toda a pele restante era coberta por crostas cinzentas de aspecto mais ou menos foliáceo, fendilhadas e como que imbricadas.

Pude finalmente verificar que ocupavam ainda lugar importante na nosologia de Boa Vista a clorose, doença aliás muito comum no Brasil e por mim diagnosticada frequentemente, tanto nos homens, como nas mulheres".

antes do meio-dia. O missionário nos acompanhou até uma distância bastante grande e quando nos deixou saudamo-lo com uma salva geral de mosquetaria.

Neste dia fizemos cerca de cinco léguas, a despeito das corredeiras que obstruíam o rio, cuja largura parece diminuir pouco a pouco depois de Boa Vista, conservando todavia a mesma velocidade. Havia habitantes em ambas as margens. A formação era, a princípio, próximo à missão, diorítica; mas logo depois apareceram os grés marchetados, semêlhantes aos já vistos no Tocantins.

Os dias 8 e 9 passaram-se subindo o rio, cujas margens se tinham tornado muito pitorescas e apresentavam dos dois lados enormes rochedos areníticos de cor vermelha, com o vértice coberto por uma vegetação magra e quase sempre cortado horizontalmente em forma de mesa. A face voltada para o rio subia geralmente a prumo, apresentando muitas cavidades abertas pela acção das águas, onde bandos de andorinhas e morcegos tinham procurado refúgio. Quase não há corredeiras neste trecho; mas nele se encontram vários estreitos que aumentam a profundidade do leito e fazem crescer muito a velocidade das águas. O primeiro destes estreitos fica pouco acima da Ilha dos Estreitos, lugar onde acampamos no dia 7. Não tem ele mais que 100 metros de largura e o dobro de comprimento. No dia 9, pela manhã, passamos um outro, cuja largura não ia além da metade do primeiro. Os rochedos de grés avermelhado em que está encaixado o rio nesta parte de seu percurso, elevam-se gradualmente em ambas as margens até a Ilha de São José, que tem duas léguas de comprimento e divide o leito do rio, restituído à sua largura habitual, em dois braços. Aí o rio inflecte numa direcção quase paralela à de uma serra que já o vinha acompanhando desde algum tempo, composta de grés vermelho. A direcção desta cadeia de montes é aproximadamente de leste para oeste. A disposição destas rochas é a mais va-

riável possível; às vezes são verticais, outras vezes debruçam-se sobre o rio, outras ainda são inclinadas em escarpa abrupta. No vértice, todavia, são rematados por planos horizontais.

No dia 8 tínhamos feito 7 léguas e a 9 vencemos ainda uma distância de 6 léguas. A 10, como estivesse o nosso acampamento quase defronte de um aldeamento de índios Craós, fomos visitá-los pela manhã. O caminho que a ele conduz parte da margem esquerda, perto da barra de um ribeirão, e pode ter uns 200 ou 300 metros de comprimento. A posição do aldeamento é extremamente pitoresca, no meio da bela mata e junto ao sopé de uma montanha cortada em forma de mesa. Embora não convertidos ainda ao cristianismo, os índios que nele moram são muito mansos e já se habituaram ao contacto com as pessoas mais ou menos civilizadas, através dos viajantes que passam continuamente pelo Tocantins. Possuem até um chefe brasileiro, que há quatorze anos mora entre eles. O aldeamento compõe-se de umas quinze casas. A agricultura é praticada em escala apreciável, os produtos mais importantes sendo o cará, o feijão e a cana-de-açúcar. Os Craós são o resultado de um desmembramento da tribo dos Apinajés; falam um dialecto da mesma língua destes últimos, diferindo deles porém por não terem o lábio perfurado e pelo modo de cortar o cabelo. Os Apinajés raspam o alto da cabeça em forma de coroa; mas os Craós fazem apenas um círculo em torno da cabeça, deixando crescer a cabeleira na parte posterior. Esta tribo, abstracção feita de certas qualidades boas, deu-nos a impressão de estar completamente desmoralizada e dominada pelo vício da embriaguez. Nas orelhas trazem os Craós os mesmos adornos que os Apinajés. Os homens andam completamente nus, ao passo que as mulheres usam uma folha de genipapo, amarrada com um fio de algodão. Meu pequeno Catama, que depressa se tinha acostumado conosco,

tomou-se de pavor à vista destes índios, vindo-se esconder junto de mim. Essa criança era bastante esperta e inteligente. À noitinha, quando acampamos, acocorado no meio de nós, disse em bom português: "Catama quer comer". Dormia sempre no chão, perto do fogo e não queria saber de nenhuma espécie de coberta.

Em ambas as margens do rio, durante o trajecto de 5 léguas que fizemos no dia 10, acompanharam-nos os morros de grés. Estes grés apresentam formas muito fragmentadas e linhas horizontais que dão a ideia de haverem sido feitas pelo choque da água em época muito remota. Os pontos culminantes destas elevações acham-se aproximadamente no mesmo plano horizontal, enquanto que as linhas produzidas pela erosão da água se acham exactamente no prolongamento umas das outras em vários morros successivos. A falta de fósseis não nos permitiu determinar a idade deste grés, nem tampouco a era em que as águas deveriam ter modelado os vales que separam os morros uns dos outros. E' possível que pertençam à mesma formação observada no Ceará pelo Dr. Gardner e por ele considerada como cretácea.

No dia seguinte fizemos 7 léguas e pernoitamos a uma légua e meia do posto de Carolina. Em todo o percurso feito neste dia e no seguinte o rio conservou uma largura média de 300 metros; as margens eram acompanhadas pelas mesmas formações de grés que nos dias precedentes, com a diferença apenas de aparecerem alguns bancos de cascalho aglutinado e das camadas argilosas sotopostas ao grés. As margens do rio apresentam algumas habitações e uma ou duas fazendas.

No dia 12 a subida do rio foi dificultada por forte vento contrário. Ao nos aproximarmos do posto demos alguns fortes tiros de espingarda, após o que abalamos o ar com uma salva geral. Tudo permaneceu porém no maior silêncio. Desembarcando, repetimos os mesmos sinais, mas

sem maior resultado. Sentia-me muito contrariado com o descaso dos moradores da povoação e teria com certeza continuado a viagem se não fosse a necessidade de angariar provisões. Como última tentativa, mandei o furriel ver o que se estaria passando nesse silencioso arraial. Apareceu por fim, na beira do rio, uma negra, que assim que nos viu correu aterrorizada. Continuamos a dar tiros de espaço em espaço, mas, apesar de ser meio-dia, nada prometia fazer sair esta população de seu letárgico sono. Voltou o furriel com a notícia de que efectivamente toda a gente dormia em Carolina. Passado finalmente um quarto de hora ouviu-se um tiro, seguido de outro, tardia saudação; apareceram cabeças de homens e mulheres, todos estremunhados e com os sinais claros da contrariedade que qualquer um experimenta quando é despertado de seus sonhos. Corria o tempo e começávamos já a nos acreditar transportados numa daquelas cidades votadas ao sono de que falam os contos do Oriente, quando nos apareceu o comandante, escoltado por quatro ou cinco dos maiorais da povoação. Tão ruidosamente me acolheram quão friamente os recebi. Confessaram que de facto muito se haviam admirado de serem assim despertados dia alto e que todos na cidade dormiam ainda sono profundo. Sob o governo de um capitão desregrado, esse posto de fronteira adoptara, como coisa normal, o hábito de passar as noites em plena orgia e perder o dia no sono da embriaguez. Fomos alojados numa casa de antemão preparada para nós e à noite os meus companheiros de viagem foram tomar parte num baile em casa de um dos personagens importantes do lugar. Não tentarei descrever o salão da orgia a que lhes foi dado assistir. Beberam-se às mais incríveis e obcenas saúdes e nunca talvez as tisnadas filhas dos trópicos terão dançado com maior frenesi, ao som da viola e da guitarra. Com o sabre na mão e a pistola à cinta, o capitão Rufino não lhes permitia um minuto de descanso sequer; o chi-

cote ali estava, sempre pronto a castigar o soldado que se recusasse a completar a orquestra, ou que deixasse de tomar na orgia a parte que lhe cabia. Tiros de mosquetaria e rojões anunciavam o momento em que iam ser tomadas novas saúdes. O jovem oficial que havia tão bem sabido corromper toda a população podia ter uns vinte e quatro anos; sua grande beleza física tornava comovedora a palidez que lhe cobria os traços docutios. Para dar ideia da moralidade desse lugar, basta que eu diga que numa população de cerca de 800 habitantes apenas duas mulheres eram casadas. Já por várias vezes os Xavantes tinham entrado na cidade e as mulheres para ir à fonte lavar roupa necessitavam de uma escolta militar. O número das casas era de cento e dezessete; dispunham-se em ruas pouco regulares e ficavam à volta de uma grande praça. Eram na sua maioria construídas de adobes, espécie de tijolos de terra, secos ao sol. Havia aqui um personagem importante, dado ao exercício da medicina, mas que, como ele próprio dizia, era apenas um "aficionado". Usava um único remédio para todas as doenças que acometem o homem, e que outro não era senão a medicina de Leroy. A crer-se na fama que corria ao seu respeito, o número de suas vítimas não ficava aquém do das feitas pelos Xavantes. Fazia um calor insuportável, o que tornava penosíssimas as observações astronômicas necessárias à determinação da posição astronômica do lugar, bem como a mensuração trigonométrica da largura do Tocantins. Achamos para esta última 548 metros. Como nos fossem necessárias umas doze ou quinze jornadas para atravessar o sertão deserto que nos separava de Porto Imperial, resolvi mandar na frente a canoa grande, com o fim de chegar antes de nós ao sítio do coronel Ladislau e providenciar aí pela preparação de farinha e de carne seca.

No dia 18 deixamos sem saudades esse posto onde campeava o vício e a mais grosseira imoralidade. Até 1840

o povoado de Carolina era muito pequeno; mas, como por esta época os maranhenses, querendo reivindicar estas terras, que diziam lhes pertencer, promoveram graves distúrbios, o presidente de Goiás, Dom José de Assiz Mascarenhas viu-se forçado a vir até o lugar, que elevou à categoria de vila, mudando-lhe o antigo nome de São Pedro de Alcântara para Carolina e localizando nele uma guarnição de quarenta soldados, sob as ordens de um tenente. No porto de Carolina observamos um corte em cuja superfície se apresentava uma camada de conglomerado, de sílex e de calcáreo róseo, cavernoso e recoberto por uma capa anegrada de hidrato de ferro. Abaixo desta rocha, viam-se várias camadas estratificadas de argila branca e vermelha, perfeitamente horizontais.

No dia 15 fizemos quatro léguas e meia de percurso, sem encontrar nenhum obstáculo à navegação; as margens do rio eram constituídas de argila cinzenta, das que se utiliza no fabrico de telhas. Mais ou menos no meio do trajecto passamos pela barra de um rio, que nos informaram ser o de Manuel Alves Grande. Passamos a noite na fazenda dos Patos, pertencente ao coronel Ladislau, que se ocupa em criar gado e é dono também de outra, situada em frente, na margem esquerda e é chamada Monte Santo. Cerca de meia légua a oeste da fazenda de Monte Santo, fica um pequeno aldeamento de índios Craós, cuja população não excede a 25 habitantes e tem apenas três ou quatro casas. Estes índios foram trazidos pelo coronel fazendeiro do outro aldeamento da mesma tribo por nós visitado dias antes. Deviam servir de guarda avançada contra os terríveis Xavantes, na defesa das duas grandes propriedades. Quando chegamos à fazenda dos Patos o coronel estava ausente, mas os nossos homens tinham aproveitado o seu tempo muito ativamente; enquanto uns carneavam um boi, outros tinham ido à caça numa mata próxima, conseguindo matar uma bela anta (*tapir*) e cinco grandes

porcos do mato (*pecari*). Já a carne de todos estes animais se achava cortada em tiras estreitas e exposta ao sol, depois de devidamente salgada.

No dia 16, muito cedo, voltou o coronel. Tinha sabido de nossa chegada à fazenda Monte Santo, vindo logo ao nosso encontro. Chegou numa canoa grande, repleta de mantimentos de toda espécie, com que generosamente nos presenteou. Avaliava ele suas propriedades, ao todo, em vinte léguas quadradas. Elas estão localizadas em plena região dos Xavantes, que muitos cavalos e bois lhe haviam matado, sem falar num de seus empregados. Também, para lhes dar caça, havia ele organizado pouco tempo antes uma expedição. O governo nunca se envolve nestas pequenas questões e enquanto a tropa regular vive nas capitais a acompanhar procissões, os habitantes do sertão, entregues a si próprios, organizam bandeiras, se não se acham dispostos a morrer sem defesa às mãos dos selvagens.

À frente de cento e trinta homens, o coronel Ladislau havia penetrado nos aldeamentos dos Xavantes, fazendo cinquenta e um prisioneiros, sem contar os que deixou mortos no campo da luta. Os prisioneiros foram repartidos entre os sitiantes da zona. Quanto à bandeira, teve ela apenas um morto e dois ou três feridos e ainda assim por imprudência. Os Xavantes têm consigo, como escravos, muitos prisioneiros brasileiros, com os quais usam o máximo rigor, matando-os pela menor culpa ou mais leve tentativa de fuga. Contam ainda que possuem entre seus chefes vários negros e uma mulata, os quais, pelo conhecimento que têm dos lugares, lhes são muito úteis e ainda mais ferozes que êles.

Diversos escravos cristãos tinham sido libertados e trazidos pelo coronel; mas a maioria destes infelizes se achava fora do aldeamento quando ali aportou a bandeira, tendo por isso de ser deixados atrás. Alguns dos membros

desta expedição observaram nas choças dos Xavantes indícios certos de antropofagia. Em várias casas viam-se farrapos de carne humana pendentes do tecto, ao passo que em muitos lugares viram-se ossadas, parcialmente roídas e carbonizadas.

Estes selvagens costumam devorar também os parentes velhos, aos quais, segundo dizem, matam, no momento de exalarem o último suspiro. Foi notado que os pés e as mãos são as partes do corpo por eles preferidas; isso porque, a seu ver, as outras partes do corpo dos cristãos têm gosto muito amargo. Possuía o coronel em seu serviço um índio xavante, trazido quando pequeno. Tão certo de sua fidelidade estava o dono, que não hesitou em levá-lo na última expedição; entretanto, este desgraçado fora feito prisioneiro, escapando de ser morto apenas por milagre. Quando o vimos, tinha uma mão e as orelhas cortadas, e a cabeça horrivelmente dilacerada.

Os Craós do aldeamento pequeno de que falei atrás vieram nos fazer uma visita, trazendo-nos de presente leite, que apreciamos enormemente, em vista do calor sufocante. Acompanhamo-los depois até o seu aldeamento, onde fomos encontrar, morando com eles, vários brasileiros. Como nos outros aldeamentos da mesma tribo já vistos por nós, as mulheres usavam aqui os mesmos trajes de Eva depois do pecado.

Á 17 nos pusemos novamente a caminho rio acima, navegando o dia todo, com uma curta parada de minutos no sítio do capitão Gonçalves, para completar nossa ração de farinha. Logo depois entrávamos de novo no sertão deserto, perdendo de vista durante muitos dias o contacto com a civilização. À noite postámos sentinelas, o que não impediu que os cães nos devorassem uma boa parte da provisão de carne-seca, acidente dos mais sérios em semelhantes circunstâncias.

Tínhamos feito seis léguas e meia. A largura média do rio não excedia nunca a 300 metros. A formação geológica mostrava-nos invariàvelmente colinas de grés em ambos os lados do rio e bancos horizontais de argila. Em alguns pontos observei também placas de cascalho aglomerado.

A 18 prosseguimos a marcha, com bastante velocidade. Como os nossos homens houvessem recobrado as forças graças à abundante alimentação, com a plenitude dos estômagos voltou a reinar alegria no acampamento. Fizemos seis léguas. A caça voltou a se tornar abundante especialmente os mamíferos. Tínhamos matado na véspera uma bonita anta e hoje vieram juntar-se às nossas provisões vários porcos-do-mato. Entretanto, se estávamos tão tranquilos com relação ao sustento, não acontecia outro tanto com respeito à saúde do pessoal, pois as febres intermitentes já nos tinham posto três homens fora de serviço e íamos entrar agora numa região tida como das mais insalubres.

A formação geológica continuava a mesma que nos dias antecedentes; apenas mais frequentes se mostravam agora as placas de cascalho aglomerado e às rochas até então observadas vieram juntar-se xistos argilosos, em camadas bem estratificadas, horizontais e muito delgadas. O leito do rio continuava desimpedido e a velocidade pequena; a largura mantinha-se a mesma. Para trás do acampamento que acabávamos de deixar, quase inteiramente escondida por um banco de areia, ficava a boca de um lindo riacho, que outro não era senão o Manuel Alves Pequeno.

No dia 19 fizemos seis léguas e meia. Avistamos na margem do rio duas grandes capivaras, mas elas conseguiram escapar às balas dos nossos caçadores. Apareceu-nos também um bando de bugios (*guaribas*), que não nos deixou chegar perto. Ouvia-se de tempos a tempos o singular

e forte vozerio que fazem na mata estes macacos. A temperatura do rio, às quatro horas da tarde, era de 27°,8; a do ar 38°. Deste modo, a água que tínhamos para beber era mais quente do que a que usamos habitualmente em Paris, para tomar banho.

No dia 20 fizemos sete léguas e meia, através de uma região muito pitoresca, mas de onde já desapareciam pouco a pouco as montanhas em forma de mesa. Ia a minha canoa na vanguarda quando avistamos uma grande cobra a balouçar-se no galho de uma árvore. Fiz encostar sem demora, mas o animal desapareceu antes que lhe pudéssemos chegar perto. Era uma jibóia de uns 3 metros de comprimento. No Araguaia já se me havia oferecido ensejo de apreciar espectáculo semelhante. Estávamos no ponto mais estreito do Furo de Bananal quando, repentinamente, ao fazer o rio um cotovelo, ouvimos muito perto um mugido semelhante ao de um touro. A tripulação deixou incontinenti de remar, apontando-me com o dedo uma jibóia de 4 a 5 metros de comprimento, também pendurada de uma árvore; em poucos instantes deixou-se cair na água, atravessando o rio a nado. Tenho até aqui me esquecido de mencionar a história de um animal, provàvelmente fabuloso, de que falam muito os pescadores do Araguaia. Chamavam-no minhocão e descreviam-no como tendo a aparência de uma minhoca, mas com um comprimento de 30 a 40 metros. Diziam que a sua voz é de tal modo retumbante que pode ser ouvido a léguas de distância. O pavor que desperta ter-lhes-ia feito abandonar muitos lagos do alto Araguaia, apesar da enorme quantidade de peixe neles existente. Falavam-me todos deste animal, mas ninguém me soube fornecer qualquer informação precisa ao seu respeito. Esses homens estão acostumados a ver diàriamente jibóias, sem lhes ter o menor medo; não é assim crível que possam ter adquirido tamanho pavor de um animal desta espécie, por muito gigantesco que ele fosse.

Prosseguindo na subida do rio achamo-lo mais largo e sempre livre de obstáculos. O grés e o cascalho aglomerado em placas eram a formação em todas as partes onde a observação me foi possível.

A 21 fizemos seis léguas e meia. O grés apareceu em blocos de grandes dimensões e, sob a areia, viam-se invariàvelmente camadas argilosas. Durante todo o dia fomos horrìvelmente atormentados pelos borrachudos. À noite caiu ao longe grande tempestade, acompanhada de raios; mas a chuva não chegou até nós. Em ambas as margens do rio, avistamos várias vezes as fogueiras acesas pelos Xavantes.

No dia 22 o céu esteve muito carregado e nossa jornada foi de seis léguas. Durante este trajecto a largura do Tocantins ainda aumentou. Apareceram, no começo, xistos argilosos muito finos; mais tarde surgiram as argilas, por cima das quais, no trecho final da viagem, apareceram camadas de grés, dispostas em paredes perpendiculares, recortadas de mil maneiras diferentes. Uma enorme capivara foi caçada a lança pelos nossos caçadores. Conquanto estivesse ferida mortalmente, conseguiu alcançar a mata, onde os cães foram lançados à sua perseguição. Voltou então rasto atrás, precipitando-se no rio, onde mergulhou, desaparecendo. Tinha o tamanho de um grande porco doméstico e era de cor ruiva, bastante clara. Ao meio-dia passamos pela embocadura do rio do Sono Grande, em parte escondida por um banco de areia; mais adiante um pouco chegamos a uns grandes rochedos talhados a pique e apresentando grandes escavações em forma de grutas. Acampamos à tardinha, numa ilhota alta de areia. Como o tempo prometesse chuva, armamos as barracas. Não tardou, com efeito, ouvirmos o ruído surdo do trovão, armando-se em direcção a nós grande tempestade, acompanhada de chuva tão forte que em poucos momentos nos vimos encharcados, apesar da cobertura de pano. A tormenta de-

sencadeada nesta ocasião ultrapassou tudo quanto pude ver em onze anos de permanência na América; a terra tremia literalmente sob o estrondo dos raios, que a cada momento caíam em torno de nós, com estampido semelhante ao de uma formidável descarga de artilharia. Perto de onde estávamos vieram abaixo várias árvores, arrastando na queda as suas vizinhas. Nesse desencadear dos elementos não era pequena a inquietação que me dava a volumosa bagagem de armas e barris de pólvora, embora eu a tivesse mandado colocar sob o abrigo da barraca grande, protegendo-a da melhor maneira possível. Os homens, apesar de acostumados à vida no sertão, pareciam bastante preocupados e as próprias sentinelas tinham deixado os seus postos, procurando chegar-se aos companheiros. O clarão produzido pelos relâmpagos era inimaginável e fazia notável contraste com a escuridão que se lhe seguia. Sob a pavorosa tormenta, os próprios bichos da mata perdiam a habitual timidez, vários periquitos tendo buscado refúgio no meio de nós.

A nossa barraca, cujos paus tinham sido sòlidamente enterrados na areia, resistiu durante algum tempo, mas acabou por ceder aos esforços da furiosa ventania, abatendo-se sobre as nossas cabeças. Assim tivemos de permanecer muitas horas, deitados na água e transidos de frio. Apesar do desagradável de nossa situação não pudemos deixar de admirar a sublimidade da cena que se desenrolava aos nossos olhos. Passamos o resto da noite com as roupas pingando, até que o dia despontasse, para a nossa grande alegria. Não obstante, no dia 23 o sol não apareceu, impossibilitando-nos de secar as roupas de cama. A jornada que fizemos foi de quatro léguas e meia.

A 24 o céo continuava muito fechado; ao meio-dia choveu um pouco e à tarde começou a soprar forte ventania. O Sr. d'Osery matou, em pleno rio, uma enorme cascavel, que tentava chegar a nado à outra margem da cor-

rente. A paisagem apresentava o mais agradável aspecto, coroando-a uma série de colinas cujos tons azulados excitavam a nossa admiração. Durante a jornada, como nas precedentes, observamos argilas subordinadas ao grés vermelho de tão singulares recortes. O Tocantins voltara à sua anterior largura de cerca de 300 metros. Durante a noite, um de nossos companheiros, que se tinha escondido debaixo de um velho tronco, ao sentir qualquer coisa a lhe comprimir o peito, verificou que algum volumoso bicho ali se viera aninhar: era um monstruoso sapo, de pele fria e viscosa.

No dia 25 fizemos quatro léguas e um quarto. Em meio a este trajecto, a largura do rio que até então conservava os seus 300 metros, bruscamente aumentou, alargando-se à semelhança de uma vasta bacia circular, junto ao sopé de uma serra, que já víramos desde o dia anterior. Ao centro desta bacia descortina-se uma vista admirável das montanhas que fecham o horizonte e fazem sobressair o delicado perfil das palmeiras existentes no primeiro plano. A estreita porta do desfiladeiro por onde se escapa o rio mostra no centro do quadro as gigantescas muralhas de grés por entre as quais, num remoto passado, o Tocantins deve ter aberto passagem, com uma violência ainda hoje testemunhada pelos blocos despedaçados de grés ou de granito que se oferecem em ambas as margens ao olhar espantado do viajante. Ora debruçadas sobre a corrente, ora desabadas sob o próprio peso, estas rochas fazem pensar nas muralhas arruinadas de uma cidade de gigantes. A largura do estreito por onde tínhamos de passar não ia além de uma centena de metros, com um comprimento quatro vezes maior, aproximadamente. A este canal é que dão o nome de primeiro Funil. O rio expande-se novamente; mas, embora seu leito continue a permitir passagem franca, vê-se de quando em quando surgir de sob a água enormes pedras negras, despedaçadas e nuas,

dando à paisagem aspecto selvagem e imponente. No trecho final da jornada, depois de haver formado uma outra bacia cuja estreita saída mal se consegue distinguir, o rio se engolfa de novo num funil, desta vez ainda mais estreito (50 a 60 metros, no máximo): as águas se engolfam entre duas muralhas verticais, de 15 a 20 metros de altura. Em certo ponto deste segundo desfiladeiro as águas do Tocantins passam, em sua quase totalidade, num canal formado por penhascos rochosos e cuja largura não ultrapassa 25 metros. Nestes estreitos a velocidade da corrente se torna muito forte, tornando-se particularmente exagerada na época das cheias. A Serra do Lageado, causa destes estreitamentos excepcionais, pareceu-me estender-se de este para oeste. E' ela construída inteiramente de grés superpostos aos granitos muito duros sobre os quais corre o Tocantins; seus pontos culminantes, muito achatados, afigura-se-me pertencerem todos ao mesmo plano horizontal.

Neste mesmo dia 25 fizemos uma caçada bastante interessante. Andávamos a caminho na praia, quando avistamos, descansando junto de uma lagoa, grande número de capivaras. Todos os caçadores puseram-se imediatamente na perseguição dos animais, que fugiram para o mato, deixando apenas para trás dois filhotes, que se precipitaram na água, onde os nossos homens os conseguiram capturar vivos, em rápido mergulho. Enquanto isso, voltaram-se os cães ao encalço dos adultos escondidos na mata. onde os tiros e gritos de alegria não tardaram a anunciar-nos a queda de uma vítima. No mesmo instante, de dentro da mata surgiu uma enorme capivara, que se precipitou pelo barranco, afundando na lagoa, a despeito da presença de 5 ou 6 homens armados. Não podendo porém fugir à necessidade de reaparecer na superfície, aí a abateram as balas de nossos caçadores, que ainda pegaram no mesmo lugar uma dúzia de tartarugas e alguns jacarés pequenos. Colecionamos também neste brejo uma planta de achado muito interessante no Brasil: refiro-me a uma espécie pequena

de *Potamogeton*. Passamos a noite numa praia, ao pé da Cachoeira do Lageado, o maior dos saltos do rio Tocantins.

No dia 16, desde muito cedo, estávamos em preparativos para passar a cachoeira; mas, como não tínhamos conosco nenhuma pessoa conhecedora da passagem, por pouco seríamos vítimas de nossa ignorância no particular. Com muita dificuldade e apesar da furiosa correnteza, conseguimos galgar a corredeira, até enormes rochedos, erguidos à nossa direita. Neste ponto desembarcamos e enquanto os homens da equipagem sustinham as embarcações por meio de cordas, a fim de não serem arrastadas pela correnteza, esforçamo-nos por alcançar, pulando de pedra em pedra, uma alta cascata que barrava o leito do rio. A empresa, todavia, apresentava-se-nos bastante árdua, pois era de tal modo escorregadia a superfície das rochas, que várias vezes estivemos a pique de cair no meio das águas que saltavam aos nossos pés. Não vendo nenhuma outra passagem, insistimos obstinadamente durante muito tempo em forçar a impetuosidade da corrente, procurando vencer de qualquer maneira os obstáculos naturais. Entretanto, reconhecendo afinal a completa improticabilidade da empresa, sentamo-nos numa pedra, já quase de todo desesperados. Foi quando ouvimos grandes gritos, vindos de trás dos rochedos que formavam a outra margem do rio. Certificamo-nos logo de que estes gritos deviam ser do pessoal da ubá que pela manhã tínhamos mandado na frente, com o fim de descobrir uma passagem menos perigosa do que aquela em que nos metemos. Mas que significariam estes berros? Teriam os selvagens atacado os nossos companheiros? Neste caso como lhes prestaríamos socorro? Ou quereriam com isso nos comunicar haverem encontrado uma passagem transponível? Estivemos por alguns instantes nesta perplexidade, até que tomei a decisão de irmos ao encontro deles, custasse o que custasse. Víamos à nossa frente muitos perigos, pois se todos os homens estavam

de acordo em admitir a possibilidade de fazer descer a remo a parte do rio por entre cujos rochedos perpendiculares tinham sido puxadas a corda com tanto trabalho, havia divergência quanto à capacidade de resistirem nossas embarcações aos efeitos daquela manobra. O velho Ricardo achava-se até convencido de que os barcos virariam na certa sob a fúria dos redemoinhos e da correnteza antepostos à nossa passagem. Mas era forçoso tomar uma decisão, pelo que os remadores lançaram a toda força os barcos através da corrente, que logo os arrebatou, com a rapidez do vento. A manobra correu sem acidente e dentro de alguns minutos éramos novamente senhores dos nossos movimentos, podendo alcançar os nossos companheiros na margem direita, onde haviam de facto descoberto uma passagem. Até ao pé da cachoeira, que é muito rápida, mas cujo comprimento não ultrapassa uns 250 metros, o rio conserva a largura de cerca de 250 metros. O canal que serve de escoadouro principal para as águas do Tocantins é de todo intransponível; o rio corre sempre sobre granito, ao passo que o grés, a ele superposto, ergue-se em forma de muralha nas duas margens.

Fizemos este dia quando muito uma légua, sendo necessário da parte de nossos homens enorme trabalho para atravessar a corredeira, puxando as embarcações por meio de cordas, ou mesmo arrastando-as sobre os vários degraus da subida. Houve também, três vezes, a necessidade de aliviar completamente a carga das embarcações, levando-a por terra até grandes distâncias, através das pedras. Durante todo o tempo despendido neste trabalho mantivemos numerosa guarda em defesa dos nossos homens contra os selvagens, precaução tanto mais necessária quanto viemos depois a saber que poucos dias antes toda a tripulação de uma canoa, formada de uma dúzia de pessoas, tinha sido massacrada pelos índios naquele lugar. Por várias vezes se partiram as cordas das embarcações, a muito custo se

conseguindo, graças à força dos braços dos nossos camaradas, evitar que se despedaçassem de encontro aos rochedos.

No dia 27 tivemos trabalho semelhante, embora um pouco menos penoso, para vencer a cachoeira dos Mares. O leito do Tocantins era aí obstruído por muitos baixios e corredeiras, mas conservava a sua largura habitual. Tinha acabado de atravessar, em coleios, uma cadeia de montes, prolongamento da Serra do Lageado. Os braços desta cadeia acompanham o rio à direita e à esquerda, no percurso de mais de duas léguas. A parte que fica a leste avança até a margem mesma do rio, ao passo que a de oeste é muito mais quebrada. Toda esta cadeia é formada de grés superposto ao granito, que nas cachoeiras aparece a descoberto. Quanto ao grés, parece ter ele formado, numa época muito remota, um platô, mais tarde desmantelado por algum cataclisma. Todos os pontos culminantes se acham no mesmo plano horizontal. No trecho final da jornada deste dia observamos que as barrancas do rio se compunham de uma variedade de grés, de aspecto muito próximo do itacolumito. Tão intenso era o calor que mal podíamos conservar os pés sobre as rochas. Além disso, fizeram-nos sofrer bastante as picadas dos himenópteros.

No dia 28 fizemos seis léguas. O trecho do rio por onde navegávamos era livre, não obstante a existência de algumas corredeiras de pequena importância. Ladeavam-no quase sempre, à direita e à esquerda, morros de grés, dispostos em série. Ademais, só no leito do rio o granito aparecia descoberto, sendo de grés todas as pedras soltas que nele encontrávamos.

A 29, embora fosse rápida a nossa marcha, muito me preocupava o esgotamento progressivo das nossas provisões, já quase no fim. Por felicidade, porém, foram mortas cinco capivaras, voltando a abundância desejada. Fi-

zemos cinco léguas. Tornaram a aparecer as mesmas formações dos dias precedentes, vindo acrescentar-se a elas, sobre a superfície do grés, placas de cascalho aglomerado, manchas de argila e de xistos argilosos. Desapareceram de todo os granitos a elas sotopostos. À tardinha foi morta uma cobra muito venenosa e notável pela beleza do colorido. O corpo, de cor-de-rosa intenso, apresentava manchas verdes nas costas e nos lados, de permeio com outras de cor preta. Estas manchas tinham forma de triângulo, e eram debruadas de amarelo; o ventre era perfeitamente alvo. À noite pegamos um sapo de 35 centímetros de comprimento. Em toda essa região abundam extraordinàriamente os himenópteros melíferos. O mel que produzem, possui, em geral, sabor bastante agradável; no entanto, deve-se tomar bastante precaução em utilizá-lo como alimento, uma vez que, como já Auguste Saint-Hilaire havia verificado em Minas Gerais, o de muitas espécies goza de propriedades venenosas. Consta também que o de uma abelha chamada Irati ocasiona uma espécie de tétano, caracterizado pela contracção de todos os membros, a qual às vezes se prolonga por bastante tempo. A maioria das espécies deste gênero vive em ocos de árvore, onde constroem grandes favos com uma cera escura, de aspecto grosseiro e esponjoso. Algumas existem, como a arapuá e a guaxupé, que, pelo contrário, constroem os ninhos na superfície exposta dos troncos, lembrando as casas de cupim. A que se conhece com o nome de tataíra ou caga-fogo ocasiona ferroadas muito dolorosas, como se derramasse ao picar um veneno cáustico.

Na manhã de 30 tivemos a alegria de ver numerosos indícios da presença de animais domésticos, não tardando que avistássemos um homem a cavalo: era o vaqueiro do major Ferreira, para o qual tínhamos cartas de apresentação. Ao meio-dia chegamos à fazenda deste último, constituída de umas vinte choupanas. Estando ausente o ma-

jor, fomos recebidos pela sua mãe, uma mulata idosa, que nos procurou tratar da melhor maneira. Tivemos aqui notícias de nossa tropa de mulas, sabendo que ela não tinha chegado ainda ao porto, mas, pelo contrário, havia sido encontrada em viagem, no meio de grande desordem e com a bagagem em parte depredada. Fomos acampar uma légua mais acima. Rebentou durante a noite grande temporal, soçobrando uma de nossas embarcações. Nesse dia e no seguinte não fizemos mais de seis léguas, chegando a Porto Imperial só em 31 de Agosto. O rio oferecia navegação franca, afora alguns obstáculos de pouca monta, tais como pequenas corredeiras. A formação geológica era constantemente o cascalho aglomerado pudinguiforme e em placas. Observaram-se também muitos traços da formação argilosa inferior.

Porto Imperial fica situado no alto de um barranco que o defende contra as enchentes. Assim que ancoraram as nossas embarcações, recebeu-nos o major Ferreira, a quem tanto procurávamos. Era um mulato velho, cor de chocolate. A roupa que envergava este personagem merece descrição particular: trazia à cabeça um boné tricórnio, agaloado de ouro; pendia-lhe do corpo comprido e seco vasta túnica bordada e de cor azul-celeste, que havia pertencido ao avô; calças de nanquim, meias azuis e grandes sapatos de argolas completavam esta extravagante indumentária. Trazia à mão uma bengala com enorme castão de prata. Acompanhava-o o mestre-escola, homenzinho barrigudo, e vários personagens importantes do lugar. Fomos acomodados numa boa casa, coberta de telhas, mas construída de adobe, como as demais. Quanto ao pessoal da tripulação, foi ele hospedado na casa da cadeia, que era o único albergue da terra; ali ficaram os nossos homens, como se estivessem em sua própria casa. Como de hábito, os quartos estavam completamente vazios; mas nós tratamos logo de armar as nossas redes, pois desde muito

tempo outro mobiliário não conhecíamos. Era necessário permanecer algum tempo na cidade, não só para lhe determinarmos a posição geográfica, como para esperar que a nossa tropa nos alcançasse.

A 2 de Setembro chegou à cidade o furriel, anunciando-nos que a tropa entraria à tardinha no povoado. Com efeito vimo-la apontar na estrada horas depois, no estado mais lamentável: os cavalos vinham mortos de cansaço e as mulas, embora descarregadas, pareciam mais verdadeiros esqueletos ambulantes. Pequena sindicância nos revelou sem demora que muitos dos animais tinham sido vendidos e que outro tanto fora feito com as ferraduras dos restantes, com o fim de comprar aguardente; que o dinheiro dado para a compra de milho tivera a mesma sorte, motivo pelo qual a tropa tinha chegado em tão miseráveis condições; finalmente, que os tropeiros, indo batucar numa povoação, haviam deixado que se queimassem as selas e as albardas. Para tudo isso havia apenas uma desculpa, aliás muito aceitável aos olhos dessa gente; é que estavam na crença de que tínhamos todos morrido e portanto, ao proceder daquela forma, não estavam lançando mão senão daquilo que julgavam já pessoalmente lhes pertencer. Teriam até vindo ao porto apenas por desencargo de consciência, pois estavam tanto mais convencidos de nossa desventura quanto o nosso arrieiro que, ao limpar certo dia o sabre, havia encontrado manchas de sangue, exclamando imediatamente: "Morreu o meu patrão!". Havia já mandado dizer missa pela salvação de minha alma, ficando certo de ter saldado todos os seus compromissos. Estas razões pareceram excelentes aos olhos da maioria dos moradores da cidade, mas não me impediram de mandar prender os principais chefes da caravana, o que todos do lugar consideraram severidade excessiva.

Ficamos sabendo que o missionário de Boa Vista tinha vindo meses antes pregar em Porto Imperial e que

desde então os costumes do povo muito melhoraram. Não obstante, continuava-se a considerar o assassínio pecado dos mais veniais, tendo dele quase o monopólio um ou dois dos principais habitantes. Um destes contou-me certa vez: "Quando algum homem lhe dirigir um insulto, o senhor deve fingir que nada percebeu; mas, mandando um negro de confiança à beira do rio, onde, com o calor que faz aqui, é impossível deixar de ir tomar banho, ao cabo de poucos dias o senhor estará vingado".

O tempo passado em Porto Imperial foi gasto em trabalhos de geografia e em estudar a população. Foi necessário providenciar a reorganização da caravana. Não havendo na cidade nenhum ferrador, tive de mandar um soldado ao Arraial dos Carmos à procura de um; mas, como esse homem, em vez de desincumbir-se do trato feito, achou melhor furtar uma das mulas, enviei pessoas em seu encalço e mandei dar-lhe uma pequena sova. Como já ficou dito, tínhamos ficado sem animais de sela; mas todos os esforços foram vãos, para obter alguns em Porto Imperial. Resolvemos, à vista disso, ir procurá-los num grande sítio, situado a dezesseis léguas de distância, Tocantins acima. Os Srs. d'Osery e Weddell deviam fazer esta viagem por água, enquanto eu tomaria conta da tropa, que não podia ficar entregue a si própria.

No dia 9 os companheiros prosseguiram então a viagem, ao mesmo tempo que eu mandava libertar os presos, a fim de que se preparassem para a partida, o mais depressa possível.

A cidadezinha em que estávamos, outrora conhecida por Porto Real, possuía antes cento e quarenta casas; hoje não tem mais do que setenta e cinco, para uma população de uns 400 habitantes. A população diminui cada vez mais no interior do continente e se não se descobrir um remédio para este estado de coisas, não tardará muito o que todo o país volte à completa barbárie. Nas regiões das minas,

o empobrecimento generalizado das jazidas fez com que abandonassem as suas moradias todos quantos só a avidez havia momentâneamente reunido. No norte de Goiás, porém, a decadência do país deve ser atribuída a outras causas. Ali, os selvagens vêm retomando por toda parte as terras arrebatadas aos seus ascendentes, e aqueles entre os habitantes, que têm bastante sorte para escapar ao incêndio e ao massacre, fogem para os povoados, onde não tardam a sucumbir de miséria, de doença e de fome, pois o permanente terror dos índios os impede de se dedicarem aos trabalhos agrícolas. Em Porto Imperial o clima é excessivamente quente; o termómetro se conserva quase invariàvelmente em 30 graus; exposto ao sol, ele subia ràpidamente a 43, ou mesmo 45 graus. A cidade fica situada num campo, cujo subsolo é constituído pelo grés vermelho que tínhamos observado em todo o trajecto feito no Tocantins. As argilas subordinadas ao grés mostram-se em algumas beiradas do rio, acima de Porto Imperial; delas se extrai o material para o fabrico das telhas usadas na cobertura das casas da cidade. A cal usada na pintura das paredes dizem provir dos arredores de Natividade. Garantiram-nos também existir gesso nas vizinhanças.

A largura do Tocantins, medida trigonomètricamente neste ponto, era de 434 metros; a velocidade da água orçava por 98 metros em 6,38 minutos.

Durante a viagem tínhamos gasto já quase todos os recursos em dinheiro trazidos de Goiás. Tal circunstância começava a me criar embaraços, quando vim a saber, com alegria, que o nosso velho major, às suas outras qualidades, juntava a de ser também usurário. A ele, por conseguinte, recorri, conseguindo alguns fundos, aos juros modestos de 18% durante três meses.

A 10 de Setembro deixamos Porto Imperial, fazendo uma boa jornada. A zona por onde estávamos viajando era sujeita aos ataques dos Xavantes, índios cujo nome só

por si inspirava o maior pavor aos raros sitiantes estabelecidos naquelas solidões.

No dia 11 atravessamos bonitos campos, entremeados de capões de mato; tive a oportunidade de admirar algumas magníficas figueiras, de dimensões verdadeiramente gigantescas. À tarde, ao atravessarmos, pérto da barra, o córrego de Manuel Alves, tivemos a alegre surpresa de encontrar os companheiros que, por singular casualidade, acabavam de chegar ao mesmo ponto, subindo as águas do Tocantins. Dormimos todos numa bela fazenda, cujo dono estava ausente, chamada Sítio de Roma. No dia seguinte, vencemos ràpidamente as três léguas de mata que ainda nos separavam da fazenda Santa Clara, pertencente ao capitão Tomás de Sousa. O furriel Félix era sobrinho deste personagem; mas, por motivos por ele próprio ignorados, não houve meio de fazê-lo nos acompanhar à casa do tio, pelo que nos deixou para voltar a Porto Imperial, em cuja guarnição devia permanecer, por ordem do governo.

Vejamos agora qual foi o itinerário dos companheiros que subiram o Tocantins. Tendo partido, como dissemos, de Porto Imperial, no dia 9, chegaram após um trajecto de cerca de duas léguas e um quarto à Corredeira Comprida, salto digno de nota, cuja subida precisa ser feita com o uso de cordas. Até o salto, o rio manteve a sua largura habitual, mas depois daí começou a estreitar-se muito sensìvelmente. A formação, que era até então o grés duro, perfurado de buracos arredondados, como o observado na parte baixa do rio, aqui na cascata era representada exclusivamente pelo granito. No dia seguinte a comitiva acabou de passar a Corredeira Comprida, através de um trecho em que o rio era embaraçado por pedras e pequenas corredeiras, conservando embora sua habitual largura ou 300 a 350 metros. As pedras encontradas no leito do rio são de granito puro, semelhante ao que tínhamos

encontrado sob as camadas de grés, na porção baixa do rio. Nesta primeira jornada foram feitas seis léguas e três quartos.

No dia 11 a marcha foi ainda de seis léguas e meia. O aspecto geral do rio era igual ao da véspera, mas viam-se de um lado e doutro uma série de morros de grés superposto ao granito, rocha esta que só aparecia a descoberto alguns centímetros acima da superfície das águas. O Tocantins parece ter aberto uma passagem através destas massas de grés.

A 12, após duas léguas de jornada, chegamos à fazenda do capitão Tomás de Sousa Vila Real, onde se reuniram todos os membros da expedição. Neste último trecho o leito do rio é muito desimpedido, as poucas pedras que nele se encontram sendo todas de granito puro. Todavia, como na véspera, viam-se morros de grés em ambas as margens. Resumindo, a formação geral em toda a zona parece ser o grés, aberto aqui e acolá pelos grandes cursos d'água e tendo em baixo o granito, com camadas de argila interpostas.

A fazenda Santa Clara é um miserável casebre; mas, ainda assim, julgamo-nos bastante felizes por encontrar neste galpão um abrigo contra os rigores do sol. O dono da casa era um mulato bastante inteligente, que depois de ter sido remador nos barcos que viajam pelo Tocantins, havia conseguido reunir suficientes economias para ter a sua parte num dos *botes* maiores. Não lhe custou, ao cabo de pouco tempo, fazer-se dono exclusivo de uma destas embarcações, graças à qual, numas vinte viagens a Belém, se tornou um dos maiores proprietários da zona. Como sempre acontecia, garantiram-nos que aqui encontraríamos tudo quanto necessitávamos; a verdade porém é que, ainda como de costume, logo verificamos que nada do que queríamos existia no lugar. Faziam-nos grande falta cavalos. Disseram-nos a princípio que na região não os havia para

adquirir, mas por fim o capitão nos confessou que do outro lado do rio havia cerca de uma centena, tornados ao estado selvagem e portanto muito difíceis de pegar. O Sr. d'Osery reuniu uma meia dúzia de vaqueiros e partiu para lhes dar caça. Fi-lo acompanhar-se de alguns soldados, pois a região é frequentada pelos Xavantes. Voltou ele dois dias depois com alguns cavalos, tão magros quanto bravios, mas que nos fizeram pagar bastante caro. Tinham sido pegados a laço. Enquanto isso, uma outra turma tinha saído à perseguição do gado, que também tinha voltado ao estado selvagem, trazendo-nos a carne de um boi, abatido a tiros. Em toda essa região faz excessivo calor durante o dia, ao passo que as noites são comparativamente muito frescas, o que explica a grande quantidade de moléstias nela reinantes.

No dia 15 fizemos apenas duas léguas e meia, obrigados que tínhamos sido a nos deter no miserável vilarejo de Santo António, por causa de uma chuva torrencial, que durou toda a noite. Santo António compõe-se de uma dezena de casas e a estrada que a ele conduz corre em terreno chato de *campo*.

No dia 16, uma das mulas foi mordida à noite por uma cobra venenosa, correndo a todo galope para o rancho onde dormia o nosso pessoal, derrubando tudo quanto podia se opor à sua entrada. Prostrou-se no chão, caindo de lado, com a boca inchada e muito congesta, o ventre tumefeito e os membros retesos. O animal apresentava de espaço em espaço movimentos convulsivos, fazendo também ouvir uma espécie de grunhido surdo. Os tropeiros trataram imediatamente de administrar contravenenos, embora confiando muito mais nas cruzes e relicários que lhe penduraram ao pescoço. Como de costume, penduraram numa árvore a imagem de Santo António, fazendo-lhe boas promessas para que salvasse a vida do animal. Durante o dia, sendo desesperador o estado da infeliz mula, man-

dei chamar um negro velho da Costa, de quem me falavam como sendo muito versado no combate aos envenenamentos. Ele me garantiu, com grande aprumo, salvar o animal. Mandou buscar uma garrafa com certa droga que ele guardava no maior cuidado e que deixou cair gota a gota na boca da mula doente. O animal, porém, estremecendo numa convulsão derradeira, sucumbiu quase imediatamente. Imaginei que aquela beberagem pudesse ter sido a causa da morte da mula, pelo que ameacei castigar o negro se ele não me fizesse saber sem mais demora a composição da droga que acabava de ministrar. Todo trémulo, lançou-se o desgraçado aos meus pés, confessando-me que ela nada mais continha do que água salgada.

Viam-se em toda esta região muitas gameleiras, extremamente curiosas; uma destas figueiras sombreava uma área de 40 metros de diâmetro. Não foram precisas mais de duas léguas para alcançar a fazenda da Penha, onde pernoitamos.

No dia 17 fizemos sete léguas. O chão, sempre muito plano, parecia de aluvião; num ponto porém da estrada, observamos massas arredondadas de granito, pouco elevadas acima da superfície do solo. A estrada passa no meio de várias campinas húmidas. Como acontece sempre no Brasil, tinham-nos dito que a estrada era muito fácil de achar e que não havia necessidade de guia; mas vimos logo que nos tinham enganado, pois o caminho era apenas visível, chegando às vezes a desaparecer completamente. Por fim, ao entrarmos num pedaço de mata, foi-nos impossível descobri-lo. Perto de duas horas perdemos na procura do caminho, sem resultado; mandei patrulhas em várias direcções; uma delas trouxe consigo na volta um moço vaqueiro, que procurara fugir quando foi visto. Tinha tomado os nossos homens pelos selvagens índios Canoeiros que desolam a região, não obstante fosse difícil, à vista de sua vestimenta, serem tomados por civilizados.

Declarei ao pretinho que ele tinha de ser o nosso guia, ao que me respondeu ele não ser isso possível, uma vez que andava à procura de alguns animais fugidos, pertencentes ao seu patrão. Convencido porém de que sem a sua ajuda nos seria impossível encontrar a nossa caravana e verificando que nenhuma das razões apresentadas foi capaz de convencê-lo, fi-lo escoltar por dois cavaleiros. Outro remédio não teve êle senão se conformar. Dormimos no meio de um alto capinzal, perto de um campo inundado. Um bando de araras jacintinas tinha se refugiado numa árvore próxima, importunando-nos durante longo tempo com os seus gritos estridentes.

A 18, durante a noite, fiz amarrar por um braço o nosso guia, fazendo-o guardar por uma sentinela; mas, como, no fim de contas, ele estava sendo muito bem tratado e alimentado, é de acreditar que se houvesse consolado de ter de ficar conosco.

Alcançamos cedinho as margens do Tocantins, que depois acompanhamos durante algum tempo, dentro da mata; mas, ao cabo de uma marcha de três léguas e meia, tendo chegado a um ponto em que a margem do rio era parcialmente obstruída por um grande banco de areia, pedimos a uma embarcação que estava na outra margem para vir buscar-nos. Nesse lugar o rio tem uns 250 metros de largura. Na travessia, por pouco íamos perdendo um dos animais de carga. Os tropeiros haviam imprudentemente feito alguns deles entrar nágua, para atravessarem o rio a nado, sem lhes ter dado tempo para descansar; vários estiveram a pique de se afogar, sendo trazidos para terra à custa de muito trabalho. Esse facto nos levou a deixar a passagem de todos os animais para o dia seguinte.

ÍNDICE

TOMO I